



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

IANNA TORRES LUSTOSA

**HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO E FONTES DIGITAIS:
A PRODUÇÃO EM LINHAS DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DOS PPGS NO NORDESTE.**

**DOURADOS – MS
2025**

IANNA TORRES LUSTOSA

**HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO E FONTES DIGITAIS:
A PRODUÇÃO EM LINHAS DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DOS PPGS NO
NORDESTE**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), como exigência à obtenção de título de Doutora em Educação.

Área de concentração: História, Políticas e Gestão da Educação

Linha de Pesquisa: História da Educação, Memória e Sociedade, da Faculdade de Educação

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Alessandra Cristina Furtado

**DOURADOS – MS
2025**

Ficha elaborada de acordo com o Código de Catalogação Anglo-Americano AACR2

L972h

Lustosa, Ianna Torres.

História da Educação e Fontes Digitais: a produção em linhas de História da Educação dos PPGs no Nordeste. / Ianna Torres Lustosa. – Dourados, MS, 2025.

271 f.: il. color.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Grande Dourados, Programa de Pós-Graduação em Educação, Doutorado Acadêmico em Educação, 2025.

“Orientadora: Prof.^a Dr.^a Alessandra Cristina Furtado.”

1. História da Educação. 2. Fontes digitais. 3. Fontes digitalizadas. 4. Pós-graduação em Educação – Nordeste. 5. Produção acadêmica. I. Furtado, Alessandra Cristina. II. Título.

CDU 37.09(81-1)
CDD 370.72

Ficha elaborada pelo Serviço de Catalogação da Biblioteca Prof. Queirois, IFMA, Campus Caxias Ianna Torres Lustosa (Bibliotecária) CRB-13/687

IANNA TORRES LUSTOSA

**HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO E FONTES DIGITAIS:
A PRODUÇÃO EM LINHAS DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DOS PPGS NO
NORDESTE**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), como exigência à obtenção de título de Doutora em Educação.

Área de concentração: História, Políticas e Gestão da Educação

Linha de Pesquisa: História da Educação, Memória e Sociedade, da Faculdade de Educação

Data de defesa: 29 de setembro de 2025.

Professora Doutora Alessandra Cristina Furtado
Orientadora e Presidente da Banca
Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)

Professora Doutora Adriana Aparecida Pinto
Membro externo
Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)

Professora Doutora Odaleia Alves da Costa
Membro externo
Instituto Federal do Maranhão – Campus de Timon (IFMA)

Professora Doutora Eurize Caldas Pessanha
Membro interno
Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)

Professor Doutor Reinaldo dos Santos
Membro interno
Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)

**DOURADOS – MS
2025**

*Para Beatriz e Rodrigo,
meus raios de sol.*

AGRADECIMENTOS

Ao final de uma jornada acadêmica tão intensa quanto o desenvolvimento desta tese, é impossível não olhar para trás e reconhecer aqueles que estiveram ao meu lado, oferecendo apoio, orientação e carinho em cada passo do caminho.

Primeiramente, agradeço a Deus, fonte de luz, sabedoria e amor incondicional. Em Sua infinita misericórdia guiou meus passos, iluminando meu caminho e fortalecendo meu espírito nas horas mais desafiadoras. Desejo profundamente que cada aprendizado adquirido seja reflexo da evolução espiritual que busco e da oportunidade de servir ao próximo através do conhecimento.

À minha família, em especial aos meus pais, Francisco das Chagas Batista Lustosa e Tercia Francisca Dias Torres Lustosa, que sempre acreditaram no meu potencial e nunca mediram esforços para me apoiar.

Aos meus irmãos, Keila, Anamaria, José Renato, Míriam, Iuri, Tarsila e Tércio, amigos sempre presentes em minha vida, oferecendo apoio, risos e palavras de incentivo.

Ao meu companheiro de jornada, Fabricio Eduardo, cuja paciência, amor e apoio me auxiliaram em meio a tanta turbulências no trajeto.

Aos meus filhos, motivo do meu caminhar, Beatriz Eduarda e Rodrigo Eduardo. Saibam do meu amor e orgulho pela minha caminhada, para que cada conquista seja também inspiração para os seus próprios sonhos.

Às minhas irmãs de existência, Miriam Amanda e Tarsila, que com sua presença constante, palavras de apoio e escuta generosa, iluminaram os dias mais sombrios, celebrando cada pequena vitória ao meu lado. Vocês são meu porto seguro.

Às minhas valorosas amigas, primas, irmãs: Andrêssa Vaz, Aline Lima, Larissa Lopes, Vanessa Bastos, Erla Indyra e Úrsula Êvellyn, que com seu carinho, amizade e força me inspiraram a seguir em frente, mesmo nos momentos mais desafiadores. Sou eternamente grata por ter vocês ao meu lado.

Aos meus queridos amigos, Dani, Patrick, Klayson, Júlio, Milena, Maru e Andreia, seus abraços, compreensão e apoio me trouxeram até aqui.

Aos meus pilares acadêmicos, aquelas que aceitaram trilhar juntas pelas pós-graduações, mesmo em áreas e campos diversos: temos um propósito em comum, contribuir para a Ciência Brasileira! Vanessa e Míriam, “Sozinhas iríamos

mais rápido, mas juntas vamos mais longe!” Sou grata por todas as indicações, revisões, sugestões e formatações.

Ao meu primeiro orientador, Professor Doutor Giovani Bezerra, que plantou a semente desta pesquisa, mesmo que não tenha podido continuar a orientação, seu incentivo inicial foi basilar para a pesquisas e os trajetos deste trabalho. Muito obrigada.

À minha orientadora, Professora Doutora Alessandra Cristina Furtado, meu mais sincero agradecimento, sua paciência e sabedoria foram fundamentais para guiar a transformação das ideias iniciais em uma pesquisa robusta e significativa.

Aos membros da banca examinadora, Professora Doutora Adriana Aparecida Pinto, Professora Doutora Odaleia Alves da Costa, Professora Doutora Eurize Caldas Pessanha e Professor Doutor Reinaldo dos Santos, agradeço pela leitura atenta, pelas críticas construtivas e pelas valiosas contribuições que enriqueceram este trabalho.

Ao Programa de Cooperação Institucional (PCI), na pessoa da querida Waldirene Pereira, nossa coordenadora do PCI, que tantas vezes acolheu, orientou e acalmou em relação aos procedimentos acadêmicos do doutorado.

À Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), em especial ao Programa de Pós-Graduação em Educação, agradeço a oportunidade de realizar este doutorado e por me proporcionar um espaço de crescimento acadêmico e pessoal.

A todos os colegas e colaboradores do IFMA, Campus Caxias, que com seu apoio e companheirismo contribuíram de diversas formas para o meu crescimento pessoal e profissional. Em especial, Cristiano, Fátima, Histelly, Pablo, Geovane, Lucielma, Adriana, Francisca, Carleane, Patrícia, Daniela, Antônio, Agemilton, Edinara, Janaina, Mauro José, Maurício, Ribamar, Ricardo, cada convivência foi uma lição, um afago e uma inspiração.

Aos meus companheiros de trabalho que sempre deram força e impulso, Poliana, Ronilson, Daniel e Renylton cuja presença tornou os dias mais leves e os desafios mais superáveis. Obrigada por estarem sempre ao meu lado.

Aos gestores institucionais, João da Paixão, Raimundo Filho, Guilherme Andrade e José Muniz, pelo apoio concedido em minha trajetória acadêmica. Sua confiança e incentivo foram fundamentais para eu seguir em frente.

Não poderia deixar de mencionar meus colegas de pesquisa, que, com suas trocas e debates, ampliaram meu olhar e fortaleceram minha trajetória acadêmica, aprender com vocês foi inestimável.

À minha querida e calorosa, Eliane Almeida, que tanto me ensinou e apoiou durante o processo de disciplinas, estadia, traslado e outras percalços no doutorado.

Ao Grupo de Estudos Campo Fecundo, Adilson, Arlene, Eliane e Vanessa Xavier, tão essenciais para aprendizados, apoio e descontração, onde cada encontro foi um espaço de crescimento e partilha.

Aos meus companheiros de jornada do PCI, que comigo enfrentaram tantas vezes a longa e cansativa viagem de Caxias, MA à Dourados, MS para através deste programa colaborativo impulsionar nossa instituição, IFMA, Campus Caxias. Por todos os abraços quentinhos durante a fria estadia na FAED, eu sou grata a vocês: Ana Júlia, Arlene, Cadu, Cecília, Eliane, Filho, Vanessa Xavier e Salete.

Por fim, agradeço a todos os pesquisadores da área de História da Educação que, assim como eu, acreditam na importância de revisitar o passado para compreender o presente e projetar o futuro. Que este trabalho seja uma pequena contribuição para o campo e uma homenagem ao esforço de todos que lutam pelo conhecimento.

*Em vez de supor "penso, logo existo",
gosto de pensar que sou porque a história é
bell hooks (2020)*

RESUMO

Esta pesquisa, inserida na linha de História da Educação, Memória e Sociedade, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Grande Dourados, tem como escopo analisar o impacto e a transformação no uso de fontes digitais e digitalizadas em teses e dissertações de Programas de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu) da Região Nordeste do Brasil, especificamente nas linhas de História da Educação (UFPB, UFPI e UFS), no período de 2006 a 2023. O recorte temporal inicia-se em 2006, ano marcado pela expansão da internet banda larga no Brasil e pela Portaria n.º 13/2006 da CAPES, que instituiu a obrigatoriedade da submissão digital de teses e dissertações, marcos que consolidaram a cultura digital na produção e difusão acadêmica. A delimitação se estende até 2023, abrangendo a inclusão mais recente e contemporânea da análise. O objetivo geral do estudo foi analisar as transformações e as continuidades na produção acadêmica em História da Educação resultantes da incorporação de fontes digitais ou digitalizadas nos três Programas de Pós-Graduação em Educação da Região Nordeste, no período de 2006 a 2023. Para tanto, a pesquisa foi desenvolvida a partir dos seguintes objetivos específicos: (1) Contextualizar o uso das novas tecnologias na pesquisa em História da Educação; (2) Identificar os Programas de Pós-Graduação em Educação do Nordeste com linhas de pesquisa em História da Educação; (3) Selecionar e analisar as teses e dissertações produzidas nesses programas com uso das fontes; e (4) Propor diretrizes para um letramento digital historiográfico. A hipótese que orientou o estudo propôs que a incorporação crescente de fontes digitais e digitalizadas modificou as práticas investigativas em História da Educação, ampliando a diversidade temática e metodológica, e favorecendo o acesso remoto e contínuo a documentos históricos. Para fundamentar a pesquisa, foram utilizados os conceitos de apropriação de Chartier (1990, 1996, 1998), práticas culturais e a operação historiográfica de Certeau (2011, 2014) e do método indiciário de Ginzburg (1989). Adicionalmente, Vidal (2000) e Raffani Vidal (2023) contribuem ao problematizar a materialidade e o caráter político dos arquivos digitais, Zaagsma (2013) insere a perspectiva internacional da digital history, e Pons (2022) traz o enfoque nos desafios metodológicos da escrita da história em rede e as tensões entre o analógico e o digital. De natureza histórica e cunho metodológico, o estudo utilizou as pesquisas bibliográfica e documental, com abordagem qualitativa. A metodologia incluiu a seleção de teses e dissertações a partir de critérios explícitos de inclusão e exclusão, considerando trabalhos vinculados aos PPGEdu da UFPB, UFPI e UFS, publicados entre 2006 e 2023, que mencionassem o uso de fontes digitais ou digitalizadas. Os resultados confirmam parcialmente a hipótese, evidenciando que a adoção de fontes digitais e digitalizadas promoveu um nítido deslocamento nas práticas investigativas a partir de 2006, devido a ampliação do acesso aos acervos históricos, contribuindo para a diversificação dos temas de pesquisa e a emergência de novas abordagens metodológicas no campo da História da Educação. Conclui-se que a transformação digital resultou na consolidação de uma prática de pesquisa híbrida, na qual o uso de fontes digitais e digitalizadas impactou significativamente a produção acadêmica no período analisado, contribuindo para a democratização do acesso e a diversificação temática. A pesquisa propõe, assim, a sistematização de instrumentos metodológicos ajustados às especificidades das fontes digitais, visando fortalecer a formação dos historiadores da educação na era digital para que possam lidar com a instabilidade, a efemeridade e as implicações epistemológicas dos novos suportes documentais.

Palavras-chave: História Digital da Educação. Novas tecnologias. Letramento digital historiográfico. Teses e dissertações (Região Nordeste).

ABSTRACT

This research, inserted in the line of History of Education, Memory and Society, of the Graduate Program in Education of the Federal University of Grande Dourados, aims to analyze the impact and transformation in the use of digital and digitized sources in theses and dissertations of Graduate Programs in Education (PPGEdu) in the Northeast Region of Brazil, specifically in the lines of History of Education (UFPB, UFPI and UFS), in the period from 2006 to 2023. The time frame begins in 2006, a year marked by the expansion of broadband internet in Brazil and by CAPES Ordinance No. 13/2006, which established the mandatory digital submission of theses and dissertations, milestones that consolidated the digital culture in academic production and dissemination. The delimitation extends until 2023, covering the most recent and contemporary inclusion of the analysis. The general objective of the study was to analyze the transformations and continuities in academic production in the History of Education resulting from the incorporation of digital or digitized sources in the three Graduate Programs in Education in the Northeast Region, in the period from 2006 to 2023. To this end, the research was developed from the following specific objectives: (1) To contextualize the use of new technologies in research in the History of Education; (2) To identify the Graduate Programs in Education in the Northeast with lines of research in the History of Education; (3) Select and analyze the theses and dissertations produced in these programs using the sources; and (4) To propose guidelines for historiographical digital literacy. The hypothesis that guided the study proposed that the growing incorporation of digital and digitized sources has modified investigative practices in the History of Education, expanding thematic and methodological diversity, and favoring remote and continuous access to historical documents. To support the research, the concepts of appropriation of Chartier (1990, 1996, 1998), cultural practices and the historiographical operation of Certeau (2011, 2014) and the indiciary method of Ginzburg (1989) were used. Additionally, Vidal (2000) and Raffani, Vidal (2023) contribute by problematizing the materiality and political character of digital archives, Zaagsma (2013) inserts the international perspective of digital history, and Pons (2022) focuses on the methodological challenges of networked history writing and the tensions between analog and digital. Of historical nature and methodological nature, the study used bibliographic and documentary research, with a qualitative approach. The methodology included the selection of theses and dissertations based on explicit inclusion and exclusion criteria, considering works linked to the PPGEdu of UFPB, UFPI and UFS, published between 2006 and 2023, which mentioned the use of digital or digitized sources. The results partially confirm the hypothesis, showing that the adoption of digital and digitized sources promoted a clear shift in investigative practices from 2006 onwards, due to the expansion of access to historical collections, contributing to the diversification of research themes and the emergence of new methodological approaches in the field of History of Education. It is concluded that the digital transformation resulted in the consolidation of a hybrid research practice, in which the use of digital and digitized sources significantly impacted academic production in the analyzed period, contributing to the democratization of access and thematic diversification. The research proposes, therefore, the systematization of methodological instruments adjusted to the specificities of digital sources, aiming to strengthen the training of historians of education in the digital age so that they can deal with the instability, ephemerality and epistemological implications of the new documentary supports.

Keywords: Digital History of Education. New technologies. Historiographical digital literacy. Theses and dissertations (Northeast Region).

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Captura de tela da pesquisa inicial no Portal de Periódicos da Capes, mar. 2025.	23
Figura 2 - Captura de tela de parte do resultado da pesquisa no Portal de Periódicos da Capes, mar. 2025.	24
Figura 3 - Produção Científica por todo período da busca inicial (1969-2024)	25
Figura 4 - Fluxograma do Processo de Seleção dos Estudos para a RSL	27
Figura 6 - Evolução do alcance da pós-graduação stricto sensu no território nacional: programas de pós-graduação stricto sensu por município, em quatro recortes	93
Figura 7 - Caminhos da expansão dos PPGs em Educação no Nordeste	97
Figura 8 - Evolução dos Programas de Mestrado e Doutorado em Educação no NE (1972-2023)	99
Figura 9 – Quantitativo das temáticas das linhas de Pesquisa ofertadas nos PPGs em Educação do Nordeste	112
Figura 10 - Produção Acadêmica em História da Educação na UFPB (2006–2023)	124
Figura 11 - Produção Acadêmica em História da Educação na UFPI (2006–2023): Dissertações e Teses	126
Figura 12 - Produção Acadêmica em História da Educação na UFS (2006–2023): Dissertações e Teses	128
Figura 13 - Teses e dissertações analisados por IES e ano	155
Figura 14 Teses e dissertações analisados por IES e ano	155
Figura 15 - Fontes Utilizadas por Instituição	157

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Artigos da RSL por categoria temática específica	29
Quadro 2 - Planos Nacionais de Pós-Graduação por período e demandas	94
Quadro 3 - Classificação das principais temáticas das linhas de pesquisa dos PPGs em Educação (NE)	106
Quadro 4 – IES e Linhas de Pesquisa dos PPGs em Educação no Nordeste Brasileiro	107
Quadro 5 – IES do Nordeste com PPGs em Educação e suas linhas relacionadas com a História da Educação	119
Quadro 6 - Critérios aplicados na seleção da pesquisa	129
Quadro 7 - Dimensões e competências para o letramento digital historiográfico	169

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - PPGs em Educação: Instituições, Datas e Conceitos (Nordeste)	103
---	-----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
BNDigital	Biblioteca Nacional Digital do Brasil
BN	Biblioteca Nacional do Brasil
BIREME	Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
Capes	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
FAPESP	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
HDBN	Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional
IES:	Instituição de Ensino Superior
IFPB	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba
IFPE	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco
IFS	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe
IFCE	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará
IFMA	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão
IFRN	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
MEC	Ministério de Educação
PPG	Programa de Pós-Graduação
SciELO	Scientific Electronic Library Online
GeoCapes	Sistema de Informações Georreferenciadas da Capes
SNPG	Sistema Nacional de Pós-Graduação
TICs	Tecnologias da informação e comunicação
UNIFOR	Universidade de Fortaleza
UPE	Universidade de Pernambuco
UNEB	Universidade do Estado da Bahia
UEPB	Universidade Estadual da Paraíba
UNEAL	Universidade Estadual de Alagoas
UEFS	Universidade Estadual de Feira de Santana
UESC	Universidade Estadual de Santa Cruz
UECE	Universidade Estadual do Ceará
UEMA	Universidade Estadual do Maranhão
UESPI	Universidade Estadual do Piauí

UERN	Universidade Estadual do Rio Grande do Norte
UESB	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFGD	Universidade Federal da Grande Dourados
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFAL	Universidade Federal de Alagoas
UFCG	Universidade Federal de Campina Grande
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFS	Universidade Federal de Sergipe
UFCA	Universidade Federal do Cariri
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFMA	Universidade Federal do Maranhão
UFPI	Universidade Federal do Piauí
UFRB	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UNIVASF	Universidade Federal do Vale do São Francisco
UFRPE	Universidade Federal Rural de Pernambuco
UFERSA	Universidade Federal Rural do Semiárido
UNIFACS	Universidade Salvador
UNIT	Universidade Tiradentes
WOS	Web of Science

SUMÁRIO

1 PRIMEIROS PASSOS: OS SENTIDOS DE UMA CAMINHADA INVESTIGATIVA	15
1.1 Entre Portas e Passagens: o marco-temporal da travessia	17
1.2 Onde os pés tocam: o lugar de imersão e pertencimento	20
1.3 Quando a estrada chama: motivos e relevância	21
1.4 Pelos rastros dos que abriram caminho: revisão sistemática da literatura	22
1.4.1 História da Educação e as Fontes Digitais	29
1.4.2 História Digital da Educação	33
1.4.3 Os repositórios digitais no campo da História da Educação	35
1.4.4 Competência em Informação para historiadores da educação	38
1.5 Horizontes da pesquisa: questões problema, objetivos e hipóteses	43
1.6 Ao encontrar seus guias: aportes teóricos para a jornada	45
1.7 Pelas trilhas metodológicas: entre fontes, escolhas e olhares	49
2 DO MICROFILME À TELA: AS NOVAS TECNOLOGIAS E A PESQUISA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO	53
2.1 O manuscrito, o microfilme e o pixel: memórias transformadas	55
2.2 Fundamentos em movimento: a História Digital	59
2.3 Por entre rastros e reorganizações do tempo: as operações historiográficas na era digital	71
2.4 Entre as máquinas de microfilme e o brilho das telas: as fontes digitais e a pesquisa em História da Educação	80
3 LINHAS QUE CONECTAM: A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO DO NORDESTE	88
3.1 Tecendo os métodos: critérios da coleta dos dados sobre os PPGs em Educação	90
3.2 Desbravando caminhos: a História dos Programas de Pós-Graduação em Educação do Nordeste	92
3.3 Caminhando nas trilhas de pesquisa: linhas e temáticas dos PPGs em Educação da Região Nordeste	105
3.4 Revelando trajetórias: o percurso dos PPGs em Educação na UFPB, UFPI e UFS	114

4 TRAVESSIAS EM ESCRITA: AS TESES E DISSERTAÇÕES DOS PPGS EM EDUCAÇÃO NA LINHA DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO (UFPB, UFPI, UFS)	118
4.1 Do dado ao conhecimento: critérios e análise metodológica	119
4.1.1 Apresentação das teses e dissertações analisados do PPG em Educação da UFPB	131
4.1.2 Apresentação das teses e dissertações analisados do PPG em Educação da UFPI	136
4.1.3 Apresentação das teses e dissertações analisados do PPG em Educação da UFS	147
4.2 Entre páginas e pixels: a classificação dos trabalhos em História da Educação	153
4.3 Sobre telas, algoritmos e acervos: caminhos para um letramento digital historiográfico	162
4.4 Mapas e dimensões para um letramento digital historiográfico	167
4.4.1 Dimensão técnica-operacional	167
4.4.2 Dimensão interpretativa-analítica	168
4.4.3 Dimensão epistemológica-reflexiva	168
5 RASTROS QUE PERMANECEM: CONSIDERAÇÕES FINAIS	173
REFERÊNCIAS	182
GLOSSÁRIO DE TERMOS TÉCNICOS	194
APÊNDICES	199
APÊNDICE A - TESES E DISSERTAÇÕES ANALISADOS DO PPG EM EDUCAÇÃO DA UFPB	200
APÊNDICE B - TESES E DISSERTAÇÕES ANALISADOS DO PPG EM EDUCAÇÃO DA UFPI	203
APÊNDICE C - TESES E DISSERTAÇÕES ANALISADOS DO PPG EM EDUCAÇÃO DA UFS	214
APÊNDICE D – TESES E DISSERTAÇÕES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DOS PPGS EM EDUCAÇÃO (UFPB, UFPI, UFS)	226
DISSERTAÇÕES (UFPI)	230
TESES (UFPB)	238
DISSERTAÇÕES (UFPB)	243
TESES (UFS)	249
DISSERTAÇÕES (UFS)	257

1 PRIMEIROS PASSOS: OS SENTIDOS DE UMA CAMINHADA INVESTIGATIVA

*Caminhar e/ou escrever, é o trabalho sem trégua,
pela força do desejo, sob as esporas de uma
curiosidade ardente que nada poderia deter.
(Michelet, 1869
apud Certeau, 1982, p. 12)*

Há caminhos que não se esquecem, não por serem os mais retos, mas porque foram trilhados com os pés e a cabeça cheios de dúvida, esperança e decisão. O chão de pedras irregulares, talhadas pelo tempo e abraçadas pelo verde insistente que cresce entre suas frestas, marca não apenas a entrada do Campus do Instituto Federal do Maranhão, onde trabalho, em Caxias, mas também o ponto de partida simbólico de uma caminhada que cruzaria estados, áreas do conhecimento e dimensões da vida, e por isso, sua imagem constitui a abertura desta introdução. Essa rua, feita de silêncios e passos, acolheu os primeiros movimentos de uma travessia, que não seria apenas acadêmica; pois, entre compromissos cotidianos com a educação, a vida familiar, e os afetos que ancoram a existência, a importância da jornada histórica se delineou como o caminho a ser seguido.

Caxias, cidade maranhense que resido e trabalho, está, geograficamente, distante mais de três mil quilômetros de Dourados, no Mato Grosso do Sul, local que acolhe o Programa de Pós-Graduação em Educação, no qual este doutorado ganha forma. Contudo, a distância territorial não é a única a ser atravessada. Meus contatos acadêmicos e profissionais, até então, estavam circunscritos ao conhecimento adquirido na trajetória como bibliotecária e documentalista, atuando dentro de uma instituição de ensino público federal, que contempla diferentes níveis formativos, do ensino médio e da educação de jovens e adultos ao ensino superior e às pós-graduações *latu sensu*. Somando-se, ainda, a esse percurso, projetos, programas, comissões e coordenações, em sua maioria, vinculados à esfera administrativa; bem como experiências no campo educacional, voltadas, sobretudo, às práticas de ensino mediadas pelos serviços da biblioteca, pelas normas administrativas, e por outras atividades correlatas.

Minha jornada acadêmica também se construiu entre campos disciplinares. A Biblioteconomia foi o espaço em que edifiquei meu mestrado,

meus referenciais e minha prática profissional, no Programa de Pós-graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal do Cariri (UFCA), em Juazeiro do Norte, Ceará, inserida na área de concentração “Biblioteconomia na Sociedade Contemporânea” e vinculada à linha de pesquisa “Informação, Cultura e Memória”, desenvolvi a dissertação intitulada “O bibliotecário na era da pós-verdade: informação, memória e poder nas redes sociais: uma proposta de letramento informacional para o Instituto Federal do Maranhão, Campus Caxias, E-clin”. A experiência com esse tema, ao problematizar as relações entre informação, memória e poder, permitiu-me enxergar na História um espaço fecundo de reflexão, no qual as práticas informacionais se revelam como parte indissociável dos processos formativos de um povo (Lustosa, 2020).

Assim, ao optar pela minha inserção na linha de pesquisa “História da Educação, Memória e Sociedade”, nasceu a ideia de desenvolver, no doutorado, uma investigação voltada à História da Educação e às novas fontes de informação em meios digitais. Como lembra José D'Assunção Barros, em seu livro “O projeto de pesquisa em História”, “a escolha do tema de pesquisa é um dos passos mais críticos no desenvolvimento de um projeto, pois determina o foco e os limites da investigação” (Barros, 2005, p. 45 sugere que a escolha do tema seja relevante e viável, considerando a disponibilidade de fontes e o potencial de contribuição para o campo (Barros, 2005). Ao longo da elaboração do projeto, outras possibilidades de investigação também foram consideradas no âmbito da História Digital da Educação, entre elas o estudo intitulado “História e Memória do Instituto Federal do Maranhão, Campus Caxias (2011-2021): História Digital e(m) suas Interfaces com a História das Instituições Educativas”. Contudo, a pesquisa que se consolidou como eixo central deste doutorado foi “História da Educação e fontes digitais: a produção em linhas de História da Educação dos PPGS no Nordeste”.

Cabe mencionar que a História da Educação, enquanto um campo de pesquisa, me provoca, desloca e convoca a novas leituras. Nesse sentido, a escolha de transitar entre a formação adquirida na Biblioteconomia como profissional da informação e este campo da pesquisa, constitui, também, uma forma de afirmar que saberes não são ilhas isoladas, mas territórios interconectados por pontes.

Esta pesquisa em nível de doutorado foi desenvolvida na Faculdade de Educação da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu)¹, na área de concentração “História, Políticas e Gestão da Educação”, na linha de pesquisa “História da Educação, Memória e Sociedade”². O trabalho integra a primeira turma do Programa de Colaboração Institucional (PCI)³ firmado entre a UFGD e o Instituto Federal do Maranhão (IFMA), Campus Caxias, situado no município de Caxias, no estado do Maranhão.

A pesquisa desta Tese se delinea a partir da investigação sobre o uso de fontes digitais e digitalizadas em teses e dissertações de Programas de Pós-Graduação em Educação da Região Nordeste do Brasil, cujas linhas de pesquisa incluem, explicitamente, a História da Educação, considerando o período de 2006 a 2023.

1.1 Entre Portas e Passagens: o marco-temporal da travessia

A delimitação temporal escolhida, de 2006 a 2023, justifica-se pelos marcos que redefiniram o acesso e o uso das fontes digitais e digitalizadas, bem como pelo período em que se estende o levantamento das teses e dissertações analisadas neste estudo. O ano inicial, 2006, marca a expansão da internet banda larga no âmbito educacional brasileiro, possibilitando um crescimento expressivo dos acervos digitais e do acesso remoto a documentos históricos. Nesse mesmo ano, a Portaria n.º 13, de 15 de fevereiro de 2006, da CAPES, estabeleceu a obrigatoriedade da submissão de teses e dissertações em formato digital.

A delimitação temporal selecionada de 2006 a 2023 justifica-se por marcos fundamentais que redefiniram o acesso e o uso das fontes digitais e digitalizadas, o marco inicial, 2006: (a) expansão da internet banda larga no âmbito educacional brasileiro, permitindo um crescimento expressivo dos acervos digitais e do acesso remoto a documentos históricos; (b) a Portaria n.º

¹ <https://portal.ufgd.edu.br/pos-graduacao/mestrado-doutorado-educacao/>.

² Para mais informações sobre o PPGEdu pode-se acessar a obra “A UFGD na memória científica: contribuições do Programa de Pós-Graduação em Educação” que através dos escritos diversos produzidos no âmbito do programa dos docentes e discentes ao longo dos seus primeiros dez anos de existência. Disponível em: <https://omp.ufgd.edu.br/omp/index.php/livrosabertos/catalog/book/328>.

³ <https://caxias.ifma.edu.br/pos-graduacao/doutorado-em-educacao/>.

13, de 15 de fevereiro de 2006, da CAPES que estabelecem a obrigatoriedade da submissão de teses e dissertações em formato digital; e o marco final, 2023: (c) Período final da coleta de dados, refletindo o uso consolidado das fontes digitais e digitalizadas nos PPGs do Nordeste.

Logo, considerou-se como ponto principal para o marco inicial a expansão da internet banda larga no Brasil e a Portaria n.º 13, de 15 de fevereiro de 2006 da Capes. Através dos dados disponibilizados pela Rede Brasileira para Educação e Pesquisa (RNP) pode-se verificar que dos anos de 2005 a 2006 houve saltos significativos na distribuição e oferta da internet para as instituições de pesquisa e ensino, como os marcos apontados em sua linha temporal onde:

2005

Inauguração da Rede Ipê, redes ópticas.

Foi chamada de Nova RNP a iniciativa de melhorar a infraestrutura de redes em níveis nacional, metropolitano e local, ou seja, no campus; atender, com aplicações e serviços inovadores, as demandas de comunidades específicas, como telemedicina, biodiversidade, astronomia, e promover a capacitação de recursos humanos em TIC. A RNP também começa a construção de suas próprias redes metropolitanas em fibra óptica, para prover acesso entre cada Ponto de Presença (PoP) e os campi das organizações usuárias na mesma cidade, por meio do Programa Redes Comunitárias de Ensino e Pesquisa (Redecomep).

2006

Criação da RUTE

Com o objetivo de implantar uma rede que interconectasse os hospitais universitários (HUs) e unidades de ensino de saúde no Brasil, é criada a Rede Universitária de Telemedicina (RUTE), a partir de uma iniciativa do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT), apoiada pela Financiadora de Estudos e Projetos (Finep) e pela Associação Brasileira de Hospitais Universitários (Abrahue). A RNP fica responsável pela coordenação desta rede de colaboração da comunidade da Saúde. Este também é o ano de lançamento da rede Ipê, com enlaces ópticos e tecnologia de comprimentos de onda, operando a múltiplos gigabits por segundo (RNP, 2024, grifo nosso) (RNP, 2024, não paginado)

A inauguração da Rede Ipê⁴, uma rede óptica de alto desempenho que representa um salto qualitativo na capacidade de transmissão de dados entre universidades, centros de pesquisa e campi universitários; a construção de redes metropolitanas de fibra óptica por meio do programa Redecomep,

⁴ Rede Ipê - É uma rede que funciona como uma autoestrada, garantindo internet segura para a colaboração e a transmissão de grandes volumes de dados para a educação e a pesquisa. Presente em todo o território nacional, esta rede é a infraestrutura base que conecta mais de 500 instituições de ensino e pesquisa.

ampliando o acesso local à internet de alta velocidade dentro dos campi universitários e promovendo a conexão com acervos e serviços acadêmicos em rede; e a criação da Rede Universitária de Telemedicina (RUTE), conectando hospitais universitários e unidades de ensino da saúde, demonstram a expansão da conectividade de alto desempenho para fins educacionais e científicos em escala nacional.

A evolução da infraestrutura de conectividade acadêmica entre os anos de 2005 e 2006 constitui um fator técnico vital para a viabilização do acesso e uso de fontes digitais nas instituições de ensino e pesquisa. Essas iniciativas mostram que, no Brasil neste período, existiram inúmeras ações para a entrada efetiva da universidade pública na era digital, não apenas em termos administrativos, mas, sobretudo, na prática diária da pesquisa e da produção científica.

Junto a tais medidas a Portaria n.º 13, de 15.02.2006 da Capes que

Institui a divulgação digital das teses e dissertações produzidas pelos programas de doutorado e mestrado reconhecidos. [...]

Art. 1º Para fins do acompanhamento e avaliação destinados à renovação periódica do reconhecimento, **os programas de mestrado e doutorado deverão instalar e manter, até 31 de dezembro de 2006, arquivos digitais, acessíveis ao público por meio da Internet, para divulgação das dissertações e teses de final de curso.**

§1º **Os programas de pós-graduação exigirão dos pós-graduandos, a entrega de teses e dissertações em formato eletrônico**, simultânea à apresentação em papel, para atender ao disposto neste artigo.

§2º **Os arquivos digitais disponibilizarão obrigatoriamente as teses e dissertações defendidas a partir de março de 2006.**

§3º A publicidade objeto deste artigo poderá ser assegurada mediante publicação através de **sítio digital indicado pela CAPES**, quando o programa não dispuser de sítio próprio.

Art. 2º Por ocasião do envio dos relatórios para acompanhamento e avaliação o programa deverá apresentar a justificativa para a eventual ausência de depósito de obra, na forma disciplinada por esta Portaria, motivada pela proteção ao sigilo industrial ou ético.

Art. 3º No acompanhamento e avaliação dos programas de pós-graduação serão ponderados o volume e a qualidade das teses e dissertações publicadas, além de dados confiáveis sobre a acessibilidade e possibilidade de download.

Art. 4º A CAPES divulgará em seu sítio digital a lista dos arquivos utilizados para os fins do disposto nesta Portaria, classificada por Área do Conhecimento.

Art. 5º O financiamento de trabalho com verba pública, sob forma de bolsa de estudo ou auxílio de qualquer natureza concedido ao Programa, induz à obrigação do mestre ou doutor apresentá-lo à sociedade que custeou a realização, aplicando-se a ele as disposições desta Portaria (Capes, 2006, grifo nosso).

Esta Portaria Capes n.º 13/2006, delimita uma etapa de reconfiguração no acesso e disseminação da produção acadêmica no Brasil, tornando a versão digital de teses e dissertações um requisito obrigatório para os Programas de Pós-Graduação. Essa medida teve impacto direto no recorte temporal da pesquisa, pois consolidou a transição do formato impresso para o digital como a versão principal da produção acadêmica, eliminando barreiras físicas para a consulta de documentos acadêmicos, possibilitando novas metodologias de análise, como o uso de bases de dados, mineração textual e mapeamento de padrões na produção científica.

Quanto a delimitação final no ano de 2023 corresponde à data que se estende o levantamento das teses e dissertações que incluem a História da Educação nos Programas de Pós-Graduação em Educação da Região Nordeste, considerou-se: atualidade dos dados: ao utilizar o ano de 2023 assegura-se que a pesquisa inclua as fontes e dados mais recentes disponíveis, garantindo a contemporaneidade e relevância dos estudos, permitindo uma análise mais rica e diversificada com as últimas inserções de dissertações e teses.

1.2 Onde os pés tocam: o lugar de imersão e pertencimento

Considerando o contexto apresentado, é necessário esclarecer a diferença conceitual entre fontes digitais e digitalizadas, uma distinção que impacta diretamente as escolhas metodológicas e o tipo de crítica documental aplicável. Fontes digitais (ou *born digital*) são aquelas criadas originalmente em ambiente eletrônico, como repositórios institucionais, sites, postagens em redes sociais, documentos em XML, PDF nativo ou bases de dados geradas por plataformas acadêmicas. Já as fontes digitalizadas são documentos originalmente produzidos em suporte físico (papel, microfilme etc.) que foram posteriormente convertidos para o formato digital, como jornais escaneados, livros históricos e manuscritos fotografados (Bodê, 2016).

Essa distinção, além de técnica, carrega implicações teóricas importantes. Como apontam Veloso (2022) e Brasil (2022), fontes digitais demandam formas de leitura e análise ajustadas ao ambiente eletrônico, exigindo atenção às interfaces de acesso, ao código de programação, às práticas de disponibilização e aos filtros invisíveis aplicados por algoritmos. Por sua vez, fontes digitalizadas mantêm sua materialidade original, ainda que transposta

para outro suporte, e podem ser analisadas com base nos métodos tradicionais de crítica documental.

Dessa forma, cada tipo de fonte requer um tipo de operação historiográfica específica. Como aponta Vidal (2022), o risco da neutralidade atribuída ao digital, de que o acesso é “total”, transparente e imparcial, sugere ser desconstruído por uma análise crítica. Em contextos acadêmicos, essa distinção é essencial para garantir o rigor científico e evitar generalizações equivocadas sobre o uso do termo “fonte digital”.

1.3 Quando a estrada chama: motivos e relevância

Com a crescente digitalização dos acervos e a disponibilização de fontes digitais, observa-se um fenômeno de transição no campo da História da Educação: as pesquisas acadêmicas passam a não depender exclusivamente de materiais impressos ou microfilmados, utilizando, cada vez mais, bases de dados digitais, arquivos *online* e ferramentas computacionais para análise e tratamento das fontes. O acesso remoto a esses documentos amplia as possibilidades de investigação e redefine o papel do pesquisador na coleta, organização e interpretação de fontes (Bodê, 2016; Veloso, 2022; Brasil, 2022).

Esta pesquisa emerge da trajetória da autora como profissional da informação, bibliotecária e documentalista atuante em instituição pública de ensino. A experiência direta com a organização, acesso e mediação de acervos digitais motivou a problematização do uso das fontes digitalizadas e digitais como insumo central para o trabalho de pesquisa, especialmente no contexto da pós-graduação em Educação. A vivência prática com os desafios da digitalização e da democratização do acesso à informação científica contribuiu para a formulação da problemática e do interesse investigativo que sustenta esta tese.

Socialmente, a pesquisa responde a uma demanda cada vez mais evidente de reflexão sobre os efeitos da transformação digital no campo educacional e científico. A ampliação do acesso a fontes digitalizadas e digitais está diretamente associada à democratização do conhecimento, à redução das desigualdades de acesso à informação e à descentralização da produção acadêmica. Na Região Nordeste, historicamente marcada por assimetrias em relação aos grandes centros produtores de conhecimento, a adoção dessas fontes representa uma oportunidade concreta de fortalecimento da pesquisa

local, diversificação dos temas estudados e ampliação da participação regional na construção da historiografia educacional brasileira.

Com o intuito de compreender a temática e estabelecer o objeto de estudo no campo da História da Educação, realizou-se uma revisão sistemática da literatura sobre o uso de fontes digitais e digitalizadas em pesquisas históricas, com ênfase na produção acadêmica relativa à História da Educação no Brasil. A revisão permitiu mapear as abordagens, métodos e recortes teóricos que vêm sendo mobilizados para lidar com os desafios e potencialidades desses acervos no campo historiográfico.

1.4 Pelos rastros dos que abriam caminho: revisão sistemática da literatura

Como parte do processo de revisão sistemática da literatura que fundamenta e sustenta empiricamente a presente investigação, realizou-se um levantamento bibliográfico no Portal de Periódicos da CAPES, considerado o principal ambiente nacional de acesso a publicações científicas qualificadas. Esse portal integra uma ampla rede de bases de dados, repositórios e periódicos indexados, oferecendo à comunidade acadêmica brasileira acesso gratuito e remoto a um acervo diversificado, multidisciplinar e continuamente atualizado.

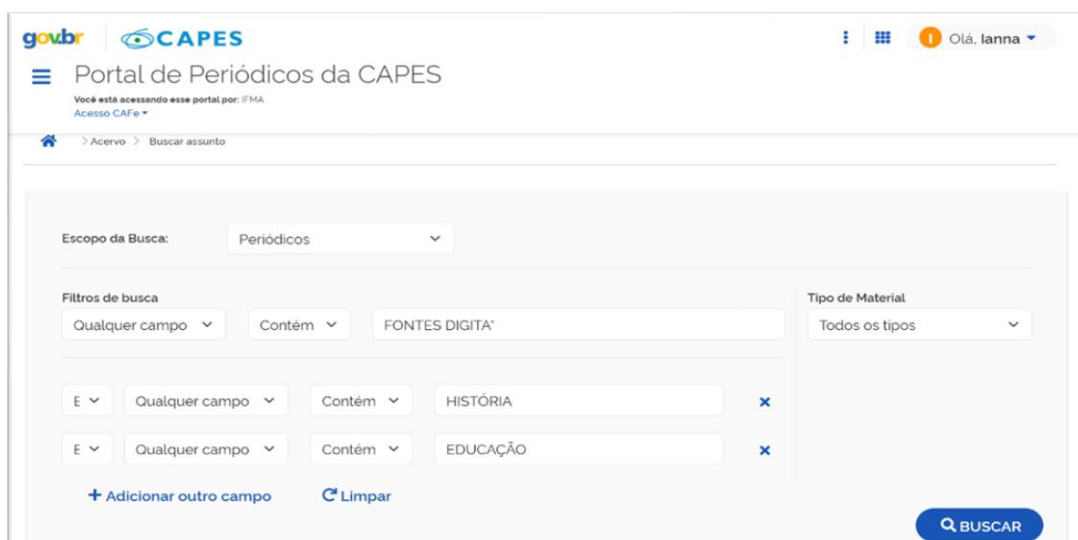
Importa destacar, entretanto, que o acesso ao conteúdo integral dos documentos disponibilizados pelo Portal de Periódicos da CAPES pode variar conforme a instituição de ensino à qual o pesquisador está vinculado. O Portal opera em regime de consórcio com as instituições de ensino superior e pesquisa do país, o que significa que cada instituição possui uma configuração personalizada de acesso, determinada pelos convênios estabelecidos entre a CAPES e os provedores de conteúdo.

Conseqüentemente, enquanto um pesquisador de determinada universidade pode ter acesso pleno a uma coleção específica de periódicos ou bases, outro, vinculado a uma instituição distinta, poderá encontrar restrições de acesso ao mesmo material. Essa característica evidencia a importância da consulta institucionalizada, neste caso, realizada sob a chancela do Instituto Federal do Maranhão (IFMA), pois garante o mapeamento das fontes disponíveis no escopo do acervo contratado pela instituição de origem da pesquisadora.

Essa lógica de acesso restrito diferencia-se do acesso aberto, modalidade em que os conteúdos são disponibilizados publicamente, sem barreiras de assinatura, login ou vínculos institucionais. Embora o acesso aberto seja imprescindível para a democratização do conhecimento, ele não contempla toda a produção científica relevante, reforçando o papel estratégico do Portal de Periódicos da CAPES como um ambiente híbrido, que combina conteúdo público e coleções sob licenciamento acadêmico, permitindo à pesquisadora um panorama mais abrangente e criterioso da literatura científica relacionada à temática investigada.

O procedimento investigativo foi conduzido utilizando a aba "Acervo", na modalidade "Busca Avançada", aplicando-se uma lógica estruturada com operadores booleanos (AND, OR ou NOT) e truncamentos (*) para delimitação dos resultados; os critérios de seleção usados encontram-se apresentados na Figura 1.

Figura 1 - Captura de tela da pesquisa inicial no Portal de Periódicos da Capes, mar. 2025.

A imagem mostra a interface de busca avançada do Portal de Periódicos da CAPES. No topo, há o logotipo do gov.br e da CAPES, além de uma barra de usuário com o nome 'Olá, Ianna'. O título principal é 'Portal de Periódicos da CAPES' e há uma mensagem de acesso: 'Você está acessando esse portal por: FMA Acesso CAFe'. Abaixo, há uma barra de navegação com 'Acervo' e 'Buscar assunto'. O formulário de busca principal tem o seguinte layout: 'Escopo da Busca' com um menu suspenso selecionando 'Periódicos'; 'Filtros de busca' com 'Qualquer campo' e 'Contém' selecionados, e um campo de texto contendo 'FONTES DIGITA*'; 'Tipo de Material' com 'Todos os tipos' selecionado; duas linhas de filtros adicionais com 'Qualquer campo' e 'Contém' selecionados, e campos de texto contendo 'HISTÓRIA' e 'EDUCAÇÃO', cada um com um ícone de 'x' para remover; botões '+ Adicionar outro campo' e 'Limpar'; e um botão azul 'BUSCAR' com um ícone de lupa.

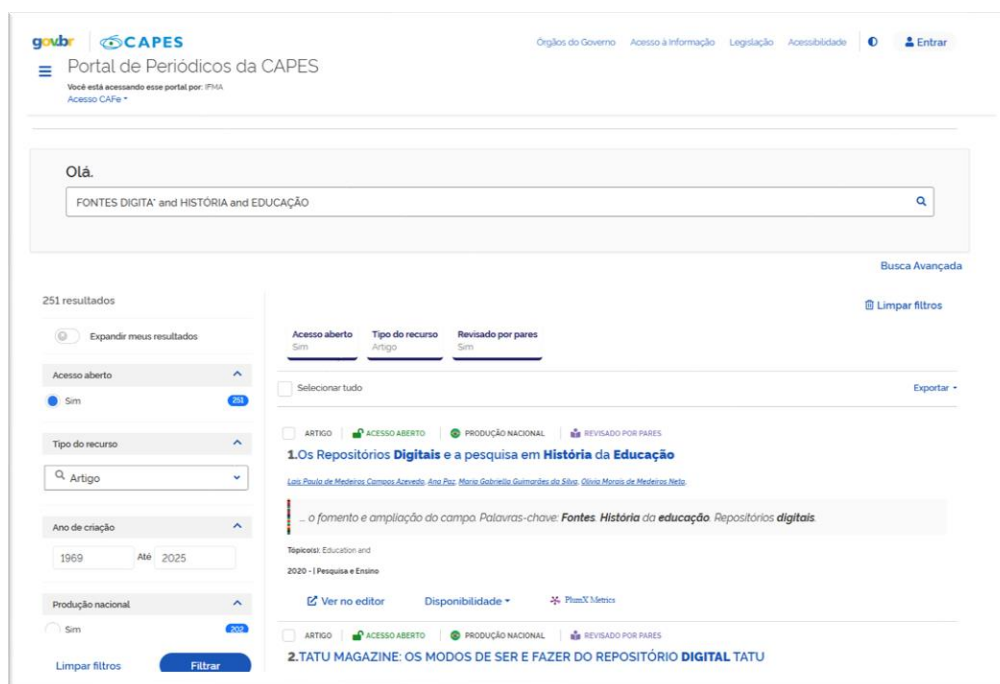
Fonte: Elaboração própria, 2025.

Nota: Realização de captura de tela feita pela autora no site: <https://ez364.periodicos.capes.gov.br/>.

A opção pelo uso de asterisco no termo "digital*" teve como objetivo ampliar o escopo semântico da busca, incluindo variações como "digitais", "digitalizadas", "digitalização", entre outras possíveis inflexões da raiz desta palavra. Esta técnica, conhecida como truncamento, é amplamente usada nas práticas de busca bibliográfica por permitir o mapeamento mais abrangente do conteúdo textual indexado.

A combinação dos descritores “história” e “educação” com “fontes digitais” visou circunscrever o universo de publicações que dialogam diretamente com o campo da História da Educação, em articulação com a presença de acervos digitais ou digitalizados enquanto objetos, suportes ou ferramentas metodológicas de pesquisa, conforme pode ser observado na Figura 2.

Figura 2 - Captura de tela de parte do resultado da pesquisa no Portal de Periódicos da Capes, mar. 2025.



Fonte: Elaboração própria, 2025.

Nota: Realização de captura de tela feita pela autora no site:

<https://ez364.periodicos.capes.gov.br/>.

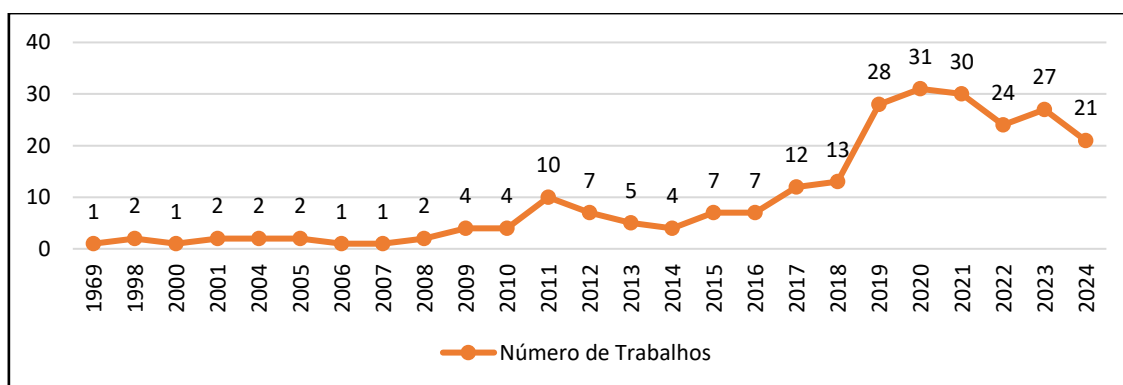
Esta etapa da investigação foi conduzida com o cuidado próprio do profissional da informação e da documentação, em que zela não apenas pelo rigor técnico na definição dos critérios de busca, mas também pela reprodutibilidade e rastreabilidade do percurso metodológico. A descrição aqui apresentada permite que qualquer pesquisador, mesmo que não familiarizado com os ambientes digitais de busca científica, possa reconstituir os passos do levantamento, conferindo à pesquisa os princípios da transparência, consistência e fidedignidade informacional.

O procedimento oferece, assim, uma cartografia inicial das produções que, de alguma forma, tensionam a presença das fontes digitais na historiografia educacional, revelando lacunas, recorrências e possibilidades teórico-

metodológicas que emergem do cruzamento entre História da Educação e cultura digital.

Durante a primeira recuperação de resultados, ainda sem a definição exata do marco temporal, surgiram produções publicadas entre 1969 e 2024, a inclusão de dados desde 1969, visa mostrar a evolução histórica do campo, desde os primeiros rastros, antes e depois da explosão digital. Na Figura 3 são apresentados os números de trabalhos acadêmicos identificados na RSL distribuídos por ano de publicação, auxiliando a compreensão das tendências do campo ao mapear a produção científica nesse período, e revelando o crescimento quantitativo da temática, além da diversidade de abordagens, objetos e metodologias mobilizadas no decorrer das décadas.

Figura 3 - Produção Científica por todo período da busca inicial (1969-2024)



Fonte: Elaboração própria com base nos dados da RSL (2025).

Na imagem acima demonstra-se a partir do ano de 2017 uma "linha ascendente" na produção acadêmica sobre a temática. Tal aumento significativo encontra respaldo na ampliação do acesso a plataformas como a Hemeroteca Digital Brasileira e na disseminação das discussões sobre letramento digital historiográfico, a materialidade do texto e a apropriação crítica das fontes digitais, conforme apontado por autores como Chartier (2018), Ginzburg (1989) e Noiret (2015). A curva apresentada, portanto, não apenas quantifica a produção, mas expressa uma reconfiguração das práticas investigativas em História da Educação, alinhadas às transformações tecnológicas que atravessam o campo historiográfico e à consolidação do digital como dimensão estrutural da cultura. Trabalhos mais recentes passam a incorporar de forma mais explícita conceitos como História Digital e letramento digital historiográfico, evidenciando uma

crescente preocupação em compreender como as tecnologias digitais transformam o acesso, a organização e a interpretação das fontes.

Em síntese, esta pesquisa, com seu rigor metodológico e análise quantitativa da produção, estabelece um panorama da evolução do campo, justificando a relevância da investigação aprofundada das categorias temáticas desta tese. O mapeamento não só sinaliza a pertinência da pesquisa proposta, como também evidencia as trilhas ainda em aberto e as possibilidades de construção de novas abordagens para o campo da História Digital da Educação.

Diante da amplitude do levantamento, que apresentou retornos limitados com os descritores utilizados, adotou-se, também, o método “bola de neve”⁵, no qual busca-se novas referências a partir das citações presentes nos documentos recuperados, alcançando assim um maior escopo científico, visto que as plataformas aqui apresentadas não retornaram quantitativos significativos para fundamentação teórica, tal técnica contribui para indicação de autores dentro do campo com relevância, além de obras que não são resgatadas, sejam pelos descritores utilizados, podendo sugerir até uma modificação destes, sejam por não estarem indexadas nas referidas plataformas. Tal técnica foi selecionada devido à ausência de retorno nas buscas, mesmo com alterações, abrangências de filtros e modificações de terminologias utilizadas, indicando uma característica de ineditismo na investigação e princípio da formação deste campo de estudo nesta temática.

Dada a amplitude do levantamento inicial realizado no Portal de Periódicos da CAPES, que empregou descritores específicos e técnicas avançadas de busca, como o truncamento e o método de “bola de neve”, tornou-se fundamental adotar uma metodologia que garantisse a organização, transparência e rigor metodológico do processo de seleção dos estudos, assim, foi incorporado o protocolo *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews*

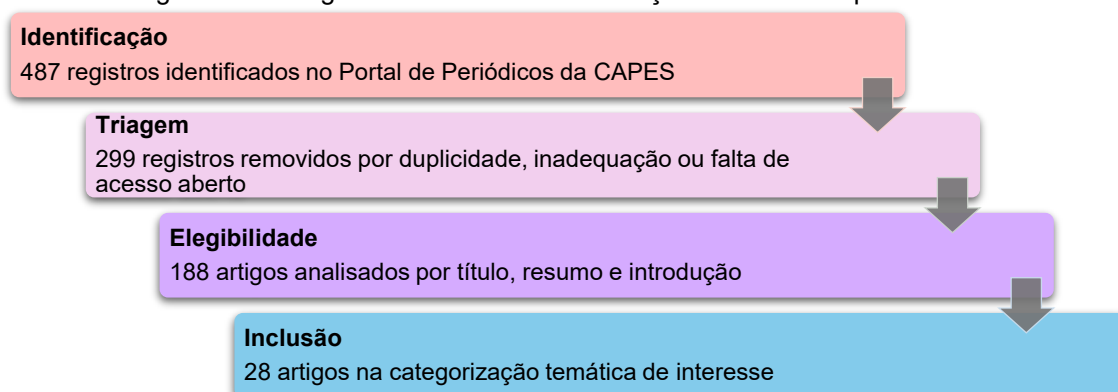
5 “Bola de neve” ou “snowball sampling” é uma técnica de amostragem não probabilística que utiliza cadeias de referência para selecionar participantes em uma pesquisa, esse método torna-se útil para acessar grupos ou temas difíceis de alcançar (Vinuto, 2014). Essa técnica é indicada como ferramenta complementar, visto as suas limitações e considerando como pode influenciar os resultados da pesquisa devido à sua possibilidade de vieses ser significativa, pois os autores tendem a indicar trabalhos de sua mesmo paradigma, dessa forma eliminando a multiplicidade de olhares sobre a mesma temática. No caso desta investigação, conforme apontado, as “sementes” foram recolhidas inicialmente através de pesquisas nas bases de dados abaixo apresentadas e posteriormente, aos trabalhos recuperados, utilizou-se este instrumento para ampliar o escopo das pesquisas alcançados.

and Meta-Analyses (PRISMA), que padroniza esse processo, sistematizando as revisões sistemáticas. Essa abordagem permitiu que os estudos inicialmente recuperados fossem filtrados de maneira objetiva e rastreável, garantindo que apenas os trabalhos mais relevantes e aderentes ao tema fossem incluídos na análise (Moher et al., 2009).

Este protocolo desenvolvido por Moher et al. (2009) define uma série de diretrizes que orientam o pesquisador na seleção, inclusão e análise dos estudos, proporcionando uma metodologia clara e estruturada. Seus principais elementos incluem um fluxograma que ilustra o processo de seleção dos estudos, a descrição detalhada dos critérios de inclusão e exclusão, e a avaliação da qualidade dos trabalhos analisados.

Ao todo, foram inicialmente identificados 487 produções, dos quais 236 foram excluídos por inadequação, ausência de acesso aberto ou por não tratarem da temática delimitada. Daqueles restantes, 63 registros foram removidos por duplicidade, resultando em 188 artigos válidos, que foram avaliados a partir do título, resumo e introdução. O processo de refinamento e a seleção final estão representados visualmente na Figura 4, um fluxograma condizente com o protocolo PRISMA (Moher et al., 2009).

Figura 4 - Fluxograma do Processo de Seleção dos Estudos para a RSL



Fonte: Autoria própria, 2025.

Nota: Fluxograma elaborado conforme os princípios do protocolo PRISMA (Moher et al., 2009).

A etapa de elegibilidade envolveu a leitura e categorização temática dos 188 artigos válidos. A partir dessa análise, e com base nas justificativas de relevância e nas categorias temáticas extraídas, os trabalhos foram organizados em quatro eixos analíticos que estruturam criticamente o debate em torno da História Digital da Educação.

Para organizar e apresentar os dados de forma coerente com os objetivos desta pesquisa, optou-se por agrupar os trabalhos analisados em categorias temáticas, construídas com base na aproximação conceitual entre os objetos, enfoques e contextos investigativos recorrentes nas produções. Essa classificação resultou da análise inicial dos títulos, resumos e palavras-chave de cada trabalho selecionado, e, quando necessário, da leitura das introduções e seções metodológicas, a fim de garantir a acurácia na compreensão do recorte adotado por cada autor. Este trabalho de classificação dos documentos foi realizado de forma manual e sistemática, sob o olhar técnico e ético de uma profissional da informação e da documentação, respeitando os princípios da rastreabilidade metodológica, da reprodutibilidade e da transparência acadêmica.

O processo de categorização foi conduzido com base em critérios de proximidade temática e aderência ao escopo da investigação, sendo posteriormente refinado por meio da análise de recorrência, superposição de enfoques e frequência de termos centrais. Assim, foi possível sistematizar dez categorias analíticas que representam, por suas temáticas principais, e de forma mais clara e compreensível, os campos de incidência da produção acadêmica sobre o cruzamento entre a História da Educação e o digital: (1) História da Educação, (2) Fontes Digitais, (3) Biografias, (4) História Digital da Educação, (5) Formação Docente, (6) Repositórios Digitais, (7) Competência em Informação, (8) Ofício do Historiador e (9) Preservação Digital.

Em seguida, com o objetivo de refinar o mapeamento e aproximá-lo da problemática desta tese, destacaram-se, pela densidade de abordagens e pela frequência com que surgem nos entremeios dos estudos analisados, quatro trilhas temáticas mais diretamente relacionadas às questões investigadas: (1) História da Educação e as Fontes Digitais, (2) História Digital da Educação, (3) História da Educação e os Repositórios Digitais, e (4) Competência em Informação para historiadores da educação. O Quadro 1 apresenta a sistematização dos 28 trabalhos incluídos na revisão, organizados de acordo as trilhas citadas, a listagem inclui os autores e anos de publicação, permitindo identificar os estudos que compuseram o corpus final e possibilitando a análise descritiva subsequente.

Quadro 1 - Artigos da RSL por categoria temática específica

CATEGORIA	QTD	AUTORES (ANO)
História da Educação e as Fontes Digitais	16	Baldez, Guimarães, Tavares (2023), Carvalho, Silva (2024), Castanha, Facchi (2012), Cavalcanti (2017), Desaulniers (1998), Gomes, Bertotti, Pimenta (2021), Gregorio, Costa (2023), Gurgel, Nascimento (2023), Kuhlmann Junior, Leonardi (2023), Pires, Amorim (2021), Santos, Miguel (2015), Sena, Silva, Silva (2024), Silva (2019), Simões (2015), Simões (2016), Simões (2020)
História Digital da Educação	9	Bagesteiro, Bonete (2024), Costa, Valente (2015), Gomes, Valente (2021), Monteiro, Brazil (2019), Neves, Machado (2024), Pires, Amorim (2021), Rocha, Nascimento (2020), Santos (2021), Santos, Gouvêa, Oliveira (2021)
História da Educação e os Repositórios Digitais	9	Azevedo, Pessoa, Medeiros Neta (2020), Bica, Gervasio, Rodrigues (2023), Bica, Rodrigues, Gervasio (2019), Costa, Valente (2015), Gervasio, Bica, Rodrigues (2021), Gregorio, Costa (2023), Kuhlmann Junior, Leonardi (2023), Santos, Gouvêa, Oliveira (2021), Santos, Miguel (2015)
Competência em Informação para historiadores da educação	7	Bagesteiro, Bonete (2024), Gregorio, Costa (2023), Monteiro, Brazil (2019), Neves, Machado (2024), Pires, Amorim (2021), Rocha, Nascimento (2020), Santos (2021)

Fonte: Elaboração própria, com base nos dados extraídos da RSL realizada entre março e abril de 2025.

Nota explicativa: Alguns artigos foram classificados em mais de uma categoria, em razão da abordagem múltipla de seus objetos de análise. Por isso o número de trabalhos únicos é 28.

Esta Revisão Sistemática da Literatura revela, assim, um campo em plena expansão, que reconhece o digital como condição emergente e estruturante da historiografia educacional contemporânea. Os resultados sistematizados no quadro e nas figuras não apenas dimensionam a produção já existente, mas também apontam tensões, lacunas e potencialidades que caracterizam a relação entre História da Educação e cultura digital. A partir desse conjunto de trabalhos, desenvolve-se a reflexão sobre os modos pelos quais as tecnologias digitais têm ampliado, tensionado e redefinido os horizontes da prática historiográfica no campo educacional.

1.4.1 História da Educação e as Fontes Digitais

Esta categoria reuniu o maior número de publicações, totalizando 16 trabalhos. Os estudos analisados investigam a natureza, os desafios e as

implicações do uso das fontes digitais na pesquisa em História da Educação. Abrangem desde discussões sobre documentos digitalizados, como periódicos da Hemeroteca Digital Brasileira, até fontes "nascidas digitais", como redes sociais e blogs, explorando tanto a materialidade quanto os métodos de análise e interpretação possíveis. Embora recente, esse movimento de incorporação das fontes digitais já deixa rastros significativos no campo.

O reconhecimento das fontes digitais como suportes historiográficos legítimos desponta como uma tendência consolidada. No entanto, persistem desafios significativos relacionados à sua instabilidade técnica, à efemeridade de certas plataformas e à demanda de políticas públicas consistentes para preservação digital. Os trabalhos analisados evidenciam que o uso das fontes digitais tem se configurado como uma potente via de democratização do acesso aos acervos.

Um tema central nesses trabalhos é a reconfiguração das práticas historiográficas, onde as fontes digitais não se limitam a novos objetos de pesquisa: elas atuam como dispositivos que redefinem o fazer historiográfico, demandando do pesquisador competências ampliadas para navegar em um ambiente onde o passado e o presente se entrelaçam em redes dinâmicas, fluidas e, muitas vezes, instáveis.

Dentre as produções analisadas, destacam-se abordagens que problematizam a utilização de diferentes tipologias de fontes digitais: periódicos e imprensa digitalizada, fontes nascidas digitais e redes sociais, materialidade e desafios da digitalização, inventário e organização de fontes, diversidade de fontes e contextos.

A Hemeroteca Digital Brasileira é consistentemente citada como um repositório fundamental, que abriga vastos acervos de jornais, revistas e outras publicações seriadas. Azevedo, Pessoa e Medeiros Neta (2020) exploram as potencialidades e o relevo da Hemeroteca como fonte para a história intelectual e educacional, enquanto Silva (2019) a emprega para reconstruir a trajetória de educadores que não deixaram arquivos pessoais, suprimindo lacunas documentais. Carvalho e Silva (2024) e Sena, Silva e Silva (2024) demonstram como a análise de anúncios em periódicos digitalizados permite investigar a cultura educacional e as estratégias discursivas da imprensa no século XIX.

Gurgel e Nascimento (2023) exploram jornais digitalizados para analisar práticas educativas higiênicas.

A crescente produção de conteúdo em plataformas digitais e redes sociais é objeto de análise, em especial por Simões (2015, 2016, 2020) que se dedica à investigação das "escritas de si na web" e das "escritas virtuais" de ex-alunos em comunidades de redes sociais (como o Orkut e Facebook), que servem como fontes historiográficas para a História da Educação. Esses estudos revelam as redes sociais como espaços legítimos de produção e compartilhamento de memórias escolares, configurando-se como formas de inscrição historiográfica contemporânea, apesar dos desafios de efemeridade e instabilidade desses suportes. Gomes, Bertotti e Pimenta (2021) também exploram as plataformas digitais como "local de fala" de estudantes, onde suas lembranças e posições se manifestam, servindo como fontes para a história das instituições.

No que se refere à materialidade dos documentos, Castanha e Facchi (2012) abordam os desafios de preservar arquivos e fontes históricas de instituições escolares, destacando a demanda de levantar, catalogar, digitalizar e interpretar fontes diversas. Enquanto Cavalcanti (2017) discute como a digitalização de acervos tem modificado a forma de trabalho dos pesquisadores, embora ressalte que a digitalização não dispensa, por vezes, a consulta ao original e as limitações dos acervos digitais. Pires e Amorim (2021) situam a pesquisa no entrecruzamento da História da Educação e da História Digital, refletindo sobre as transformações e desafios no ofício do historiador ao trabalhar com fontes digitalizadas e repositórios, especialmente, no que tange à perda de propriedades organolépticas dos documentos durante o processo de rematerialização digital. A perspectiva da "virada digital" de Noiret (2022) dialoga com Desaulniers (1998) sobre a análise do impresso como fonte para a História da Educação, ressaltando como o suporte digital interfere na leitura e interpretação dos textos históricos, alterando as maneiras de ler.

Projetos voltados para o inventário e a organização de fontes são recorrentes, como em Baldez, Guimarães e Tavares (2023) que focam no inventário e na análise de diversas fontes para a história da educação pré-escolar em Brasília (incluindo aqui a Hemeroteca Digital) e evidenciando que as fontes são indícios do homem na Terra. Santos e Miguel (2015) descrevem um

projeto de inventário e catalogação de documentos escolares dispersos no Sertão Baiano, visando preservar o patrimônio histórico educativo e facilitar pesquisas futuras na História da Educação do interior da Bahia, através de um banco de dados com tal documentação digitalizada, sistematizando-os para torná-los acessíveis para uso acadêmico, sublinhando a importância de identificar documentos sobre educação fora dos arquivos escolares tradicionais.

Outros estudos ampliam a diversidade de fontes mobilizadas, como em Kuhlmann Junior e Leonardi (2023) que analisam legislação, periódicos, jornais estudantis e religiosos, para compreender a educação em meio a relações sociais mais amplas. A importância de conhecer e compreender a lógica algorítmica de operação das plataformas digitais e as ferramentas para organização e busca em repositórios como competências emergentes para o historiador é o que destacam Bagesteiro e Bonete (2024).

Em suma, os estudos nesta categoria demonstram uma acentuada preocupação em legitimar, analisar e preservar as fontes digitais para a História da Educação, ao mesmo tempo em que reconhecem os desafios metodológicos e epistemológicos impostos pela fluidez e instabilidade do ambiente digital. A constante reflexão sobre a materialidade, a autenticidade e a curadoria digital emergem como pilares fundamentais para garantia da confiabilidade e do rigor na produção do conhecimento histórico na era digital.

Esses estudos exploram diferentes modalidades de fontes: documentos originalmente digitais, como blogs, postagens em redes sociais e arquivos multimídia; e documentos tradicionais convertidos em suporte digital, como livros raros, jornais históricos e manuscritos digitalizados. Essa dupla natureza tensiona as práticas historiográficas tradicionais, exigindo dos pesquisadores não apenas adaptações metodológicas, mas também a construção de novas perguntas sobre autenticidade, curadoria e preservação da memória.

De maneira geral, o conjunto dos estudos indica que as fontes digitais vêm sendo progressivamente legitimadas como suportes historiográficos, ainda que persistam desafios relacionados à sua instabilidade técnica, à efemeridade de certas plataformas e à necessidade de políticas públicas de preservação digital. Os trabalhos sugerem também que o uso de fontes digitais não é apenas uma solução prática diante das dificuldades de acesso a acervos físicos, mas

uma oportunidade epistemológica para repensar os modos de fazer história na contemporaneidade.

1.4.2 História Digital da Educação

No conjunto dos artigos analisados, nove trabalhos se inscrevem neste eixo, sinalizando um campo ainda em formação, mas de crescente relevância e impacto no cenário acadêmico.

Compreende-se nesta categoria o domínio mais amplo da História Digital aplicada à Educação, investigando fenômenos como a "virada digital", o impacto das tecnologias digitais na prática historiográfica, no ensino e na divulgação científica, bem como o desenvolvimento de novas metodologias e abordagens intrínsecas ao ambiente digital (Noiret, 2022).

A História Digital, nesse sentido, não se limita à mera instrumentalização tecnológica, emerge como um campo de práticas e debates teóricos que instigam o historiador a repensar sua relação com a materialidade documental, a mediação narrativa e o lugar da memória no presente digital (Pires; Amorim, 2021; Rocha; Nascimento, 2020; Santos, 2021; Santos; Gouvêa; Oliveira, 2021).

A partir dos anos 1990, a mundialização da internet e a transformação provocada pelas tecnologias em rede alteraram profundamente o acesso e a busca por informações, configurando o que Barros (2022) conceitua como uma das grandes revoluções civilizacionais. Esse cenário impulsionou a "virada digital" (Noiret, 2015)), observável em duas vertentes: uma voltada a problematizar as implicações epistemológicas e metodológicas do uso das tecnologias computacionais, e a outra focada na aplicação de ferramentas para otimizar a captura, registro e análise de fontes, bem como a disseminação do conhecimento histórico em diversas plataformas online, como blogs, vlogs e redes sociais.

Os trabalhos desta categoria evidenciam que a crítica historiográfica ganha novos contornos, ao se deparar com a demanda de legitimar as fontes "nascidas digitais" (Azevedo, Paz, Silva e Medeiros Neta, 2020), que são produtos da própria era digital, a exemplo de publicações da imprensa online, narrativas veiculadas em blogs e redes sociais, como Facebook, X/Twitter, Instagram e YouTube, conforme explorado por Bagesteiro e Bonete (2024). Tais

fontes, porém, não são neutras; elas podem ser entendidas como espaços de poder, decisão, exclusão e visibilidade regulada, aspectos que a historiografia educacional requer aprender a analisar criticamente, com abordagens não angélicas (Pons, 2022).

A História Digital, portanto, transcende a simples digitalização de acervos, instaurando novos modos de inscrição da memória coletiva, novos espaços de sociabilidade historiográfica e novas lógicas de construção do passado. A experiência historiográfica digital demanda não apenas a reconstrução dos fatos, mas também o entendimento das dinâmicas de visibilidade, exclusão e amplificação que operam nos ambientes digitais (Rocha e Nascimento, 2020). A relevância dos repositórios digitais neste contexto é sublinhada por Costa e Valente (2015), que argumentam como esses acervos impactam a escrita e a recepção dos discursos históricos, permitindo demonstrações não lineares e alterando a lógica da argumentação.

A produção de conhecimento em História da Educação Matemática, por exemplo, beneficia-se pelo uso de ferramentas como a análise lexicométrica e softwares como o IRAMUTEQ, permitindo tratar vastas quantidades de documentos digitalizados, inovando os procedimentos de investigação e agilizando a leitura e análise de múltiplos documentos (Gomes e Valente, 2021). Essa metodologia reflete a busca por novas abordagens que a "virada digital" impulsiona (Noiret, 2022).

A reflexão sobre a materialidade do texto digital e a apropriação crítica das fontes torna-se um ponto de convergência para alguns autores, como Pires e Amorim (2021) que situam sua pesquisa no entrecruzamento da História da Educação e da História Digital, discutindo as transformações e desafios no ofício do historiador ao trabalhar com fontes digitalizadas e repositórios. Reiteram sobre a demanda de rigor metodológico diante das novas tecnologias, mesmo que elas alterem a forma de ler e interpretar os documentos, conforme a reflexão de Chartier (2002) sobre as "telas do nosso século" como um novo tipo de suporte textual.

Estudos como os de Santos, Gouvêa e Oliveira (2021) introduzem a "E-História da Educação" como uma metodologia viável e relevante, especialmente em contextos de crise como a pandemia de Covid-19, para explorar acervos digitais e fontes menos usuais como sites, blogs e redes

sociais. Elas discutem os desafios e oportunidades do viés digital, incluindo a "datificação da vida", onde a experiência humana é convertida em dados. Logo, Santos (2021) aprofunda o debate sobre os Arquivos Digitais, reconhecendo-os como possibilidades de pesquisa, mas sugere com cuidados metodológicos específicos e de uma discussão teórica mais aprofundada sobre seus impactos.

A mensuração e o mapeamento da própria produção científica por meio de ferramentas digitais também se inserem nesta categoria, onde Neves e Machado (2024), por exemplo, utilizam um estudo bibliométrico com o software VOSviewer para analisar a produção científica brasileira em História da Educação em circulação internacional, demonstrando como a História Digital pode ser aplicada para compreender o desenvolvimento e as tendências do campo. Monteiro e Brazil (2019), ao realizarem um estado do conhecimento sobre Patronatos de Menores, exemplificam o uso sistemático de catálogos e bibliotecas digitais como a CAPES e a BDTD, evidenciando como a pesquisa bibliográfica se reconfigura no ambiente digital.

Em síntese, os trabalhos desta categoria convergem na percepção de que a História Digital não é apenas um "meio", mas uma condição historiográfica que redefine as possibilidades de produção e circulação da memória educacional. A cultura digital, ao tensionar, ampliar e redefinir os horizontes da prática historiográfica no campo educacional, anuncia não apenas novos instrumentos, mas também novas questões, epistemologias e ontologias para o fazer historiográfico neste século. Essa adaptação dinâmica coexiste com a percepção de áreas em que o desenvolvimento teórico sobre o digital ainda demanda maior aprofundamento.

1.4.3 Os repositórios digitais no campo da História da Educação

No campo da História da Educação, nove trabalhos tratam dos repositórios digitais como infraestruturas cruciais para a guarda, preservação, organização e acesso a fontes históricas no campo da educação. A ampliação desses ambientes virtuais é percebida como uma resposta às limitações dos acervos físicos e à necessária democratização do acesso, além de um catalisador para a redefinição das práticas de pesquisa e o desenvolvimento de novas abordagens teórico-metodológicas. Os repositórios digitais, nesse contexto, transcendem a função de meros depósitos, configurando-se como

espaços dinâmicos de construção e disseminação do conhecimento histórico-educacional.

A emergência dos repositórios digitais, notadamente a partir da década de 1990, está intrinsecamente ligada ao "Movimento Acesso Aberto" (Bica, Gervasio e Rodrigues, 2023), que buscou superar as barreiras de acesso aos periódicos científicos e, por extensão, a documentos históricos. Essa evolução representa um avanço gradual e contínuo, iniciado com a automação das bibliotecas e a criação de catálogos digitais (Azevedo, Pessoa e Medeiros Neta, 2020), culminando na atual complexidade desses sistemas que priorizam a interoperabilidade e o arquivamento em longo prazo (Bica, Gervasio e Rodrigues, 2023).

A Hemeroteca Digital Brasileira (HDB) é um exemplo paradigmático de repositório digital largamente utilizado pelos pesquisadores da História da Educação. Azevedo, Pessoa e Medeiros Neta (2020) ressaltam sua relevância ao apresentar as potencialidades e funcionalidades desse repositório livre e gratuito, sublinhando sua contribuição para a preservação da memória cultural brasileira e o amplo acesso ao acervo de periódicos. A tecnologia de Reconhecimento Ótico de Caracteres (OCR) empregada na HDB permite buscas textuais abrangentes, facilitando a localização de informações em vastos volumes de documentos (Azevedo, Pessoa e Medeiros Neta, 2020).

Além da HDB, diversos repositórios especializados têm sido desenvolvidos para atender às demandas específicas da História da Educação. O Repositório Digital Tatu é um projeto recorrente na literatura, exemplificando a criação de espaços interativos e inovadores para a preservação e divulgação de acervos. Bica, Rodrigues e Gervasio (2019) e Gervasio, Bica e Rodrigues (2021) detalham a iniciativa do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação, Instituições e História (GEEHN) destacando seu papel em facilitar o acesso e a manipulação de fontes, minimizando a necessidade de contato físico com as obras e contribuindo para a preservação da memória histórica. A visibilidade e o alcance do Tatu são demonstrados pelo número significativo de visualizações e usuários de diferentes países (Bica, Gervasio e Rodrigues, 2023).

No campo da História da Educação Matemática, o Repositório de Conteúdo Digital (RCD) do GHEMAT-Brasil é uma ferramenta fundamental. Costa e Valente (2015) apresentam-no como um repositório virtual, aberto e

institucionalizado, crucial para o compartilhamento de fontes digitalizadas, superando barreiras geográficas e potencializando pesquisas comparativas. Gregório e Costa (2023) aprofundam essa discussão, qualificando o RCD como um "local privilegiado" para a construção de corpus documental em teses e dissertações, diferindo de bibliotecas e arquivos tradicionais por trabalhar intrinsecamente com objetos digitais.

A relevância dos repositórios não se restringe a grandes acervos institucionais. Kuhlmann Junior e Leonardi (2023) descrevem a criação de um site para disponibilizar documentos digitalizados sobre a História da Educação e da Infância, tornando a informação acessível e superando práticas de uso restrito da documentação. Essa iniciativa ressalta o potencial dos repositórios menores na difusão de documentos diversos, como publicações periódicas, legislação, recortes de jornais e manuais.

Os repositórios digitais são conceituados como "espaços institucionais criados no intuito de preservar a documentação, reduzir distâncias, ampliar o acesso, dar visibilidade ao que está sendo, ou mesmo que já foi [produzido]" (Bica, Gervasio e Rodrigues, 2023, p. 12). Santos, Miguel (2015) descrevem um projeto para mapear e organizar um banco de dados com fontes sobre História da Educação, com o objetivo de disponibilizá-las para pesquisa científica e contribuir para a difusão e proteção do patrimônio histórico-educativo. Esses esforços convergem para a democratização do acesso a fontes que, de outra forma, poderiam permanecer "perdidas" (Santos, Gouvêa e Oliveira, 2021).

O gerenciamento e o cuidado com os objetos digitais ao longo de seu ciclo de vida nos repositórios são aspectos críticos. A Curadoria Digital emerge como um *framework*⁶ metodológico essencial para conceber, criar, avaliar, preservar e armazenar objetos digitais com rigor, garantindo sua valorização e uso confiável a longo prazo e é apresentado por Gregório e Costa (2023). Essa prática é fundamental para enfrentar a efemeridade das fontes digitais e assegurar sua perenidade como "vestígios do passado".

⁶ *Framework*, que em português pode ser entendido como estrutura de trabalho ou arcabouço, é um conjunto organizado de ferramentas, bibliotecas e regras que serve como base para o desenvolvimento de software. Ele funciona como uma espécie de planta arquitetônica: em vez de começar um projeto totalmente do zero, o desenvolvedor aproveita essa estrutura já pronta e foca apenas na escrita da lógica específica do aplicativo ou sistema. Para mais informações ver: SOMMERVILLE, Ian. **Engenharia de software**. 10. ed. São Paulo: Pearson, 2019.

Em suma, os trabalhos desta categoria convergem na percepção de que os repositórios digitais são mais do que meros depósitos; são agentes de transformação da historiografia educacional, permitindo a preservação ativa da memória, a democratização do acesso a fontes e a facilitação de novas metodologias de pesquisa. A colaboração interdisciplinar e a implementação de práticas robustas de curadoria digital são imperativas para consolidar o papel desses repositórios como pilares do conhecimento histórico-educacional na era digital.

Assim, os trabalhos analisados indicam que os repositórios digitais têm sido reconhecidos além de uma infraestrutura técnica para o armazenamento e acesso de documentos, como atores epistemológicos. Visto que esses repositórios têm a capacidade de redefinir a constituição do campo da História da Educação ao influenciar as fontes que são priorizadas e as perguntas que podem ser formuladas. Logo, são arquivos vivos, modelados por decisões humanas e algoritmos, que revelam tanto quanto ocultam, e que nos convidam a pensar a história como prática também condicionada por interfaces, formatos e plataformas.

1.4.4 Competência em Informação para historiadores da educação

No rastro da cultura digital, a Competência em Informação emerge como dimensão estratégica da prática historiográfica contemporânea. Esta categoria, composta por sete trabalhos, surge como pilar fundamental para compreender as reconfigurações necessárias ao ofício do historiador da educação na era digital. A "virada digital" (Noiret, 2022) não apenas ampliou o universo de fontes e as possibilidades de pesquisa, mas também impôs a demanda premente de novas habilidades e conhecimentos para que os pesquisadores possam navegar, utilizar e analisar criticamente as informações e ferramentas digitais.

Os estudos aqui situados problematizam as competências informacionais como um elemento formativo estratégico para a prática historiográfica contemporânea, sublinhando a exigência de um olhar técnico e ético na definição dos critérios de busca e na reprodutibilidade do percurso metodológico. A descrição detalhada dos procedimentos de busca confere à

pesquisa os princípios da transparência, consistência e fidedignidade informacional (conforme a metodologia geral da RSL).

Uma das principais contribuições nesta área reside na argumentação para os historiadores preconizar seus referenciais teórico-metodológicos, estabelecendo um diálogo interdisciplinar com campos como as ciências da informação, a linguística e a comunicação (Bagesteiro e Bonete, 2024). Esta ampliação é crucial para a compreensão da lógica algorítmica de operação das diferentes plataformas digitais e redes sociais, bem como para o domínio de softwares e ferramentas que auxiliam na organização de arquivos digitais e na busca em portais e repositórios na internet. A importância de conhecer a lógica algorítmica das plataformas digitais e as ferramentas para organização de arquivos e busca em repositórios é um requisito emergente (Bagesteiro e Bonete, 2024).

A materialidade das fontes digitais e os desafios inerentes à sua interpretação também permeiam as discussões sobre competência em informação. Pires e Amorim (2021) destacam que as novas alternativas digitais, embora alterem o fazer do historiador, não dispensam o rigor metodológico. O profissional preconize manter um olhar crítico, considerando a fragilidade dos arquivos digitais e as limitações das estruturas de busca em repositórios, que, por vezes, podem ocultar materiais valiosos. Essa percepção alinha-se à função social do historiador na era digital, que transcende a mera recuperação de dados para uma interpretação contextualizada das camadas de visibilidade e exclusão algorítmica (Pires e Amorim, 2021). A relevância dos repositórios digitais neste contexto é sublinhada, uma vez que "digitalizar o passado é uma parte importante da história digital, mas isso não é o suficiente; você ainda tem que aprender a apresentar essas informações de formas novas, atraentes" (Gregório e Costa, 2023, p. 868).

A aplicação de metodologias avançadas para a análise de grandes volumes de dados digitais também é um componente central. Neves e Machado (2024), por exemplo, exemplificam o uso de estudos bibliométricos e softwares como o VOSviewer para analisar a produção científica em História da Educação, mapeando tendências, redes de coautoria e palavras-chave. Este tipo de estudo, que pressupõe familiaridade com ferramentas computacionais, ilustra a aplicação direta de competências informacionais para a compreensão do estado

da arte de um campo. Adicionalmente, Rocha e Nascimento (2020) salientam a recomendação aos pesquisadores para domínio das técnicas de Processamento de Linguagem Natural (PLN) para o entendimento e a interpretação da linguagem humana presente em documentos digitais, visando o avanço científico. Esse domínio técnico é crucial para extrair informações e identificar padrões de forma automatizada.

A curadoria digital, proposta por Gregório e Costa (2023), apresenta uma estrutura metodológica para o gerenciamento e cuidado dos objetos digitais ao longo de todo o seu ciclo de vida. Apresenta etapas de como conceber, criar, avaliar, preservar e armazenar com rigor, o que implica um conjunto específico de competências para garantir a valorização e o uso confiável das fontes. Tal prática torna-se fundamental para enfrentar a efemeridade das fontes digitais e assegurar sua perenidade como "vestígios do passado" (Ginzburg, 1989).

Ainda, a reflexão sobre a materialidade do texto digital e a apropriação crítica das fontes é recorrente. Santos (2021) aborda sobre os cuidados metodológicos específicos no uso de arquivos digitais, muitas vezes negligenciados, e a importância de explicitar o método e as ferramentas empregadas, especialmente no contexto da Hemeroteca Digital Brasileira. A autora reforça que a modificação na materialidade da fonte digitalizada leva a uma nova condição em relação ao modo de lidar com a informação, exigindo um olhar atento e crítico do historiador (Santos, 2021).

Finalmente, a Competência em Informação é demonstrada no mapeamento de pesquisas acadêmicas que, como no trabalho de Monteiro e Brazil (2019), utilizam repositórios e catálogos digitais (como CAPES e BDTD) para identificar temáticas, lacunas e tendências na produção científica, aplicando procedimentos metodológicos de busca, seleção e análise de corpus.

A análise conjunta desses trabalhos revela que a competência em informação para historiadores da educação não é um mero adendo técnico, mas uma dimensão estratégica e formativa essencial que instrumentaliza o pesquisador para decifrar as complexas camadas de visibilidade, exclusão e curadoria algorítmica que caracterizam as fontes digitais contemporâneas.

Ao percorrer as trilhas abertas pelas categorias de Fontes Digitais, História Digital e Repositórios Digitais, foi possível delinear os principais movimentos, tensões e possibilidades que atravessam o uso de fontes digitais

na História da Educação contemporânea. Os rastros analisados revelam tanto a emergência de novos objetos e metodologias quanto os desafios inerentes à preservação, à crítica e à curadoria das memórias digitalizadas e nativamente digitais.

A natureza multifacetada da produção acadêmica na interface entre História da Educação e o digital resultou na alocação de onze trabalhos em mais de uma categoria temática, refletindo a interconexão dos conceitos abordados. Esta presença significativa de trabalhos em múltiplas categorias indica uma interdisciplinaridade inerente à relação entre a História da Educação e o digital. Muitos estudos não se restringem a um único aspecto, mas entrelaçam a análise das fontes digitais com as metodologias da história digital, a gestão em repositórios e as competências informacionais requeridas dos historiadores. Essa superposição de enfoques é um reflexo da complexidade do campo e da demanda de uma abordagem holística para compreender as transformações que a cultura digital impõe à prática historiográfica educacional.

Nesse sentido, a presença de categorias como Fontes Digitais, História Digital e Repositórios Digitais exploradas, evidencia que o campo da História da Educação tem se reinventado a partir das condições técnicas e epistemológicas de seu tempo. As fontes já não são apenas vestígios materiais preservados em arquivos físicos; elas passam a habitar a nuvem, a rede, a base de dados e a tela. O historiador, por sua vez, deixa de ser apenas leitor de documentos e torna-se também intérprete de plataformas, curador de narrativas digitais e analista das mediações algorítmicas que definem o que pode ser visto, acessado ou esquecido.

Ainda assim, a análise também revelou lacunas e desafios persistentes. Observou-se, a partir dos dados, que a crítica às infraestruturas digitais ainda é incipiente; a reflexão ética sobre o uso de dados sensíveis permanece superficial em muitos casos; e a questão da preservação digital de longo prazo, embora reconhecida, carece de abordagens mais sistemáticas e comprometidas. Deduziu-se também um espaço promissor para investigações comparativas que explorem as potencialidades da análise transnacional viabilizada pelo acesso digital ampliado.

De forma geral, pode-se afirmar que o campo caminha da adoção instrumental para a apropriação crítica das tecnologias digitais. O uso das fontes

digitalizadas, a integração entre história oral e plataformas online, o ensino de História com repositórios abertos, os experimentos de visualização de dados educacionais e as formas de arquivamento colaborativo indicam um campo em transformação, ainda desigual, mas repleto de potência.

Ao reunir e organizar esta produção, foi possível delinear um mapa inicial do campo de interlocução entre a História da Educação e as práticas digitais. O que se revela, mais do que uma multiplicidade de abordagens, é um gesto comum: o retorno às fontes, de escuta sensível aos vestígios, agora também digitais, e da tentativa de reinscrever sentidos e reorganizar práticas à altura dos desafios do presente. Esse panorama, ainda que não exaustivo, prepara o terreno para os capítulos seguintes, nos quais o diálogo com os dados da RSL será aprofundado à luz dos aportes teóricos apresentados, em especial no que diz respeito à atuação dos Programas de Pós-Graduação em Educação do Nordeste do Brasil.

Logo, o levantamento realizado não apenas sinaliza a pertinência da pesquisa proposta, como também evidencia as trilhas ainda em aberto e as possibilidades de construção de novas abordagens para o campo da História Digital da Educação. Nas próximas seções, tais rastros iniciais serão retomados e aprofundados, compondo, com olhar atento e sensível, a travessia crítica que esta tese propõe acompanhar.

Fundamentada em um rigoroso levantamento e análise de produções bibliográficas, a presente pesquisa justifica-se cientificamente pela notável escassez de estudos que investigam o uso de fontes digitais e digitalizadas em teses e dissertações no campo da História da Educação. Embora o tema da digitalização de acervos seja amplamente discutido em diferentes áreas do conhecimento, uma abordagem centrada na mensuração do impacto dessas fontes sobre o desenvolvimento das pesquisas ainda se encontra em estágio inicial, especialmente no próprio contexto da História da Educação.

Deste modo, com o desenvolvimento deste estudo, pretende-se contribuir para as pesquisas em História da Educação no Brasil, e em particular para a emergente História Digital da Educação, ao oferecer dados sobre o uso das fontes digitais, sua recorrência e os efeitos diretos no volume e na diversidade das investigações acadêmicas.

A relevância da presente investigação reside em duas frentes principais: em primeiro, propõe-se uma nova perspectiva metodológica, centrada na observação do uso de fontes digitalizadas e digitais por historiadores da educação e na adaptação dos instrumentos tradicionais da historiografia ao contexto digital, ampliando a compreensão sobre os impactos da digitalização na prática investigativa, sem perder de vista os fundamentos epistemológicos que estruturam a disciplina histórica; em segundo, o estudo visa contribuir para o aprofundamento do campo da História Digital da Educação, especialmente no contexto brasileiro, ao sistematizar dados sobre o uso de acervos digitais em pesquisas de pós-graduação, essa investigação oferta subsídios para uma expansão no debate teórico-metodológico na área, além de fornecer elementos para tencionar a formulação de políticas acadêmicas e formativas mais alinhadas às demandas da era digital.

1.5 Horizontes da pesquisa: questões problema, objetivos e hipóteses

Diante desse cenário, o problema que esta pesquisa procura elucidar se estabelece a partir do seguinte questionamento: Como o uso das fontes digitais e digitalizadas em teses e dissertações ligadas a História da Educação de três Programas de Pós-Graduação em Educação, pertencentes as universidades públicas federais da Região Nordeste, no período de 2006 a 2023, impactou a produção acadêmica desses Programas?

A partir deste questionamento, o objetivo geral do estudo foi analisar de que forma a utilização de fontes digitais ou digitalizadas influenciou a produção acadêmica em História da Educação, em três Programas de Pós-Graduação em Educação da Região Nordeste, no período de 2006 a 2023. Para isso, a pesquisa foi desenvolvida a partir dos seguintes objetivos específicos: (1) Contextualizar o uso das novas tecnologias na pesquisa em História da Educação; (2) Identificar os Programas de Pós-graduação em Educação do Nordeste, selecionando aqueles que possuem linhas de pesquisa, que incluem a História da Educação; (3) Selecionar e analisar as teses e dissertações produzidas nesses programas na área de História da Educação, com uso das fontes digitais (identificando a frequência e a progressão do uso de fontes digitais ou digitalizadas em teses e dissertações no período analisado; quantificando qualitativamente os trabalhos que fazem uso dessas fontes e classificá-los por

instituição, ano, temática e tipo de fonte empregada; mapeando os principais acervos digitais referenciados nas pesquisas acadêmicas da área; verificando como a presença das fontes digitais está associada à diversificação dos objetos de estudo e das abordagens metodológicas); (4) Propor diretrizes para um letramento digital historiográfico, com base nas lacunas e potencialidades identificadas ao longo da investigação.

No contexto das profundas reconfigurações que atravessam o campo historiográfico contemporâneo, a presente tese insere-se na linha de História da Educação, Memória e Sociedade, propondo uma reflexão crítica sobre o enlace entre a História da Educação e o ambiente virtual. A "virada digital", marcada pela expansão da internet banda larga no Brasil e pela Portaria nº 13/2006 da CAPES, que instituiu a obrigatoriedade da submissão digital de teses e dissertações, consolidou uma nova cultura na produção e difusão acadêmica. Neste cenário de transição, onde as pesquisas deixam de depender exclusivamente dos materiais impressos para se nutrir de um ambiente cada vez mais permeado pela digitalidade, torna-se iminente a investigação dos impactos dessas transformações.

Posto isto, a hipótese que orientou este estudo sustenta que a incorporação crescente de fontes digitais e digitalizadas propicia condições para alteração nas práticas investigativas em História da Educação, ampliando a diversidade temática e metodológica, além de favorecer o acesso remoto e contínuo a documentos históricos. Parte-se da premissa de que a facilidade de acesso a um vasto conjunto documental online redesenharia as estratégias de pesquisa, abrindo novos horizontes para a investigação histórica da educação.

Os resultados obtidos confirmam parcialmente esta hipótese: constatou-se que o uso dessas fontes tem contribuído para a democratização do acesso aos acervos, a ampliação dos objetos de estudo e o surgimento de novas abordagens metodológicas. No entanto, a análise revela que essa transformação digital, embora impactante, ainda carece da consolidação de práticas sistemáticas de letramento digital historiográfico, capazes de assegurar o rigor crítico necessário à análise das fontes em ambientes digitais.

Neste sentido, a tese defendida por este trabalho argumenta que as fontes digitais e digitalizadas não são meros instrumentos neutros de acesso. Ao contrário, configuram-se como "atores epistemológicos" que redefinem o fazer

historiográfico, influenciando a materialidade do texto, as práticas de leitura e interpretação, e a própria construção da memória histórica.

A pesquisa propõe, assim, a sistematização de instrumentos metodológicos ajustados às especificidades do ambiente digital, enfatizando que a crítica historiográfica tradicional, ancorada na estabilidade da fonte impressa, convém incorporar o exame das plataformas, algoritmos e formatos de preservação como parte integrante da análise crítica. Tal abordagem busca um "despertar epistemológico" que supere o "angelismo digital" e as ilusões de acesso "total", transparente e imparcial atribuídas ao meio digital.

Em suma, esta tese almeja não apenas mapear e analisar a produção acadêmica dos PPGs em Educação na linha de História da Educação no Nordeste brasileiro, mas também oferecer subsídios concretos para o fortalecimento da formação de historiadores da educação na era digital, garantindo que o uso das tecnologias digitais enriqueça e qualifique o trabalho historiográfico, ancorando-o na escuta sensível, na problematização e na construção de sentidos historicamente situados.

A organização dos objetivos articula-se diretamente à estrutura desta tese. O objetivo geral sustenta a análise ampla do uso de fontes digitais e digitalizadas na produção acadêmica em História da Educação, enquanto os objetivos específicos orientam o percurso investigativo de cada seção desse trabalho. Dessa forma, compõe-se um percurso coeso que conduz à resposta da questão central da pesquisa. Partindo destas premissas, a seguir, apresenta-se o aporte teórico e a metodologia da pesquisa aplicados.

1.6 Ao encontrar seus guias: aportes teóricos para a jornada

A construção de um quadro teórico sólido é basilar para essa pesquisa. A esse respeito Barros (2005, p. 78) salienta que "um quadro teórico bem estruturado é essencial para orientar a pesquisa e proporcionar uma base sólida para a interpretação dos dados". Assim, foi necessário recorrer aos trabalhos de Chartier (1994, 1996, 1998, 2002), Certeau (2011, 2014) e Ginzburg (1989, 1991, 2002) para fornecimento de uma base teórica.

Dentre estes referenciais destacam-se os trabalhos desenvolvidos por Chartier (1994, 1996, 1998, 2002) que evidenciam quatro princípios: (1) a materialidade do texto, que consiste na forma como o texto se apresenta para o

leitor, tipos de busca, formato da digitalização etc.; (2) as práticas de leitura, compostas pelas interações dos leitores com o texto expresso nas digitalizações, quais itens estão disponibilizados e quais são silenciados; (3) o contexto cultural, integrando o “onde” e o “como” cada texto foi produzido, questionando, também, como se chega a ele, suas condições de criação e disponibilização; e (4) apropriação, que trata da interpretação e usos das fontes, da maneira como o acesso a elas ocorre, observando a quantidade de acessos, buscas, comentários e reações dos usuários nas mesmas.

O conceito de “apropriação”, para Chartier (1990), torna-se fundamental para entender como os indivíduos e grupos interagem com os textos (nas suas variadas formas de apresentação) e os objetos culturais. Seu conceito, nessa conjuntura, refere-se ao modo como diferentes públicos recebem, interpretam e utilizam produtos culturais de acordo com seus próprios contextos sociais e históricos. Chartier (1996, p. 23), ressalta ainda apropriação como um “conjunto de maneiras pelas quais os receptores de uma mensagem escrita ou oral interpretam e transformam essa mensagem de acordo com suas próprias necessidades, interesses e contextos culturais”.

Essa máxima está baseada na ideia de que a recepção de um texto ou objeto nunca será passiva, mas ativa e até mesmo criativa, envolvendo uma reinterpretação constante que pode diferir, significativamente, da intenção original do autor. Por exemplo, quando um arquivo é lido, não é simplesmente absorvido como um bloco monolítico de informações, visto que cada indivíduo-leitor traz suas próprias experiências, expectativas e conhecimentos prévios para o processo de leitura, resultando em múltiplas interpretações e usos do mesmo texto. Tal diversidade de leituras recomenda levar em conta pelos historiadores culturais, pois revela a complexidade das interações entre escrito, leitor e contexto social, tanto no processo de pesquisa e análise das fontes a serem utilizadas, quanto na descrição de sua investigação.

Logo, a apropriação torna-se conceito fundamental para entender como as fontes são interpretadas e usadas ao longo do tempo e, em específico, na era atual, tais questões levantam novas dimensões, visto que as tecnologias oferecem fontes digitais que possibilitam disseminar o acesso ao mesmo tempo que resguardam a materialidade dos textos. Visto, que

A cultura escrita é uma cultura da materialidade, onde o suporte do texto, sua forma de publicação e os modos de sua leitura constituem elementos centrais na definição de seu sentido e de sua função social. Os livros, enquanto objetos materiais, são portadores de significados que ultrapassam o texto escrito. A análise de sua materialidade revela práticas sociais e culturais que moldam a leitura e a interpretação, destacando a importância do contexto na construção do significado (Chartier, 1996, p. 28-33).

Ao relacionar os livros, objetos materiais, com as fontes digitais na atividade historiográfica digital surgem oportunidades para exploração dessas associações, visualizando-se como ponto teórico central a materialidade do texto, referenciando como tais fontes são apresentadas e seus formatos (tipografia, layout, encadernação, e, no caso da História Digital, o formato dos arquivos e design das páginas etc.) contribuindo também para o modo que estas são compreendidas e percebidas. Logo,

A materialidade do texto não é um elemento secundário ou neutro na sua significação, mas participa da sua construção. A análise das formas e dos suportes nos quais os textos se inscrevem revela a história das práticas culturais que os moldam. A materialidade dos textos e os gestos de sua leitura variam conforme os contextos históricos e culturais, sendo essenciais para compreender as múltiplas dimensões do fenômeno literário (Chartier, 2002, p. 19, 45).

Assim, ao trazer tais perspectivas, para as ferramentas digitais, essas análises revelam a existência das particularidades que contribuirão para compreensão do todo, como, por exemplo, os silêncios existentes na disponibilização dos itens ou os detalhes evidenciados em digitalizações (texturas, cores, rasuras, manchas etc.) convém serem explorados e expostos pelo operador historiográfico digital; também conversam com o método indiciário de Ginzburg (1989, 1991, 2002), que afirma que pequenos sinais podem revelar verdades maiores, abrangendo e respaldando a operação historiográfica digital. Dessa forma, torna-se imprescindível a análise de tais singularidades, vistas como rastros por Ginzburg (1989, p. 143-144), uma vez que

[...] parte do pressuposto de que qualquer atividade humana deixa rastros, e que a análise desses rastros, por mais insignificantes que pareçam, pode levar ao conhecimento de fenômenos mais amplos. Esta abordagem, que se baseia na leitura dos indícios, permite construir uma narrativa histórica a partir dos detalhes que muitas vezes passam despercebidos (Ginzburg, 1989, p. 143-144).

Ginzburg (2002, p. 27-28) ressalta, ainda, que a “análise detalhada, valoriza os indícios, e é fundamental para compreender a complexidade das experiências humanas”, logo, é essencial também para análise das fontes a

serem utilizadas, estejam elas em meio digital ou analógico. Além disso, Ginzburg (1991, p. 32-33) assinala que:

A leitura indiciária dos textos e documentos históricos, que presta atenção aos detalhes materiais e contextuais, permite revelar aspectos ocultos da experiência humana. Esta abordagem, que une a análise da materialidade dos textos à interpretação das práticas culturais, oferece uma visão mais rica e nuançada da história (Ginzburg, 1991, p. 32-33)

Dessa forma, Ginzburg (1991) dialoga com Certeau (2014), visto que,

A história das práticas cotidianas deve atentar para os indícios sutis e os vestígios deixados pelas atividades diárias dos indivíduos. Esses pequenos sinais, muitas vezes negligenciados, revelam as maneiras pelas quais as pessoas se apropriam do espaço e do tempo, produzindo significados e estruturas sociais que não são imediatamente visíveis (Certeau, 2014, p. 73-74).

Assim, o quadro teórico desta pesquisa constitui-se pela integração de diferentes aportes: Chartier (1994, 1996, 1998, 2002) é mobilizado para fundamentar a análise das representações e apropriações, permitindo compreender como os sujeitos da pesquisa constroem sentidos a partir das fontes digitais e digitalizadas; Certeau (2011, 2014) é acionado pelos aspectos das práticas culturais e da operação historiográfica, oferecendo subsídios para refletir sobre os modos de fazer história no contexto das transformações tecnológicas; e Ginzburg (1989, 1991, 2002) é incorporado por meio do paradigma indiciário, que orienta a investigação a partir dos rastros e sinais deixados nas produções acadêmicas.

Do mesmo modo, outras contribuições fortalecem este quadro teórico: Vidal (2000) e Raffani e Vidal (2023) são mobilizadas para problematizar a materialidade e o caráter político dos arquivos digitais, ressaltando a demanda de um letramento historiográfico digital frente ao fetichismo documental, além de suas reflexões acerca das humanidades digitais, indicando as potencialidades e os limites da digitalização para a pesquisa histórica; Zaagsma (2013) incorpora-se a partir do debate internacional da *Digital History*, ao discutir o *Digital Turn*, o uso de big data e a hermenêutica digital; Gomes (2020, 2022) contribui ao evidenciar como os repositórios digitais e os processos de curadoria transformam as práticas de pesquisa em História da Educação, ampliando a democratização do acesso; Gondra (2000, 2004) fundamenta a análise da história intelectual da educação, destacando sujeitos, práticas escolares e a materialidade dos impressos; e Pons (2022) insere a perspectiva comparada

ibero-americana, trazendo à tona os desafios metodológicos da escrita da história em rede e as tensões entre o analógico e o digital.

Em posse dessa base teórica, articula-se as práticas culturais, apropriações, indícios, humanidades digitais e práticas de pesquisa em História da Educação dando sustentação a análise crítica do uso das fontes digitais e digitalizadas neste campo de estudo.

1.7 Pelas trilhas metodológicas: entre fontes, escolhas e olhares

A presente investigação caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, pois busca compreender os significados atribuídos às práticas acadêmicas em História da Educação, a partir do uso de fontes digitais e digitalizadas. Como destaca Gil (2008, p. 26), “a pesquisa qualitativa preocupa-se com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e na explicação da dinâmica das relações sociais”.

No caso desta tese, não se trata de mensurar variáveis numéricas, mas de interpretar usos, sentidos e transformações decorrentes da incorporação de novos suportes documentais. Esse olhar permite analisar criticamente como os pesquisadores em História da Educação têm se apropriado das fontes digitais e digitalizadas, não apenas registrando sua presença, mas compreendendo os modos de uso e os sentidos construídos no processo investigativo.

Na mesma direção, Lüdke e André (1986, p. 11) salientam que “a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental”, privilegiando a interpretação dos fenômenos em seu contexto. Essa característica se ajusta ao presente trabalho, que reúne como corpus, para análise, as teses e as dissertações produzidas em Programas de Pós-Graduação em Educação do Nordeste, nas linhas de História da Educação, explorando-as no próprio contexto histórico e institucional em que foram elaboradas.

Portanto, o enquadramento desta investigação como qualitativa justifica-se pela ênfase interpretativa, pela busca de significados e pela atenção às práticas culturais e historiográficas que emergem do uso de fontes digitais e digitalizadas. Mais do que quantificar ocorrências, pretende-se compreender como tais fontes reconfiguram as formas de produção do conhecimento em

História da Educação, dialogando com os pressupostos apontados por Gil (2008) e Lüdke e André (1986).

Neste contexto, considera-se a análise documental como pilar fundamental para a pesquisa qualitativa, Cellard (2008, p. 305) define a análise documental como "uma técnica que requer uma leitura crítica e contextualizada dos textos, indo além da mera descrição para interpretar os significados subjacentes". O autor acrescenta ainda que "a análise documental requer uma leitura crítica para superar possíveis distorções e preconceitos presentes nos textos" (Cellard, 2008, p. 310).

No campo da educação, Lüdke e André (1986, p. 39) ressaltam que "a análise documental permite acrescentar dimensões de tempo e espaço às informações, constituindo uma importante fonte de dados em pesquisas educacionais". Em consonância, Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009, p. 4) enfatizam que "a pesquisa documental amplia o entendimento do objeto investigado, pois permite ao pesquisador resgatar a historicidade e compreender a gênese dos fenômenos sociais". Assim, a escolha por essa técnica possibilita não apenas o acesso aos documentos produzidos no âmbito dos Programas de Pós-Graduação em Educação do Nordeste, mas também a interpretação crítica de seus sentidos, em diálogo com a trajetória histórica do campo da História da Educação.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, inicialmente, foi realizado o levantamento da produção de teses e dissertações da área de Educação, com ênfase em estudos vinculados à História da Educação, nos Programas de Pós-Graduação em Educação (PPGs) da Região Nordeste do Brasil. Para esta etapa preliminar, foram selecionados dez programas de universidades federais: UFAL, UFBA, UFC, UFMA, UFPB, UFCG, UFPE, UFPI, UFRN e UFS. A escolha dessas universidades deveu-se, primeiramente pelo fato de possuírem Programas de Pós-graduação em Educação e, por terem linhas de pesquisas, que incluem à História da Educação e a oferta do curso de doutoramento.

Em seguida, procedeu-se à análise das linhas de pesquisa de cada programa, com o objetivo de identificar aqueles que se apresentavam, de forma explícita, a linha intitulada "História da Educação". Após esse rastreamento, foram selecionados os programas da Universidade Federal do Piauí (UFPI), da

Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e da Universidade Federal de Sergipe (UFS), por possuírem a linha de História da Educação.

As produções acadêmicas destes três programas de educação foram consultadas no catálogo de teses e dissertações da Capes, depositadas entre os anos de 2006 e 2023. Após esse levantamento, foi realizada a leitura dos títulos, resumos, palavras-chaves, sumário e introdução, sobretudo, buscando compreender quais as fontes utilizadas e os procedimentos metodológicos adotados. A partir destas etapas, os critérios de inclusão dos trabalhos foram: (1) presença explícita do termo "História da Educação" no título ou nas palavras-chave; (2) referência direta ao uso de fontes digitais ou digitalizadas como parte da fundamentação ou metodologia; e, (3) disponibilidade pública no banco de teses e dissertações da CAPES.

Diante disto, foi possível selecionar os trabalhos de interesse para análise nesta tese, ou seja, que estejam inseridos no campo da História da Educação e usando fontes digitalizadas e digitais em suas pesquisas. O conjunto de produções acadêmicas constituiu-se o principal corpus da pesquisa.

Em um ambiente digital, em que a quantidade de informação disponível é vasta e muitas vezes sobrepujante, a aplicação da análise documental nesse espaço, facilita o acesso a um volume maior de textos, e implica uma filtragem e interpretação ainda mais rigorosas para evitar a sobrecarga de informações irrelevantes ou distorcidas (Cellard, 2008).

Assim, a análise documental em pesquisas que envolvem fontes digitalizadas e digitais, não é apenas uma extensão da metodologia tradicional para um novo meio, representa um conjunto complexo de desafios e oportunidades que requerem do pesquisador habilidades críticas renovadas e adaptadas às peculiaridades do ambiente digital (Vidal, 2022). Dessa forma, o processo não só permanece relevante, mas torna-se essencial para entender tanto o passado quanto o presente, visto que a integração eficaz de métodos tradicionais, com ferramentas digitais inovadoras pode proporcionar possibilidades múltiplas e ajuda a refletir, de certa maneira, as complexidades do mundo moderno (Clavert e Fickers, 2021).

Portanto, a aplicabilidade desses mecanismos permitirá uma análise detalhada e minuciosa das fontes digitais utilizadas nesta investigação, contribuindo para o ajustamento daquelas ferramentas na pesquisa no campo

da História da Educação e de maneira a contribuir para construção de uma historiografia digital rigorosa e crítica.

2 DO MICROFILME À TELA: AS NOVAS TECNOLOGIAS E A PESQUISA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Ao romper o antigo laço entre o texto e o objeto, entre cada discurso e sua materialidade própria, a revolução digital obriga a uma radical revisão dos gestos e das noções que associamos à escrita (Chartier, 2017, p. 19)

Na contemporaneidade, a pesquisa em História da Educação é marcada por uma travessia contínua e transformadora, onde o panorama das fontes e práticas investigativas se redefine constantemente. Esta seção se inicia, portanto, com a evocação de uma profunda mudança: a passagem de uma práxis tradicional, ancorada no suporte físico e na presença física de arquivos, para uma mediada pelas telas, repositórios digitais e redes sociais, reconfigurando a construção e o compartilhamento de memórias.

Dessa maneira, não se trata meramente de uma evolução tecnológica, mas de uma redefinição de temporalidade, de ofício e de postura investigativa. Como já apontado por Vidal (2000), esta transição demanda uma reflexão profunda sobre o lugar do documento e do arquivo, e os desafios da preservação em um cenário de rápida obsolescência tecnológica. Logo, essas fontes demandam do pesquisador a capacidade de distinguir entre dados autênticos e manipulados, e de compreender os critérios de curadoria digital que moldam o acesso e a visibilidade das informações.

Neste contexto, o avanço para a construção do campo da História Digital da Educação é realizado mobilizando-se conceitos como a História Digital e as operações historiográficas digitais. A presente pesquisa propõe descrever esse novo território e compreender como ele afeta as formas de narrar o passado, as escolhas metodológicas e as exigências de formação para aqueles que ousam atravessá-lo.

Na epígrafe de Chartier (2017) apresentada no início, é instruído que, diante da tela, a escrita não desaparece, mas se transforma, sendo precisamente essa reinvenção contínua que nos interessa observar no fazer historiográfico. Assim, nesta seção, não é apresentada apenas uma exposição teórica, mas um percurso que nos leva a explorar como o digital se insere na prática historiográfica e na prática historiográfica educacional. Os conceitos aqui apresentados não são tratados como categorias rígidas, são territórios em

movimento, em que ideias se entrecruzam e se redimensionam. Por meio de uma abordagem cuidadosa e fundamentada, busca-se compreender desde o uso do microfilme na pesquisa em História da Educação até a História Digital, que não é uma ferramenta, e sim uma lente que permite novas leituras do passado.

A estruturação dos conceitos inicia-se com a subseção intitulada “O manuscrito, o microfilme e o pixel: memórias transformadas”, que aborda a evolução dos suportes da memória e do conhecimento histórico, desde os documentos tangíveis e manuscritos até as formas digitais contemporâneas. A seguir, tem-se a subseção “Fundamentos em movimento: a História Digital”, em que são apresentados os alicerces dessa vertente historiográfica, ancorada nos debates teóricos que a configuram. A História Digital é aqui compreendida como um campo em construção, onde se entrelaçam métodos tradicionais e digitais, em diálogo constante com a Nova História Cultural; explorando as conexões dos conceitos como História Pública e História Pública Digital à prática historiográfica na era digital, e evidenciando que o digital não é apenas um suporte, sendo uma dimensão epistemológica que reconfigura a relação do historiador com o passado.

Na sequência, tem-se “Por entre rastros e reorganizações do tempo: operações historiográficas na Era Digital”, o foco recai sobre os gestos do historiador ao lidar com fontes digitais e digitalizadas. A distinção entre essas fontes é explorada com profundidade, destacando que o digital não anula a materialidade das fontes, mas a transforma. O paradigma indiciário de Ginzburg (1989) é mobilizado para mostrar que, mesmo em meio aos códigos e algoritmos, o historiador segue atento aos vestígios, interpretando sinais que se manifestam em interfaces, metadados e hipertextos.

Na última subseção, “Fontes digitais e a pesquisa em História da Educação”, é abordado como os documentos históricos, antes restritos aos arquivos físicos, se expandem para o ambiente digital, democratizando o acesso ao conhecimento. É explorado como repositórios digitais, plataformas de ensino e bases de dados estruturadas reconfiguram as práticas de pesquisa em História da Educação, permitindo que documentos antes inacessíveis sejam explorados em novas perspectivas. Ao mesmo tempo, discute-se que essa democratização

impõe desafios relacionados à preservação, autenticidade e interpretação das fontes.

Ao longo de toda esta seção da tese, a História Digital é explorada como uma prática em constante reinvenção, em que o passado não é apenas preservado, mas reescrito, reconfigurado e reinterpretado. Cada subseção constitui uma etapa dessa travessia, revelando que o digital não é apenas uma ferramenta, é uma dimensão onde o historiador da educação se encontra com as telas.

2.1 O manuscrito, o microfilme e o pixel: memórias transformadas

A memória humana sempre encontrou refúgio em suportes tangíveis, nas folhas manuscritas dos códices medievais, nas páginas dos livros impressos e nos pergaminhos que atravessaram os séculos. Durante muito tempo, o manuscrito foi o guardião silencioso da história, carregando em suas fibras a sabedoria de outros tempos. Mas, como toda história, a preservação do conhecimento também trilhou seus caminhos de transformação.

No final do século XIX e início do século XX, o manuscrito encontrou uma nova forma de resistência ao esquecimento: o microfilme. Esta técnica preservava documentos e transformava a própria percepção da memória, reduzindo textos e imagens a fragmentos fotográficos, que poderiam ser consultados em qualquer lugar do mundo. Esta tecnologia, nascida em meio ao avanço da fotografia e da ótica, permitiu a reprodução de documentos em rolos de filme fotográfico, comprimindo em pequenos fotogramas o vasto conteúdo de bibliotecas e arquivos.

O microfilme tornou-se um aliado das instituições de memória, permitindo que manuscritos antigos, jornais frágeis e documentos históricos pudessem ser preservados em um formato seguro e duradouro, evidenciando que o suporte condiciona a prática de leitura e escrita da história (Chartier, 1998), e que as soluções de preservação sempre foram centrais à reflexão sobre o arquivo (Vidal, 2000).

A microfilmagem preserva documentos e, também, representa uma transição significativa na prática de acesso ao conhecimento histórico (Faria Filho, 2000). O autor ainda assinala que,

A criação de um sistema híbrido, com a utilização das novas tecnologias associadas aos métodos de organização e preservação já consagrados, atende de maneira singular às necessidades de preservação e acesso. A microfilmagem, como meio de armazenamento, garante a preservação com qualidade arquivística e a versão digital, como forma otimizada de acesso (Faria Filho, 2000, p. 95).

Entretanto, com o avanço das tecnologias digitais, o microfilme foi, pouco a pouco, substituído pela digitalização. O que antes era registrado em negativos fotográficos passou a ser convertido em pixels⁷, capturados por escâner⁸ de alta resolução que transformavam os manuscritos em arquivos digitais. Importa salientar que, Vidal (2000) já observava o surgimento de propostas de substituição do impresso pelo digital, como forma de conservar informações, mas apontava para a incógnita da durabilidade da informação no ambiente digital, em comparação com o microfilme e o papel.

A digitalização não apenas reproduziu o conteúdo dos documentos, mas ampliou sua acessibilidade. Escritos que antes eram lidos em salas silenciosas de bibliotecas, passaram a ser acessados por cliques, atravessando fronteiras e chegando a leitores de todas as partes do mundo.

Rocha e Nascimento (2020) já reforçam que as tecnologias digitais ampliam o acesso às fontes e, também, transformam o próprio fazer historiográfico, permitindo novas possibilidades de pesquisa e análise. Para os autores, "a digitalização de documentos não é apenas uma técnica de preservação, mas uma estratégia que redefine o espaço e o tempo da pesquisa histórica, permitindo que o passado seja explorado de forma interativa e crítica" (Rocha e Nascimento, 2020).

Contudo, essa transição para o digital não é isenta de desafios. As fontes digitalizadas carregam consigo questões críticas de autenticidade e preservação, como observa Faria Filho (2000, p. 93) "os recursos das novas

⁷ Segundo o Dicio (2025), em seu verbete, pixel é um substantivo masculino, refere-se a qualquer dos mínimos elementos discretos que em conjunto constituem uma imagem, como por exemplo, numa fotografia, numa tela de tevê, em um monitor de computador. Possui a sua origem na língua inglesa com palavra de mesma grafia.

PIXEL. In: DICIO, Dicionário Online de Português. [S. l.], 2025. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/pixel/>. Acesso em: 6 set. 2025.

⁸ Conforme op cit., em seu verbete, escâner é um substantivo masculino, refere-se a um aparelho ou mecanismo em que dados (imagens) são captados, codificados através de um feixe eletrônico, e podem ser reproduzidos em computador. Possui a sua origem na língua inglesa na palavra scanner.

ESCÂNER. In: DICIO, Dicionário Online de Português. [S. l.], 2025. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/escaner/>. Acesso em: 6 set. 2025.

tecnologias devem, necessariamente, ser incorporados como mais uma etapa do trabalho arquivístico, pois não substituem os métodos já consagrados de organização e preservação de documentos".

Ainda que o digital expanda o acesso ao conhecimento, ele também impõe novas responsabilidades ao pesquisador, sendo necessário desenvolver um olhar crítico que permita distinguir entre fontes autênticas e manipuladas, entre informações verificáveis e dados efêmeros. Como observa Ginzburg (1989), o historiador é um "detetive" que segue rastros, e os rastros digitais são ao mesmo tempo amplos e fragmentados.

No entanto, o digital não é apenas perda, também é transformação. A digitalização permite que documentos frágeis sejam preservados em sua imagem, mesmo que o original se deteriore, permite que o texto seja ampliado, que os detalhes sejam revelados com clareza, que se realizem buscas em textos transcritos, e, que se crie um acesso global a memórias locais, onde "a preservação e o acesso devem ser pensados de forma unívoca. Toda ação de preservação, aplicada a um documento, deve ter como objetivo colocá-lo à disposição para consulta" (Faria Filho, 2000, p. 94). Esse princípio ecoa na prática da digitalização, onde a preservação do documento físico se converte em um esforço de tornar seu conteúdo acessível. Dessa maneira, o manuscrito, o microfilme e o pixel são apenas formas através das quais a memória se manifesta, e o historiador é o guardião que, em cada era, escolhe o que será preservado e o que será esquecido.

Convém ainda destacar que na travessia entre o manuscrito e o pixel, os repositórios digitais surgem como pontes entre o passado e o presente, guardiões da memória que atravessam fronteiras e tempos, preservando e democratizando o conhecimento. Assim, no ambiente digital, onde os arquivos se transformam em repositórios digitais de memória, Amorim (2000) destaca que esses espaços não são meramente depósitos neutros de documentos, mas arenas de poder e disputa cultural.

Os repositórios digitais vão muito além de simples arquivos digitais. Eles se configuram como espaços de mediação entre o historiador e as fontes, organizando, classificando e autorizando o acesso ao que pode ou não ser lembrado. Em muitos casos, os repositórios digitais se transformam em

verdadeiros laboratórios de pesquisa, onde as fontes são preservadas, reinterpretadas e recontextualizadas.

Para Pires e Amorim (2021), um repositório se torna parte da história, enquanto o que permanece fora dessas plataformas permanece nas margens da memória, invisível e inexplorado, esta perspectiva reforça o caráter político dos repositórios digitais, que operam como filtros da memória coletiva.

Dessa maneira, os repositórios digitais consagram-se como muito mais do que espaços de armazenamento. Estes funcionam como verdadeiros mediadores do conhecimento, pois sua estrutura e seus critérios de curadoria determinam o que se torna visível e o que permanece inacessível ao pesquisador. São dispositivos que organizam o que pode ser lembrado e o que será esquecido na memória educacional, o que será acessado e o que permanecerá oculto. Por essa razão, eles são, em essência, atores epistemológicos, que interferem diretamente na maneira como a memória educacional será construída, acessada e interpretada, a partir de seus dados, pois moldam as fontes disponíveis e, conseqüentemente, as questões que os historiadores podem formular.

Como reforçam Rocha e Nascimento (2020), os repositórios digitais não são apenas tecnologias de preservação, mas espaços de disputa de sentido e de construção de memória. "Os repositórios digitais não são neutros; eles são territórios de poder e de escolha. A cada documento que é digitalizado e indexado, define-se o que será lembrado e o que permanecerá nas sombras do esquecimento" (Rocha; Nascimento, 2020, p. 757).

Rocha (2020), por sua vez, argumenta que os repositórios digitais permitem que o conhecimento seja democratizado, mas também expõem o pesquisador aos desafios da preservação digital e da curadoria crítica. Para Rocha e Nascimento (2020, p. 759), "os repositórios digitais são espaços de construção do conhecimento, onde o historiador não é apenas um leitor, mas um curador, um mediador entre o passado e o presente".

No contexto da História da Educação, os repositórios digitais oferecem acesso a documentos que antes estavam restritos a arquivos físicos em suportes físicos, como cadernos escolares, relatórios institucionais, publicações pedagógicas e outros materiais valiosos para a pesquisa histórica. Contudo, é fundamental que o pesquisador desenvolva uma postura crítica

diante desses repositórios, reconhecendo que o digital não é neutro. A seleção, a descrição e a organização dos documentos em um repositório são ações que refletem escolhas, prioridades e perspectivas.

Em síntese, a articulação desses referenciais teóricos torna evidente que a História da Educação, ao lidar com fontes digitais e digitalizadas, requer tanto o rigor crítico da tradição historiográfica quanto a incorporação das discussões contemporâneas sobre a materialidade eletrônica e os desafios das humanidades digitais. Logo, ao se fortalecer o alicerce conceitual da pesquisa se conduz à demanda de compreender como ocorre a transição das práticas de investigação baseadas em fontes analógicas para aquelas mediadas pelo ambiente digital.

2.2 Fundamentos em movimento: a História Digital

A História Pública, enquanto campo de atuação historiográfica, emerge como resposta à exigência de ultrapassar os limites do espaço acadêmico e dialogar com os múltiplos públicos que produzem, vivenciam e demandam narrativas sobre o passado.

No Brasil, autores como Santhiago (2018) e Mauad (2018) contribuem para o fortalecimento desse campo ao compreenderem a História Pública como uma prática voltada para a partilha de saberes históricos com a sociedade, seja por meio de exposições, mídias, projetos colaborativos ou intervenções educativas.

Para Santhiago (2018), o envolvimento do historiador com espaços sociais e instituições de memória amplia as possibilidades da prática histórica e convoca o pesquisador à coautoria de projetos que integram saber técnico, sensibilidade política e compromisso formativo. Paralelamente, Mauad (2018) destaca que a História Pública no Brasil se constitui a partir de experiências institucionais, como o Laboratório de História Oral e Imagem da Universidade Federal Fluminense, evidenciando que o campo não é isolado, mas se reinventa continuamente diante das transformações sociais e tecnológicas que moldam o presente.

A convergência entre História Pública e tecnologias digitais dá origem à História Pública Digital, conceito trabalhado por Noiret (2022) que descreve um

ecossistema de práticas historiográficas mediadas por plataformas digitais, surgindo no contexto da que se denomina "virada digital", assim,

A História Pública Digital trata de trazer de volta o público para a produção de conhecimento histórico. Significa construir ambientes digitais colaborativos nos quais as fronteiras entre historiadores profissionais e não profissionais se tornem mais porosas, incentivando a narrativa participativa, o compartilhamento de arquivos e a reinterpretação do passado de maneiras abertas, dinâmicas e profundamente influenciadas pelo ecossistema digital em que emergem (Noiret, 2022, p. 25, tradução nossa).

A História Pública Digital, ao lado da História Digital, amplia ainda mais o alcance e o impacto da narrativa histórica. Conforme conceituada por Noiret (2022), a História Pública Digital se destaca por sua dimensão colaborativa e interativa, permitindo que múltiplos públicos, historiadores profissionais e cidadãos comuns participem da construção e interpretação do passado. Esta perspectiva proporciona certo aspecto democratizador ao acesso às fontes históricas, e redefine o papel do historiador, que passa a atuar como mediador entre o saber acadêmico e os diálogos sociais.

Dessa forma, a História Pública, enquanto campo historiográfico, emerge como uma prática voltada para o diálogo entre historiadores e a sociedade, valorizando o compartilhamento de saberes históricos em ambientes não acadêmicos, como exposições, projetos comunitários, mídias e intervenções culturais (Santhiago, 2018; Mauad, 2018). Com o avanço das tecnologias digitais, essa prática se amplia e se transforma, dando origem à História Pública Digital, onde múltiplos públicos, acadêmicos e não acadêmicos, participam conjuntamente de uma memória coletiva. Exemplos disso, são os sites de história colaborativa, repositórios digitais abertos ao público e perfis em redes sociais que promovem debates históricos, permitindo que diferentes vozes contribuam para a narrativa.

Já a História Digital, por sua vez, caracteriza-se pelo uso de tecnologias digitais diretamente aplicadas à pesquisa histórica, incluindo ferramentas de análise de texto, mineração de dados, visualização de redes e digitalização de fontes. Como afirma Zaagsma (2013), a História Digital não é apenas uma prática técnica, mas uma abordagem metodológica que transforma os modos de pesquisa, interpretação e disseminação do conhecimento histórico.

Ao diferenciar a História Pública Digital da História Digital, é possível perceber que a primeira privilegia a interação e a democratização do saber histórico, enquanto a segunda enfatiza o uso das tecnologias digitais para investigar, preservar e interpretar o passado. Ambas, no entanto, partem de uma premissa comum: o reconhecimento de que o digital não é apenas uma ferramenta, mas um ambiente que reconfigura o fazer historiográfico.

Logo, a História Digital apresenta-se como campo em constante construção e redefinição, caracterizado pelo uso de tecnologias digitais para pesquisar, preservar e compartilhar conhecimentos históricos. Diferente de uma abordagem meramente técnica, ela se consolida como uma perspectiva teórico-metodológica que questiona e transforma os modos tradicionais de fazer história. Como observa Pons (2022), a História Digital é marcada por sua natureza híbrida, onde o digital não é apenas um meio, mas uma nova forma de pensar, produzir e interpretar o conhecimento histórico.

Outro ponto fundamental para a compreensão da História Digital é a distinção entre Fontes Digitais e Fontes Digitalizadas. As Fontes Digitais são aquelas que nascem em meio digital, como e-mails, publicações em redes sociais, documentos digitais e arquivos nativamente digitais. Em contraste, as Fontes Digitalizadas são aquelas que foram originalmente produzidas em suporte físico (manuscritos, livros, fotografias, jornais) e, posteriormente, convertidas para o meio digital por meio de processos como digitalização ou escaneamento.

Essa distinção é basilar, pois as Fontes Digitais já emergem carregadas das lógicas do ambiente digital, como hipertextualidade, interatividade e efemeridade, enquanto as Fontes Digitalizadas carregam em si vestígios da materialidade original, marcas, texturas, anotações e contextos físicos. Como ressalta Chartier (1994), a materialidade do texto afeta a interpretação e o uso das fontes, e essa materialidade se transforma quando o texto migra para o ambiente digital.

Portanto, compreender a História Digital e a História Pública Digital, bem como diferenciar Fontes Digitais e Digitalizadas, é fundamental para esta pesquisa. Esses conceitos não apenas orientam a análise dos trabalhos acadêmicos selecionados, mas também fundamentam a interpretação dos desafios e potencialidades do uso de tecnologias digitais no campo da História

da Educação. Nesse contexto, são incorporadas iniciativas como blogs, perfis em redes sociais, podcasts e repositórios interativos, que rompem com as formas tradicionais de mediação e propõem uma escuta e uma escrita compartilhadas. Essa articulação entre prática pública e ambiente digital encontra, na História Digital, um campo fértil de desenvolvimento e questionamento. Como observa Zaagsma (2013, p. 6, tradução nossa),

os historiadores estão cada vez mais trabalhando em um ambiente híbrido, no qual a fronteira entre o digital e o analógico não é fixa, mas fluida. A maioria dos historiadores usa ferramentas e recursos digitais - bancos de dados, arquivos digitais, software bibliográfico - em suas pesquisas, mesmo que não se identifiquem como historiadores digitais. O verdadeiro desafio está em se envolver criticamente com essas ferramentas e entender como elas moldam o processo de pesquisa, os métodos e até mesmo as perguntas que fazemos.⁹

Nessa citação evidencia-se que a História Digital, mais do que uma especialização, atravessa o cotidiano de quem pesquisa, organiza, consulta e interpreta fontes históricas, ainda que inconscientemente. É nesse contexto que o presente trabalho se ancora para compreender como essas ferramentas, ambientes e gestos se manifestam no fazer historiográfico da História da Educação na contemporaneidade.

Ao buscar compreender o papel da História Digital no ofício historiográfico, especialmente no campo da História da Educação, é necessário situá-la não apenas como um conjunto de práticas mediadas por tecnologias, mas como um campo em disputa, em processo de consolidação teórica, metodológica e institucional. Logo, a História Digital apresenta-se em constante construção e redefinição, caracterizado pelo uso de tecnologias digitais para pesquisar, preservar e compartilhar conhecimentos históricos. Sendo inserida no espectro mais amplo das Humanidades Digitais, e diferente de uma abordagem meramente técnica, ela se consolida como uma perspectiva teórico-metodológica, como afirma Pons (2022), tratando-se de um "campo em busca de identidade", marcado pela diversidade de abordagens, pelo cruzamento entre

⁹ Texto no idioma original: "historians are increasingly working in a hybrid environment, one in which the boundary between the digital and the analogue is not fixed but fluid. Most historians use digital tools and resources — databases, digital archives, bibliographic software — in their research, even if they do not identify as digital historians. The real challenge lies in critically engaging with these tools and understanding how they shape the research process, methods, and even the questions we ask".

humanidades digitais e história pública, e por uma constante tensão entre a tradição disciplinar e os desafios impostos pela cultura digital contemporânea.

Logo, nesta pesquisa, a História Digital é compreendida como um aporte teórico-metodológico que orienta a leitura do fenômeno investigado, especialmente no que tange à transformação das práticas historiográficas diante das fontes digitais e digitalizadas. Seu papel é o de fundamentar a análise dos modos de apropriação, uso e presença das fontes digitais na produção acadêmica em História da Educação, a partir de uma perspectiva que articula materialidade, mediação e circulação do conhecimento histórico. Ainda que recorra a ferramentas digitais no processo de organização das informações, esta pesquisa não utiliza a História Digital apenas como instrumental técnico, sendo ela a chave interpretativa que permite compreender como o digital altera não só o suporte, como também as próprias práticas historiográficas do historiador. Assim, além de uma metodologia formal, ela funciona como um eixo epistemológico que atravessa os modos de perguntar, selecionar e compreender os rastros deixados pelos pesquisadores em seus textos.

A História Digital, enquanto campo historiográfico em consolidação, não se limita à digitalização de documentos ou à utilização de tecnologias de organização da informação, implica, também, em transformações epistemológicas, metodológicas e narrativas, que, por sua vez, impactam diretamente a forma como a história se conecta com o público. Nesse sentido, tais transformações dialogam com os preceitos da História Pública que, como defendem Ashton e Kean (2009, p. 11, tradução nossa), têm que

envolver diversos públicos com o passado, não apenas transmitindo fatos, mas facilitando diálogos que reconhecem múltiplas interpretações. Na era digital, esse engajamento se expande exponencialmente, permitindo narrativas interativas, conteúdo gerado pelo usuário e a democratização da representação histórica por meio de blogs, podcasts, wikis e redes sociais.

É, neste contexto, de ampliação do engajamento com o passado por meios digitais, que o historiador digital é convocado a lidar não apenas com novos suportes, mas com novas formas de circulação, leitura e apropriação da história, transformações que dizem respeito ao 'como' fazemos história, ao 'com quem' e 'para quem' a fazemos (Chatier, 1990).

Esse cenário é marcado por uma prática híbrida que, segundo Zaagsma (2013), configura o “novo normal” da historiografia contemporânea: ao mesmo tempo em que os historiadores acessam bancos de dados, consultam repositórios digitais e utilizam ferramentas computacionais, realizando essas práticas de modo integrado às suas rotinas investigativas, ainda que nem sempre explicitadas em seus relatos de pesquisa, conforme podemos constatar mais adiante em nossas pesquisas descritas na seção 4. Sobre a pesquisa histórica, esse autor ainda destaca que,

está atualmente em um estado híbrido de fluxo e só pode avançar se envolver criticamente com a forma como a prática histórica está mudando. A história digital [...] é, portanto, em última análise, uma maneira de descrever as mudanças na prática histórica que devem se tornar parte integrante do treinamento e da mentalidade de todos os historiadores (Zaagsma, 2013, p. 29).

Essa discussão é especialmente relevante para o campo da História da Educação, pois a emergência das fontes digitais e digitalizadas amplia o acesso aos acervos para levantamento e coleta de fontes, exigindo do pesquisador uma reformulação de sua postura metodológica e interpretativa. Nessa conjuntura, a História Digital propõe uma nova forma de fazer história, com uma reconfiguração das condições em que a prática historiográfica se desenvolve.

Importante destacar que a emergência da História Digital se conecta diretamente à genealogia das Humanidades Digitais, remontando ao trabalho de Roberto Busa, nos anos 1940, e passando pelo uso de computadores para análise textual e pela institucionalização do campo nas décadas seguintes, como destaca o trabalho organizado por Schreibman, Siemens e Unsworth (2004), posteriormente retomado por Pons (2022), essa genealogia não é apenas técnica, mas epistemológica: envolve a redefinição das formas de construir, compartilhar e interpretar conhecimento histórico.

Pode-se contextualizar o momento que se experiencia, na atualidade, a “virada digital”, conforme Noiret (2022), marcada pela “explosão das barreiras espaço-temporais e locais/globais na interpretação do passado”. Isso caracteriza a História Pública Digital, um campo com compartilhamento de experiências e memórias em tempo real, além da construção colaborativa histórica, o

compartilhamento de lugares de memória, documentos e arquivos digitais por meio da Internet e redes sociais digitais.

Seguindo pelos preceitos explorados na obra organizada por Noiret (2022), “*Handbook of Digital Public History*”, em que a construção de uma história de e para todos inclui um amplo público com historiadores e cidadãos numa discussão e construção coletiva do passado, logo esta convém utilizar o ecossistema dominante: o digital. Posto isto, Luchesi (2014) amplia o entendimento explanando sobre a necessária crítica do uso de tais tecnologias, que se fazem presentes nas rotinas das Humanidades Digitais, enfatizando os preceitos de Certeau (2014) do “estranhamento do cotidiano” e as ressalvas de Flickers e Tatarinov (2022) e de Clavert e Flickers (2021) do uso da Hermenêutica Digital, em que recomenda a coleta de tais fontes em meios digitais, e uma análise crítica destas com avaliação de suas interfaces, ferramentas de busca, interação, algoritmos, intenções e métodos para dados coletados, dentre outros aspectos utilizados por plataformas de disseminação de informação, como Google, Meta Platforms, Microsoft, e etc.

Dessa forma, apoiados por Zaagsma (2013), defende-se uma abordagem híbrida para uma História Digital que integre métodos tradicionais e digitais na pesquisa histórica, visto ser esta combinação essencial para aproveitar ao máximo as ferramentas digitais sem perder de vista as práticas analógicas estabelecidas. Além do que, ainda *op cit.*, o uso da tecnologia digital não é uma opção, mas uma demanda para a pesquisa histórica moderna, medida essencial na formação de habilidades e da reflexão crítica sobre o uso de fontes digitais, dito isto, pode-se compreender que,

De fato, o **hibridismo é o novo normal**. Além de um grupo relativamente pequeno de historiadores que trabalham exclusivamente em projetos digitais, a maioria dos historiadores combina práticas tradicionais/analógicas e novas/digitais, pelo menos na fase de coleta de informações de suas pesquisas: consultamos periódicos online e podemos usar bancos de dados bibliográficos para gerenciar nossas referências; consultamos inventários online antes de decidir embarcar em uma jornada para um arquivo; Usamos materiais de arquivo e livros, bem como recursos online e computadores para processar e gerenciar tudo. Muitas vezes, criamos nossos próprios arquivos digitais pessoais que consistem em fotografias tiradas em viagens de pesquisa de arquivo. No entanto, muitas vezes falta reflexão. Em mais de uma ocasião, ouvi historiadores proclamarem não ser digitais, como se isso fosse algo de que se orgulhar, ao mesmo tempo em que evidentemente fazem uso de recursos digitais em suas pesquisas. Quando o medo da tecnologia e uma ideia romântica equivocada do que significa ser um historiador impedem acompanhar os desenvolvimentos metodológicos

em sua disciplina, algo claramente dá errado (Zaagsma, 2013, p. 47, **grifo do autor**, tradução nossa)¹⁰.

Conforme Zaagsma (2013) argumenta em sua pesquisa a chave para navegar na nova paisagem, *history digital*, é através da hibridez, a integração consciente de métodos tradicionais e digitais, pois permite uma visão mais rica e multifacetada dos fenômenos históricos, aproveitando o melhor de ambos os mundos, incluindo: (I) análise crítica de como as ferramentas digitais são usadas, (II) abordagem reflexiva à digitalização de arquivos e (III) abertura para novas formas de disseminar o conhecimento histórico.

Dessa maneira, a História Digital configura-se como campo interdisciplinar que se utiliza das tecnologias digitais para a pesquisa, preservação e disseminação de informações históricas, transforma o acesso e a utilização de fontes históricas, redefinindo a prática historiográfica. Temos como elementos centrais na construção da memória histórica na era digital a digitalização de documentos, o uso de bancos de dados abertos e o acesso a informações públicas são elementos centrais.

No contexto da História Digital, essa reconfiguração implica, por exemplo, o uso de bancos de dados interconectados, metadados estruturados, algoritmos de busca e visualização, e ferramentas de leitura distante, como propõe Pons (2022). Para este autor, a leitura distante permite processar mais informação, além de transformar o objeto de estudo em si, criando escalas e padrões que não seriam visíveis por métodos tradicionais:

Quando trabalhamos com 200 mil romances em vez de 20, não estamos fazendo a mesma coisa, mil vezes maior; estamos fazendo algo diferente. [...] A nova escala muda nossa relação com nosso objeto e, de fato, muda o próprio objeto (Pons, 2022, p. 1, tradução nossa)¹¹.

¹⁰ No idioma original, grifo do autor: "Indeed, **hybridity is the new normal**. Apart from a relatively small group of historians working exclusively on digital projects, most historians combine traditional/analogous and new/digital practices, at least in the information gathering stage of their research: we consult online journals and we might use bibliographic databases to manage our references; we consult online inventories before deciding to embark upon a journey to an archive; we use archival materials and books as well as online resources, and computers to process and manage it all. Often we create our own personal digital archives consisting of photographs taken on archival research trips. Yet reflection is often missing. On more than one occasion I have heard historians proclaim to be non-digital, as if this were something of which to be proud, while evidently making use of digital resources in their research. When fear of technology and a misplaced romantic idea of what it means to be an historian preclude keeping up with methodological developments in one's discipline something clearly goes wrong."

¹¹ No idioma original: "cuando trabajamos con 200 mil novelas en lugar de 20, no estamos haciendo lo mismo, mil veces más grande; estamos haciendo una cosa diferente. [...] la nueva

Essa mudança de escala é acompanhada por mudanças metodológicas e de linguagem. E é justamente isso que está em jogo quando se analisa o impacto da História Digital: ela não substitui a historiografia tradicional, a desloca, pede reconfigurações, cria mediações entre o historiador, a fonte e o público.

A crítica de Pons (2022) à tentação do “angelismo digital”, uma fé cega nas promessas do digital, também se sugere ser acolhida com atenção. Não basta instrumentalizar novas ferramentas: é preciso problematizar os filtros algorítmicos, os critérios de visibilidade das plataformas, os modos de curadoria e arquivamento dos dados. Cruz (2018), por exemplo, fala da era da “escuridão digital”, em que a ausência de critérios de preservação, interoperabilidade e acessibilidade pode produzir uma nova forma de apagamento da memória, ainda mais insidiosa por ser automatizada e opaca. Tais preocupações com os riscos de um ‘angelismo digital’ e a potencial ‘escuridão digital’ ressoam com as advertências de Vidal (2000) contra as posições que pregam a substituição inexorável do impresso pelo digital, enfatizando os limites sociais, econômicos e políticos de sua difusão e a provável convivência das várias linguagens.

Robertson (2014) diferencia claramente a História Digital das demais práticas das Humanidades Digitais ao afirmar que a coleta, apresentação e disseminação de materiais online é parte central da prática historiográfica digital, mais do que a análise textual por mineração de dados, como ocorre nas letras. E reforça: a cartografia digital, o mapeamento de redes e os modelos narrativos interativos são características distintivas da História Digital enquanto prática disciplinar própria.

Noiret (2015) aprofunda esse debate ao afirmar que a história digital impõe a reescrita dos códigos profissionais do historiador, pois a circulação das fontes, a produção da memória e a interação com o público sofrem modificações significativas diante da lógica das plataformas, do tempo real das redes e da personalização algorítmica. Nesse contexto, a História Digital se articula às Humanidades Digitais ao incorporar práticas computacionais e metodologias digitais no tratamento dos acervos históricos. Essa integração permite a preservação e disseminação de documentos digitais, e, também, o

escala cambia nuestra relación con nuestro objeto, y de hecho cambia el objeto mismo” (Pons, 2022, p. 1)

desenvolvimento de novas abordagens analíticas, como a mineração de textos e a visualização de dados históricos.

Nesse sentido, como sintetiza com precisão o próprio Pons (2022, tradução nossa):

A história digital não é o mesmo que a história digital na história. A história digital é aquela que transforma os modos de produção do conhecimento histórico a partir das possibilidades tecnológicas do presente. O digital na história, por outro lado, pode ser apenas um meio – sem necessariamente mudar as perguntas, os métodos ou as estruturas interpretativas¹².

Enquanto para Chartier (2018, p. 120), a digitalização modifica profundamente a leitura e a textualidade, promovendo uma experiência de leitura fragmentada e descontextualizada. Logo, a leitura em telas e o acesso a textos por meio de palavras-chave podem enfraquecer a compreensão integral das obras, afetando a percepção da história e cultura, visto que “a leitura em frente à tela geralmente é descontínua, que busca, a partir de palavras-chave ou rubricas temáticas, o fragmento textual que deseja apreender sem necessariamente perceber a totalidade textual que esse fragmento contém”¹³. Tal reflexão sublinha a demanda de uma abordagem crítica ao se lidar com textos digitalizados, para evitar a perda do contexto original das obras.

A História Digital não se limita ao uso de fontes digitais, mas amplia a perspectiva metodológica ao questionar os processos de mediação e interpretação dessas fontes. Nesse sentido, convém recorrer a Chartier (2002) que destaca a importância de compreender como o suporte digital modifica o modo de leitura e análise das fontes históricas, sugerindo um letramento digital que capacite o historiador a lidar com novas formas de textualidade. Ainda segundo Chartier (1994), o texto eletrônico proporciona uma liberdade e uma distância em relação ao texto impresso, criando maneiras de leitura e interpretação. Esta transformação é particularmente relevante no estudo da história da educação, em que a análise de documentos digitalizados permite uma

¹² Texto no idioma original: “No es lo mismo historia digital que lo digital en la historia. La historia digital es aquella que transforma los modos de producción del conocimiento histórico a partir de las posibilidades tecnológicas del presente. Lo digital en la historia, en cambio, puede ser apenas un medio — sin que necesariamente mude las preguntas, los métodos o los marcos interpretativos.”

¹³ Texto no idioma original: “la lectura frente a la pantalla es generalmente discontinua, que busca, a partir de palabras claves o rúbricas temáticas, el fragmento textual del cual quiere apoderarse sin que necesariamente sea percibida la totalidad textual que contiene este fragmento”.

compreensão mais ampla das práticas educativas do passado e suas influências nas práticas contemporâneas.

Enquanto Melo Flórez (2011) considera a digitalização como oportunidade para novos desafios metodológicos em navegar pelo vasto repositório digital, exigindo rigorosos critérios de autenticidade e validade, ao afirmar que “a história digital desloca o arquivo do historiador da biblioteca para a Web 2.0 para a história, os historiadores e o ensino da história”¹⁴. Essa migração para o digital facilita o acesso a fontes históricas, e traz consigo novas demandas formativas, relacionadas ao uso técnico e metodológico dos acervos, como a capacidade de utilizar ferramentas de mineração de dados e análise de redes.

Zaagsma (2013, p. 15) enfatiza que a História Digital envolve não apenas a digitalização de fontes, mas também o desenvolvimento de novas ferramentas para análise dessas fontes, pois é “[...] no que diz respeito à pesquisa histórica, a 'história digital' refere-se à natureza dos materiais nos quais baseamos nossa pesquisa, bem como às ferramentas que usamos para analisá-los a fim de atingir nossos objetivos analíticos”¹⁵. Sinalizando a adequação de um engajamento crítico com métodos e ferramentas digitais, destacando a importância de integrar essas tecnologias na prática historiográfica cotidiana, uma disciplina recomendada a ser integrada ao treinamento e à mentalidade dos historiadores contemporâneos, pois, no seu entendimento

[...] a pesquisa histórica e a escrita na era digital estão atualmente em um estado híbrido de fluxo e só podem avançar se envolverem criticamente com a forma como a prática histórica está mudando. A história digital, [...] é, portanto, em última análise, uma maneira de descrever as mudanças na prática histórica que devem se tornar parte integrante do treinamento e da mentalidade de todos os historiadores (Zaagsma, 2013, p. 29)¹⁶.

¹⁴ Texto no idioma original: "la historia digital desplaza el archivo del historiador de la biblioteca a la Web 2.0 para la historia, los historiadores y la enseñanza de la historia".

¹⁵ No idioma original "insofar as historical research is concerned, 'digital history' refers to the nature of the materials upon which we base our research as well as the tools we use to analyse them in order to achieve our analytical goals".

¹⁶ No idioma original "on the understanding that historical research and writing in the digital age are currently in a hybrid state of flux and can only advance by engaging critically with how historical practice is changing. Digital history as explored in this thematic issue is thus ultimately a way to describe changes in historical practice that should become part and parcel of every historian's training and mindset".

Noiret (2015) corrobora com o Zaagsma (2013) ao discutir a emergência da História Pública Digital, e enfatizar a importância de rever os métodos e códigos profissionais na era digital, pois tais transformações levantam novas questões epistemológicas e pressupõe dos historiadores o desenvolvimento de novas competências para lidar com o ambiente digital, observando que:

A história digital remodelou a documentação do historiador e os instrumentos usados para seu acesso, para armazená-la e tratá-la, sem que, todavia o uso crítico desses instrumentos – que não são assépticos na relação entre o historiador e as fontes digitais –, fossem devidamente questionados pelos historiadores, sobretudo em ambientes acadêmicos (Noiret, 2015, p. 29).

Assim, para Noiret (2015), a história digital requer a reescrita e reinterpretação dos métodos profissionais, além de dominar as práticas necessárias aos documentos digitalizados. Percebe-se por meio dessas análises que há um consenso entre Zaagsma (2013) e Melo Flórez (2011) de que a História Digital demanda uma reavaliação dos métodos tradicionais de pesquisa e narrativa.

De fato, Zaagsma (2013), Noiret (2015) e Chartier (2018) corroboram que, enquanto a digitalização oferece novas ferramentas e oportunidades para a pesquisa histórica, ela também impõe desafios significativos para a metodologia e a epistemologia da história. Assim, a História Digital, é uma nova forma de fazer história, e, também, uma reconfiguração fundamental da prática historiográfica, exigindo novas abordagens críticas e metodológicas.

Enquanto Azevedo, Araújo, Silva e Medeiros Neta (2020, p. 20) contextualizam a História Digital como “uma realidade que precisa ser considerada pelos pesquisadores e instituições”, o uso de seus instrumentos intrínsecos de pesquisa, como os repositórios digitais, convém seguir procedimentos críticos e rigorosos, não apenas coletas, visto que a presença de repositórios digitais ampliou o acesso, reconfigurando os modos como o historiador interage com os acervos.

Assim, assumir a História Digital como aporte teórico-metodológico nesta tese significa reconhecer que estamos diante de um campo híbrido, em que técnica, epistemologia e narrativa se entrelaçam. Não se trata de somente fazer uso de fontes digitais, mas de compreender como elas se constituem,

circulam e reconfiguram o olhar do historiador. É nesse ponto que esta pesquisa se insere: nas brechas entre o tradicional e o emergente, entre o papel e o dado, entre o gesto historiográfico e os algoritmos que o mediam.

2.3 Por entre rastros e reorganizações do tempo: as operações historiográficas na era digital

A memória humana, outrora registrada em pergaminhos e papiros, atravessou o tempo e se aninhou em folhas amareladas pelo toque do tempo, até que o digital a envolveu em códigos¹⁷ e pixels. Hoje, a História navega por mares de dados, onde os rastros digitais se misturam aos vestígios materiais do passado. Mas, o que são, afinal, essas fontes digitais que encantam e desafiam o historiador?

Fontes digitais e fontes digitalizadas não são meramente sinônimos; elas se distinguem em essência e origem. Nas fontes digitalizadas, convertidas para o digital, muitas vezes por meio de processos de escaneamento ou fotografia digital, necessitam de um suporte físico inicial. Por outro lado, nas fontes digitais a informação já emerge no ambiente digital, sendo preservada e acessada sem essa necessidade (Vidal, 2000; Raffani; Vidal, 2023).

Esta distinção não é meramente técnica, mas epistemológica. Como destaca Chartier (2002), "a materialidade do texto afeta a interpretação e o uso das fontes", e essa materialidade se transforma quando o texto migra para o ambiente digital. Enquanto as fontes digitais emergem já envoltas nas lógicas do hipertexto e da interatividade, as fontes digitalizadas carregam em si a memória de um passado material, visível nas marcas do papel, nas manchas de tinta e nas dobras do pergaminho. A relevância dessa materialidade e sua transformação no digital alinha-se à argumentação de Vidal (2000), que destaca a importância da materialidade original do livro e do documento para o entendimento das práticas pretéritas de leitura e escrita, as quais se perdem na mera cópia digital.

Certeau (1995) acrescenta que "o ato de ler é sempre um ato de interpretação", e essa interpretação se complexifica no ambiente digital, onde o leitor-navegador não apenas lê, mas também interage, busca, clica, acessa links

¹⁷ Ao referir-se a códigos faz analogia relacionada ao suporte na qual as fontes digitais estão dispostas (sites, repositórios e mecanismos de busca), onde sua estrutura é composta por linguagens de programação baseadas em códigos computacionais.

e constrói percursos próprios de investigação. Nesse sentido, trabalhar com fontes digitais e digitalizadas é lidar não apenas com documentos, mas com redes de sentidos e interpretações.

Contudo, o acesso a essas fontes digitais e digitalizadas não é isento de desafios. A autenticidade e a preservação das fontes digitais tornam-se questões cruciais, especialmente quando os documentos são constantemente replicados e modificados. Da mesma forma, as fontes digitalizadas podem perder informações contextuais valiosas, como a textura do papel, as anotações à margem ou as marcas de uso (Vidal, 2000; Raffani; Vidal, 2023).

Isto posto, estas questões de autenticidade e preservação no ambiente digital são um tema central para Vidal (2000), que há 25 anos, já debatia sobre as soluções para arquivos e bibliotecas investirem na digitalização e armazenamento de forma sustentável, como a atualização constante e a guarda de diferentes versões de hardware e software.

Ainda assim, o digital abre possibilidades imensas. As fontes digitalizadas permitem o acesso a documentos que antes estavam restritos a arquivos físicos, enquanto as fontes digitais expandem o campo da pesquisa histórica para além dos limites do que é fisicamente colecionável. Como observa Ginzburg (1989), o historiador é um “detetive” que segue rastros, e os rastros digitais são uma nova trilha que se abre, fragmentada, mas reveladora.

Na era digital, a operação historiográfica transcende o simples ato de registrar o passado, configurando-se como um gesto complexo que articula busca, seleção, interpretação e escrita. Diferente da tradição analógica, onde o historiador se debruçava sobre arquivos físicos e documentos tangíveis, o ambiente digital introduz novas camadas de acesso e manipulação das fontes. Como observa Certeau (1982), toda construção historiográfica é, em essência, uma reorganização do tempo.

No universo digital, essa reorganização se intensifica, pois os rastros históricos se multiplicam em forma de imagens escaneadas, documentos digitalizados, interfaces de acervos, conteúdos nativamente digitais e vestígios informacionais que circulam em bancos de dados, redes sociais e plataformas híbridas. Aqui, o historiador da educação não lida apenas com o conteúdo da fonte, mas com seu suporte, seu modo de acesso, seu fluxo e seu formato são elementos que participam da construção do sentido histórico.

Cabe ressaltar a reflexão de Vidal (2022) sobre como a materialidade da tela, a seleção de tipos gráficos, a disposição do texto e os próprios algoritmos de programação (a materialidade dos meios) atuam como dispositivos de contenção e de produção de sentido é necessária para entender como esses elementos participam da construção do sentido histórico.

Ao compreender as fontes digitais como objetos específicos, é necessário distinguir aquelas que são digitalizações de materiais originalmente analógicos, como jornais, fotografias, cartas, daquelas chamadas *born digital*¹⁸, que já nascem em ambiente digital, como e-mails, postagens em redes, sites institucionais e documentos gerados por plataformas.

Essa distinção, longe de ser meramente técnica, implica abordagens distintas na leitura e interpretação, uma vez que cada uma carrega em si modos particulares de produção, circulação e inscrição da memória. É nesse ponto que autores como Ginzburg (2002), com o paradigma indiciário, e Chartier (1994, 2018), com suas reflexões sobre materialidade e leitura, tornam-se fundamentais para pensar os efeitos dessa nova condição documental na escrita da história.

No paradigma indiciário apresentado por Ginzburg (2002) ultrapassa os limites da materialidade física de uma pegada no solo, visto que nos oferta uma epistemologia construída sobre a atenção ao fragmento, àquilo que, embora residual ou quase imperceptível, carrega vestígios de um acontecimento. Trazendo ao contexto digital, os rastros permanecem, ainda que transformados em códigos, metadados, registros de acesso e estruturas algorítmicas.

O paradigma indiciário de Ginzburg (1989, 2002), que enfatiza a atenção a fragmentos, vestígios sutis e detalhes aparentemente insignificantes para a reconstrução de uma realidade mais ampla, ganha, assim, uma nova dimensão ao ser transposto para o universo digital. As "pegadas" históricas persistem, mas sobre outros solos, transformadas em rastros digitais. Para o historiador digital, isso implica uma escuta sensível do detalhe e uma

¹⁸ Existem profundas diferenças entre os documentos nativos digitais e os digitalizados, a principal é a própria origem, em suporte físico, sua desmaterialização deste e a posterior rematerialização, enquanto os nascidos em meio eletrônico estão imbuídos de dados em sua essência. Para ter a compreensão macro deve-se saber qualquer documento digital, sejam estes nativos ou digitalizados, são compostos por conjunto de dados legíveis por máquinas dispostos em determinado ambiente informacional, assim o mesmo só representa-se a partir da dependência dos softwares e hardwares específicos para apresentá-los de maneira a serem compreendidos, diferente dos suportes tradicionais onde os documentos estão sempre "prontos" para serem utilizados (Borne, 2016; Vidal, 2022; Brasil; Nascimento, 2022).

reconstrução interpretativa do que se deixa ver apenas a quem sabe procurar, buscando "ver o que ela, também, esconde".

A aplicação específica a esses "rastros digitais" pode ser elaborada das seguintes formas: metadados, códigos e estruturas algorítmicas, interfaces e hipertextos e registros de acesso (logs). Os metadados, conforme aplicação dos preceitos de Ginzburg (1998,2002), podem ser considerados como os sinais marginais de um documento físico, quais são a qualidade do papel, o tipo de tinta, as anotações à margem, acatados como indícios valiosos. No ambiente digital, os metadados (dados sobre os próprios dados, como data de criação/modificação, autor, formato do arquivo, histórico de versões, palavras-chave de indexação etc.) assumem um papel análogo. São os "pequenos sinais" que podem revelar o contexto de produção e curadoria de uma fonte digital ou digitalizada. Por exemplo, ao analisar um boletim escolar digitalizado, um historiador digital não se limita ao seu conteúdo (notas e frequência); ele investiga os metadados para entender quando e por quem o documento foi digitalizado, qual o padrão de compressão, se houve verificação de integridade ou se há marcas d'água. Discrepâncias nessas informações podem indicar manipulação, negligência ou vieses no processo de digitalização, afetando a autenticidade e a credibilidade da fonte.

Enquanto os códigos e estruturas algorítmicas, pela perspectiva do paradigma indiciário são as estruturas subjacentes que moldam a realidade. No digital, isso se traduz na análise dos códigos e algoritmos que operam "por trás da tela". Esses elementos não são neutros; eles organizam informações, definem o que é visível e o que permanece oculto, e podem até reproduzir vieses sociais.

Werle (2000) já ressaltava que emerge uma "consciência crítica digital, capaz de avaliar não apenas o conteúdo das fontes, mas também os algoritmos e interfaces que mediam o acesso", o que sublinha um dos eixos de análise desta tese. Da mesma forma, Vidal (2022) destaca a "materialidade dos meios", referindo-se à "configuração da programação" e ao modo como os algoritmos definem "o que pode ser acessado, como é acessado e o que fica de fora". Essas lógicas de programação são os "indícios" ocultos que o historiador, à luz de Ginzburg (1989, 2002), pode decifrar para compreender as condições de existência e visibilidade da informação histórica digital.

Os registros de acesso (logs) são semelhantes às "pegadas" no solo, os registros de acesso e as interações com plataformas digitais (como contagem de acessos, downloads, compartilhamentos), enquadram-se como vestígios da recepção e circulação de documentos históricos digitais. Embora o artigo de Werle (2000) não explore diretamente os "logs" de acesso modernos, ela descreve como um "boletim eletrônico" pode ter sua origem em um banco de dados informatizado, gerando informações através de "filtros seletivos" que as organizam sinteticamente. Esses filtros e a capacidade de rastrear a origem da informação em um banco de dados são análogos aos registros que o historiador digital pode investigar, revelando padrões de uso ou manipulação de dados.

As interfaces e hipertextos tornam-se o formato como a informação vem apresentada digitalmente: o design de uma interface de repositório, a seleção de tipos gráficos, a disposição do texto e as conexões hipertextuais (constituindo como um "rastros digital" que demanda análise). Chartier (1994, 2018) enfatiza que a materialidade do texto e as "práticas de edição e diagramação" influenciam profundamente a leitura e a interpretação. No digital, a interface não é neutra, mas um dispositivo que guia a navegação e a percepção da fonte. Para o historiador indiciário, o design da página, a ordem dos links e a prioridade de certos conteúdos são "indícios" das escolhas feitas por curadores ou desenvolvedores, moldando a "experiência estética" e a "produção de sentido" da informação.

Em síntese, o paradigma indiciário de Ginzburg (1989,2002), conforme aplicado no contexto digital, convoca o historiador a ir além da mera leitura do conteúdo visível. As "pegadas" agora estão em códigos, metadados, algoritmos e interfaces, exigindo uma nova hermenêutica digital. O historiador se torna um curador crítico, atento às "condições de disponibilização, as escolhas envolvidas e os algoritmos que silenciam ou destacam determinadas informações", para desvendar as complexas camadas de mediação que reconfiguram a memória na era digital.

Estas "pegadas" persistem sobre outros solos: não mais impressas na lama ou no papel, mas inscritas em superfícies informacionais mutáveis. A investigação digital, tal como a indiciária, requer do historiador o mesmo gesto: o da escuta sensível do detalhe e da reconstrução interpretativa do que se deixa ver apenas a quem sabe procurar. Ginzburg (2002), assim, continua

indispensável, não por tratar especificamente de tecnologias informacionais, mas por ensinar a ver o que ela, também, esconde.

Tal sensibilidade diante da materialidade, agora digital, também é compartilhada por Raffani e Vidal (2023), que tem contribuído ativamente para os debates sobre as relações entre Humanidades Digitais, acervos históricos e cultura material escolar. Em sua leitura, o digital não apaga o físico, mas o reorganiza; a cultura material escolar migra, mas resiste. Para esta autora, é fundamental que o historiador da educação compreenda o digital como uma extensão das práticas documentais e não como ruptura absoluta.

Como Raffani e Vidal (2023) relatam em seu trabalho sobre a transformação digital que vivemos implica mais do que habilidades técnicas: ela impõe novos olhares, novas formas de construir fontes, de acessar arquivos e de narrar o que foi vivido, visto que “a tela plana, em vidro, fria e brilhante, tanto de smartphones quanto de tablets, assim como o teclado dos computadores pessoais nos levam a ter uma experiência tátil diferente da de outros artefatos construídos pelos seres humanos” (Raffani e Vidal, 2023, p. 237). Tais contribuições reforçam que, mesmo em tempos de plataformas e algoritmos, o historiador segue dependente de gestos interpretativos atentos às marcas, lacunas e deslocamentos que os documentos, sejam analógicos, digitais ou digitalizados, carregam em seus percursos.

Essa abordagem encontra ressonância no entendimento de que a História Digital não se opõe à tradição historiográfica, mas a amplia e tensiona. Quando a cultura digital se infiltra nos arquivos, nos modos de organização da memória e nos acessos ao passado, ela transforma os meios e, também, as formas de atuação, exigindo uma reconfiguração da escuta, da leitura e da narrativa por parte do historiador.

As fontes digitais¹⁹ não substituem as analógicas: elas as prolongam e, ao mesmo tempo, as reconfiguram. O historiador da educação contemporâneo é convocado a transpor os instrumentos clássicos de análise para as novas materialidades, compreendendo que os gestos de leitura, interpretação e

¹⁹ Para fins de clareza narrativa, utilizamos neste trabalho o termo “fontes digitais” como categoria abrangente, que inclui tanto os documentos digitalizados quanto aqueles nascidos digitais (*born digital*). Reconhece-se, no entanto, a distinção conceitual entre ambos, já explicitada anteriormente, sendo suas diferenças metodológicas devidamente consideradas ao longo da análise.

seleção de fontes continuam exigindo rigor, ainda que agora mediado por algoritmos, interfaces e bases de dados. Como indica Vidal (2022, p. 6), é preciso evitar duas falsas percepções recorrentes entre pesquisadores nos meios digitais: “que o arquivo digital é o registro completo da totalidade da informação e que as plataformas de busca dão acesso transparente e neutro à informação”. Nesse sentido, torna-se fundamental dominar ferramentas e investigar os próprios limites das massas documentais, seus silêncios estruturais e os critérios técnicos que organizam os resultados nas plataformas.

Vidal (2000) ainda reforçam para a "performatividade da materialidade digital", lembrando que a organização visual e funcional dos arquivos digitais, como design gráfico, estrutura de navegação, conexões entre objetos e disposição textual, molda a experiência investigativa e impacta diretamente as interpretações possíveis. Quando uma fonte é digitalizada, sua forma passa a integrar uma lógica de exibição e classificação determinada por sistemas técnicos, cujos filtros e seleções são moldados por valores institucionais, comerciais e sociotécnicos. Conforme reforçam Raffaini e Vidal (2023), a análise de um documento digitalizado demanda a compreensão das condições de sua disponibilização, as escolhas envolvidas e os algoritmos que silenciam ou destacam determinadas informações.

Essa atenção ao suporte e às práticas de leitura é ressonante com as ideias de Certeau (2011), para quem o fazer historiográfico está enraizado no "ser particular" do historiador, no entrelaçamento de sua formação com os lugares sociais, culturais e técnicos de onde opera. Para ele, “a operação histórica se refere à combinação de um lugar social, de práticas ‘científicas’ e de uma escrita”, sendo necessário um “despertar epistemológico” que supere o “sonambulismo teórico” preso a ideias de neutralidade e valores eternos. Nesse quadro, os meios digitais não são neutros nem imunes a disputas: afetam profundamente a maneira como se lê, escreve e interpreta a história.

É nesse ponto que a reflexão de Chartier (1998, p. 12-13) oferece lastro epistemológico essencial. Ao discutir as transformações nos modos de ler e escrever ao longo do tempo, o autor aponta que "a forma dos textos, a materialidade de sua inscrição, as técnicas e práticas de leitura foram, ao longo do tempo, variáveis decisivas na definição de seu uso e de seu sentido".

Na era digital, essa materialidade assume novas formas: softwares de reconhecimento de caracteres, imagens de alta resolução, camadas de metadados e hipertextos que requerem outro repertório técnico e outra escuta historiográfica. Como o próprio autor reforça: “a leitura é sempre uma operação ativa que transforma o que é lido” (Chartier, 1994, p. 11-12). Fundamenta-se em Certeau (2011), no qual o fazer historiográfico está conectado ao “ser particular” do historiador, em que as ideias se conectam aos lugares de produção, sejam sociais, econômicos, culturais etc. Afinal, “a operação histórica se refere a combinação de um lugar social, de práticas “científicas” e de uma escrita”, tal processo faz-se necessário o “despertar epistemológico”, em contraponto ao “sonambulismo teórico” em que reinam apologias aos ditos “valores eternos”²⁰; pois, os meios digitais afetam as formas de leitura, escrita e pesquisa.

Sobre os usos da escrita da história no contexto das transformações dos suportes, como a transição do analógico para o digital (do rolo ao códex, do códex à tela) altera os protocolos e as práticas de leitura de tais obras, o ofício do historiador emerge, conforme Bezerra (2023, não paginado), aduz que

[...] não é aquele que meramente faz uma análise de conteúdo dos textos escritos – procedimento já realizado e normatizado por outras abordagens de pesquisa – mas é também um estudioso dos conteúdos veiculados nas e pelas formas gráfico-materiais que, em cada momento histórico, compõem esses textos e lhes asseguram inteligibilidade.

Diante disso, é basilar que o pesquisador informe com precisão os caminhos percorridos durante a investigação digital: termos, filtros, recortes e estratégias utilizadas nas plataformas, assim como as limitações encontradas. Como ressaltam autores como Brasil (2022), Clavert e Fickers (2021) e Veloso (2022), os algoritmos de busca, muitas vezes invisíveis ao usuário, organizam os resultados com base em lógicas comerciais, personalização por perfil de navegação e mecanismos que podem reproduzir vieses estruturais. Nenhum ambiente digital é neutro; todos estão atravessados por mediações técnicas, humanas e ideológicas.

²⁰ Certeau (2011) em sua obra, “A escrita da história”, faz duras críticas a grupos de pesquisadores que, segundo ele, “travestidos de historiadores”, consideravam possível a realizar de maneira autônoma as questões de ordem ideológica, visto que, julgavam-se um grupo isolável da sociedade, mascarando uma certa uniformidade ao custo do silenciamento das diversas pluralidades existentes.

Já Vidal (2000) aponta caminhos possíveis para (re)pensar o trabalho do historiador educacional com a História Digital reforçando a demanda do rigor metodológico nas pesquisas digitais. Apontam-se as modificações do suporte e transposição dos métodos do elemento analógico para o digital como necessárias medidas a serem garantias ao rigor das pesquisas científicas aos trabalhos embasados em fontes históricas digitais.

Chartier (1998) denota em seus escritos sobre a necessária análise de como os documentos, livros, textos são produzidos e circulam, independentemente de seu formato, por exemplo, em "A Aventura do Livro: do leitor ao navegador", explora como as mudanças na tecnologia de impressão e na forma física dos livros afetaram a leitura e a interpretação dos textos:

As transformações dos modos de ler e de escrever têm suas raízes nas mudanças tecnológicas que modificam a materialidade dos textos e os gestos da leitura. A forma dos textos, a materialidade de sua inscrição, as técnicas e práticas de leitura foram, ao longo do tempo, variáveis decisivas na definição de seu uso e de seu sentido. Analisar a materialidade dos textos é, assim, fundamental para compreender as práticas culturais e as mudanças sociais que moldam a recepção e a interpretação dos textos (Chartier, 1998, p. 12-13).

Na era digital, o conceito de materialidade aplicado aos textos assume novas formas, visto que a digitalização de manuscritos e impressos históricos permitiram analisar, além de preservar, vários aspectos materiais e conceituais dos itens. A existência e uso de ferramentas de digitalização em alta resolução e de softwares de reconhecimento de caracteres que podem capturar diversos detalhes, como textura do papel, manchas, tipografia e anotações marginais, mantendo a integridade material dos textos originais ao tempo que os disponibiliza para análise de usuários humanos e/ou inteligências artificiais. Dessa forma, ainda segundo Chartier (1994, p. 11-12)

A leitura é sempre uma operação ativa que transforma o que é lido. Os leitores, com suas expectativas, suas competências e suas práticas, apropriam-se dos textos que leem, e, nesse processo, produzem sentidos novos e diferentes. A forma como os textos são fisicamente apresentados aos leitores influencia profundamente a maneira como esses textos são lidos e entendidos. A materialidade do texto é, portanto, um elemento crucial na construção de seu significado.

Como reforçado pelo autor acima citado a forma como os leitores interpretam os textos dependem de sua apresentação material, elemento essencial para a construção cognitiva de seu significado. Em meios a estas transformações nas práticas de leitura, nos suportes e nas ferramentas de busca,

o historiador da educação é convocado a repensar não apenas os modos de acesso às fontes, mas os próprios gestos de interpretação e escrita histórica.

O digital, enquanto campo de atuação, reorganiza o tempo, o espaço e os critérios de visibilidade do documento, impondo novas formas de atenção, escuta e mediação. Ao incorporar tais mudanças ao seu fazer investigativo, o pesquisador não abandona os fundamentos clássicos da historiografia, mas os reinscreve em um novo terreno de circulação e produção do saber histórico.

Logo, a História Digital não representa apenas uma atualização técnica, mas uma ampliação dos horizontes metodológicos e epistemológicos da História da Educação, ecoando a demanda, apontada por Vidal (2022) e Raffani e Vidal (2023), de sensibilizar historiadores para as inquietações que derivam das novas materialidades, tramando práticas já assentadas do exercício historiográfico aos fazeres emergentes.

Partindo desse enquadramento que se torna necessário observar de que modo as fontes digitais, digitalizadas ou nascidas digitais, vêm sendo mobilizadas nas produções acadêmicas do campo, revelando tanto suas potencialidades quanto os silêncios ainda em curso.

2.4 Entre as máquinas de microfilme e o brilho das telas: as fontes digitais e a pesquisa em História da Educação

A crescente presença de acervos digitais, plataformas de busca, bancos de dados online e repositórios institucionais transformou profundamente as condições de produção, acesso e circulação das fontes históricas. Nesse cenário, o historiador da educação não se depara apenas com novos suportes documentais, mas com um ambiente epistemológico reconfigurado, demandando habilidades específicas para ler, interpretar e contextualizar vestígios históricos mediados por estruturas digitais.

Para considerar as reconfigurações da prática historiográfica na era digital, é necessário voltar olhares para os modos como as fontes vêm sendo mobilizadas no campo da História da Educação. O que antes demandava presença física em arquivos e acervos localizados, hoje se apresenta em múltiplas formas de acesso remoto, plataformas colaborativas e bases de dados estruturadas digitalmente. Essa ampliação dos suportes e canais de preservação, circulação e interpretação documental não representa apenas uma

mudança de formato, mas instaura novas condições de visibilidade e disponibilidade das fontes.

Nesta subseção, busca-se compreender como esses recursos vêm sendo acionados na produção acadêmica da área, explorando diferentes experiências de uso de tecnologias digitais no processo da pesquisa em História da Educação, com destaque para aquelas que contribuem para a democratização do acesso ao conhecimento, para a conservação da memória educacional e para a criação de novas possibilidades interpretativas.

No contexto da História da Educação, as tecnologias digitais surgem como um elemento fundamental para a democratização do conhecimento. A criação de bases de dados digitais, como discutido por Alves, Marques e Nascimento (2021) facilita o acesso a documentos históricos, permitindo uma análise mais ampla e detalhada de fontes que antes estavam restritas a arquivos físicos específicos. Essa democratização é evidente na criação da "Base de Dados da História da Educação Protestante", que visa disponibilizar impressos do século XIX que circularam no Brasil, ilustrando a influência de instituições protestantes na educação brasileira.

O estudo sobre a criação desta Base de Dados da História da Educação Protestante no Brasil, conforme delineado no estudo de Alves e Nascimento (2018), insere-se em um contexto mais amplo de interesse pela História Digital da Educação reflete uma tendência crescente no campo de utilizar tecnologias digitais para acessar, analisar e disseminar fontes históricas.

Esta iniciativa de digitalizar e tornar acessíveis documentos relacionados à educação protestante no Brasil do século XIX é um esforço significativo para preservar e explorar um nicho específico dentro do vasto campo da história educacional brasileira. Além disso, proporciona um modelo valioso para outras pesquisas que buscam entender o impacto de diferentes movimentos religiosos, culturais e educacionais através do tempo.

É certo que, o uso de tecnologias na educação, no entanto, não é um fenômeno novo como demonstrado nas pesquisas de Ribeiro, Alencar e Vieira (2017), Costa (2018), Gregório e Costa (2018), Andrade (2020), Cunha (2020) e Alves, Marques e Nascimento (2021). Essas pesquisas evidenciam que a integração de tecnologias na educação se estende desde as práticas de leitura

e escrita com ferramentas tradicionais, como penas metálicas e lousas, até as mais modernas, como plataformas digitais e recursos audiovisuais.

As contribuições como de Alves, Marques e Nascimento (2021), Andrade (2020), Costa (2018) vêm ampliando a reflexão sobre o impacto das tecnologias digitais no campo da História da Educação, revelando tanto o potencial dessas ferramentas para ampliar o acesso às fontes quanto suas implicações na construção da narrativa histórica. Alves, Marques e Nascimento (2021) destacam o papel das bases de dados digitais como estratégias de preservação e democratização da memória educacional, ressaltando sua importância para o ensino e a pesquisa em história. Para Andrade (2020), a digitalização de documentos constitui um meio essencial para assegurar a longevidade dos registros, e para fomentar investigações mais profundas e diversificadas. Nesse mesmo movimento, Costa (2018) analisa como as tecnologias digitais afetam a experiência do tempo e a atuação de historiadores e professores, sugerindo que essas ferramentas conservam o passado e reformulam os modos de compreendê-lo e ensiná-lo.

A discussão se expande mais quando Cunha (2020) investiga a passagem das fontes escolares do formato manuscrito para o digital, interpretando esse deslocamento como uma reconfiguração do olhar historiográfico sobre a educação brasileira. Em articulação com essa abordagem, Gregório e Costa (2018) exploram as possibilidades abertas pela História Digital para a pesquisa em História da Educação Matemática, demonstrando como os recursos digitais favorecem o desenvolvimento de novos métodos e objetos de estudo.

Por outro lado, Ribeiro, Alencar e Vieira (2017) oferecem uma perspectiva histórica sobre as tecnologias educacionais, mapeando desde as ferramentas rudimentares até os recursos contemporâneos e refletindo sobre sua incorporação nos ambientes escolares ao longo do tempo. Werle (2000) argumenta que as tecnologias digitais reconfiguram profundamente a prática historiográfica, pois impactam a própria natureza dos documentos e a concepção de arquivos. Ela observa que, na era digital, os documentos (como os escolares) transformam-se de registros outrora únicos e artesanais em informações que podem ser facilmente padronizadas e maleáveis.

A autora Werle (2000) ainda destaca que o acesso digital, ao mesmo tempo que amplia as possibilidades de pesquisa e promove a interconexão de informações, pressupõe do pesquisador uma nova postura. O historiador, mais do que um mero leitor de fontes, torna-se alguém que demanda decifrar novos códigos e navegar por uma "escola" que se esvai como lugar físico, acessível agora em um espaço eletrônico. Essa ampliação do acesso, contudo, não dispensa a demanda de uma crítica documental rigorosa, pois as fontes digitais, por sua imensa maleabilidade e natureza fugaz, podem ser manipuladas, descontextualizadas e reinterpretadas.

Werle (2000) adverte que o ambiente digital não é neutro; as plataformas organizam as informações com base em algoritmos, filtros e interfaces que definem o que é visível e o que é oculto. Desse modo, ao pesquisador orienta-se desenvolver uma consciência crítica digital, capaz de avaliar o conteúdo das fontes e, também, os algoritmos e interfaces que mediam o acesso.

Desse modo, no ambiente digital, o historiador da educação não apenas lê documentos, mas interpreta interfaces, questiona filtros de busca e avalia algoritmos que organizam o acesso às fontes. A crítica documental, nesse contexto, não se limita ao conteúdo textual, se estende à arquitetura da informação, aos metadados e aos critérios de curadoria digital. Nesse sentido, a navegação digital não é uma prática passiva, é uma prática crítica, onde o historiador é chamado a questionar continuamente o que vê, como vê e por que vê. Como assinala Gondra (2000, p. 15), "As tecnologias digitais não são neutras; elas carregam em si as marcas culturais e políticas de seus contextos de produção". O historiador, portanto, é um usuário de ferramentas digitais e um agente crítico que convém compreender os limites e possibilidades desses meios.

Vidal (2000), no capítulo intitulado "Fim do Mundo do Fim", o processo de preservação digital não é neutro, está imerso em disputas de poder e em critérios culturais. Na era digital, o acesso ampliado às informações muitas vezes cria uma ilusão de permanência e completude, onde a existência de uma cópia digital é interpretada como garantia de preservação. No entanto, como adverte a autora, "o fato de um documento estar disponível digitalmente não significa que ele estará acessível para sempre" (Vidal, 2000, p. 36).

Esse indicativo é fundamental para o historiador da educação, pois destaca que a preservação digital é um processo contínuo, que depende de políticas claras e recursos adequados. Não basta digitalizar; é necessário garantir que os documentos digitalizados sejam mantidos em condições de acesso e que estejam contextualizados de maneira adequada. “Não é suficiente digitalizar; é necessário avaliar continuamente o valor e a relevância dos documentos” (Vidal, 2000, p. 40).

Outro ponto central discutido por Vidal (2000) é o conceito de "fetichismo do digital", em que a digitalização é vista como um fim em si mesma, ignorando a demanda de critérios críticos para a seleção e descarte de documentos. Para a autora, a preservação digital é adequada de ser acompanhada por uma reflexão crítica sobre o que será preservado e por quê. “A preservação é uma prática cultural e política, que envolve decisões sobre o que será mantido e o que será eliminado” (Vidal, 2000, p. 42).

Essa visão crítica sobre o descarte documental conecta-se diretamente à prática historiográfica digital, em que o historiador não apenas é um leitor de fontes, é um curador, um mediador entre o passado e o presente. No ambiente digital, a curadoria documental se expande para incluir a organização das fontes e a avaliação de sua autenticidade, relevância e valor histórico.

Vidal (2000) ao concluir que o historiador busque desenvolver uma postura crítica diante da memória digital, compreendendo que a digitalização não é uma solução definitiva, mas uma prática em constante transformação. A preservação digital não se resume a uma questão técnica, mas constitui uma escolha cultural e política que define o que será lembrado e o que será esquecido. Esse entendimento é fundamental para que o historiador da educação compreenda que, ao lidar com acervos digitais, ele não está apenas navegando em informações, mas participando ativamente da construção da memória histórica.

Esses estudos, embora distintos em foco e abordagem, convergem ao evidenciar que a presença das tecnologias, sejam elas analógicas ou digitais, tem moldado continuamente as práticas e as formas de registrar, preservar e investigar a história da educação. De fato, a História Digital desloca o historiador da biblioteca tradicional para a web 2.0, exigindo novas competências

interpretativas, inclusive no que diz respeito à avaliação da autenticidade, da autoria e da estrutura hipertextual das fontes digitais. Onde o historiador demanda aprender a decifrar os metadados, os padrões de indexação e os sistemas de busca, elementos que participam da construção do sentido (Melo Flórez, 2011). Mesmo com a mudança dos suportes, permanece o compromisso com a construção de sentidos históricos, com o aprofundamento dos processos de ensino-aprendizagem e com a ampliação do acesso ao conhecimento. A História Digital, nesse contexto, desponta como um campo em expansão, como uma lente que ressignifica os modos de se aproximar das fontes, de interpretá-las e de reinscrevê-las no presente.

Esse cuidado já aparece em parte da produção acadêmica identificada na seção 1.4 desta pesquisa. Gomes (2007), por exemplo, chama a atenção para os riscos de tomar os documentos digitais como “reproduções fiéis” do passado, sem considerar as transformações operadas pelo processo de digitalização. Monteiro e Abreu (2018) reforçam que o contexto histórico da produção das fontes procure acompanhar sua leitura, mesmo e especialmente quando acessadas digitalmente. A ausência de uma abordagem crítica pode perpetuar vieses historiográficos, naturalizando apagamentos e silenciamentos estruturais. Esse indicativo ganha força quando se considera o uso crescente de repositórios com mecanismos automatizados de classificação, como é o caso das bibliotecas digitais de teses e dissertações (Tavares e Stumpf, 2011).

Outras perspectivas e avanços de estudos vêm se desenvolvendo acerca das análises das fontes históricas digitais para a História da Educação, seja em repositórios, seja em todas as fontes que vêm se apresentando nos meios digitais, como redes sociais digitais, Big Datas²¹, jornais exclusivos em meios digitais e suas mais diversificadas formas de interações (comentários, compartilhamentos, reações, dentre outros), para uma construção coletiva de memórias, realidades e comunidades, configurando novas práticas de produção,

²¹ *Big Data*, segundo o Google Cloud, pode ser definido de forma simples como: conjuntos muito grandes e diversificados de dados, estruturados, não estruturados ou semiestruturados, que crescem muito rápido ao longo do tempo, e que são tão volumosos, velozes ou variados que os sistemas tradicionais de gerenciamento de dados não conseguem armazená-los, processá-los ou analisá-los eficientemente. Alguns características chave dessa definição: volume alto de dados; velocidade de geração, processamento e análise dos dados. Google Cloud variedade de tipos e fontes de dados (textos, sensores, imagens, áudio etc.).

GOOGLE CLOUD. Definição de Big Data: exemplos e benefícios. Disponível em: <https://cloud.google.com/learn/what-is-big-data?hl=pt-BR>. Acesso em: 11 set. 2025.

circulação e disputa de sentidos históricos. Dessa forma, abrem-se oportunidades de pesquisa e desenvolvimento de técnicas como os referentes à hermenêutica digital aplicada a História Digital da Educação, que terão continuidade e aprofundamento nesta pesquisa.

Em linhas gerais, o acesso a fontes digitais democratiza o conhecimento, mas também impõe responsabilidades ao pesquisador. A pluralidade de fontes e suportes demanda, portanto, novas competências por parte dos pesquisadores da História da Educação, habilidades que ultrapassam o domínio técnico e alcançam o terreno epistemológico. É preciso desenvolver um olhar crítico que permita distinguir entre fontes autênticas e manipuladas, entre informações verificáveis e dados efêmeros.

Como observa Ginzburg (1989), o historiador é “detetive” e busque seguir indícios e rastros, sendo os rastros digitais amplos e fragmentados. Essa responsabilidade do pesquisador em distinguir entre o útil e o perigoso, o autêntico e o manipulado, ecoa a preocupação de Vidal (2000) com a escolha das leituras e a crítica às propostas que acenam para o descarte do original em favor da cópia digital, questionando a preservação do patrimônio cultural.

Dessa forma, os desafios de trabalhar com fontes digitais incluem lidar com: (a) autenticidade: como garantir que uma fonte digital não foi alterada? (b) preservação: como garantir que as fontes digitais serão mantidas ao longo do tempo? (c) contextualização: como interpretar uma fonte digital sem o contexto físico do documento original? Ainda assim, as possibilidades são vastas. As fontes digitalizadas permitem o acesso a documentos históricos de difícil acesso físico, enquanto as fontes digitais ampliam o campo da pesquisa para além dos limites materiais, permitindo análises interdisciplinares, mineração de textos e visualização de dados.

A discussão teórica desenvolvida nesta seção converge, portanto, na compreensão de que a transição para o ambiente digital configura um novo quadro de exigências metodológicas ao historiador da educação. Tais exigências, como apontam Vidal (2000), Werle (2000) e Zaagsma (2013), evidenciam a centralidade de um rigor crítico na análise de fontes, que vai além da mera coleta para questionar a autenticidade, a proveniência e a contextualização.

Igualmente fundamental é a compreensão da mediação algorítmica, reconhecendo que plataformas, interfaces e sistemas de busca não são neutros, organizam a informação e produzem sentidos com base em lógicas próprias. Como salientam Vidal (2022), Noiret (2015) e Nascimento (2016), a "materialidade dos meios" e as "lógicas de programação" configuram o que pode ser acessado e como é acessado. Essa compreensão é crucial para desvendar as complexas camadas de mediação que reconfiguram a memória na era digital.

Tais exigências, que envolvem um novo letramento digital historiográfico, serão exploradas com mais profundidade na seção 4, ao discutirmos como as teses e dissertações dos três Programas de Pós-Graduação em Educação da região Nordeste, que têm a linha de História da Educação, vêm acionando as fontes digitais e digitalizadas em suas pesquisas.

3 LINHAS QUE CONECTAM: A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO DO NORDESTE

*"As práticas cotidianas
não são meramente pano de fundo,
mas estão no cerne da constituição do social"
Certeau (2006).*

Entre os vestígios deixados pelo tempo e os ecos das memórias acadêmicas da pós-graduação, esta seção desvela os caminhos trilhados pelos Programas de Pós-Graduação (PPGs) em Educação²² na região Nordeste do Brasil. Como fios que se entrelaçam em uma trama histórica, estes programas surgem, crescem e se expandem, carregando consigo narrativas de saberes e desafios, de políticas públicas e de sonhos transformados em artigos, projetos de pesquisa e produções que relatam e transformam vivências.

Nesta seção nosso objetivo transpassa pelos percursos da formação e consolidação desses programas, compreendendo como se estruturaram, quais trilhas desbravaram e de que maneira contribuíram para a História da Educação. O marco temporal que orienta esta análise estende-se de 2006 a 2023, período escolhido em razão de um ponto de inflexão: a Portaria CAPES nº 13/2006, que tornou obrigatória a disponibilização digital de teses e dissertações, forjando novas trilhas para o acesso ao conhecimento e instituindo uma era em que o digital e o digitalizado se tornaram parte essencial do fazer acadêmico.

A pertinência deste estudo de mapeamento se insere no esforço contínuo de recensear a produção do campo e refinar os modos de fazer história da educação no Brasil, conforme proposto por Gondra (2005). O livro "A Pesquisa em História da Educação no Brasil", que consolida balanços regionais, estabeleceu que os Programas de Pós-Graduação são os "espaços de fazer" onde a historiografia é produzida de forma sistemática (Gondra, 2005). Nesta obra, inventário da Região Nordeste se estendeu até 2003, desta forma, o presente trabalho, ao focar nos PPGs nordestinos no período de 2006 a 2023, cumpre o duplo papel de atualizar e verticalizar o mapeamento regional,

²² Devido à variação nas siglas utilizadas por diferentes instituições para designar os Programas de Pós-Graduação em Educação (como PPGE e PPGED), optou-se neste trabalho por normalizar a abreviação para PPGs em Educação. Esta padronização visa assegurar a consistência terminológica e a neutralidade, evitando privilegiar a forma específica adotada por qualquer programa.

permitindo a perceber as singularidades das regiões, estados e programa de pós-graduações, ao mesmo tempo em que insere o novo debate sobre as fontes digitais.

A escolha da região Nordeste também se justifica por sua riqueza histórica e cultural, um território onde a educação sempre foi campo de disputas, resistências e reinvenções (Albuquerque Júnior, 2018). A relevância do estudo da produção acadêmica local se insere na necessidade de descentrar a historiografia da educação brasileira, que, por vezes, concentra-se excessivamente nas realidades do Sul e Sudeste.

O estudo da produção acadêmica local se insere no imperativo de se repensar as fronteiras da historiografia da educação brasileira, que tradicionalmente se concentrou em outros eixos regionais. Carvalho (1997) já questionava essa delimitação, argumentando que a própria historiografia "põe em cena a necessidade de historicizar a linguagem das fontes e das ferramentas conceituais do trabalho historiográfico. Não estaria de algum modo posta aí a questão das fronteiras da investigação historiográfica no campo da educação?" (Carvalho, 1997, p. 11).

O presente trabalho, ao focar nos PPGs do Nordeste, contribui para alargar essas fronteiras, conferindo visibilidade à produção de conhecimento gerada em realidades específicas. Em meio a essa diversidade, os PPGs em Educação emergem como espaços vitais de produção e circulação de ideias, em que docentes e discentes se encontram para construir saberes que dialogam com o passado, interpretam o presente e projetam o futuro.

Para nortear esta travessia, essa seção está estruturada em quatro subseções entrelaçadas. Na primeira intitulada "Tecendo os métodos: critérios da coleta dos dados sobre os PPGs em Educação" apresenta-se os métodos que orientaram o levantamento das informações, para reconstituir dados como a identificação e história dos programas, suas linhas de pesquisa e pesquisadores vinculados.

Logo após em "Desbravando caminhos: a História dos Programas de Pós-Graduação em Educação do Nordeste", que traça o surgimento e a expansão dos PPGs em Educação na região Nordeste, com atenção para os marcos históricos que impulsionaram sua criação. São mapeadas as políticas

públicas que favoreceram a expansão da pós-graduação e as iniciativas pioneiras que lançaram as bases para o desenvolvimento educacional.

Posteriormente em “Caminhando nas trilhas de pesquisa: linhas e temáticas dos PPGs em Educação da Região Nordeste”, o foco se volta para as rotas de investigação que os programas percorrem. Explora-se as linhas de pesquisa que norteiam suas produções, com destaque para aquelas que se dedicam ao campo da História da Educação. Aqui estabelece-se a concentração da análise nos programas da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Universidade Federal do Piauí (UFPI) e Universidade Federal de Sergipe (UFS).

Por fim, em “Mapeando o conhecimento: considerações sobre os Programas de Pós-Graduação do Nordeste”, destaca-se as conquistas e os obstáculos enfrentados pelos PPGs, reflete-se sobre o impacto das políticas públicas, a diversidade das linhas de pesquisa e o papel fundamental das fontes digitais e digitalizadas.

Ao longo desta seção, o leitor é convidado a caminhar por estradas pavimentadas por ideias, pesquisas e descobertas. Em cada linha, título, tese e dissertação revela-se o esforço de pesquisadores que, entre desafios e conquistas, deixaram marcas que ecoam na História da Educação.

3.1 Tecendo os métodos: critérios da coleta dos dados sobre os PPGs em Educação

Com foco em desvendar os meandros dos Programas de Pós-Graduação em Educação no Nordeste, não bastava apenas seguir os rastros já traçados; era preciso construir um mapa próprio, um caminho meticuloso em que cada escolha metodológica se tornasse um guia. Assim, revelam-se os caminhos que orientaram a coleta dos dados: as fontes a serem exploradas. Mais que uma descrição técnica, este percurso metodológico reflete passos fundamentais, com intuito de compreender não apenas a existência dos PPGs em Educação, mas as suas produções, suas convergências e divergências, suas vozes e silêncios. Aqui, o método não é apenas um meio, mas uma janela que se abre para ver além do que os dados aparentam.

Para mapear quais programas de pós-graduação em educação da Região Nordeste que incluem a História da Educação, foi necessário inicialmente recorrer ao site da GeoCapes e da Plataforma Sucupira, para entender a história

da pós-graduação nesta região, bem como identificar os programas existentes e suas respectivas linhas de pesquisa.

No site GeoCapes os dados foram filtrados nas seguintes etapas: (1) selecionando o indicador denominado “Distribuição de programas de pós-graduação no Brasil”, (2) indicando o ano de 2022²³; (3) assinalando a aba “Visão Geográfica” (4) designando na aba “Visão Analítica”; (5) escolhendo o filtro por “Área Avaliação”; e após apresentar-se a listagem (6) destacando o campo “Educação”. Após atribuição dessas designações recuperou-se as informações dos referidos programas²⁴, sendo disponibilizada a opção de download dos dados em formato “.xlsx”. De posse de tais elementos, foi realizada a triagem por meio de filtros para exclusão de outras regiões através do programa Microsoft Excel sendo extraídos os dados pertinentes para análise desta pesquisa.

De posse dos dados da GeoCapes, elencou-se os programas compreendidos nos critérios de inclusão, sendo analisados conforme as seguintes fontes: (a) os sites das universidades relacionadas, fontes históricas digitais basilares para construção do referencial historiográfico; e (b) o Sistema Nacional de Pós-Graduação (SNPG) para compilação de informações estatísticas sobre os programas de pós-graduação e seus produtos acadêmicos.

Outra sistema governamental consultado para coleta de dados foi a Plataforma Sucupira, ferramenta auxiliar para integralização e recolhimento de dados do SNPG, que tem seu nome em homenagem ao professor Newton Sucupira, autor do Parecer nº 977 de 1965 que institucionalizou a pós-graduação no Brasil na forma como a conhecemos. Este instrumento foi idealizado em uma parceria da Capes e a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, com o objetivo de desenvolver um sistema destinado à coleta de dados dos programas de pós-graduação em tempo real, traçando assim procedimentos padrões para avaliação, transparência e divulgação à comunidade acadêmica.

A plataforma Sucupira lançada oficialmente em 2014, foi criada para consolidar e modernizar os sistemas de acompanhamento e avaliação dos programas de pós-graduação stricto sensu (mestrado e doutorado) no Brasil,

²³ Data mais avançada que o sistema GeoCapes oferta as informações estatísticas quando realizada a pesquisa, o site indicava última atualização em: 21.08.23.

²⁴ O Geocapes oferta os seguintes dados sobre os Programas de Pós-graduação: Ano, UF, Município, Região, Sigla, Status Jurídico, Código Programa, Nome programa, Área Avaliação, Descrição Área, Grande Área, Grau, Conceito.

permitindo a submissão de informações acadêmicas pelos programas de pós-graduação, a avaliação por parte da CAPES e o acesso público às informações sobre produção científica, acadêmica e técnica do país.

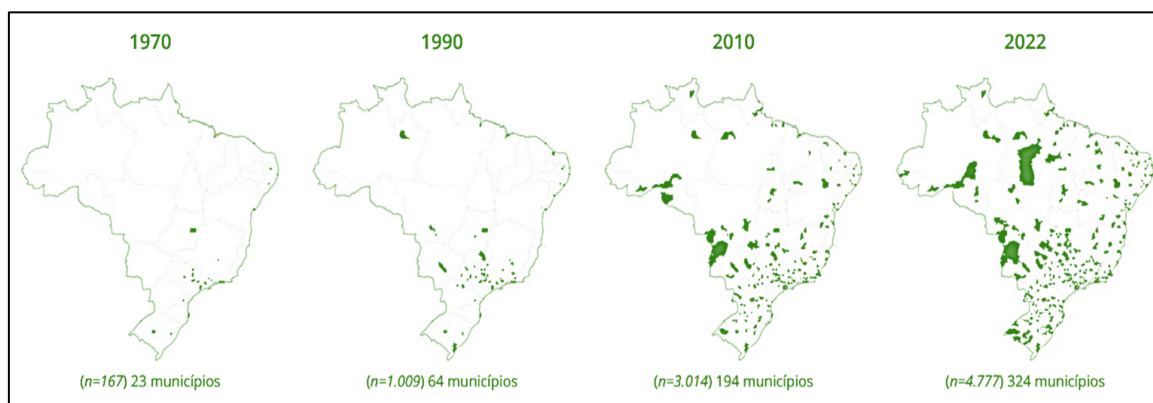
A plataforma Sucupira é parte de um esforço maior para democratizar o acesso à informação educacional e promover a transparência nas atividades acadêmicas. Reflete a valorização crescente da educação e da pesquisa científica no Brasil, assim como o compromisso com a melhoria contínua da qualidade acadêmica. A plataforma é essencial para o fortalecimento das políticas de educação e para a formação de uma base de dados robusta, um recurso basilar para historiadores da educação e outros pesquisadores.

3.2 Desbravando caminhos: a História dos Programas de Pós-Graduação em Educação do Nordeste

Os programas de pós-graduação *stricto sensu* em educação são aqueles que oferecem cursos de mestrado e doutorado na área de educação, visando à formação de pesquisadores, professores e profissionais qualificados para o desenvolvimento educacional e regional. Esses programas são regulados e avaliados pela CAPES, que é o órgão responsável pela coordenação e aperfeiçoamento do sistema nacional de pós-graduação.

Conforme podemos visualizar na Figura 6, a evolução do alcance da pós-graduação *stricto sensu* no Brasil, que em pouco mais de sete décadas foi estruturada através de políticas públicas específicas e criação de um Sistema Nacional de Pós-Graduação (SNPG), aferido por periódicas avaliações de qualidade, o “que favoreceu a formação de mestres e doutores associada ao desenvolvimento da ciência, tecnologia e inovação, no ambiente dos programas de pós-graduação” (Capes, 2024).

Figura 5 - Evolução do alcance da pós-graduação *stricto sensu* no território nacional: programas de pós-graduação *stricto sensu* por município, em quatro recortes



Fonte: Plataforma Sucupira (Capes), 2024.

Historicamente, os programas de pós-graduação surgiram da demanda em atender demandas do mercado de trabalho por pesquisadores qualificados. Com a expansão universitária, estimulada pela criação, em 1951, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que foi balizada pelo Parecer n. 977/65, o governo federal demonstrava seu interesse na formação qualificada de uma comunidade científica, passando a regulamentar a pós-graduação do país, e marcando a implementação destes cursos, a sua normalização e o controle governamental (Neuenfeldt e Isaia, 2008). Outro marco nacional para o desenvolvimento político dos programas de formação *stricto sensu*, foi a criação do Conselho Nacional de Pós-Graduação em 1974, executando os seis Planos Nacionais de Pós-graduação (PNPG), que, conforme Neuenfeldt e Isaia (2008) aduzem, propiciaram o avanço em diversos aspectos na área. No Quadro 2, são apresentadas estas seis etapas em linhas gerais.

Quadro 2 - Planos Nacionais de Pós-Graduação por período e demandas

I PNPG	1975 a 1979	aborda a expansão dos PPG de com planejamento governamental;
II PNPG	1982 a 1985	versa sobre a necessária busca pela qualidade na oferta dos programas;
III PNPG	1986 a 1989	discorre sobre a necessidade de aplicações de pesquisas científicas e tecnológicas;
IV PNPG	1990 a 2004	trata sobre as disparidades regionais existentes entre os cursos;
V PNPG	2005 a 2010	explana a situação na qual se encontra a pós-graduação no país;
VI PNPG	2011 a 2020	inovação e pesquisa, avaliação qualitativa da pós-graduação, cooperação interinstitucional consórcios multidisciplinares, internacionalização.

Fonte: Elaboração própria com dados da Plataforma Sucupira (Capes), 2024.

Na área da Educação, as iniciativas pioneiras de programas de pós-graduação surgem com a PUC-RJ em 1965 e com a PUC-SP, na área de Psicologia Educacional, em 1969. Em 1970, ainda marcado pelo mesmo pioneirismo da PUC-RJ e da PUC-SP, surge o programa de Mestrado em Currículo na Universidade Federal de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, por meio de um convênio celebrado com a Organização dos Estados Americanos, que resultou a instituição Interamericana de Educação e acabou por receber, em seu mestrado, vários alunos dos países da América Latina (Saviani, 2001).

Mas, segundo Saviani (2001), a fase de implantação desses programas atinge o seu ápice dois anos depois, no início da década. Em 1971 surgiram os programas da Universidade de São Paulo, da Universidade Federal Fluminense, o mestrado em Filosofia da Educação da PUC-SP e o programa de pós-graduação do Instituto de Estudos Avançados em Educação (IESAE) da Fundação Getúlio Vargas no Rio de Janeiro. Em 1972 foram criados mais seis programas, entre eles, o das universidades federais de Minas Gerais, Bahia, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e da Universidade Metodista, na época Instituto Educacional Piracicabano, e da PUC-RS. Em 1973, esse processo de implantação segue com o mestrado em Ensino de Ciências, da USP. Em 1974, surge o programa de pós-graduação da UNB e em 1975, dois programas: o de pós-graduação em Educação da UNICAMP e o de Pós-Graduação em Currículo

da PUC–SP. Esse processo de implantação continua nos anos subsequentes, completando esta fase com a instalação, em 1976, do primeiro doutorado, que marcava o início do período de consolidação da pós-graduação em Educação no nosso país.

No caso da Região Nordeste do Brasil, o processo de implementação dos Programas de Pós-Graduação em Educação ocorreu ao longo dos anos, impulsionado pela I PNPG, nos anos de 1970. Nesta década, foram abertas as primeiras pós-graduações na região, iniciando-se pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) em 1972, seguida pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) em 1977. A Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) iniciaram seus programas em 1978.

Nos anos 1980, durante o III PNPG, que buscava a excelência na prestação dos programas, a Universidade Federal do Maranhão (UFMA) abriu, em 1988, seu programa de mestrado, e as Universidades Federais do Piauí (UFPI) e de Sergipe (UFS) seguiram em 1991 e 1994, respectivamente, já durante o período do IV PNPG, que abordava as diferenças regionais. Neste período, tivemos a abertura dos primeiros doutorados na região Nordeste, em 1992 pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), em 1994 pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), e em 2002, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

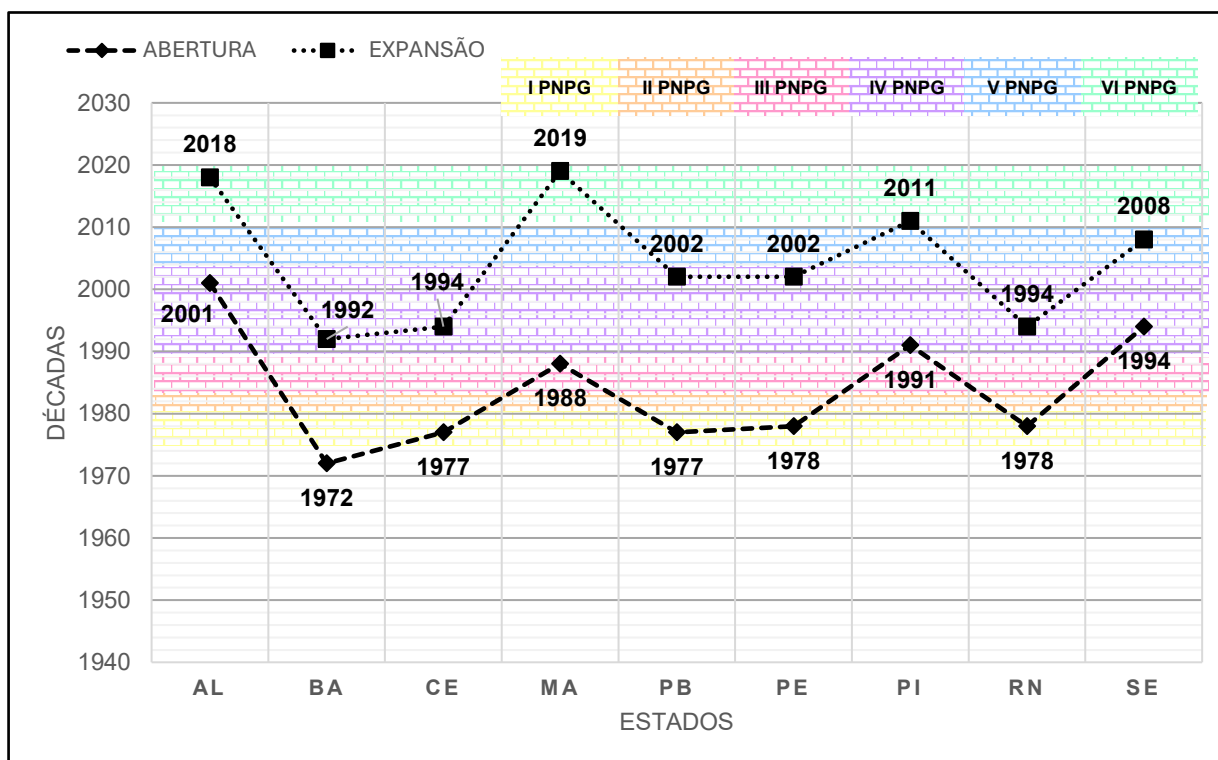
Além disso, em 1995, a Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) iniciou a oferta de mestrado, com o objetivo de interiorizar e disseminar a pós-graduação. No início dos anos 2000, ainda dentro do IV PNPG, houve uma expansão significativa de programas, começando com Universidade Federal de Alagoas (UFAL) em 2001, seguida pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) em 2011, e pelas Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e a Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) em 2013. No campo privado, a Universidade Salvador (UNIFACS) iniciou seu programa de mestrado em 2011.

Durante o V PNPG (2005-2010), houve uma ampliação exponencial de programas nas esferas estaduais, com destaque para a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e a Universidade Estadual de Santa

Cruz (UESC), ambas em 2013. Em 2014, a Universidade de Pernambuco (UPE), em 2016, a Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA) e a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) começaram a oferecer mestrados. Além disso, o Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN) aderiu ao Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (PROFEPT) em 2013.

O VI PNPG (2011-2020) promoveu a inovação e a pesquisa, resultando em novas aberturas de programas e consolidações na região Nordeste. Destacam-se os doutorados iniciados pela Universidade Federal do Piauí (UFPI) em 2011 e pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) em 2009. Além disso, a Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA), Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e a Universidade Federal do Cariri (UFCA) começaram a oferecer mestrados, as duas primeiras em 2016 e a última em 2017. No campo privado, a Universidade Salvador (UNIFACS) iniciou seu programa em 2011. Os Institutos Federais também abriram seus programas, sendo em 2016, o IFMA, o IFPB, o IFPE, o IFPI e o IFSE, em 2017, o IFCE, e em 2018, o IFAL. Para ilustrar esse processo de abertura e expansão dos PPGs em Educação na região Nordeste do Brasil, a Figura 6 apresenta os caminhos da expansão destes programas, conforme se pode observar.

Figura 6 - Caminhos da expansão dos PPGs em Educação no Nordeste



Fonte: Elaborada pela autora, 2024.

Na Figura 7 apresenta-se de maneira visualmente clara a evolução dos Programas de Pós-Graduação em Educação na região Nordeste, destacando os períodos de abertura dos primeiros cursos de Mestrado e Doutorado em cada estado. Além disso, a utilização de faixas coloridas que representam os diferentes períodos dos PNPGs oferece uma contextualização histórica que permite compreender como as políticas educacionais influenciaram a expansão desses programas.

A linha tracejada representa o marco da "abertura", ou seja, o início do primeiro curso de Mestrado em cada estado, enquanto a linha pontilhada indica o momento da "expansão", caracterizada pela abertura do primeiro curso de Doutorado. Essa distinção é fundamental, pois evidencia que, na maioria dos estados, houve um intervalo significativo entre a criação dos primeiros programas de Mestrado e a oferta de cursos de Doutorado. Esse intervalo revela os desafios enfrentados pelas instituições para alcançar a maturidade acadêmica necessária para formar doutores.

A inclusão das faixas coloridas que representam os seis ciclos dos PNPGs é particularmente reveladora, pois demonstra que os períodos de maior

expansão dos programas de pós-graduação coincidem com os planos governamentais que incentivaram a formação de pesquisadores. Observa-se, por exemplo, que estados como Bahia (1972) e Paraíba (1977) foram pioneiros na oferta de Mestrado, em consonância com os objetivos do I PNPG (1975-1979), que visava promover a expansão inicial da pós-graduação no Brasil. Em contrapartida, estados como Maranhão (1988) e Sergipe (1994) iniciaram seus programas em períodos de consolidação e expansão, refletindo as diretrizes dos PNPGs subsequentes.

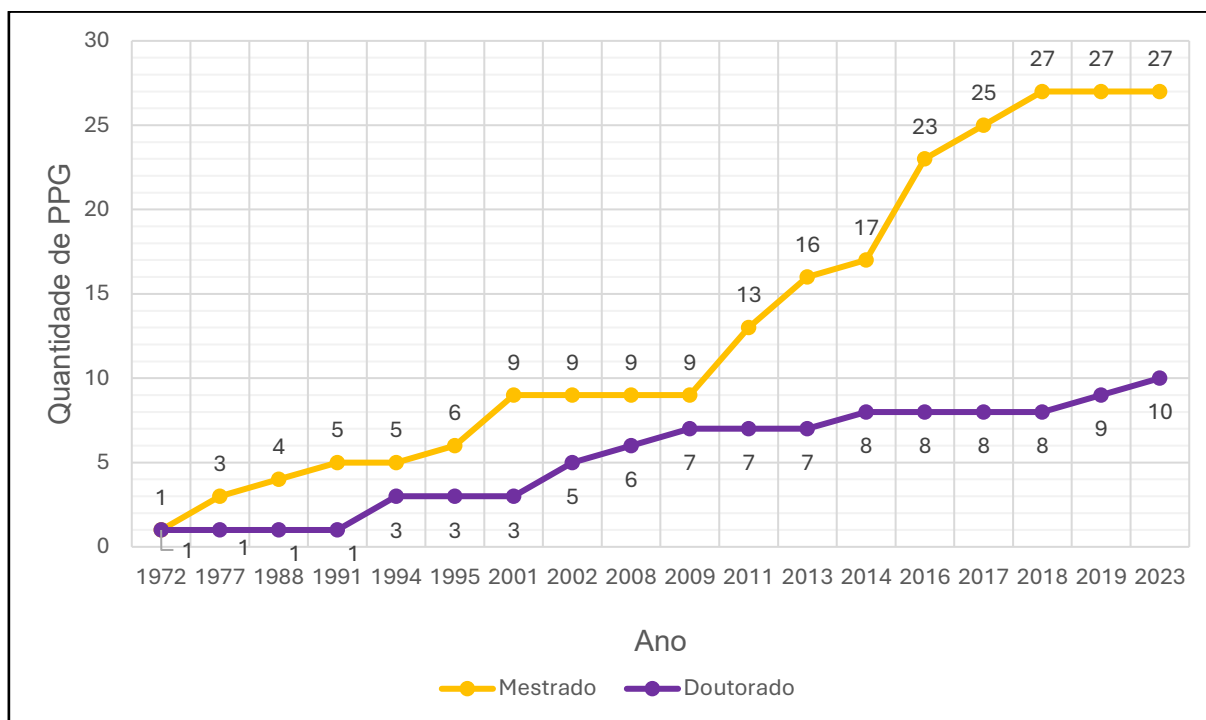
O período do IV PNPG (1990-2004) marca uma fase de interiorização e democratização da pós-graduação, com destaque para a criação dos primeiros programas de Doutorado em estados como Bahia (1992), Ceará (1994) e Rio Grande do Norte (1994). Esse movimento de expansão foi reforçado no V PNPG (2005-2010), que promoveu a ampliação dos programas em estados onde a pós-graduação ainda era incipiente, como Piauí (2011) e Maranhão (2019). O VI PNPG (2011-2020), por sua vez, reforçou a interiorização e o aprimoramento da qualidade dos cursos, o que se reflete na continuidade da expansão dos programas de Doutorado em vários estados.

Visualmente, o gráfico também revela a desigualdade regional na distribuição dos programas de pós-graduação. Estados como Bahia e Paraíba, que foram pioneiros na criação de cursos de Mestrado, mantêm uma posição de destaque, com maior estabilidade e crescimento ao longo dos anos. Em contrapartida, estados como Alagoas e Sergipe demonstram um crescimento mais tardio e limitado, o que evidencia a demanda de políticas públicas mais efetivas para promover o fortalecimento da pós-graduação em regiões historicamente menos privilegiadas.

Ao estabelecer essa linha temporal que conecta a abertura e expansão dos programas de pós-graduação em Educação no Nordeste com os diferentes ciclos dos PNPGs, o gráfico visa não apenas apresentar datas e eventos, mas revelar uma narrativa histórica que evidencia o impacto das políticas educacionais na formação acadêmica e na produção de conhecimento na região. Analisá-lo permite compreender o desenvolvimento da pós-graduação em Educação não como um processo uniforme, mas resultado de contextos políticos, econômicos e institucionais específicos que moldaram os caminhos trilhados por cada estado.

O gráfico apresentado na Figura 8 ilustra de forma clara o crescimento quantitativo dos programas de Mestrado e Doutorado em Educação na região Nordeste ao longo do tempo, evidenciando as datas de criação e a quantidade ofertadas de programas em cada ano. Cada crescimento nas curvas representa a abertura de novos programas, enquanto as linhas conectam esses pontos, destacando o movimento dinâmico de crescimento e consolidação da pós-graduação na região. Ao analisar os dados referentes às datas de abertura dos programas de doutorado em educação pelas instituições de ensino do nordeste, podemos notar que as chances de expansão nesse campo não seguem o mesmo padrão das iniciativas de mestrado.

Figura 7 - Evolução dos Programas de Mestrado e Doutorado em Educação no NE (1972-2023)



Fonte: Elaborada pela autora, 2024.

Nota: Dados coletados na plataforma GeoCapes em 2024.

Dando continuidade à análise da evolução dos PPGs em Educação na região Nordeste, a Figura 8 complementa a compreensão do processo de expansão desses cursos ao apresentar a evolução acumulativa dos programas de Mestrado e Doutorado ao longo das últimas cinco décadas.

Enquanto a Figura 7 destacou os momentos de abertura e expansão dos primeiros programas em cada estado, evidenciando o impacto dos PNPGs, a Figura 8 amplia essa perspectiva ao revelar o crescimento contínuo e

acumulado dos programas na região. Dessa forma, é possível observar não apenas os marcos iniciais, mas também o ritmo e a constância com que os programas foram sendo criados, oferecendo uma visão abrangente da consolidação da pós-graduação em Educação no Nordeste.

O gráfico “Evolução dos Programas de Mestrado e Doutorado em Educação no NE (1972-2023)”, apresentado na Figura 8, ilustra o crescimento acumulado dos PPGs em Educação ao longo de cinco décadas. Cada ponto nas curvas representa a quantidade total de programas em funcionamento nos anos, acumulando novas ofertas à medida que são criados. A linha amarela indica o crescimento dos programas de Mestrado, enquanto a linha roxa representa a evolução dos programas de Doutorado, tais dados foram obtidos na plataforma GeoCapes (2024) e refletem o total de programas ativos na região em cada ano.

Essa metodologia de representação acumulativa permite observar o início de novos programas, e o ritmo de crescimento da pós-graduação em Educação na região. Observa-se que os programas de Mestrado demonstram uma trajetória contínua de crescimento ao longo das décadas, com picos específicos em anos como 2001, 2011 e 2016, refletindo períodos de maior incentivo à formação de mestres. Esse crescimento contínuo evidencia o compromisso das instituições com a formação acadêmica e a democratização do acesso à pós-graduação.

Por outro lado, os programas de Doutorado apresentam uma expansão mais moderada, com crescimento mais espaçado e concentrado em anos específicos. As primeiras iniciativas de Doutorado surgem no início da década de 1990, com destaque para os anos de 1994, e décadas de 2000 e 2010, com os anos de 2002, 2008 e 2014, que marcam momentos de maior expansão. Esse crescimento gradual reflete os desafios enfrentados pelas instituições para oferecer formação em nível de Doutorado, que estimulando maior qualificação do corpo docente, infraestrutura adequada e capacidade de produção científica.

A distribuição temporal dos programas revela ainda uma desigualdade entre o crescimento dos cursos de Mestrado e Doutorado. Enquanto os programas de Mestrado são mais numerosos e amplamente distribuídos entre os estados, os programas de Doutorado são menos frequentes, refletindo um processo mais seletivo de expansão. Essa desigualdade é um indicativo das

barreiras que muitas instituições enfrentam para consolidar programas de Doutorado, especialmente em estados com menor tradição acadêmica.

A evolução dos programas de pós-graduação em Educação na região Nordeste reflete não apenas o compromisso das instituições com a formação acadêmica, mas também a resiliência diante de múltiplos desafios. Entre os fatores que influenciaram o crescimento dos programas, destacam-se: (1) Políticas Governamentais: os Planos Nacionais de Pós-Graduação (PNPGs) forneceram diretrizes e incentivo financeiro para a criação de novos programas; (2) Iniciativas Institucionais: as universidades com tradição em formação acadêmica foram as primeiras a oferecer programas de Doutorado, consolidando-se como polos de referência na região; (3) Demanda Regional: a expansão dos programas de Mestrado atendeu à crescente demanda por qualificação acadêmica na região Nordeste, enquanto os programas de Doutorado se concentraram em instituições com maior capacidade de pesquisa; (4) Critérios de Qualidade da CAPES: a aprovação de programas de Doutorado depende da avaliação rigorosa da CAPES, que considera aspectos como a qualificação do corpo docente, a produção científica e a infraestrutura disponível.

Dentre os principais desafios enfrentados, conforme Neuenfeldt e Isaia (2008), destacam-se: (1) Escassez de recursos financeiros e materiais: muitas instituições lidam com orçamentos limitados, o que afeta diretamente a capacidade de manter e expandir seus programas, a insuficiência de verbas impacta desde o pagamento de bolsas de estudo até a manutenção de infraestrutura básica; (2) Carência de infraestrutura física e tecnológica: bibliotecas desatualizadas, laboratórios insuficientes e a ausência de espaços adequados para pesquisa são problemas recorrentes, visto que em uma era digital, a limitação de acesso a recursos tecnológicos é um obstáculo significativo para a qualidade da formação; (3) Insuficiência de bolsas de estudo e auxílios à pesquisa: sem apoio financeiro adequado, muitos estudantes são obrigados a conciliar os estudos com atividades profissionais, o que compromete o desenvolvimento acadêmico e a produção científica; (4) Limitação de acesso às fontes bibliográficas e documentais: em muitos casos, o acesso a bancos de dados científicos, livros e periódicos especializados é restrito, o que afeta a qualidade das pesquisas realizadas; (5) Dispersão geográfica e heterogeneidade dos grupos de pesquisa: a região nordeste é vasta e diversa, o que implica em

uma distribuição desigual dos programas e das áreas de especialização, onde algumas instituições se destacam em determinados campos, enquanto outras enfrentam dificuldades para consolidar suas linhas de pesquisa; e (6) Necessidade de ampliar a cooperação interinstitucional e a internacionalização: a falta de parcerias com outras instituições, tanto nacionais quanto internacionais, limita o intercâmbio de conhecimento e a participação em redes de pesquisa global.

Ainda assim, apesar desses desafios, os programas de pós-graduação em Educação no Nordeste demonstram qualidade e relevância em suas atividades acadêmicas. Isso é confirmado pelos resultados das avaliações periódicas realizadas pela CAPES (2023), que consideram critérios como: (1) qualificação do corpo docente: o nível de formação e a produção acadêmica dos professores são fatores determinantes para a qualidade dos programas; (2) desempenho do corpo discente: a participação ativa dos estudantes em projetos de pesquisa, publicações e eventos científicos é valorizada; (3) produção intelectual: o número e a qualidade das publicações científicas, livros e trabalhos apresentados em eventos são indicadores de relevância acadêmica; (4) inserção social: o impacto dos programas na comunidade e sua contribuição para o desenvolvimento regional são avaliados; e (5) impacto científico: a relevância das pesquisas desenvolvidas e sua contribuição para o avanço do conhecimento são aspectos fundamentais.

De acordo com os dados da última avaliação quadrienal (2017-2020), os programas de pós-graduação em Educação no Nordeste obtiveram conceitos que variam entre 3 e 6 (em uma escala que vai até 7). Dos programas avaliados, doze alcançaram o conceito 4, oito obtiveram conceito 5 e um programa obteve conceito 6. Esses resultados demonstram que, mesmo diante de dificuldades estruturais e financeiras, as instituições da região têm mantido um padrão de qualidade que as destaca no cenário nacional.

O compromisso dessas instituições com o desenvolvimento regional e a formação de recursos humanos qualificados é evidenciado pela contínua expansão dos programas e pela busca constante de aprimoramento. No entanto, para que o potencial desses programas seja plenamente realizado, é fundamental que sejam ampliados os investimentos em infraestrutura, apoio financeiro aos estudantes e incentivo à cooperação interinstitucional.

A seguir, apresenta-se na Tabela 1, as instituições que ofertam os programas de pós-graduação em educação no Nordeste, separados por estados e esfera pública ou privada, o ano de início/oferta dos cursos de mestrado e doutorado em cada programa e a nota da Capes.

Tabela 1 - PPGs em Educação: Instituições, Datas e Conceitos (Nordeste)

	Instituição	Esfera	Mestrado	Doutorado	Nota
AL	Universidade Federal de Alagoas (UFAL)	Federal	2001	-	3
	Instituto Federal de Alagoas (IFAL)	Federal	2018	-	3
BA	Universidade Federal da Bahia (UFBA)	Federal	1972	1992	6
	Universidade do Estado da Bahia (UNEB)	Estadual	2001	2009	4
	Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)	Estadual	2011	-	4
	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)	Estadual	2013	-	4
	Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC)	Estadual	2013	2023	4
	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)	Federal	2019	-	3
	Universidade Salvador (UNIFACS)	Privada	2011	-	4
CE	Universidade Federal do Ceará (UFC)	Federal	1977	1994	4
	Universidade Estadual do Ceará (UECE)	Estadual	2003	2013	5
	Universidade Federal do Cariri (UFCA)	Federal	2017	-	4
	Universidade Regional do Cariri (URCA)	Estadual	2016	-	4
	Instituto Federal do Ceará (IFCE)	Federal	2017	-	3
MA	Universidade Federal do Maranhão (UFMA)	Federal	1988	2019	4
	Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)	Estadual	2018	-	3
	Instituto Federal do Maranhão (IFMA)	Federal	2016	-	3
PB	Universidade Federal da Paraíba (UFPB)	Federal	1977	2002	4
	Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)	Estadual	2011	-	3
	Instituto Federal da Paraíba (IFPB)	Federal	2016	-	3
	Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)	Federal	2016	-	3
PE	Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)	Federal	1978	2002	5
	Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)	Federal	1995	2009	5
	Universidade de Pernambuco (UPE)	Federal	2014	2023	4
	Instituto Federal de Pernambuco (IFPE)	Federal	2016	-	3
PI	Universidade Federal do Piauí (UFPI)	Federal	1991	2011	5
	Instituto Federal do Piauí (IFPI)	Federal	2016	-	3
RN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)	Federal	1978	1994	5
	Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN)	Estadual	2011	-	3
	Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN)	Federal	2013	-	5
	Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA)	Federal	2016	-	4
SE	Universidade Federal de Sergipe (UFS)	Federal	1994	2008	5
	Universidade Tiradentes (UNIT)	Privada	2009	2014	5
	Instituto Federal de Sergipe (IFS)	Federal	2016	-	3

Fonte: Elaborada pela autora, 2024.

Nota: Tabela elaborada com base nas informações fornecidas nos sites do GeoCapes (aba Visão Analítica, Filtro IES, dados da base com ano de 2022) e Plataforma Sucupira (aba Pesquisar programas de pós-graduação no ano de 2024).

A análise da distribuição dos Programas de Pós-Graduação em Educação no Nordeste apresentada acima revela um panorama marcado pela predominância das instituições públicas, onde as universidades federais e estaduais são as principais responsáveis pela oferta de cursos de Mestrado e

Doutorado, enquanto as instituições privadas têm presença limitada, destacando-se apenas a Universidade Salvador (UNIFACS), mestrado e a Universidade Tiradentes (UNIT), mestrado e doutorado. Esse predomínio das instituições públicas reflete o papel estratégico do Estado na promoção da pesquisa e da formação acadêmica na região.

Conforme os dados da Tabela 1 verifica-se que entre as universidades públicas, as federais se destacam como as principais protagonistas da expansão da pós-graduação em Educação na região Nordeste. Instituições como a Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade Federal do Ceará (UFC), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e Universidade Federal da Paraíba (UFPB) são exemplos de pioneirismo, com programas de Mestrado que remontam às décadas de 1970 e 1980. Em contraste, as universidades estaduais e os Institutos Federais (IFs) passaram a oferecer programas de Mestrado e, em menor número, de Doutorado apenas a partir dos anos 2000, evidenciando uma expansão mais recente e ainda em processo de consolidação.

A distribuição temporal dos programas de pós-graduação na região Nordeste evidencia momentos de crescimento acentuado, refletindo as políticas públicas e estratégias institucionais que buscaram promover o acesso à formação avançada. O período entre 2010 e 2016 destaca-se como um dos mais dinâmicos, especialmente com a criação de programas nos Institutos Federais, como o IFMA, IFPE, IFPB, IFPI, IFRN e IFS. Esses programas, em sua maioria na modalidade de Mestrado, reforçam o compromisso dessas instituições com a formação de profissionais qualificados e a promoção do desenvolvimento regional.

Contudo, a análise revela uma disparidade significativa entre as ofertas dos programas em nível de Mestrado e Doutorado. Enquanto o Mestrado está amplamente presente em todas as universidades, os programas de Doutorado são menos numerosos e frequentemente apresentam uma defasagem temporal em relação ao início do Mestrado. Em algumas instituições, como a UFBA e a UFC, o intervalo entre a criação do Mestrado e do Doutorado chega a duas décadas. Isso evidencia que, apesar do crescimento da oferta de Mestrado, a transição para o nível de Doutorado enfrenta obstáculos estruturais e institucionais.

Além disso, na referida tabela, evidencia-se uma desigualdade regional na distribuição dos programas. Estados como a Bahia e o Ceará possuem maior concentração de instituições com oferta de Mestrado e Doutorado, enquanto outros estados, como Alagoas e Sergipe, possuem oferta mais limitada. Essa desigualdade justifica-se pela capacidade institucional, o apoio governamental diferenciado e a própria extensão territorial dos estados o que impacta diretamente no desenvolvimento da pós-graduação em Educação na região.

Em síntese, os dados apresentados revelam que a pós-graduação em Educação no Nordeste é um campo em expansão, mas que ainda enfrenta desafios significativos. A predominância das instituições públicas reforça o papel do Estado na promoção da formação avançada, enquanto a disparidade entre os programas de Mestrado e Doutorado e a desigualdade regional destacam a demanda de políticas mais efetivas para garantir o fortalecimento e a equidade na oferta de cursos. Esses desafios, no entanto, não apagam o compromisso das instituições em contribuir para o desenvolvimento educacional e científico da região.

3.3 Caminhando nas trilhas de pesquisa: linhas e temáticas dos PPGs em Educação da Região Nordeste

Após o levantamento das instituições de ensino superior com suas singularidades e históricos cujos trabalhos estão inseridos como objeto de estudo desta pesquisa, passa-se para o balanço das linhas de pesquisas ofertadas por cada programa, examinando seus objetivos principais e convergências de ofertas por IES. Ao verificar as linhas de pesquisa dos programas de pós-graduação em Educação no nordeste brasileiro revela-se um cenário diverso, com campos multidisciplinares cujos estudos atravessam as especificidades regionais e afluem para as questões educacionais nacionais.

Para melhor análise sistemática as linhas de pesquisa foram agrupadas em cinco grandes temáticas, conforme o Quadro 3, a fim de oferecer uma visão clara dessa diversidade.

Quadro 3 - Classificação das principais temáticas das linhas de pesquisa dos PPGs em Educação (NE)

Diversidade e Inclusão	Envolve pesquisas que abordam questões de equidade, justiça social e atendimento a grupos historicamente marginalizados.
Currículo e Práticas Pedagógicas	Enfoca o desenvolvimento metodológico e a inovação no processo de ensino-aprendizagem.
História, Políticas Públicas e Gestão Educacional	Analisa criticamente as políticas educacionais e os modelos de gestão e a História da Educação.
Formação de Professores	Destina-se ao aprimoramento da formação inicial e continuada dos docentes.
Educação, Cultura e Sociedade	Explora a educação como fenômeno cultural e social, incluindo estudos sobre práticas culturais e dinâmicas sociais.

Fonte: Autoria própria, 2024.

Nota: Elaborada conforme o desenvolvimento de conceitos e classes recuperados na pesquisa.

As linhas de pesquisa dos programas situados em instituições federais de ensino superior, foram agrupadas observando suas singularidades principais em cinco áreas temáticas: (1) **Diversidade e inclusão**, indicando um compromisso com a equidade e a justiça social, além de atender às demandas de grupos historicamente marginalizados; (2) **Currículo e práticas pedagógicas**, denotando o interesse na busca pela inovação em metodologias que promovam o melhoramento do processo de ensino-aprendizagem e a formação de profissionais qualificados para atuarem na área, aptos às novas demandas apresentadas pela sociedade; (3) **História, políticas públicas e a gestão educacional**, buscando analisar criticamente as políticas educacionais e os modelos de gestão, melhoria da qualidade educacional e à eficiência administrativa; (4) **Formação de professores**, que evidencia a demanda de aprimorar a formação inicial e continuada dos docentes, considerando as novas demandas educacionais e sociais; (5) **Educação, cultura e sociedade**, em que existe a meta de compreender educação pelo viés de um fenômeno cultural e socialmente contextualizado, com a necessária relação entre as práticas culturais e as dinâmicas sociais.

Ao relacionar a abordagem específica da área de História da Educação, como campo do conhecimento, obtêm-se as linhas de investigações: (1) tanto em análise isolada, como na UFC com “História e Educação

Comparada”, sendo na UFPB, UFPI e UFS como “História da Educação”; (2) quanto estudos interligados com outros temas, assim como sua associação com (2a) as Políticas Públicas e Gestão Educacional na UFAL com “História e Política da Educação”, na UFMA “História, Políticas Educacionais, Trabalho e Formação Humana”, na UFCG por “História, Políticas e Gestão Educacionais”; (2b) Filosofia e/ou Sociologia em UFPE “Filosofia e História da Educação”, e na UFRN com “Educação, Estudos Sócio-históricos e Filosóficos”; (2c) Linguagens em UFBA com a “Linguagem, Subjetivações e Práxis Pedagógica” que apresenta Grupo de pesquisa relacionado, intitulado Grupo de Estudos e Pesquisas em Memória e História da Educação – MEHED; e (2d) Memória em UFC com “História e Memória da Educação”.

Esses dados são sintetizados no Quadro 4, que apresenta de forma organizada as linhas de pesquisa existentes nos Programas de Pós-Graduação em Educação da Região Nordeste, destacando suas temáticas e instituições. Essa organização permite compreender como os programas se estruturam e quais áreas de conhecimento são priorizadas em cada contexto institucional.

Quadro 4 – IES e Linhas de Pesquisa dos PPGs em Educação no Nordeste Brasileiro

Estado	IES	Linhas de Pesquisa
1 ALAGOAS	UFAL ²⁵	<ol style="list-style-type: none"> 1. História e Política da Educação 2. Educação e Linguagem 3. Educação, Culturas e Currículos 4. Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação 5. Educação e Inclusão de Pessoas com Deficiência ou Sofrimento Psíquico 6. Educação em Ciências e Matemática
	UNEAL ²⁶	<ol style="list-style-type: none"> 1. Educação, Culturas e Políticas Educacionais 2. Educação, Currículo e Sociedade
2 BAHIA	UFBA ²⁷	<ol style="list-style-type: none"> 1 Currículo e (In)Formação 2 Educação, Cultura Corporal e Lazer 3 Educação e Diversidade 4 Linguagem, Subjetivações e Práxis Pedagógica²⁸ 5 Política e Gestão da Educação

²⁵ <https://cedu.ufal.br/pt-br/pos-graduacao/mestrado-e-doutorado-em-educacao>

²⁶ <http://www.uneal.edu.br/pos-graduacao/ppge/linhas-de-pesquisa>

²⁷ <https://pgedu.faced.ufba.br/pt-br/linha-de-pesquisa-0>

²⁸ Possui Grupo de Pesquisa: Grupo de Estudos e Pesquisas em Memória e História da Educação – MEHED, vinculado a esta linha de pesquisa.

	UNEB ²⁹	<ol style="list-style-type: none"> 1. Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido 2. Educação, Comunicação e Interculturalidade 3. Campo Educacional, Cultura Escolar e Currículo
	UEFS ³⁰	<ol style="list-style-type: none"> 1. Políticas Educacionais, Movimentos Sociais e Processos de Educação 2. Currículo, Formação e Práticas Pedagógicas 3. Culturas, Diversidade e Linguagens
	UESB ³¹	<ol style="list-style-type: none"> 1. Política Pública Educacional 2. Currículo, Práticas Educativas e Diferença 3. Formação, Linguagem, Memória e Processos de Subjetivação 4. Conhecimento e Práticas Escolares
	UESC ³²	<ol style="list-style-type: none"> 1. Formação de Professores e Práticas Pedagógicas 2. Políticas Educacionais e Gestão Escolar
	UFRB ³³	<p>Mestrado Profissional em Educação do Campo:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Formação de Professores e Organização do Trabalho Pedagógico nas Escolas do Campo 2. Agroecologia, Trabalho, Movimentos Sociais do Campo e Educação <p>Mestrado Profissional em Educação, Diversidade e Formação Docente:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Educação científica e práticas educativas 2. Processos de ensino e aprendizagem e inclusão
3 CEARÁ	UFC ³⁴	<ol style="list-style-type: none"> 1. Avaliação Educacional (NAVE) 2. Educação, Currículo e Ensino (LECE) 3. Educação, Estética e Sociedade 4. Filosofia e Sociologia da Educação (FILOS) 5. História e Educação Comparada (LHEC) 6. História e Memória da Educação (NHIME) 7. Linguagens e Práticas Educativas (LIPED) 8. Movimentos Sociais, Educação Popular e Escola (MOSEP) 9. Trabalho e Educação (LTE)
	UECE ³⁵	<ol style="list-style-type: none"> 1. Formação, Didática e Trabalho Docente 2. Formação e Desenvolvimento Profissional em Educação 3. Formação e Políticas Educacionais 4. Marxismo e Formação do Educador
	IFCE ³⁶	<p>Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Gestão e Organização do Espaço Pedagógico em EPT 2. Práticas Educativas em EPT

²⁹ <https://ppgesa.uneb.br/linhas-de-pesquisa/>

³⁰ <http://www.ppge.ufes.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=48>

³¹ <http://www2.uesb.br/ppg/ppged/area-de-concentracao-e-linhas-de-pesquisa/>

³² http://www.uesc.br/cursos/pos_graduacao/mestrado/formacaodeprofessores/index.php?item=conteudo_linhapesquisa.php

³³ <https://www.ufrb.edu.br/ppgeducampo/linhas-de-pesquisa> e <https://www.ufrb.edu.br/ppgecid/area-de-concentracao>

³⁴ <https://ppge.ufc.br/linhas>

³⁵ <https://www.uece.br/ppge/ensino/linha-de-pesquisa/>

³⁶ <https://ifce.edu.br/fortaleza/profept/linhas-de-pesquisa>

4 MARANHÃO	UFMA ³⁷	<ol style="list-style-type: none"> 1. Instituições Educativas, Currículo, Formação e Trabalho Docente 2. Estado e Gestão Educacional 3. Instituições Escolares, Saberes e Práticas Educativas 4. História, Políticas Educacionais, Trabalho e Formação Humana 5. Diversidade, Cultura e Inclusão Social
	UEMA ³⁸	<ol style="list-style-type: none"> 1. Gestão Educacional e Escolar 2. Formação De Professores e Práticas Educativas
	IFMA ³⁹	<p>Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (PROFEPT):</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Práticas Educativas em Educação Profissional e Tecnológica (EPT) 2. Organização e Memórias de Espaços Pedagógicos na Educação Profissional e Tecnológica (EPT)
5 PARAÍBA	UFPB ⁴⁰	<ol style="list-style-type: none"> 1. Estudos Culturais da Educação 2. História da Educação 3. Políticas Educacionais 4. Processos de Ensino-aprendizagem 5. Educação Popular
	IFPB ⁴¹	<p>Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (PROFEPT):</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Práticas Educativas em Educação Profissional e Tecnológica (EPT) 2. Organização e Memórias de Espaços Pedagógicos na Educação Profissional e Tecnológica (EPT)
	UFCG ⁴²	<ol style="list-style-type: none"> 1. História, Política e Gestão Educacionais 2. Práticas Educativas e Diversidade
6 PERNAMBUCO	UFPE ⁴³	<ol style="list-style-type: none"> 1. Educação e Espiritualidade 2. Educação e Linguagem 3. Formação de Professores e Prática Pedagógica 4. Política Educacional, Planejamento e Gestão da Educação 5. Subjetividades Coletivas, Movimentos Sociais e Educação Popular 6. Filosofia e História da Educação 7. Identidades e Memórias 8. Educação em Ciências

³⁷ https://sigaa.ufma.br/sigaa/public/programa/areas_stricto.jsf?lc=pt_BR&idPrograma=894

³⁸ https://sis.sig.uema.br/sigaa/public/programa/portal.jsf?lc=pt_BR&id=1453

³⁹ <https://profept.ifma.edu.br/area-de-concentracao/>

⁴⁰ https://sigaa.ufpb.br/sigaa/public/programa/linhasPesquisas.jsf?lc=pt_BR&id=1906

⁴¹ <https://www.ifpb.edu.br/profept/o-programa/area-de-concentracao-linhas-de-pesquisa>

⁴² http://www.ppged.ufcg.edu.br/index.php/Linhas_de_Pesquisa

⁴³ <https://www.ufpe.br/ppgedu>

	UFRPE ⁴⁴	<ol style="list-style-type: none"> 1. Movimentos Sociais, Práticas educativo-culturais e identidades 2. Desenvolvimento e Processos Educacionais e Culturais da infância e da Juventude 3. Políticas, Programas e Gestão de Processos Educacionais e Culturais 	
	UPE ⁴⁵	<ol style="list-style-type: none"> 1. Formação de Professores 2. Política e Gestão Educacional 	
	IFPE ⁴⁶	<p>Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (PROFEPT):</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Práticas Educativas em Educação Profissional e Tecnológica (EPT) 2. Organização e Memórias de Espaços Pedagógicos na Educação Profissional e Tecnológica (EPT) 	
7	PIAUI	UFPI ⁴⁷	<ol style="list-style-type: none"> 1. Formação Docente e Prática Educativa 2. Formação de Professores e Práticas da Docência 3. História da Educação 4. Formação Humana e Processos Educativos 5. Políticas Educacionais e Gestão da Educação 6. Educação, Diversidade/Diferença e Inclusão
8	RIO GRANDE DO NORTE	UFRN ⁴⁸	<ol style="list-style-type: none"> 1. Educação e Inclusão em Contextos Educacionais 2. Educação, Comunicação, Linguagens e Movimento 3. Educação, Construção das Ciências e Práticas Educativas 4. Educação, Formação e Profissionalização Docente 5. Educação, Estudos Sócio-históricos e Filosóficos 6. Educação, Política e Práxis Educativas 7. Educação, Currículo e Práticas Pedagógicas
		UERN ⁴⁹	<ol style="list-style-type: none"> 1. Políticas e Gestão da Educação 2. Práticas Educativas, Cultura, Diversidade e Inclusão 3. Formação Humana, Docência e Currículo
		IFRN ⁵⁰	<p>Mestrado Acadêmico em Educação Profissional:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Políticas e práxis em Educação Profissional 2. Formação docente e práticas pedagógicas <p>Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (PROFEPT):</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Práticas Educativas em Educação Profissional e Tecnológica (EPT) 2. Organização e Memórias de Espaços Pedagógicos na Educação Profissional e Tecnológica (EPT)

⁴⁴ <http://ww2.ppgeci.ufrpe.br/?q=pt-br/processos-educativos-culturas-e-diversidades>

⁴⁵ <https://w2.solucaoatrio.net.br/somos/upe-ppge/index.php/pt/apresentacao/234-linhas-de-pesquisa>

⁴⁶ <https://portal.ifpe.edu.br/o-ifpe/ensino/cursos/>

⁴⁷ https://sigaa.ufpi.br/sigaa/public/programa/areas.jsf?lc=pt_BR&id=609

⁴⁸ https://sigaa.ufrn.br/sigaa/public/programa/areas.jsf?lc=pt_BR&id=363

⁴⁹ https://sigaa.uern.br/sigaa/public/programa/areas.jsf?lc=pt_BR&id=1063

⁵⁰ <https://portal.ifrn.edu.br/cursos/superiores/mestrado/>

9 SERGIPE	UFS ⁵¹	<ol style="list-style-type: none"> 1. História da Educação 2. Sociedade, Subjetividades e Pensamento Educacional 3. Educação, Cultura e Diversidade 4. Tecnologias, Linguagens e Educação 5. Formação e Prática Docente
	UNIT ⁵²	<ol style="list-style-type: none"> 1. Educação e Comunicação 2. Educação e Formação Docente
	IFS ⁵³	<p>Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (PROFEPT):</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Práticas Educativas em Educação Profissional e Tecnológica (EPT) 2. Organização e Memórias de Espaços Pedagógicos na Educação Profissional e Tecnológica (EPT)

Fonte: Elaborado pela autora (2024)⁵⁴.

Nota: Os dados para elaboração deste quadro foram extraídos dos sites dos PPGs adicionados como nota de rodapé.

A análise destas linhas de pesquisa destes PPGs em Educação no Nordeste Brasileiro apresenta campo amplo e interdisciplinar, trazendo ênfase para temáticas como inclusão, currículo, políticas educacionais, formação de professores e a relação entre educação, cultura e sociedade. As confluências observadas indicam um interesse científico em desenvolver soluções voltadas para equidade, qualidade educacional e inovação pedagógica, reflexo das necessidades e desafios educacionais inerentes desta região. Tais programas desempenham papel primordial para contribuir com a formação de pesquisadores e profissionais habilitados a contribuir com a Educação no Brasil.

No gráfico apresentado na Figura 9 são ilustradas essas linhas de pesquisa, na qual cada indicador representa uma categoria de linha de pesquisa e as barras empilhadas demonstram a incidência dessas por estado, permitindo vislumbrar quais regiões possuem a maior concentração de pesquisa, a disposição e diversidade destes temas, com isto, ofertando-se um panorama de quais campos necessitam adensar seus estudos e quais pontos são aprofundados pelos pesquisadores por localidade.

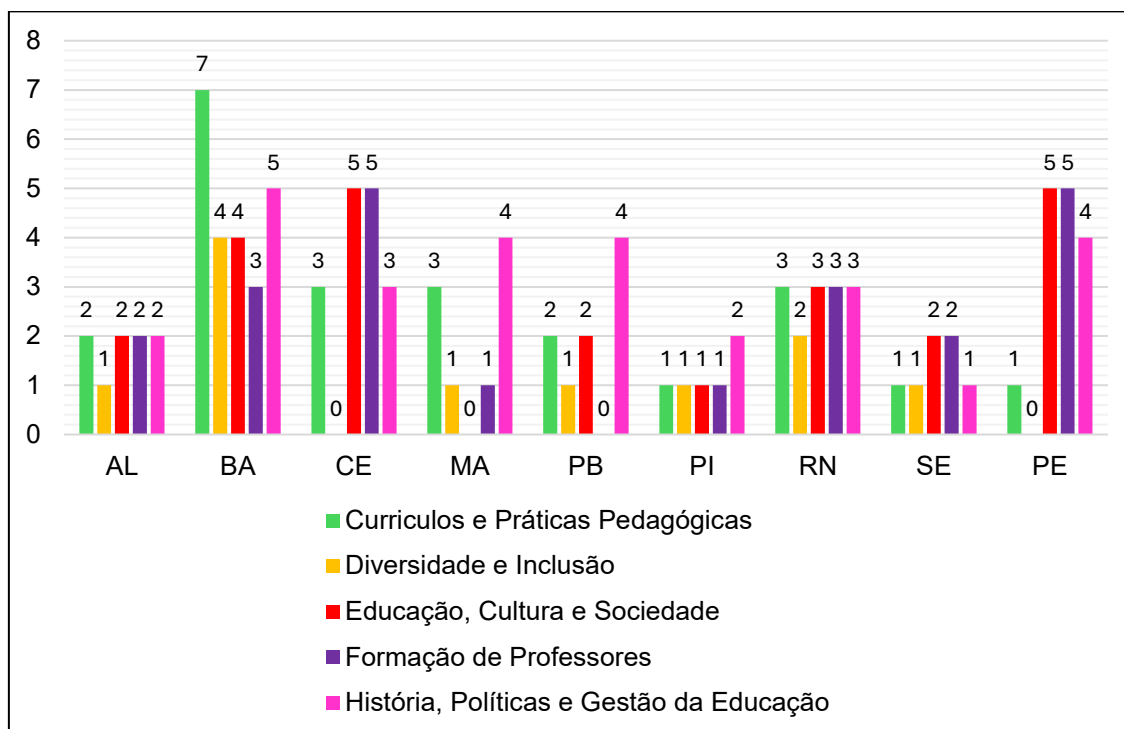
⁵¹ https://www.sigaa.ufs.br/sigaa/public/programa/areas.jsf?lc=pt_BR&id=136

⁵² <https://www.unit.br/mestrado-doutorado/educacao>

⁵³ <https://www.ifs.edu.br/profept>

⁵⁴ As seguintes Instituições de Ensino Superior não apresentaram em suas páginas oficiais as linhas de pesquisa que os programas estão ofertando, dentre eles: UNIFACS, UNIFOR, UFCA, UFERSA, FIOCRUZ-PE, UNIVASF, UNICAP, UEPB e UESPI.

Figura 8 – Quantitativo das temáticas das linhas de Pesquisa ofertadas nos PPGs em Educação do Nordeste



Fonte: Elaborada pela autora, 2025.

Nota: Os dados para elaboração deste gráfico foram extraídos dos sites dos PPGs.

Neste gráfico, apresentado na Figura 9, com a distribuição das linhas de pesquisa nos Programas de Pós-Graduação em Educação da região Nordeste, revela-se um panorama diversificado e desigual, visto que estados como Bahia, Ceará e Rio Grande do Norte concentram a maior parte das linhas de pesquisa, destacando-se em temáticas como "Diversidade e Inclusão", "Currículo e Práticas Pedagógicas" e "Educação, Cultura e Sociedade", refletindo o compromisso dessas instituições com a promoção da equidade, a inovação pedagógica e a compreensão crítica da educação como fenômeno social e cultural. Em contraste, estados como Alagoas e Sergipe possuem uma oferta mais limitada, evidenciando a demanda de políticas públicas que promovam o fortalecimento da pós-graduação em regiões ainda menos desenvolvidas.

Ao fazer a análise destas informações destaca-se que a "Formação de Professores" e a "História da Educação" são subáreas com forte presença na maioria dos estados, demonstrando o interesse em aprimorar a qualificação docente e em preservar a memória educacional da região. Além disso, as linhas de pesquisa voltadas para "História, Políticas e Gestão Educacional" são

notáveis na Bahia e no Maranhão, refletindo uma preocupação com a análise crítica das políticas educacionais e a gestão das instituições de ensino.

Contudo, este gráfico, apresentado na Figura 9, também evidencia uma distribuição desigual entre os estados, com maior concentração em estados com tradição universitária consolidada. Esse cenário reforça a importância de políticas de incentivo que ampliem o acesso à formação acadêmica avançada em todo o Nordeste, garantindo que as demandas educacionais e sociais da região sejam atendidas de maneira equitativa e qualificada. Diante deste panorama revelado pela análise das linhas de pesquisa dos Programas de Pós-Graduação em Educação no Nordeste, emerge uma diversidade temática que reflete o compromisso dessas instituições com a investigação crítica e a formação acadêmica.

Entre as múltiplas abordagens, destaca-se a presença consistente da linha de pesquisa intitulada "**História da Educação**", presente em diferentes estados e instituições, estando em sua maioria entrelaçada com outros campos distintos. Cabe ressaltar a escolha pela limitação do universo de pesquisa aos Programas de Pós-Graduação em Educação das Universidades Federais que possuem linhas de pesquisa em História da Educação na Região Nordeste devido ao fato de que, em um primeiro mapeamento, estas instituições foram as que apresentaram critérios claros e consolidados de atuação no campo, com vinculação direta, compromisso explícito e foco temático preciso e consistente com a História da Educação, elementos essenciais para a análise aprofundada do uso de fontes digitais neste âmbito.

Para aprofundar o entendimento desse campo específico, esta pesquisa direciona seu olhar para três programas que se destacam pela longevidade e por dedicar-se especificamente à esta linha de forma isolada de demais conexões: os Programas de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), da Universidade Federal do Piauí (UFPI) e da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Esses programas, além de manterem ativas suas linhas de pesquisa em História da Educação, carregam trajetórias acadêmicas que testemunham a evolução e os desafios da pesquisa histórica na região, tornando-se, portanto, o foco privilegiado desta investigação.

3.4 Revelando trajetórias: o percurso dos PPGs em Educação na UFPB, UFPI e UFS

Contextualizar historicamente os Programas de Pós-Graduação em Educação selecionados é um passo fundamental para compreender não apenas o desenvolvimento dessas instituições, mas também os desafios e as conquistas que moldaram suas trajetórias. A análise histórica permite desvendar os processos de criação, expansão e consolidação desses programas, evidenciando os fatores políticos, sociais e institucionais que influenciaram suas configurações atuais.

No caso específico dos programas da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Universidade Federal do Piauí (UFPI) e Universidade Federal de Sergipe (UFS), a contextualização histórica revela como essas instituições se destacaram na formação de pesquisadores em História da Educação, uma subárea da Educação que tem papel crucial na compreensão histórica dos processos educativos. Ao explorar o percurso dessas universidades, é possível identificar os marcos fundacionais, as políticas públicas que impulsionaram sua expansão e as iniciativas acadêmicas que consolidaram suas linhas de pesquisa.

Além disso, ao compreender o contexto histórico desses programas, é possível analisar como eles responderam às demandas regionais e nacionais, adaptando-se às transformações educacionais e científicas ao longo do tempo. O conhecimento histórico não apenas esclarece as raízes e os fundamentos dos programas, mas também permite identificar os desafios enfrentados e as estratégias adotadas para superá-los, oferecendo uma base sólida para a análise crítica e contextualizada da produção acadêmica em História da Educação.

O Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), criado em 1977, é um dos mais antigos da região. Desde o início, consolidou-se como um polo de formação crítica, onde a linha de pesquisa "História da Educação" se tornou uma referência para investigações que exploram os contextos históricos, as práticas educativas e os agentes que moldaram a educação, com destaque para as experiências regionais e as políticas públicas. Em 2002, a UFPB ampliou sua atuação com a criação do

curso de Doutorado, reforçando seu papel como formadora de pesquisadores e preservadora da memória educacional.

Na Universidade Federal do Piauí (UFPI), o Programa de Pós-Graduação em Educação teve início em 1991, com o Mestrado, e expandiu para o Doutorado em 2011. Desde sua criação, a linha de pesquisa "História da Educação" refletiu o compromisso da instituição com a investigação dos processos históricos que moldaram o campo educacional. Por meio dessa linha, são analisadas as práticas educativas, as transformações curriculares e as políticas que influenciaram a educação na região. A UFPI se destaca por investigar os agentes e as instituições que desempenharam papéis fundamentais na construção do conhecimento educacional.

Por sua vez, o Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe (UFS) iniciou suas atividades em 1994, com o Mestrado, e ampliou para o Doutorado em 2008. Desde o princípio, o programa consolidou-se como um espaço de análise crítica da educação, e sua linha de pesquisa "História da Educação" tornou-se um eixo estruturante, voltado para a compreensão dos processos históricos que configuraram a educação na região. Com foco na preservação da memória educacional e na análise das políticas educativas, a UFS se destaca por investigar a atuação de movimentos sociais, os agentes educativos e as transformações institucionais que impactaram o campo educacional.

Ao longo de suas trajetórias, esses três programas não apenas formaram pesquisadores, mas também se tornaram guardiões da memória educacional, preservando histórias, reinterpretando documentos e promovendo uma compreensão crítica da educação. Suas linhas de pesquisa em História da Educação refletem o compromisso dessas instituições com a investigação dos contextos históricos e a valorização da memória como fonte de conhecimento.

Dessa forma, ao recompor as memórias e trajetórias dos Programas de Pós-Graduação em Educação da UFPB, UFPI e UFS, revelam-se não apenas os marcos históricos que os forjaram, mas também os desafios e conquistas que definem suas identidades acadêmicas. Cada uma dessas instituições carrega em suas linhas de pesquisa em História da Educação o compromisso com a compreensão crítica dos processos educativos, refletindo as especificidades regionais e as transformações que marcaram o campo educacional ao longo do

tempo. E são essas marcas, impressas em teses e dissertações, que conduzem à próxima etapa desta investigação, em que as produções científicas desses programas serão analisadas e interpretadas, desvelando o conhecimento que deles emerge.

Ao longo desta seção, os Programas de Pós-Graduação em Educação da UFPB, UFPI e UFS foram desvelados em suas origens e trajetórias, revelando não apenas suas datas de criação e expansão, mas, sobretudo, suas escolhas acadêmicas e linhas de pesquisa. Em meio à diversidade temática que caracteriza os PPGs na região Nordeste, essas três instituições se destacam por abrigarem a linha de pesquisa "História da Educação", uma subárea da Educação que, mais do que preservar memórias, se dedica a interpretar criticamente os processos educativos em seus múltiplos contextos históricos.

Ao recompor os marcos históricos e os compromissos acadêmicos desses programas, evidencia-se que suas linhas de pesquisa não são apenas categorizações temáticas, mas reflexos de escolhas teóricas e metodológicas que orientam a produção do conhecimento. A presença da "História da Educação" nesses programas é mais do que uma designação; é uma prática que materializa o compromisso dessas instituições com a compreensão crítica do passado educacional, com a análise das políticas que moldaram o ensino e com a preservação da memória educacional da região Nordeste.

Esses programas emergem como lugares de produção de saberes, espaços onde ideias são debatidas, documentos são interpretados e o passado é continuamente revisitado. Ao compreender os Programas de Pós-Graduação em Educação da UFPB, UFPI e UFS como lugares de produção de saberes, é possível perceber que as teses e dissertações que neles são produzidas não são apenas registros de pesquisa, mas também expressões de práticas culturais e acadêmicas que dialogam com a memória, a política e a sociedade.

Compreender esses programas e suas linhas de pesquisa é fundamental para situar o campo de produção de nossas fontes. Ao nos debruçarmos sobre teses e dissertações que abordam a História da Educação, partimos não apenas da leitura dos textos, mas da consciência de que esses documentos foram produzidos em contextos acadêmicos específicos, orientados por escolhas teóricas e embasados em tradições de pesquisa consolidadas. É a

partir dessa base contextual que se torna possível avançar para a próxima etapa desta investigação, onde as fontes digitais e digitalizadas serão exploradas e analisadas como testemunhos de práticas acadêmicas e representações do conhecimento histórico na era digital.

4 TRAVESSIAS EM ESCRITA: AS TESES E DISSERTAÇÕES DOS PPGS EM EDUCAÇÃO NA LINHA DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO (UFPB, UFPI, UFS)

*"O paradigma indiciário indica um modo de conhecimento da realidade fundado sobre um método interpretativo centrado nos desvios, nos dados marginais, considerados como reveladores."
Ginzburg (1989)*

Em uma era em que os documentos históricos não são mais apenas páginas amareladas ou fichas de microfilmes, mas bytes e pixels, o historiador se transforma em um leitor de traços digitais. No campo da História da Educação, essa transformação é especialmente significativa, pois permite que pesquisadores acessem e analisem fontes que antes estavam restritas a arquivos físicos. Visto que, conforme sinaliza Ginzburg (1989) é nos "desvios, nos dados marginais, considerados como reveladores" que a verdadeira compreensão se revela.

Esta seção tem como objetivo analisar de que modo as fontes digitais e digitalizadas têm impactado as pesquisas desenvolvidas pelos pós-graduandos em História da Educação na Região Nordeste, entre 2006 e 2023. Para isso, foram levantadas e investigadas as teses e dissertações que mencionam o uso desses recursos, com foco em quatro aspectos principais: (1) identificação e seleção dos trabalhos que citam o uso de fontes digitais e digitalizadas; (2) classificação dos tipos de fontes utilizadas; (3) análise das abordagens metodológicas adotadas; e (4) verificação dos impactos do uso dessas fontes nas práticas de pesquisa.

Ao longo desta análise, o percurso investigativo não se limitará a descrever as práticas dos pesquisadores, mas buscará compreender como essas travessias digitais impactam a própria escrita da história. Assim como o paradigma indiciário de Ginzburg (1989) que permite revelar o oculto nos detalhes, visto que a análise das fontes digitais se transforma em uma leitura dos sinais que, muitas vezes, passam despercebidos.

4.1 Do dado ao conhecimento: critérios e análise metodológica

Para analisar como as fontes digitais e digitalizadas têm sido usadas nas pesquisas nos PPGs em Educação nas linhas em História da Educação na Região Nordeste, esta investigação adotou uma metodologia de levantamento e análise criteriosa e estruturada. Como ponto de partida sendo estabelecido o recorte temporal de 2006 a 2023 por representar o período de consolidação da infraestrutura digital no Brasil, o que afetou diretamente a pesquisa em História da Educação (conforme apresentado na seção 1.1, p. 17-20).

A seleção dos programas de pós-graduação analisados seguiu um critério rigoroso e objetivo: foram incluídas apenas as universidades cujas linhas de pesquisa apresentavam a denominação “História da Educação”. Essa decisão metodológica assegura que apenas os programas com compromisso explícito com o campo da História da Educação sejam considerados, evitando distorções e garantindo a consistência da análise. Dessa forma, foram incluídos programas de três universidades federais, distribuídas em três estados da Região Nordeste, visto terem as únicas com Linha de Pesquisa específica da área, apesar das outras instituições terem linhas correlacionadas, como descrito e grifado no Quadro 5.

Quadro 5 – IES do Nordeste com PPGs em Educação e suas linhas relacionadas com a História da Educação

IES	Linhas de Pesquisa
UFAL	História e Política da Educação
UFBA	Linguagem, Subjetivações e Práxis Pedagógica ⁵⁵
UFC	História e Educação Comparada (LHEC) História e Memória da Educação (NHIME)
UFMA	História, Políticas Educacionais, Trabalho e Formação Humana.
UFPB	História da Educação
UFCG	História, Política e Gestão Educacionais
UFPE	Teoria e História da Educação
UFPI	História da Educação
UFRN	Educação, Estudos Sócio-históricos e Filosóficos
UFS	História da Educação

Fonte: Elaborado pela autora com dados dos sites dos referidos programas de pós-graduação (2024).

Essa escolha metodológica garante que os trabalhos analisados estejam diretamente relacionados ao campo da História da Educação, evitando

⁵⁵ Possui Grupo de Pesquisa: Grupo de Estudos e Pesquisas em Memória e História da Educação – MEHED.

a inclusão de pesquisas que, embora utilizem fontes históricas não se encontrem fundamentadas em uma abordagem historiográfica educacional.

O levantamento de teses e dissertações para esta pesquisa seguiu um procedimento padronizado, garantindo a consistência metodológica e a precisão dos dados coletados. O levantamento foi realizado exclusivamente na Base de Teses e Dissertações da CAPES, que reúne e disponibiliza grande parte da produção acadêmica brasileira em nível de pós-graduação, quando não estavam disponíveis ao download, visto a plataforma somente ofertar o trabalho completo a partir de 2013, recorreu-se os repositórios institucionais das referidas IEs.

As buscas foram realizadas por meio de uma pesquisa no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES e/ou Plataforma Sucupira, que reúne grande parte das produções acadêmicas brasileiras em nível de pós-graduação. A escolha dessa plataforma se justifica por sua abrangência e confiabilidade, uma vez que os dados são fornecidos diretamente pelas instituições, garantindo autenticidade e precisão.

O Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES tem desempenhado um papel crucial na disseminação da produção intelectual brasileira, reunindo trabalhos desde 1987. Inicialmente, disponibilizou 125.000 resumos de teses e dissertações no período de 1996 a 2001, e vem sendo atualizado continuamente. Em 2014, já contava com mais de 70.000 registros de autores distintos, distribuídos entre 3.332 programas de pós-graduação em 353 instituições. A atualização semanal desse acervo garante que novos trabalhos sejam continuamente incluídos, refletindo o crescimento e a diversidade da produção acadêmica no país.

O padrão das buscas no catálogo funciona, segundo a Capes (2016) das seguintes formas,

1. Para buscar uma frase específica, coloque entre aspas (“)
Exemplo: “Educação Científica”
2. Para termos que possuem mais de um significado, use o conector - (hífen) antes das palavras que se deseja evitar, incluindo um espaço antes.
Exemplo: controle -constitucionalidade -avaliação -interno -externo. letra -caligrafia -alfabeto -canção.
3. Alguns caracteres especiais não são recuperados pelo Catálogo de Teses. Desse modo, recomenda-se evitar o seu uso nas pesquisas.
Exemplo: letras gregas

4. Para pesquisar dois termos, use o sinal de soma "+" e não utilize as aspas

Exemplo: Educação + Científica

5. Os operadores booleanos (AND, NOT, OR) são termos que permitem combinar, refinar e direcionar a combinação de expressão. Eles devem ser utilizados em letra maiúscula. Caso os termos sejam inseridos em letra minúscula, serão considerados como termos de busca e podem interferir no resultado da busca realizada.

Exemplo: "Educação física" AND "Pedagogia escolar"

Logo foram utilizadas as referidas dicas mencionadas pelo Catálogo de teses e dissertações da Capes na metodologia da pesquisa realizada, nos meses de janeiro a maio de 2024, por meio do nome das universidades selecionadas entre aspas adicionadas ao nome da linha de pesquisa, que inclui à História da Educação, posteriormente foram filtrados os resultados por meio do marco temporal delimitado (2016-2023), assim, por meio dos repositórios das IES pesquisadas e da plataforma da CAPES.

No entanto, durante as buscas, encontraram-se lacunas significativas que impulsionaram a mudança na plataforma de busca, dentre elas: (a) divergência na nomenclatura utilizada pela universidade e a cadastrada no Catálogo de teses e dissertações da Capes, (b) ausência de indicação das linhas de pesquisa na maioria dos trabalhos apresentados, gerando dúvidas do enquadramento das respectivas áreas.

Posto isto, foi decidido como meio de seleção inicial das teses e dissertações que comporão a investigação, filtrar trabalhos orientados pelos professores ligados às linhas de pesquisa, que tenham relação direta com a História da Educação em cada PPGs em Educação.

De forma a garantir a triagem inicial de apenas trabalhos diretamente relacionados à linha de pesquisa "História da Educação" fossem analisados, adotou-se uma estratégia metodológica que assegurasse precisão e coerência na seleção dos dados. Esse cuidado se justifica pela demanda de manter o foco da investigação exclusivamente na produção acadêmica voltada ao campo da História da Educação, evitando a inclusão de trabalhos que, embora localizados em programas de Educação, não se enquadrassem na temática específica.

A fim de assegurar essa delimitação, foi aplicado um filtro adicional por orientadores vinculados à linha de pesquisa "História da Educação". Esse filtro foi desenvolvido com base em uma análise criteriosa dos quadros de corpo docente dos Programas de Pós-Graduação em Educação das instituições

selecionadas (UFPB, UFPI e UFS). Os nomes dos orientadores foram identificados nos sites oficiais desses programas, em suas respectivas seções que descrevem as linhas de pesquisa e os docentes que as compõem.

Este procedimento garantiu que apenas os trabalhos orientados por professores vinculados à linha "História da Educação" fossem incluídos na pesquisa. Essa abordagem é especialmente relevante, pois evita que sejam analisados trabalhos que, embora vinculados ao Programa de Educação, não se alinhem ao recorte temático da pesquisa. Além disso, o critério por orientadores assegura que os trabalhos selecionados reflitam a produção intelectual diretamente influenciada por especialistas da área, fortalecendo a validade da análise.

A escolha de utilizar o filtro por orientadores vinculados à linha "História da Educação" se justifica por aspectos metodológicos, entre os quais destacam-se: (a) **foco temático**: ao selecionar apenas os trabalhos orientados por docentes diretamente ligados à linha "História da Educação", garantiu-se que a produção acadêmica analisada estivesse diretamente conectada ao objeto de estudo da pesquisa, evitando a inclusão de trabalhos com abordagens gerais ou desconectadas do campo historiográfico; (b) **consistência metodológica**: ao optar pela seleção por orientadores assegura-se que os trabalhos reflitam a orientação teórica e metodológica dos especialistas da área, garantindo que a análise capture as especificidades da produção acadêmica voltada à História da Educação; (c) **transparência e verificabilidade**: ao utilizar este procedimento replicável permite-se que outros pesquisadores repliquem o método, se necessário, pois os nomes dos orientadores foram identificados e registrados com base em fontes públicas e verificáveis (sites dos programas e currículos Lattes); (d) **precisão na coleta de dados**: ao recorrer ao filtro por orientadores, evitou-se a inclusão de trabalhos que, embora pertençam ao Programa de Educação, não estejam diretamente relacionados à História da Educação, tal precisão é fundamental para garantir a validade e a coerência da análise.

Inicialmente, foi aplicado o filtro de Instituição, considerando as opções específicas para cada universidade, de forma a garantir que nenhum trabalho fosse excluído indevidamente. Essa escolha metodológica garantiu que a pesquisa abrangesse a totalidade dos trabalhos vinculados aos Programas de

Pós-Graduação em Educação das universidades relacionadas, evitando lacunas e assegurando que todos os trabalhos pertinentes fossem considerados.

Em seguida, foi aplicado o filtro pelo Nome do Programa, selecionando exclusivamente o curso de Educação, tal critério assegura apenas os trabalhos diretamente vinculados ao campo educacional sejam recuperados, garantindo a coerência com o objeto de estudo desta pesquisa. Importante ressaltar o uso e/ou alteração nos filtros, que funcionam como peneiras, pode influenciar no resultado das pesquisas.

Na sequência, foi estabelecido o recorte temporal de 2006 a 2023, em consonância com os objetivos apresentados na seção 1, que incluem analisar o uso de fontes digitais e digitalizadas nas pesquisas em História da Educação ao longo desse período. A definição desse intervalo justifica-se por abranger o avanço dos processos de digitalização e a ampliação do acesso a acervos digitais, elementos que reconfiguraram as práticas investigativas no campo.

Somente foram incluídas teses e dissertações que mencionavam explicitamente o uso de fontes digitais e digitalizadas nos títulos, resumos e palavras-chave, vinculadas a estes três Programas de Pós-Graduação em Educação da UFPB, da UFPI e da UFS. Esse recorte espacial (geográfico) e temático permitiu observar de que modo os pesquisadores locais têm explorado essas fontes no desenvolvimento de suas investigações. Em contrapartida, foram excluídos os trabalhos que não faziam menção ao uso de fontes digitais, bem como aqueles pertencentes a outras áreas do conhecimento ou com acesso restrito.

Os trabalhos identificados preliminarmente foram organizados em planilhas consolidadas, separadas por programa de pós-graduação e tipo de trabalho (teses e dissertações) nas quais foram registrados dados essenciais para a análise: autor, título, orientador, ano de publicação, tipo de fonte utilizada (digital, digitalizada, iconográfica, impressa, oral), conforme apresentado nos Apêndice A - Teses e dissertações analisados do PPG em Educação da UFPB, Apêndice B - Teses e dissertações analisados do PPG em Educação da UFPI, Apêndice C - Teses e dissertações analisados do PPG em Educação da UFS.

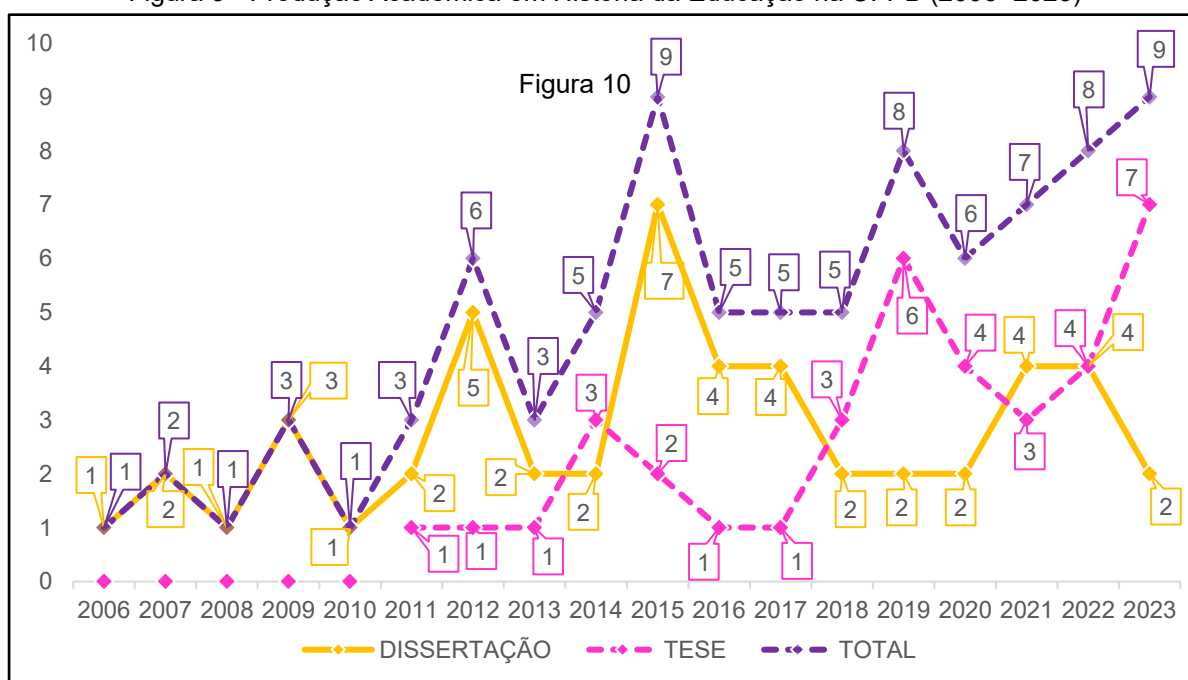
Esta organização permitiu não apenas a visualização clara do conjunto a ser analisado, como também a classificação e o cruzamento de informações, revelando padrões e tendências. Para tanto, foi realizada

previamente, uma classificação sistematizada dos dados, visto que ao ser associada à representação gráfica da produção por instituição e por ano, possibilita visualizar a distribuição e a evolução das pesquisas vinculadas à História da Educação ao longo do tempo.

Dessa forma, na construção de gráficos individuais para as instituições analisadas (UFPI, UFPB e UFS) permitiu identificar não apenas os picos e lacunas na produção, mas também compreender o ritmo de consolidação da linha em cada programa de pós-graduação. A inclusão de uma síntese quantitativa das dissertações e teses defendidas por ano, favorece uma leitura dinâmica da trajetória produtiva, revelando possíveis impactos de contextos históricos, institucionais ou estruturais. Assim, por meio dessas figuras com representações de gráficos cumpre-se a função de não apenas ilustrar as tendências identificadas nos dados coletados, mas reforçar, o entendimento dos percursos acadêmicos e das escolhas teórico-metodológicas predominantes nos últimos anos.

Nesse contexto, na Figura 10, podemos visualizar os dados referentes à produção acadêmica total do período quanto ao campo de História da Educação do PPG em Educação da UFPB.

Figura 9 - Produção Acadêmica em História da Educação na UFPB (2006–2023)



Fonte: Autoria própria, 2025.

Nota: Elaborado conforme dados extraídos do repositório institucional da UFPB, organizados e sistematizados pela pesquisadora, contempla apenas os trabalhos orientados por docentes identificados como atuantes na área de História da Educação.

Na Figura 10 apresenta-se a evolução da produção acadêmica vinculada à linha de História da Educação no Programa de Pós-Graduação em

Educação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) no período de 2006 a 2023, discriminando os quantitativos anuais de dissertações e teses defendidas, bem como o total de trabalhos.

Conforme estabelecido na metodologia, o gráfico da Figura 9, permite visualizar a distribuição da produção ao longo do tempo e inferir sobre o ritmo de consolidação da linha de pesquisa nessa instituição. Ao observar a curva de produção da UFPB, verifica-se uma presença constante de dissertações desde o início do recorte temporal, embora com flutuações, atingindo picos em anos como 2015 (7), 2019 (9) e 2023 (9). A produção de teses, por outro lado, demonstra um crescimento mais marcante a partir de 2014, sugerindo um fortalecimento do nível de doutorado na área, com picos em 2017 (8) e 2019 (8). A linha do total de trabalhos reflete essa dinâmica, exibindo uma tendência geral de aumento, com o maior volume de produções defendidas registrado em 2019 (17 teses e dissertações).

Estes dados indicam uma trajetória de consolidação da linha de História da Educação na UFPB ao longo do período analisado, impulsionada pelo avanço na pesquisa em nível doutoral. A produção de teses apresenta um crescimento mais expressivo a partir de 2014, sugerindo o fortalecimento da formação em nível doutoral na área de História da Educação dentro do PPGED/UFPB. Os picos de 2017 e 2019, ambos com oito defesas, indicam não apenas a maturidade do programa, bem como a consolidação de linhas de pesquisa que se estruturaram de forma contínua ao longo da década.

A linha que agrega o total de trabalhos (teses e dissertações) reforça essa tendência de expansão, alcançando em 2019 o maior volume do período, com 17 produções, o que evidencia o vigor da área mesmo diante das variações conjunturais. Esse crescimento pode ser interpretado como resultado de três fatores combinados: a estabilidade do corpo docente com trajetória consolidada no campo da História da Educação; a ampliação da demanda por pesquisas doutorais no contexto nacional de valorização da pós-graduação; e a emergência de novas problemáticas historiográficas, especialmente relacionadas ao uso de fontes digitais e digitalizadas, que ampliaram os horizontes temáticos das investigações.

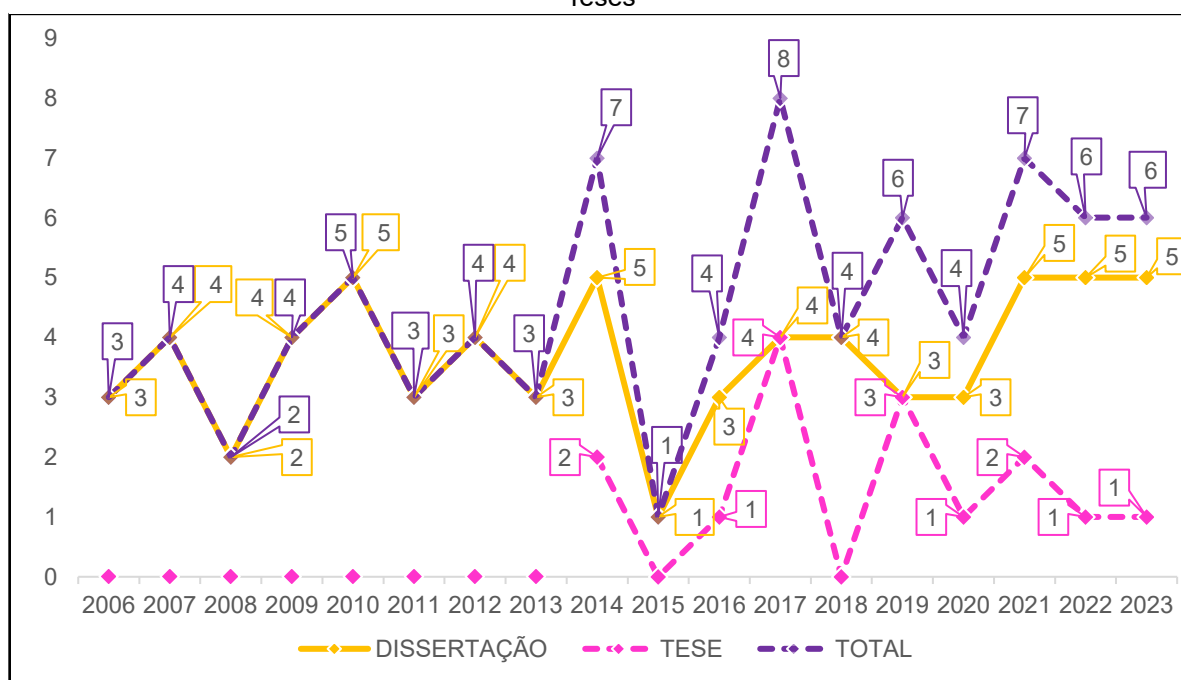
Assim, a Figura 9 documenta um aumento quantitativo e revela o processo de consolidação da História da Educação como eixo estruturante no

programa, sustentado pelo avanço na pesquisa em nível doutoral e pela capacidade de renovação metodológica e temática que caracteriza o campo na contemporaneidade.

Na sequência da análise quantitativa por instituição, examina-se a evolução da produção acadêmica vinculada à linha de História da Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí (UFPI) no mesmo período (2006 a 2023).

Dessa forma, na Figura 10, têm-se a evolução da produção acadêmica vinculada à linha de História da Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí (UFPI), no período de 2006 a 2023, contemplando os quantitativos anuais de dissertações, teses e a soma total de trabalhos defendidos.

Figura 10 - Produção Acadêmica em História da Educação na UFPI (2006–2023): Dissertações e Teses



Fonte: Autoria própria, 2025.

Nota: Elaborado conforme dados extraídos do repositório institucional da UFPI, organizados e sistematizados pela pesquisadora, contempla apenas os trabalhos orientados por docentes identificados como atuantes na área de História da Educação.

Ao analisar o gráfico acima ilustrado na Figura 10 evidencia-se, em primeiro plano, a regularidade na produção de dissertações desde os primeiros anos do recorte temporal. Observa-se uma média estável de duas a três dissertações por ano, com leve ampliação a partir de 2011, quando o programa consolida maior densidade de pesquisas na linha. Esse dado aponta para a

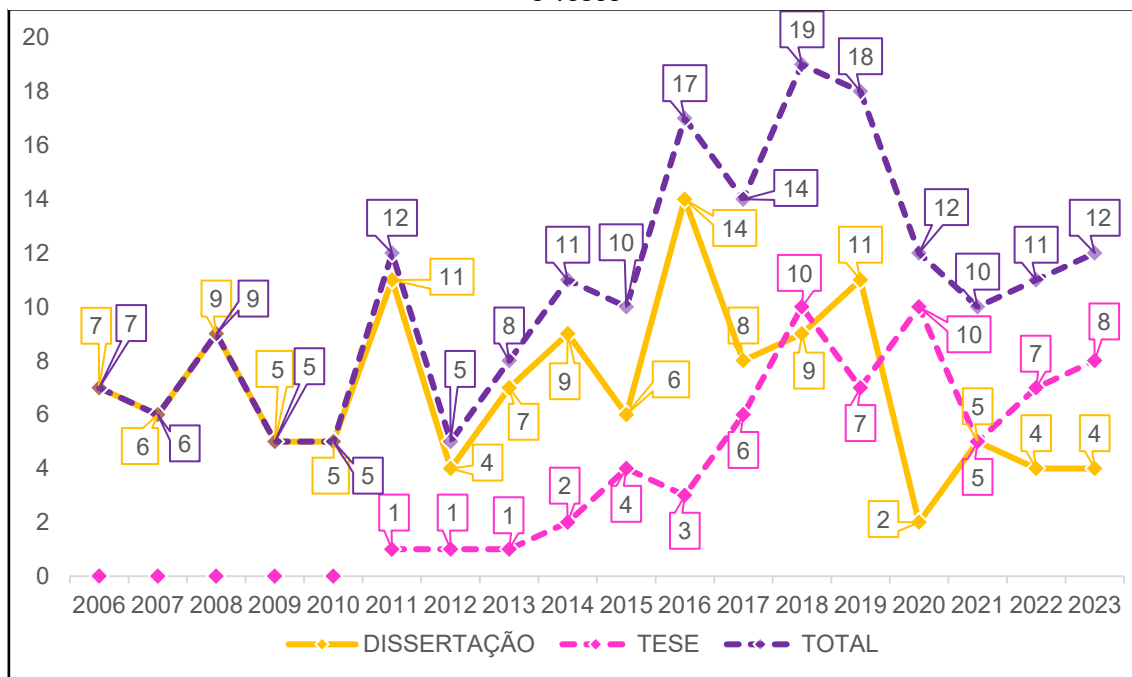
continuidade temática e consolidação da linha de História da Educação no mestrado, expressando uma trajetória formativa consistente.

O componente mais expressivo da curva refere-se à incorporação das teses a partir de 2014, ano em que o doutorado passou a integrar o PPGED/UFPI. A partir de então, verifica-se um crescimento gradual da produção doutoral na área, com picos em 2021 e 2023, anos em que se registram quatro teses defendidas, denotando amadurecimento do eixo teórico-metodológico da linha no nível de doutoramento. A curva relativa às teses apresenta trajetória ascendente, refletindo o aumento da densidade investigativa, bem como o fortalecimento dos grupos de pesquisa associados à História da Educação.

A linha do total de trabalhos reflete a soma das dissertações e teses, revelando os momentos de maior concentração produtiva: 2015, 2017, 2019, 2021 e 2023. Esse padrão sugere que os ciclos bienais ou trienais de orientação e defesa têm influenciado diretamente os picos observados. Além disso, os dados permitem inferir que, apesar das eventuais oscilações conjunturais, o programa manteve níveis constantes de produção, revelando resiliência institucional e compromisso acadêmico dos docentes e discentes da linha.

Na Figura 11, apresenta-se a evolução da produção acadêmica em História da Educação na Universidade Federal de Sergipe (UFS), no período de 2006 a 2023. Verifica-se, nesse contexto, não apenas o crescimento expressivo da produção acadêmica em História da Educação ao longo dos anos, mas também transformações qualitativas no perfil formativo deste programa. A partir de 2011, nota-se um aumento significativo na produção total, que se mantém em patamares elevados até 2018, sinalizando a consolidação da área como campo de investigação contínuo e relevante na pós-graduação da UFS.

Figura 11 - Produção Acadêmica em História da Educação na UFS (2006–2023): Dissertações e Teses



Fonte: Autoria própria, 2025.

Nota: Elaborado conforme dados extraídos do repositório institucional da UFS, organizados e sistematizados pela pesquisadora, contempla apenas os trabalhos orientados por docentes identificados como atuantes na área de História da Educação.

As variações observadas, especialmente nos anos de 2016 e 2020, podem ser compreendidas à luz de fatores externos. Em 2016, as políticas de reestruturação acadêmica e de contingenciamento de recursos afetaram diretamente a continuidade de orientações e a realização de defesas, enquanto, em 2020, a pandemia de COVID-19 impôs barreiras inéditas ao trabalho de campo, ao acesso a arquivos e ao funcionamento regular das bancas, repercutindo na queda momentânea da produção.

Nesse contexto, a Figura 11 não apenas registra oscilações numéricas, mas evidencia a resiliência da História da Educação como eixo estruturante dentro do programa. Mesmo em conjunturas adversas, os trabalhos mantêm regularidade e demonstram capacidade de adaptação, seja pela intensificação do uso de fontes digitais e digitalizadas, seja pela redefinição de estratégias metodológicas em consonância com os debates historiográficos recentes.

No percurso metodológico a seguir adota-se duas etapas complementares. Na primeira, de caráter descritivo, os trabalhos foram caracterizados quanto ao seu tipo (tese ou dissertação), ano de publicação e instituição de origem. Dessa forma, foram identificados os quantitativos das

produções a serem analisadas, que compõem a totalidade dos trabalhos dessas IEs relacionadas à História da Educação.

Na segunda etapa, de caráter interpretativo, foi realizada a leitura crítica dos textos selecionados (elementos recuperados na Base de Teses e Dissertações da Capes: título, resumo, palavras-chave), para detectar os indícios dos trabalhos que fazem o uso de fontes digitais ou digitalizadas, garantindo que apenas estes fossem incluídos na análise final. Com base neste escopo e no corpus documental, busca-se compreender as práticas metodológicas adotadas, diagnosticar o uso das fontes digitais e digitalizadas, identificar os impactos desse uso nas práticas de pesquisa em História da Educação.

Ao final da aplicação destes critérios de inclusão e exclusão foram identificadas e selecionadas as teses e dissertações para análise, com uso de fontes digitais e digitalizadas, seguindo os preceitos recomendados por Moher et al. (2009), no Protocolo PRISMA, conforme apresentados no Quadro 6.

Quadro 6 - Critérios aplicados na seleção da pesquisa

CRITÉRIOS DE INCLUSÃO	<ul style="list-style-type: none"> ○ Trabalhos vinculados a Programas de Pós-Graduação em Educação na UFPB, UFPI e UFS. ○ Trabalhos oriundos de programas cujas linhas de pesquisa apresentem o título exato "História da Educação". ○ Trabalhos publicados entre 2006 e 2023. ○ Teses e dissertações que mencionam explicitamente o uso de fontes digitais e digitalizadas nos resumos, títulos ou palavras-chave. ○ Documentos completos e disponíveis para consulta online na Plataforma Sucupira da CAPES.
CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO	<ul style="list-style-type: none"> ○ Trabalhos que não fazem menção ao uso de fontes digitais ou digitalizadas. ○ Trabalhos de outras áreas que não se relacionam diretamente à História da Educação. ○ Documentos com acesso restrito ou indisponíveis para consulta. ○ Trabalhos vinculados aos programas cujas linhas de pesquisa não contenham o título exato "História da Educação".

Fonte: Elaborada pela autora, 2025.

Nota: Conforme os parâmetros do protocolo PRISMA (Moher et al., 2009).

A escolha por uma análise que combina descrição e interpretação foi fundamentada em uma perspectiva teórico-metodológica ancorada na História Digital e nas Humanidades Digitais, apoiando-se em Chartier (1998), ao destacar o papel dos suportes na constituição das práticas de leitura e escrita da história;

em Ginzburg (1989), cuja perspectiva indiciária orienta a atenção aos detalhes, rastros e fragmentos, fundamentais para compreender o uso das fontes digitais; e em Certeau (2006), ao ressaltar as operações de seleção, exclusão e mediação que estruturam o trabalho historiográfico. Esses referenciais permitem não apenas descrever o que os pesquisadores afirmam sobre o uso de fontes digitais, mas também analisar como tais fontes foram efetivamente incorporadas em suas práticas, revelando nuances que vão além das declarações formais.

Ao adotar essa abordagem, o estudo não se limita a uma visão quantitativa, mas busca capturar o sentido qualitativo das escolhas feitas pelos pesquisadores, suas dificuldades, adaptações e descobertas. Nesse sentido, a utilização do protocolo PRISMA (Moher et al., 2009) justificou-se como instrumento de transparência e rigor na sistematização, possibilitando a seleção criteriosa, a triagem e o registro dos trabalhos incluídos na análise. O que surge, portanto, não é apenas um mapeamento das pesquisas realizadas, mas um entendimento mais profundo das travessias em escrita que caracterizam o uso de fontes digitais e digitalizadas na História da Educação.

Sendo assim, foram recuperados os trabalhos que utilizam fontes digitais ou digitalizadas, conforme exposto nas seções a seguir, separados por IES. Logo, apresenta-se a seguir os principais aspectos metodológicos, as fontes utilizadas, os referenciais teóricos e resumos dos trabalhos acadêmicos vinculados às PPGs em Educação, linhas da História da Educação das UFPB, UFPI e UFS, conforme análise documental realizada no âmbito do projeto de investigação sobre o uso de fontes digitais e digitalizadas.

A partir dos dados sistematizados coletados e sistematizados, cada instituição é analisada em sua singularidade e trajetória, revelando como os pesquisadores vinculados a esses programas têm mobilizado as fontes digitais em suas investigações. Para cada universidade, apresenta-se inicialmente uma contextualização de sua trajetória no campo da História da Educação, seguida da análise quantitativa e qualitativa dos trabalhos encontrados, permitindo observar tendências, recorrências e singularidades. Ao final, uma leitura integrada articula os achados, conectando-os aos debates teóricos anteriormente discutidos e preparando o terreno para as considerações finais.

4.1.1 Apresentação das teses e dissertações analisados do PPG em Educação da UFPB

No PPG em Educação da UFPB, um dos mais antigos do Nordeste, fundado em 1977, observa-se uma predominância de fontes híbridas (analógicas, digitais e digitalizadas), com destaque para os repositórios digitais de imprensa e acervos educacionais digitalizados por iniciativas de preservação. Este programa apresenta uma produção e diversificada ligada a História da Educação com quatro trabalhos (sendo três dissertações e uma tese), conforme verifica-se no Apêndice A - Teses e dissertações analisados do PPG em Educação da UFPB.

Nos trabalhos selecionados, as dissertações de Isabela Tristão (2021), Jisaline Rodrigues (2022) e Maria Aparecida da Costa Silva (2022), e a tese de Arthur Rodrigues de Lima (2023), demonstram a crescente e multifacetada incorporação de fontes digitais e digitalizadas na pesquisa em História da Educação. Todos os trabalhos revelam uma predominância de fontes híbridas, combinando o uso de documentos impressos (em grande parte digitalizados), fontes orais e iconográficas com recursos digitais.

A Hemeroteca Digital Brasileira destaca-se como um repositório fundamental para Tristão (2021), Rodrigues (2022), Silva (2022) e Lima (2023). Essa recorrência corrobora a premissa de que a transição para o uso de fontes digitais transcende uma mera solução prática de acesso, configurando-se como uma oportunidade epistemológica para a reavaliação dos modos de fazer história na contemporaneidade

Em síntese, os quatro trabalhos, ao mesmo tempo em que demonstram a expansão e a flexibilidade metodológica impulsionada pelas fontes digitais e digitalizadas, reafirmam o necessário desenvolvimento de protocolos para formação em um "letramento digital historiográfico", indo além da instrumentalização técnica, buscando uma capacidade crítica para revelar e questionar os filtros, algoritmos e padrões de curadoria que moldam a produção, organização e disponibilização do conhecimento histórico na era digital, garantindo que o uso das tecnologias digitais enriqueça e qualifique o trabalho historiográfico sem negligenciar suas complexidades inerentes.

O trabalho de Tristão (2021) exemplifica a adoção de fontes digitalizadas na pesquisa em História da Educação, mobiliza documentos manuscritos e relatórios, mas integra de forma essencial a Hemeroteca Digital Brasileira como repositório de acesso a jornais, demonstrando como a digitalização e disponibilização online amplia o escopo documental. Tristão (2021) explicita o uso de tais fontes, afirmando como os jornais digitalizados se tornam essenciais para a investigação, complementando as fontes manuscritas:

A partir dos “sinais” ou das “pistas” [...] percebidas em todos esses documentos, recorremos aos jornais digitalizados na Hemeroteca Digital, do site da Biblioteca Nacional. Tendo em consideração que “todo documento, inclusive o mais anômalo, pode ser inserido numa série. Não só isso: pode servir, se analisado adequadamente, a lançar luz sobre uma série documental mais ampla [...]”. Desse modo, os jornais utilizados nessa pesquisa foram escolhidos, principalmente, diante dos limites das fontes manuscritas. A partir destas últimas, identificamos os sujeitos e os casos que seriam focalizados e, com as informações levantadas na Hemeroteca Digital, operamos com o cruzamento de fontes (Tristão, 2021, p. 20-21).

Dessa forma, a pesquisadora acima se alinha à visão de que as fontes digitais não são apenas um acesso superficial, mas oportunidade para análises mais profundas (Andrade, 2020). Por sua metodologia, que emprega o Paradigma Indiciário de Ginzburg (1989), ressoa com a ênfase já apresentada sobre a busca por “rastros e sinais” mesmo em documentos transpostos para o digital.

Em Rodrigues (2022), evidencia-se de forma clara a transição e a interdependência entre o analógico e o digital na pesquisa histórica, corroborando a ideia da chamada “virada digital” de Noiret (2022). A autora descreve as dificuldades de acesso a fontes físicas, agravadas pela pandemia, e a conseqüente recorrência aos acervos digitais. Sua investigação fundamenta-se especialmente em periódicos digitalizados e em relatórios de presidentes de província disponíveis online, demonstrando como as fontes digitalizadas possibilitam não apenas a continuidade, como também a ampliação das pesquisas em História da Educação.

Rodrigues (2022) destaca essa mudança de paradigma no acesso às fontes pois não só utiliza extensivamente a Hemeroteca Digital Brasileira: também

Para esta pesquisa, foi explorado e utilizado como fonte um documento escrito, o jornal O Cearense, disponível no acervo da Hemeroteca Digital, no site da Biblioteca Nacional (BN). Outros documentos se tornaram, todavia, também importantes e necessários para complementar dados localizados no jornal, tais como os relatórios dos presidentes de província do Ceará, digitalizados e disponibilizados no site Center for Research Libraries (CRL)

[...]

O desenvolvimento da pesquisa e a elaboração do texto implicou muitas idas e vindas ao site da Biblioteca Nacional (BN) - mesmo depois de concluída a parte inicial da pesquisa, quando fizemos a leitura dos exemplares disponíveis, compreendendo o período 1846-1856 –, para identificar os anúncios sobre venda de livros voltados para a instrução e educação. Esse retorno, além de importante, se tornou necessário, para rever ou aprofundar questões essenciais da pesquisa, interrompida, no início de 2021, quando o acesso ao site foi negado durante 16 dias, provavelmente em decorrência dos protocolos sanitários relativos à COVID-19; houve registros de ataques cibernéticos, sem que a equipe de tecnologia conseguisse restabelecer o acesso ao referido site (Rodrigues, 2022, p. 177 e 192).

Esa autora *op cit.* conforme também sinalizado por Pons (2022), reflete sobre as circunstâncias que impulsionaram essa escolha metodológica e as interrupções que podem ocorrer no acesso a acervos digitais, dialogando diretamente sobre a não neutralidade e as vulnerabilidades do ambiente digital:

A pesquisadora Silva (2022) também busca no acervo digital da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional acesso ao jornal “Gazeta da Parahyba”. Sua pesquisa, focada na representação dos anúncios de educação, demonstra como as fontes digitalizadas viabilizam estudos sobre a cultura educacional e os discursos veiculados pela imprensa.

Silva (2022) ressalta o uso da Hemeroteca Digital e sua relevância como ferramenta fundamental de pesquisa, salientando tanto a acessibilidade quanto a qualidade das fontes disponibilizadas, às quais recorre sistematicamente em sua análise.

[...] aos periódicos paraibanos do século XIX, digitalizados e disponíveis no site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, dos quais, após mapeados, escolhemos como recorte o jornal Gazeta da Parahyba em circulação entre os anos de 1888 a 1890.
[...]

A acessibilidade às fontes primárias, em sua maioria, com boas condições para a análise, somada ao número de exemplares disponível no site da Hemeroteca da Biblioteca Nacional, complementaram as justificativas para a escolha da Gazeta como foco de pesquisa e comprovação da presença de anúncios relacionados à educação do período oitocentista na Paraíba (Silva, 2022, p. 13 e 15).

Logo, Silva (2022) ilustra a amplitude das fontes digitais e digitalizadas com seu potencial de contribuição para o campo, salientando como

as ferramentas propiciadas pela era digital oferecem novas oportunidades de abordagem para a pesquisa em História da Educação.

Na tese de Lima (2023) é investigado a "produção e representação" de Felipe Tiago Gomes como intelectual, a Hemeroteca Digital Brasileira é utilizada para o acesso e busca em periódicos. Notavelmente, esse trabalho se destaca por problematizar as limitações inerentes às fontes digitais e digitalizadas. Lima (2023) reconhece que os processos de digitalização podem resultar na perda ou omissão de documentos, dialogando com o apontamento contra o "angelismo digital" e a demanda de questionar a ilusão de um acesso total, transparente e imparcial (Pons, 2022). A autora aborda diretamente essa crítica ao ressaltar os silêncios, afirmando que

Os recortes catalogados no Apêndice não representam uma totalidade de notícias divulgadas sobre Felipe Tiago Gomes e a CNEC, uma vez que, em processos de digitalização e inserção no repositório, documentos são perdidos ou deixados de lado. Sobre o nosso corpus, é possível que tenha havido matérias que não foram digitalizadas e inseridas na Hemeroteca Digital ou se perderam, por isso sempre se deve observar os limites das fontes. Mesmo assim, diante da amplitude nacional atingida pela Campanha, a pesquisa em um repositório digital foi fundamental para uma maior análise dos campos de atuação de Felipe Tiago Gomes e da CNEC. Também não se pode esquecer que o contexto vivido a partir da pandemia da COVID-19 em 2020 favoreceu para que tal escolha metodológica fosse realizada (Lima, 2023, p. 39-40).

Esta tese torna-se particularmente relevante por não apenas evidenciar o uso extensivo das fontes e ferramentas da Hemeroteca Digital Brasileira, mas também por problematizar criticamente as limitações e a incompletude dos acervos digitais (Vidal, 2000; Raffani e Vidal, 2023).

Em conjunto, os trabalhos da UFPB revelam a incorporação de fontes digitais e digitalizadas, com a Hemeroteca Digital Brasileira assumindo o papel de repositório estratégico para as pesquisas. Materializam-se a "travessia" para o ambiente digital analisada por esta pesquisadora, confirmando a hipótese de que a digitalidade tem modificado as práticas investigativas e ampliado a diversidade temática e metodológica na História da Educação (Zaagsma, 2013).

A predominância de fontes híbridas, que combinam documentos impressos (frequentemente digitalizados) com recursos digitais e acervos iconográficos e orais, constitui uma característica marcante nesses estudos, nos quais a Hemeroteca Digital Brasileira aparece de modo recorrente como

repositório central, tais usos majoritário na transição digital corrobora com o preconizado por Zaagsma (2013).

Essa recorrência não representa apenas uma otimização do acesso, mas uma oportunidade epistemológica que impulsiona a reavaliação dos métodos de produção do conhecimento histórico na contemporaneidade, evidenciando a expansão e a flexibilidade metodológica possibilitadas pelas fontes digitais e digitalizadas.

As perspectivas sobre as fontes digitais variam entre os estudos. Tristão (2021) exemplifica a adoção crescente dessas fontes, integrando a Hemeroteca Digital Brasileira para ampliar o escopo documental e complementar fontes manuscritas, tais pesquisadores se alinham em seus referenciais teóricos à visão de que as fontes digitais oferecem oportunidades para análises mais aprofundadas e permitindo o cruzamento de fontes para tanto fazem uso do Paradigma Indiciário de Ginzburg (1998). Silva (2022) igualmente corrobora essa visão, destacando a acessibilidade e as boas condições das fontes digitalizadas para a análise, o que propicia novos estudos sobre a cultura educacional veiculada pela imprensa.

Em contrapartida, Rodrigues (2022) e Lima (2023) introduzem uma dimensão mais crítica. Rodrigues (2022), ao descrever a dependência dos acervos digitais em virtude das dificuldades de acesso a fontes físicas, refletem sobre a não neutralidade e as vulnerabilidades do ambiente digital, evidenciando interrupções no acesso e ataques cibernéticos ao site da Biblioteca Nacional. A tese de Lima (2023) aprofunda essa crítica, problematizando as limitações e a incompletude dos acervos digitais, salienta que os documentos podem ser perdidos ou negligenciados em processos de digitalização, refutando a ilusão de acesso total ou imparcial e reforçando a demanda de sempre se observar os limites das fontes, distanciando-se da ideia de neutralidade ou angelismo digital (Pons, 2022).

Em síntese, os trabalhos da UFPB confirmam as "travessias" para o ambiente digital, a análise de Lima (2023), em particular, explana que, para além da facilidade de acesso, ao historiador convém exercer um olhar crítico contínuo sobre a curadoria, os vieses e as lacunas intrínsecas aos acervos digitais, questionando a neutralidade atribuída ao digital e a materialidade dos meios que delineiam a visibilidade e a ocultação na construção da memória histórica.

4.1.2 Apresentação das teses e dissertações analisados do PPG em Educação da UFPI

O Programa de Pós-graduação em Educação da UPPI foi fundado em 1991 com o Curso de Mestrado e, no ano de 2011 implantado do Curso de Doutorado. Esse programa consolidou-se como um espaço de investigação das práticas, sujeitos e políticas educacionais do Piauí e regiões vizinhas. Os trabalhos analisados revelam uma significativa incidência de fontes digitalizadas, como jornais escaneados, documentos oficiais e registros escolares. A escolha metodológica por fontes digitalizadas indica um esforço em preservar o vínculo com o impresso, ao passo que amplia as possibilidades de acesso remoto e conservação documental.

Na UFPI foram onze trabalhos, sendo duas teses e nove dissertações selecionadas, apresentados no Apêndice B - Teses e dissertações analisados do PPG em Educação da UFPI, demonstrando uma acentuada e estratégica utilização de fontes digitais e digitalizadas, acentuando a tendência observada no cenário da História da Educação na região Nordeste estudada nesta pesquisa. Tais estudos reforçam o entendimento de que tais fontes digitais e digitalizadas não são meros suportes, mas sim atores epistemológicos que reconfiguram as práticas historiográficas.

A Hemeroteca Digital Brasileira, conforme as informações extraídas destes trabalhos, é o repositório digital mais frequentemente citado e utilizado. Além dessa fonte, outros repositórios institucionais online (como os da UFMA, BPBL - Biblioteca Pública Benedito Leite, Center for Research Libraries - CRL, Projeto Memória Jornalismo Piauiense, além de sites de editoras) são mencionados. Houve também a utilização de blogs, complementarmente, fontes iconográficas digitalizadas (fotografias de acervos pessoais e digitais) e documentos governamentais disponíveis online (leis, decretos, relatórios) amplamente empregadas.

Estas pesquisas da UFPI apresentam uma avaliação multifacetada das fontes digitais, nas quais existem as seguintes características em comum: reconhecimento dos benefícios; identificação de desafios e críticas; interrupções no acesso e vulnerabilidades; incompletude e vieses da curadoria.

Há um claro reconhecimento da potencialidade das imagens, da inovação da metodologia que a internet oferece, e da acessibilidade e boas

condições das fontes em repositórios digitais. Por exemplo, na pesquisa de Silva, R. (2017) reforça-se que o "trabalho realizado pelo projeto Memória do Jornalismo Piauiense, este último digitalizando grande parte do acervo pesquisado" foi fundamental. Enquanto na tese de Ropke (2023) e na dissertação de Bastos (2020) menciona-se a pandemia de COVID-19 como um fator que proporcionou um incentivo para que as escolhas metodológicas fossem voltadas para fontes digitais e digitalizadas, além do que essa se tornou "fundamental" para a continuidade das pesquisas, devido ao fechamento de acervos físicos. Isso demonstra que as fontes digitais foram vistas como soluções essenciais a continuidade para a pesquisa remota e para a ampliação do acesso a documentos.

A incorporação das fontes digitais e digitalizadas nessas pesquisas demarcam uma transformação paradigmática na pesquisa em História da Educação. Evidenciando-se uma consolidação da imprensa periódica digitalizada, notadamente através da Hemeroteca Digital Brasileira, como um pilar fundamental para o acesso a documentos históricos, especialmente frente aos desafios de acesso a acervos físicos, agravados pelo contexto pandêmico. Essa virada tecnológica não se restringe a um benefício operacional, configura uma redefinição epistemológica do fazer historiográfico.

No entanto, os estudos também revelam um crescente desenvolvimento de consciência crítica em relação à natureza dessas fontes. Relatos de interrupções de acesso, constatações de incompletudes documentais e o reconhecimento de que os processos de digitalização podem resultar acarretar a perda ou a omissão de informações evidenciam que os acervos digitais não são neutros nem totais. Essa perspectiva crítica, que problematiza os vieses de curadoria, as vulnerabilidades tecnológicas e a materialidade dos meios que filtram e moldam o conhecimento histórico, alinha-se diretamente aos estudos já apontados nesta pesquisa de Vidal (2000) e Raffani e Vidal (2023).

Nesta análise dos trabalhos nota-se o potencial das novas tecnologias para a ampliação do campo de pesquisa e a reafirmação da imperatividade de um olhar vigilante, metodologicamente sofisticado para discernir as complexidades e os "silêncios" que habitam o arquivo digital na construção da memória educacional.

De maneira específica, observa-se na dissertação de Ferreira Filho (2009), dedicada à construção da história da educação musical no Piauí, um extenso trabalho de digitalização de documentos e fotografias. O autor ressalta a fotografia digital como ferramenta que otimiza a pesquisa em termos de custo, rapidez e facilidade de armazenamento, ao mesmo tempo em que garante a preservação dos originais. Nesse sentido, destaca as vantagens de determinadas formas de digitalização (como a fotografia digital) em detrimento de outras (como o uso de escâner), sobretudo pela maior praticidade e menor risco de deterioração do material, visto que

Considerando a importância de algumas das fontes localizadas, nossa pesquisa não se restringiu à busca de documentos imagéticos como fonte de informação apenas, mas também utilizou a fotografia em outra dimensão: a digitalização de documentos diversos, tais como fotografias antigas, relatórios, ofícios, atos da reitoria, programas de recitais e concertos, cartazes, notas de jornal e diversos outros tipos de documentos históricos encontrados nos acervos visitados. Face às restrições impostas pela necessidade de conservação da integridade física dos documentos históricos, a fotografia digital tem sido considerada uma opção bem mais adequada que o scanner, uma vez que este último, além de pressionar o documento contra uma prancha de vidro, ainda o expõe a uma intensa luz no momento da digitalização (Ferreira Filho, 2017, p. 26).

Essa reflexão apresentada por Ferreira Filho (2017) revela não apenas uma preocupação técnica, mas também ética em relação ao manuseio das fontes históricas. Ao optar pela fotografia digital em detrimento do escaner, o autor demonstra sensibilidade diante da demanda de preservação documental, aspecto central quando se trata de acervos raros e em risco de deterioração. Além disso, sua escolha aponta para uma dimensão metodológica mais ampla, pois reforça o papel do pesquisador como mediador entre a tecnologia disponível e a salvaguarda da memória histórica. Tal posicionamento encontra eco nas discussões atuais sobre as humanidades digitais, nas quais o processo de digitalização não se sugere seu entendimento apenas como uma solução prática, mas como um ato que envolve critérios técnicos, epistemológicos e patrimoniais (Andrade, 2020; Gomes, Valente, 2021; Raffani, Vidal, 2023).

Ademais, conforme se verifica na tese de Reis (2017), que trata sobre o ensino secundário em Oeiras, Piauí, a autora vai além da pesquisa bibliográfica e da investigação documental em arquivos públicos e privados ao empregar, de forma inovadora, ferramentas virtuais online como a plataforma Moodle, adaptada para fins de pesquisa. Por meio de fóruns e chats, foram coletados

depoimentos de ex-alunos e ex-professores, integrando a internet como recurso metodológico. Essa estratégia possibilitou a socialização do conhecimento e a conversão de lembranças individuais em registros formais, evidenciando a criatividade da pesquisadora na busca por fontes, além da incorporação de novas tecnologias à História da Educação.

Nesse sentido, Reis (2017) destaca a utilização inovadora do ambiente virtual para a interação com os participantes e coleta de dados, ultrapassando a mera consulta de documentos e incorporando ferramentas de colaboração online. Esta autora ainda descreve detalhadamente como estruturou a coleta de dados, explorando o ambiente digital como espaço de interação com os participantes:

[...] logo em seguida, foi reservada para apresentar a relação nominal com uma breve caracterização dos sujeitos que participaram da coleta virtual de dados para a pesquisa. Nesta seção consta também um link que possibilitava ao sujeito o acesso ao documento conhecido como Termo de Livre Consentimento, para ser lido, assinado, escaneado, e postado na plataforma. [...] Nas últimas seções estão as cinco ferramentas que estavam à disposição para serem acionadas pelos sujeitos para apresentarem suas informações sobre Ginásio Municipal Oeirense denominada de Baú de Memórias era destinada à postagem de fotos (Reis, 2017, p. 22-23).

A análise desse trecho evidencia a relevância metodológica da proposta da autora. Ao adaptar a plataforma Moodle para além de seu uso convencional no ensino, Reis (2017) inaugura uma prática que alia pesquisa histórica e instrumentos digitais, promovendo a interação remota e a coleta organizada de dados em ambiente virtual. O “Baú de Memórias”, em particular, constitui-se um recurso que legitima memórias pessoais e imagens como documentos históricos, transformando a vivência individual em patrimônio coletivo. Desse modo, a experiência relatada reafirma a potencialidade das ferramentas digitais para ampliar o alcance das investigações, diversificar os tipos de fontes e práticas de pesquisa de campo acessadas pela História da Educação.

Ao investigar a função da direção escolar no Piauí entre 1910 e 1947, Silva, M. (2017) recorre a uma perspectiva da micro-história, valorizando a riqueza de detalhes de documentos impressos, manuscritos e hemerográficos consultados tanto no Arquivo Público do Piauí quanto no acervo digital da Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Essa escolha metodológica evidencia a

busca por uma compreensão multifacetada do objeto de estudo, combinando o rigor da análise documental com a abertura a novas possibilidades proporcionadas pelas novas tecnologias. Essa autora enfatiza o papel essencial da digitalização de documentos, destacando o impacto da política de preservação e acesso da Biblioteca Nacional:

Quanto a este último, me sinto instigada a fazer um parêntese e ressaltar a importância do trabalho de digitalização e disponibilização de documentos por parte do site da Biblioteca Nacional para o público em geral, que torna-se uma alternativa de busca para pesquisadores, em especial historiadores, que encontram dificuldade de levantamento em arquivos por conta da carência de material, consequência de uma ausência de uma política de preservação arquivística e documental (Silva, M., 2017, p. 193).

Ao analisar esse trecho revela uma dupla preocupação: de um lado, a carência dos acervos físicos, reflexo da ausência de políticas consistentes de preservação documental; de outro, a digitalização como recurso estratégico para superar tais limitações, ampliam o acesso e garantem a salvaguarda de fontes históricas. Nesse sentido, Silva, M. (2017) posiciona-se em consonância com a “virada digital” nos estudos de Noiret (2022), reconhecendo que a tecnologia não substitui os arquivos, mas amplia sua permanência e sua função social.

Na dissertação de Silva, R. (2017), analisa-se o ensino secundário piauiense entre 1942 e 1971 a partir de fontes hemerográficas, com destaque para os jornais preservados pelo Arquivo Público do Piauí e pelo Projeto Memória do Jornalismo Piauiense. Nesse sentido, a intensiva utilização de acervos digitalizados demonstra como a preservação e a disponibilização digital de jornais antigos são determinantes para a consolidação de investigações históricas, permitindo ao pesquisador acessar registros que, em sua forma original, estariam fragilizados ou mesmo inacessíveis. Silva, R. (2017) descreve, em detalhes, os procedimentos técnicos empregados para a coleta de dados:

No que se refere à coleta dos dados, empregaram-se meios digitais, a saber: câmera fotográfica; pendrive; computador. O primeiro, para o registro das notícias; o segundo, para o armazenamento destas; e o terceiro, para a formatação das notas e redação de relatório final da pesquisa. A completude dos dados também se deu pelo acesso ao projeto Memória do Jornalismo Piauiense, que tem realizado o trabalho de digitalização dos jornais armazenados no Arquivo Público, disponibilizando-os no sítio <http://memoriadojornalismopi.com.br> e nos computadores do próprio Arquivo Público (Silva, R., 2017, p. 27).

A descrição do uso combinado de instrumentos digitais simples e de repositórios estruturados ressalta como a pesquisa histórica atual depende tanto da ação individual do pesquisador na coleta e organização quanto de políticas institucionais de digitalização. Nesse cruzamento entre práticas cotidianas e projetos de preservação coletiva, observa-se a consolidação de uma metodologia que redefine a relação entre historiador, fonte e tecnologia.

Na dissertação de Soares (2018), dedica-se à imprensa pedagógica na cidade de Codó, MA, entre 1916 e 1920, fazendo uso intensivo de jornais digitalizados da Biblioteca Pública Benedito Leite e da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, além de arquivos locais e pessoais, reforçando o papel da digitalização na preservação e no acesso a fontes históricas.

Em uma região marcada pela escassez, fragilidade e abandono público e privado de acervos físicos, o recurso aos arquivos digitais revela-se vital para a reconstrução da trajetória das instituições escolares e da sociedade codoense no período investigado.

Soares (2018) relata, de forma vívida, as dificuldades encontradas com a deterioração do material e a relevância do suporte digital para sua catalogação:

Meses após ir à exposição, recebendo de um generoso amigo um arquivo digital para catalogação de artigos sobre a cidade de Codó, ele apareceu novamente. Ali, em arquivo digital da Biblioteca Pública do Estado do Maranhão. O (re)encontro com ele trouxe lembranças dos dois momentos anteriores. Ainda que calado diante de quem apenas o via, surgiu em três ocasiões distintas. O material, mesmo digitalizado, apresentava muitas partes ilegíveis. Seria necessário um retorno à exposição, agora com luvas e máscara. A capa já não o segurava, as folhas estavam se soltando, outras já possuíam fitas, recortes, as letras (Soares, 2018, p. 18-19).

Assim ilustra-se como a digitalização atua simultaneamente como meio de preservação e como reveladora das marcas do tempo, impondo ao pesquisador uma postura crítica diante dos limites materiais do documento. Logo, o trabalho de Soares (2018) destaca a imprensa pedagógica não apenas como registro histórico, mas como espaço de disputas de memória e de sentidos, reafirmando a demanda de problematizar os interesses que permeiam a produção e circulação dos jornais.

Ao observar a dissertação de Sousa (2020), sobre história da implantação de uma escola para negros libertos no Piauí entre 1871 e 1888, este

autor recorre as fontes da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, do Arquivo Público do Piauí e de documentos cartoriais para reconstruir o contexto de funcionamento da instituição. Nesse processo, a centralidade das fontes digitalizadas demonstra como a tecnologia se torna recurso indispensável para a preservação, leitura e análise crítica de materiais raros e deteriorados.

Sousa (2020) ainda descreve os procedimentos de coleta e organização destas fontes, através de uma solução digital prática para superar a dificuldade de leitura de manuscritos antigos, utilizando um aplicativo móvel (CamScanner) para digitalizar documentos, vital para a formação de seu corpus de pesquisa:

Realizada a escolha dessas fontes, fizemos o escaneamento de 422 documentos, através do aplicativo móvel *CamScanner*. Em seguida, passamos a categorizar por assunto constante em cada documento para posterior análise de conteúdo. Com o material bibliográfico trabalhamos com a técnica de fichamento das informações relevantes para as citações da pesquisa (Sousa, 2020, p. 16).

Tal descrição aborda como o uso de um aplicativo móvel, nesse caso o CamScanner, mostrou-se fundamental para a digitalização e organização de manuscritos antigos, superando as dificuldades de manuseio e legibilidade. A solução prática adotada pelo autor reafirma a relevância do digital para a constituição de um corpus robusto, ao mesmo tempo em que enfatiza a sugestão de uma mediação crítica do pesquisador diante das limitações técnicas e interpretativas dessas fontes (Andrade, 2020; Raffani e Vidal, 2023).

Ao analisar a dissertação de Rabêlo (2021), dedicada ao estudo do ensino no Piauí entre 1910 e 1946, observa-se que as fontes utilizadas foram localizadas no Arquivo Público do Estado do Piauí e no Acervo Virtual do Jornalismo Piauiense, cuja digitalização possibilitou um acesso mais ágil e seguro a jornais historicamente dispersos e de difícil preservação. Tal escolha metodológica evidencia a relevância dos repositórios digitais para ampliação do acesso das opções de abordagens e dos métodos da historiografia da educação, em especial nos contextos no qual a escassez de registros físicos compromete a reconstituição do passado. Nesse sentido, o trabalho ressalta a complementaridade entre acervos físicos e digitais (Hibridismo de Zaagsma, 2013) no processo de coleta e análise documental, indicando que ambos se

configuram como instâncias indispensáveis para a preservação e a investigação histórica:

As fontes utilizadas neste trabalho podem ser encontradas no Arquivo Público do estado do Piauí e outras no acervo virtual do jornalismo piauiense. Após a coleta de dados, os documentos foram analisados e comparados com leituras sobre a história da educação brasileira e piauiense (Rabêlo, 2021, p. 17).

Esta passagem demonstra que o trabalho com fontes digitalizadas não se restringe ao acesso facilitado, mas se integra à interpretação crítica e comparativa com a historiografia existente (Raffani e Vidal, 2023). Ao recorrer tanto a arquivos tradicionais quanto a acervos digitais, Rabêlo (2021) exemplifica como a historiografia contemporânea combina diferentes suportes documentais, reafirmando a digitalização como ferramenta indispensável à ampliação do corpus e à produção de novas leituras sobre a profissão docente no Piauí.

Ao trazer dissertação de Alencar (2022), voltada à História da Educação Musical, a relevância das narrativas dos sujeitos compreende os “bastidores” e as articulações que deram origem às produções intelectuais da área. Nesse processo, o uso de ferramentas digitais, como o software Audext, possibilitou a transcrição de entrevistas e facilitou o tratamento das fontes orais, demonstrando a crescente incorporação de novas tecnologia na pesquisa em História da Educação. Isto posto, Alencar (2022) problematiza a efemeridade das fontes digitais, em especial aquelas encontradas em websites:

Isto posto, sinalizo também a maneira como as fontes foram levantadas e organizadas para análise, pois parte dos textos estudados foram encontrados de arquivos digitais de websites, material efêmero que com as dinâmicas da rede mundial de computadores (Internet) vai se perdendo e deixando pelo caminho registros de um patrimônio que conta sobre a produção intelectual da História da Educação Musical. Desta forma, esta dissertação é mais um documento em formato de compilado que reúne os trabalhos de divulgação coletiva da HEM que logo podem não estar mais disponíveis para consulta (Alencar, 2022, p. 132).

Dessa forma, evidencia-se uma tensão fundamental no uso de fontes digitais: ao mesmo tempo em que ampliam o acesso e a circulação do conhecimento, tais documentos apresentam instabilidade e risco de desaparecimento. Nesse sentido, Alencar (2022) destaca a importância das ferramentas digitais para coleta e análise, mas também a urgência de políticas de preservação que assegurem a permanência desses registros no patrimônio documental da História da Educação Musical.

Bastos (2022) em sua dissertação, voltada à formação de professores em Imperatriz entre 1960 e 1981, observa como as restrições impostas pela pandemia dificultaram o acesso a arquivos físicos e impuseram a busca de alternativas digitais para a coleta de dados. Nesse contexto, a autora recorreu a entrevistas semiestruturadas realizadas por meio de formulários virtuais, ao uso de fotografias de acervos públicos e particulares e à análise de legislação educacional disponível online. O trabalho, portanto, ilustra como a incorporação de ferramentas digitais e remotas pode expandir o leque de fontes e viabilizar a continuidade da pesquisa histórica diante de obstáculos externos, sem renunciar à criticidade necessária à análise documental. Bastos (2022) ainda enriquece ao trazer relatos sobre as condições precárias dos arquivos físicos e o papel da digitalização como estratégia de salvaguarda:

Chegamos à secretária responsável pelo arquivo e, assim, fizemos uma seleção e digitalização de fontes do Curso Normal Pedagógico de Imperatriz/Magistério, que estão acomodados em duas salas localizadas no Centro de Ensino Dorgival Pinheiro de Sousa, haja vista que a instituição foi extinta. O material encontrado não recebe o tratamento e conservação adequados tanto por não haver, por parte do poder público, a lotação de funcionários que que disponham de tempo suficiente para a o tratamento dos documentos, pois precisam se desdobrar entre o atendimento ao público e ao manuseio desses documentos, quanto por não estarem alojados em local com mobiliário e ambiente adequados para a conservação destes (Bastos, 2022, p. 186).

Portanto lança-se luz sobre como a ausência de políticas de preservação arquivística pública e privada compromete a conservação, acesso e uso de documentos históricos, ao tempo que reforça a demanda de conversão em tecnologias digitais para sua salvaguarda e uso científico. A experiência relatada por Bastos (2022) relata a vulnerabilidade dos acervos físicos e a resiliência da pesquisa em se adaptar às novas condições, reafirmando a importância da adaptação do pesquisado ao digital como recurso metodológico e instrumento de preservação da memória educacional (Bica, Gervasio e Rodrigues, 2023).

Na dissertação de Jessica Leal (2023), observa-se o amplo uso dos acervos digitais de bibliotecas e sites de instituições governamentais aliados a utilização de softwares online para a transcrição de entrevistas. A autora adota uma perspectiva metodológica que reconhece no digital não apenas um recurso de apoio, mas um fator de ampliação do acesso às fontes. Ao ultrapassar as

barreiras físicas, as fontes digitais e digitalizadas expandem o alcance da pesquisa e possibilitam que informações antes restritas a determinados espaços físicos se tornem acessíveis a um público mais vasto. A própria autora reforça essa percepção ao afirmar que

As buscas não se concentraram apenas em acervos físicos, mas digitais também, porquanto estes têm sido responsáveis pela ampliação e democratização do acesso à informação, uma vez que ao ser disponibilizado na Web, o objeto digital ultrapassa a barreira física e se torna acessível a um número maior de usuários [...]. Adicionalmente, consultaram-se os documentos disponibilizados por instituições, com o intuito de levantar fontes documentais: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (Leal, 2023, p. 16).

Esse posicionamento reforça a importância do digital como vetor de inclusão e de modernização das práticas investigativas, ao mesmo tempo em que ressalta o papel das instituições públicas na disponibilização de dados organizados e acessíveis. Assim, o trabalho de Leal (2023) demonstra que a pesquisa em História da Educação não apenas se beneficia dos acervos digitais, mas também se reconfigura a partir deles, reafirmando a centralidade do digital na construção do conhecimento histórico contemporâneo.

Por fim, a tese de Ropke (2023), que trata sobre a trajetória de Mestre Agenor e sua contribuição para a cultura musical piauiense, destaca-se o valor do arquivo reunido pelo próprio Mestre ao longo da vida, composto por fotografias, recortes de jornais, certificados, gravações audiovisuais e homenagens, complementado por reportagens de imprensa disponíveis em formato digital. A integração desses materiais evidencia como o recurso digital atua de forma estratégica, sobretudo em contextos nos quais os registros institucionais são limitados, permitindo documentar práticas culturais e percursos de vida pouco contemplados em acervos oficiais. Ropke (2023) apresenta esse conjunto de fontes nos seguintes termos:

Para esta tese utilizo como fonte os acervos pessoais de Mestre Agenor formado por fotos, CDs, DVD, reportagens de imprensa e método de pífano; reportagens de imprensa disponíveis em formato digital; e as entrevistas narrativas. Mestre Agenor, ao longo de sua vida, foi organizando um arquivo de suas memórias. Este contém fotos, recortes de reportagens de jornais impressos, gravações de suas aparições em programas de televisão, certificados de conclusão dos cursos que fez, dos eventos que participou e das homenagens que recebeu. O material foi selecionado e guardado com carinho por Agenor. Ao longo de nossas conversas, este me informou da existência do acervo e o disponibilizou para que eu o utilizasse na pesquisa (Ropke, 2023, p. 74-75).

Neste depoimento fica evidente como o acervo pessoal, fortalecido pela incorporação de fontes digitais, funciona como um verdadeiro repositório de memórias e identidades culturais, impulsionado e facilitado devido as novas tecnologias. Ao cruzar narrativas orais, documentos digitalizados e materiais guardados pelo próprio sujeito, Ropke (2023) demonstra a relevância de reconhecer as práticas de auto arquivamento como fontes legítimas e fecundas para a História da Educação Musical.

Por conseguinte, o conjunto das pesquisas analisadas, Ferreira Filho (2009), Reis (2017), Mariane Silva (2017), Rogério Silva (2017), Soares (2018), Sousa (2020), Rabêlo (2021), Alencar (2022), Bastos (2022), Leal (2023) e Ropke (2023), evidencia um movimento coletivo na historiografia da educação que pode ser caracterizado como a referida “virada digital” de Noiret (2022). Cada autor, a partir de seu objeto específico, demonstra que as fontes digitais e digitalizadas não são apenas complementares, mas tornaram-se centrais para a constituição do corpus documental, para a inovação metodológica e para a preservação da memória (Borne, 2016).

Por um lado, trabalhos como os de Reis (2017), Mariane Silva (2017), Rogério Silva (2017), Soares (2018) e Rabêlo (2021) ressaltam a importância de acervos digitalizados de jornais e documentos oficiais, sejam: em Arquivos Públicos, em iniciativas como a Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional ou o Projeto Memória do Jornalismo Piauiense.

Nessas pesquisas, os acervos digitais aparecem como resposta direta às fragilidades e lacunas dos arquivos físicos, muitas vezes sem o devido apreço ou investimentos necessários, resultando em iniciativas dos pesquisadores em realizar a digitalização de suas fontes como meio de salvaguarda e facilitar os processos de acesso e análise, como por exemplo, Ferreira Filho (2009). Dessa forma, o digital atua como instrumento de preservação patrimonial e como meio de ampliação do acesso, permitindo que fontes antes restritas ou inacessíveis sejam incorporadas ao debate historiográfico (Gomes e Valente, 2021).

De outro lado, estudos como os de Sousa (2020), Alencar (2022), Bastos (2022), Leal (2023) e Ropke (2023) ampliam a discussão ao explorar os usos práticos e as limitações das tecnologias digitais. Sousa (2020) exemplifica como aplicativos móveis (CamScanner) viabilizam a digitalização e organização de manuscritos antigos; Alencar (2022) destaca tanto a utilidade de softwares de

transcrição quanto a efemeridade das fontes digitais encontradas na internet; Bastos (2022) demonstra como a pandemia forçou a adaptação metodológica e a intensificação do recurso a ferramentas digitais; Leal (2023) associa o digital à democratização do acesso e ao papel das instituições na disponibilização de dados públicos; e Ropke (2023) evidencia como fontes digitais complementam a história oral e os arquivos pessoais, documentando dimensões da cultura popular que escapam aos registros formais.

Em síntese, essas teses e dissertações, tomadas em conjunto, demonstram que o digital, na História da Educação, cumpre papéis múltiplos: (a) preservação, ao garantir a salvaguarda de documentos frágeis; (b) acesso e democratização, ao romper barreiras físicas e ampliar o público das fontes; (c) inovação metodológica, ao integrar novas formas de coleta, organização e análise; e (d) crítica historiográfica, ao suscitar reflexões sobre a instabilidade e os limites das fontes digitais. Assim, a historiografia educacional contemporânea passa a reconhecer que o digital não é mero recurso auxiliar, mas elemento constitutivo do ofício do historiador da educação, exigindo dele não apenas domínio técnico, mas também se vislumbra posturas críticas diante das implicações epistemológicas e patrimoniais desse novo paradigma (Medeiros Neta e Dantas, 2021).

4.1.3 Apresentação das teses e dissertações analisados do PPG em Educação da UFS

O Programa de Pós-Graduação em Educação da UFS foi iniciado em 1994 com o Curso de Mestrado e a partir de 2008, com o Curso de Doutorado. Esse programa destaca-se por uma produção metodologicamente rigorosa, ainda que mais numerosa em relação a dos Programas de Pós-graduação em Educação da UFPB e da UFPI. Parte significativa das teses e dissertações ligadas a História da Educação identificadas utilizam fontes impressas digitalizadas, sendo quatorze trabalhos, dos quais oito teses e seis dissertações, conforme apresentado no Apêndice C - Teses e dissertações analisados do PPG em Educação da UFS.

Salienta-se a forte ênfase na História das Instituições Escolares e das práticas pedagógicas, com fontes coletadas majoritariamente em arquivos físicos que foram digitalizados por meio de projetos pessoais ou institucionais. O

uso de fontes digitais nascidas em ambiente digital ainda é pontual, o que pode ser interpretado como uma resistência ou como resultado de lacunas na formação historiográfica voltada ao digital.

Ao observar a produção acadêmica do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe (UFS), reunida no Apêndice C - Teses e dissertações analisados do PPG em Educação da UFS, nota-se um movimento diversificado de apropriação, no sentido posto por Chartier(1996), uma vez que, o uso das fontes digitais e digitalizadas na produção desse Programa, acabou por demonstrar como as dissertações e teses receberam e interpretaram essas fontes de acordo como com suas próprias necessidades e interesses, pois essa produção utilizou essas fontes para uma pluralidade de objetos de pesquisa.

De modo geral, os trabalhos percorrem diferentes caminhos de uso do digital: desde o levantamento bibliográfico em plataformas de teses e dissertações, a exploração da Hemeroteca Digital e de acervos oficiais on-line, até o uso de sites especializados e comunicação digital com sujeitos da pesquisa. Tal panorama reforça a ideia, já discutida na seção 2, de que a presença das fontes digitais não é marginal, mas se estabelece como elemento constitutivo do fazer historiográfico contemporâneo, redefinindo o acesso e a crítica documental (Raffani e Vidal, 2023; Certeau, 2014; Ginzburg, 2007).

Entre os trabalhos analisados, a tese Gomes (2019) abrange evidências sobre a amplitude da pesquisa em ambientes digitais, ao conjugar consultas a acervos digitais de bibliotecas nacionais e estrangeiras, à Hemeroteca Digital e até a sebos on-line, para localizar livros didáticos e anúncios relacionados ao ensino da Língua Inglesa, informando que

Para este estudo, foram feitas pesquisas no NUDOM e na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, bem como em acervos digitais de bibliotecas brasileiras e estrangeiras, no que se refere a livros destinados ao ensino de Língua Inglesa, publicados no recorte entre 1931 e 1951 Gomes (2019, p.).

Nota-se nas palavras acima a flexibilidade metodológica que observada reforça o papel dos ambientes digitais em ampliar o alcance de fontes, abordagens e perspectivas do historiador da educação (Clavert e Fickers, 2021).

Outro exemplo expressivo é a dissertação de Nascimento (2015) que trabalhou com documentos curriculares “nativos digitais”, disponibilizados nos sites oficiais dos estados norte-americanos. Essa autora destaca que:

[...] estes currículos estavam integralmente disponíveis na rede mundial de computadores, através de endereços eletrônicos das Secretarias/Departamentos de Educação em questão Nascimento (2015).

Pelo uso de planilhas e banco de dados no Microsoft Access para tratamento quantitativo-qualitativo desses documentos indica não apenas o acesso, mas também a apropriação de ferramentas digitais no processamento e análise (Cunha, 2020).

A tese de Santos (2017) insere-se na tradição das pesquisas ancoradas na Hemeroteca Digital, fundamental para reconstruir a presença do ensino de Retórica e Poética em Sergipe no século XIX. A autora enfatiza que através dos jornais pôde acessar não apenas o objeto central, mas “um rico panorama sobre a sociedade de Sergipe no século XIX, englobando costumes, aspectos políticos, expressões linguísticas, religiosidade” Santos (2017).

Outros trabalhos, como os de Costa (2018) e Jesus (2018), reforçam o uso das plataformas digitais de dissertações e teses (Capes, BDTD, Scielo, Google Acadêmico), para mapeamento do “estado da arte e como estratégia para comprovar o ineditismo de seus objetos. Jesus (2018), por exemplo, evidencia essa prática ao afirmar: “buscamos nas plataformas digitais [...] porém, não foi encontrada nenhuma publicação que tratasse da história da criação e implantação do curso de odontologia no Estado de Sergipe” (Jesus, 2018, p. 607).

Pesquisas como a de Rebouças (2020) demonstram o alcance mais amplo do digital ao incorporar sites, blogs e plataformas específicas de escrita de sinais, articulando a coleta de dados a ferramentas como o Excel para análise. Enquanto, Braga (2022) e São José (2023) mostram como os recursos digitais são usados também para comunicação direta e compartilhamento de dados (WhatsApp, e-mails, PDFs), destacando tanto a praticidade do acesso quanto as limitações e silêncios, lacunas identificados nas plataformas: “a pesquisa da plataforma Capes é muito limitada, deixando passar vários outros trabalhos não contabilizados” (São José, 2023, p. 41), sugerindo ampla reflexão sobre as ferramentas de buscas.

Lima (2009), ao estudar a história do curso de Pedagogia da UFS, evidenciou a transição metodológica de uma época em que os acervos institucionais ainda estavam em processo inicial de digitalização. Ao tempo que a tese de Paixão (2020) evidencia o uso de documentos normativos e relatórios oficiais disponíveis em plataformas digitais do MEC. Da mesma forma que em Santos (2022), observa às lacunas desses acervos, reforçando a compreensão de que os repositórios digitais estão sujeitos a interrupções e limites de curadoria, em consonância com os apontamentos de Pons (2022).

Na dissertação de Rebouças (2022) ilustra-se a integração de fontes digitais múltiplas (sites, blogs e plataformas especializadas em escrita de sinais) com ferramentas de análise como o Excel. De modo semelhante, Cruz (2018) reforça o papel dos jornais digitalizados e dos acervos hemerográficos, estabelecendo proximidade com pesquisas como as de Silva (2019) e Santos (2017). Em outra direção, Souza Júnior (2019) problematiza a expansão da Educação a Distância, mobilizando documentos oficiais e materiais disponíveis on-line relativos à criação de cursos EAD em Sergipe. Tais relatos demonstram o processo de apropriação de Chartier (1990) ao tempo que corroboram também às características da virada digital de Noiret (2022).

As dissertações de Braga (2022) e São José (2023) demonstram sobre usos inovadores do digital como espaço de interação e comunicação. No tempo em que Braga (2022) menciona o uso de WhatsApp e e-mails para a coleta e compartilhamento de informações, São José afirma que “a pesquisa da plataforma Capes é muito limitada, deixando passar vários outros trabalhos não contabilizados” (São José, 2023, p. 41), explanando sobre as lacunas apontadas por Pons (2022) e Raffani e Vidal (2023).

Adicionando-se a estes relatos, assinala-se a tese de Santos (2022) sobre a análise de políticas da educação básica com ampla consulta a documentos digitais. Este autor ressalta as dificuldades decorrentes da descontinuidade de links e da ausência de digitalização de documentos fundamentais, constatação que converge com Raffani e Vidal (2023) sobre a fragilidade estrutural das fontes digitais.

De forma geral, observa-se no conjunto do PPG em Educação da UFS um mosaico de práticas investigativas na qual o digital assume múltiplas funções: instrumento de levantamento bibliográfico, meio de acesso a periódicos,

repositório de documentos oficiais, canal de comunicação com sujeitos da pesquisa e ferramenta de análise quantitativa.

Nesse sentido, a produção do programa revela um percurso que vai do uso inicial e ainda incipiente da digitalização (Lima, 2009) a abordagens mais sofisticadas e críticas (São José, 2023; Santos, 2022). Neste cenário consta-se que as fontes digitais não se limitam a um papel auxiliar, mas constituem verdadeiras mediadoras epistemológicas, capazes de reconfigurar o ofício do historiador da educação.

Conforme abordado nas seções anteriores, o desafio consiste não apenas em utilizar tais recursos, mas em compreendê-los, interrogando sua materialidade, curadoria e permanência ao longo do tempo. Esses trabalhos analisados revelam um programa atento às questões de território, gênero, raça e memória, operando com repertórios críticos capazes de tensionar as narrativas escolares dominantes.

Entre as produções, destaca-se a dissertação de Vieira (2023), dedicada às ações de preservação e difusão da memória institucional no Colégio de Aplicação da UFS, por meio do Centro de Pesquisa, Documentação e Memória (Cemdap). O autor mobiliza um amplo conjunto de fontes (documentações textuais, iconográficas e audiovisuais, objetos tridimensionais, entrevistas do “Banco de Histórias”, além de registros em redes sociais e repositórios acadêmicos, BDTD e Repositório Institucional da UFS - RIUFS) dialogando com autores como Vidal (2000), Raffani e Vidal (2023) e Zaagsma (2013) em seu corpo teórico, como esses acervos são preservados, disponibilizados e apropriados para fins de pesquisa.

A investigação de Vieira (2023) encontra ressonância direta nos debates de Vidal (2022), ao enfatizar o rigor metodológico necessário diante da materialidade digital e dos algoritmos que estruturam os modos de acesso, bem como em Raffani e Vidal (2023), que problematizam a transformação digital e a demanda em compreender as condições de disponibilização e os silêncios inerentes aos acervos digitais. Ao situar o patrimônio histórico-escolar no contexto do digital, Vieira (2023) reafirma a tese de que tais fontes não se reduzem a suportes técnicos, mas atuam como mediadoras epistemológicas, exigindo um olhar crítico e historiográfico atento às mediações institucionais e tecnológicas que configuram a memória educacional contemporânea.

As teses e dissertações analisadas verifica-se especial atenção às práticas de pesquisas historiográficas referentes a territórios populares, comunidades camponesas e espaços periféricos, como indicam os estudos de Jesus (2022), Oliveira (2023) e Santos (2023). Nessas investigações, a memória, a oralidade e os registros visuais compõem o núcleo das fontes mobilizadas, quase sempre em combinação com documentos impressos, relatos orais e fotografias. Assim, a análise dessas produções acadêmicas evidencia uma forte conexão com as lutas sociais e com os sujeitos historicamente marginalizados, revelando uma historiografia da educação comprometida com a escuta das vozes silenciadas e com a valorização dos saberes locais.

Do ponto de vista teórico-metodológico, tais trabalhos revelam uma produção marcada pela crítica social e pelo engajamento político, incorporando referenciais do feminismo negro, dos estudos decoloniais, da educação do campo e da história social da infância.

Dessa maneira, a análise integrada dos três Programas de Pós-Graduação em Educação (UFPB, UFPI e UFS) evidencia que, embora cada um apresente ênfases particulares, todos confirmam a centralidade crescente das fontes digitais e digitalizadas na pesquisa em História da Educação.

Enquanto na UFPB, prevalece o uso híbrido, combinando arquivos físicos, hemerográficos e entrevistas mediados por softwares digitais; na UFPI, sobressai a digitalização de manuscritos e a dependência dos acervos institucionais, como a Hemeroteca Digital; e, na UFS, observa-se um leque mais diversificado, que vai do acesso a documentos nativos digitais até a utilização de ferramentas de análise e comunicação online, conforme Zaagsma (2013) salienta sobre as “fronteiras fluidas” entre analógico e digital que proporcionam a amplitude dos usos híbridos das fontes digitais e digitalizadas.

Em conjunto, tais experiências corroboram Vidal (2000) ao assinalar que o digital redefine o ofício do historiador, não apenas pela ampliação do acesso, mas pela exigência de desenvolver novas competências críticas e metodológicas. Do mesmo modo, Raffani e Vidal (2023) lembram que os algoritmos e as condições de curadoria interferem na própria materialidade das fontes digitais, impondo ao pesquisador uma atenção redobrada para evitar leituras naturalizadas.

Logo, ao tempo que respondem às lacunas e fragilidades dos acervos físicos, os trabalhos analisados ocupam posição inovadoras, visto que antecipam questões que a literatura epistemológica da área apenas recentemente começou a levantar e sistematizar, confirmando a História da Educação como um campo sensível às transformações do mundo digital e ativo na produção de interpretações inovadoras.

Tal orientação indica densidade ética e epistemológica às pesquisas, que optam por abordagens qualitativas comprometidas com a escuta sensível, a restituição da memória e a construção de narrativas que desestabilizam as versões oficiais da história escolar. Ainda que não se observe, nos trabalhos analisados, uma interlocução sistemática com os debates sobre história digital ou humanidades digitais, a materialidade e a diversidade das fontes utilizadas, bem como a densidade política dessas produções, apontam para um potencial de abertura epistemológica que merece ser explorado em futuras investigações.

Ressalte-se, contudo, que tais pesquisas se situam na vanguarda do campo, por inovarem no uso das fontes digitais e na aplicação de análises críticas em um campo no qual a literatura epistemológica apenas recentemente começa a consolidar referenciais. Assim, assumem um papel pioneiro, atuando na linha de frente da História da Educação ao ampliar horizontes metodológicos e fomentar a problematização dos sentidos do digital.

4.2 Entre páginas e pixels: a classificação dos trabalhos em História da Educação

A análise comparativa dos trabalhos produzidos nos PPGs da UFPB, UFPI e UFS revela um panorama heterogêneo, mas igualmente revelador das formas como a História da Educação vem sendo construída no Nordeste nas últimas décadas. Em comum, os três programas demonstram um forte compromisso com trabalhos ligados às memórias locais, a experiências escolares regionalizadas e a sujeitos historicamente invisibilizados, utilizando como base fontes predominantemente impressas e orais, muitas das quais digitalizadas por meio de repositórios institucionais ou esforços individuais dos pesquisadores.

A digitalização, nesses casos, aparece como ferramenta de acesso, sem necessariamente provocar uma inflexão epistemológica ou crítica sobre os dispositivos técnicos e políticos que regulam o que é visível ou pesquisável nos ambientes digitais. Ao analisar coletivamente os dados dos três programas, emergem padrões relevantes e contrastes significativos.

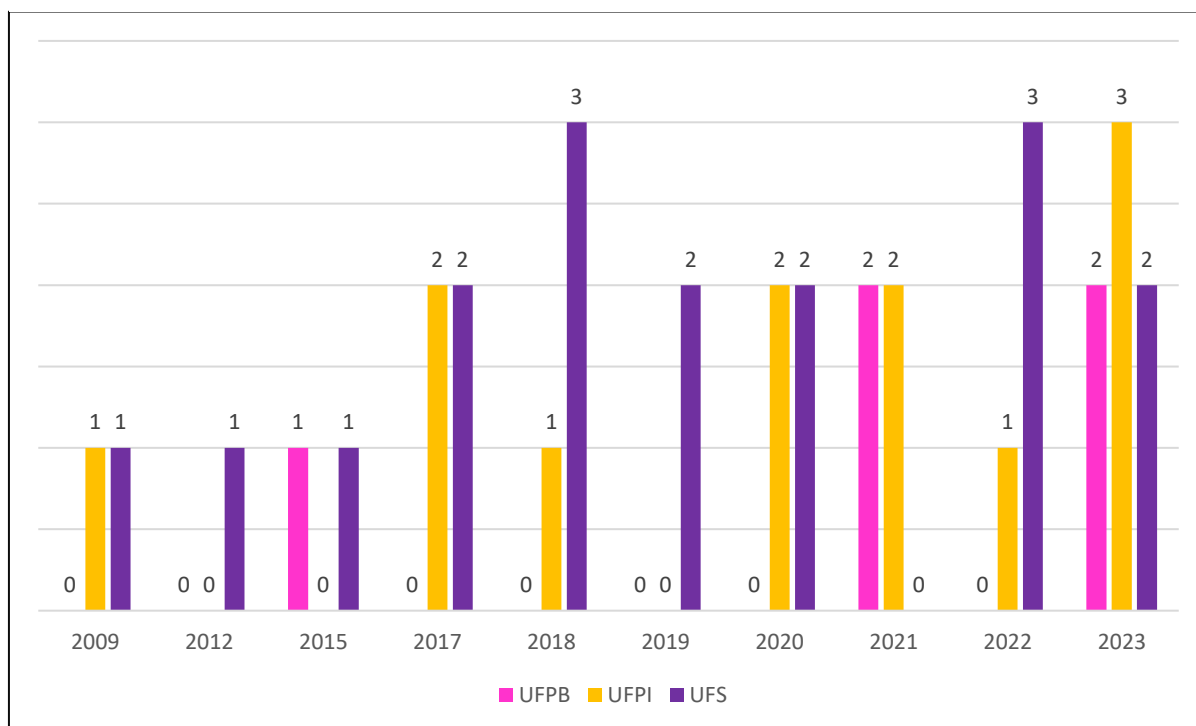
Tais elementos reiteram os apontamentos já teorizados nesta tese, especialmente a concepção de um letramento digital historiográfico que vá além da técnica, compreendendo os dispositivos culturais e políticos que atravessam as fontes digitais. Em todos os programas, ainda que em ritmos distintos, é possível perceber o início de uma inflexão, uma sensibilidade crescente às possibilidades e aos limites que o digital impõe ao fazer historiográfico.

A partir desse ponto, torna-se possível analisar como os pesquisadores dessas instituições têm utilizado fontes digitais e digitalizadas em suas teses e dissertações, revelando padrões, preferências e metodologias que caracterizam suas investigações. A seguir, apresentaremos a análise dos resultados, a fim de permitir um vislumbre abrangente da produção acadêmica com fontes digitais desses programas selecionados.

Com base no levantamento realizado, os trabalhos selecionados foram organizados e classificados de forma sistemática, garantindo uma visão clara e estruturada da produção acadêmica vinculada à linha "História da Educação" nas instituições analisadas. Essa classificação permitiu não apenas a organização dos dados, mas também a identificação de padrões e tendências que caracterizam o uso de fontes digitais e digitalizadas nas pesquisas em História da Educação.

Os trabalhos recuperados foram inicialmente classificados por instituição, destacando-se a produção acadêmica das linhas referentes aos Programas de Pós-graduação das três universidades selecionadas: Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Universidade Federal do Piauí (UFPI) e Universidade Federal de Sergipe (UFS), conforme a figura abaixo.

Figura 13 Teses e dissertações analisados por IES e ano



Fonte: Autoria própria, 2025.

Nota: Elaborado conforme dados extraídos da Plataforma Sucupira e repositórios institucionais das IES.

Além da classificação por tipo de fonte, os trabalhos foram organizados tematicamente, permitindo a identificação dos principais eixos de pesquisa que estruturam a produção acadêmica em História da Educação nas instituições analisadas, proporcionando uma visão clara das abordagens mais recorrentes, destacando as áreas de maior interesse dos pesquisadores e as temáticas que têm sido privilegiadas em suas investigações.

A Figura 13 apresenta a distribuição temporal dos trabalhos analisados, a qual não contempla a totalidade do marco estabelecido. Isso ocorre porque apenas as obras que atenderam aos critérios de inclusão foram consideradas, situando-se entre os anos de 2009 e 2023, nos Programas de Pós-Graduação da UFPB, UFPI e UFS.

Observa-se, contudo, uma concentração expressiva de produções no período mais recente, especialmente entre 2017 e 2023, o que evidencia a intensificação do uso de fontes digitais e digitalizadas nesse intervalo. Essa curva de crescimento indica que a incorporação de fontes digitais e digitalizadas à pesquisa em História da Educação é um movimento progressivo com maior incidência recente, especialmente impulsionado por fatores externos às

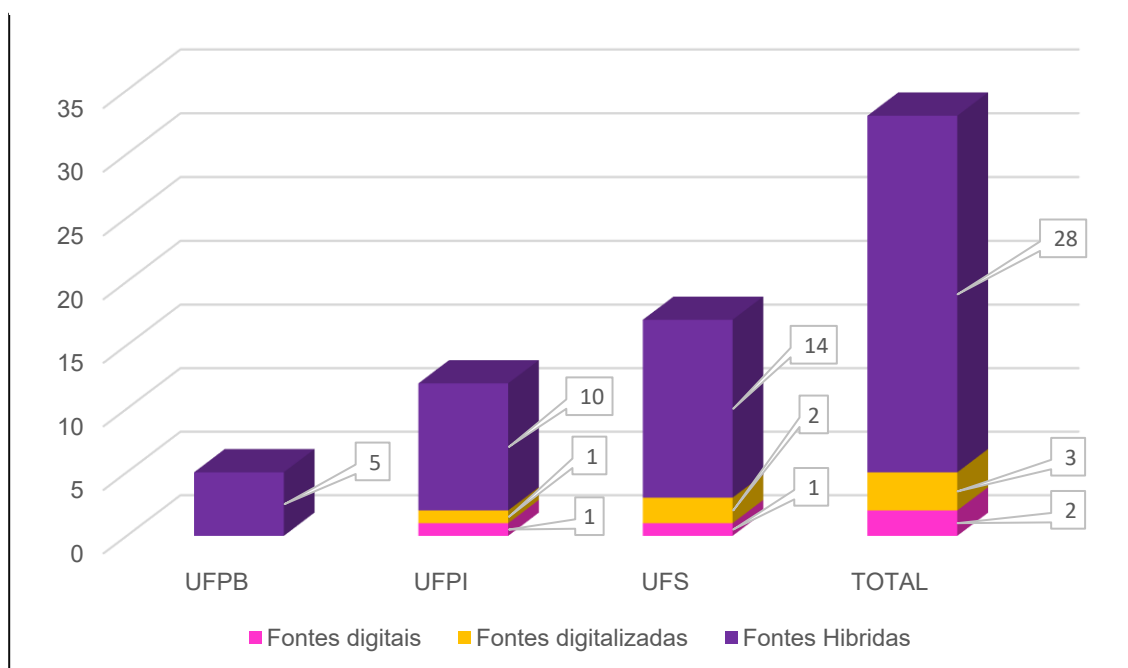
questões acadêmicas, como no caso da pandemia de Covid-19, conforme relatado em alguns trabalhos.

O impacto da pandemia de COVID-19 é notável no ano de 2020, quando se observa queda ou ausência de produções em duas das três instituições. No entanto, os anos seguintes apontam para uma retomada vigorosa, possivelmente pela disponibilização e procura por acervos e ferramentas digitais, além da ampliação do acesso remoto às fontes. Essa configuração temporal reafirma o argumento central desta pesquisa: a emergência das fontes digitais e digitalizadas como resposta metodológica e epistemológica aos desafios contemporâneos da pesquisa em História da Educação.

Posteriormente, os trabalhos foram analisados quanto ao tipo de fonte digital, digitalizada ou híbrida utilizada. Tal categorização permitiu identificar o perfil das fontes exploradas pelos pesquisadores, bem como as práticas metodológicas que orientaram sua utilização.

Foram estabelecidas três categorias principais: (I) Fontes digitais (materiais produzidos originalmente em ambiente digital, como e-books, artigos em PDF, repositórios digitais e bases de dados online), (II) Fontes digitalizadas (documentos originalmente físicos que foram convertidos para formato digital, como jornais escaneados, manuscritos fotografados, livros digitalizados), e (III) Fontes híbridas (trabalhos que combinaram o uso de fontes digitais, digitalizadas, impressas, iconográficas e orais).

Figura 14 - Fontes Utilizadas por Instituição



Fonte: Autoria própria, 2025.

Nota: Elaborado conforme dados extraídos da Plataforma Sucupira e repositórios institucionais das IES.

Ao observar a Figura 14, o dado mais marcante é a presença da maioria de trabalhos classificados como "Híbridos" (27 de 29 trabalhos classificados). Por sua definição de fontes híbridas, trata-se da combinação entre o uso de fontes digitais, digitalizadas, impressas, iconográficas e orais. Essa predominância sugere que, mesmo ao incorporar fontes digitais ou digitalizadas, os pesquisadores da História da Educação nessas instituições tendem a não se limitar a elas, optando por uma abordagem metodológica que integra diferentes tipos de fontes. Isso indica uma continuidade no uso de fontes históricas tradicionais (impressas, orais, iconográficas) articuladas aos suportes digitais contemporâneos corroborando os preceitos de Zaagsma (2013).

Enquanto os quantitativos de trabalhos que utilizaram apenas fontes digitais (2 trabalhos) ou apenas fontes digitalizadas (3 trabalhos) no corpus analisado ainda são recentes. Isso reforça a ideia de que a integração de fontes é a norma, e não a exceção, entre os trabalhos que fazem uso de recursos digitais e digitalizados neste recorte específico da pesquisa. Estudos baseados exclusivamente em um desses formatos digitais encontram-se ainda em minoria entre os trabalhos selecionados.

Esta incidência de fontes híbridas reflete uma flexibilidade metodológica da complexidade do ambiente digital, onde os pesquisadores estão navegando entre "páginas e pixels", utilizando os recursos digitais e digitalizados como complementos de coleta e salvaguarda de fontes tradicionais. Tal hibridismo, identificado por Zaagsma (2013), demonstra uma abordagem integrada e diversificada na prática da pesquisa em História da Educação.

Quanto ao aspecto metodológico, no caso dos documentos observados no PPGE da UFPB, evidencia-se a predominância da análise documental, com ênfase na leitura crítica de fontes normativas, anúncios, periódicos (análise hemerográfica), relatórios, leis, fotografias e documentos institucionais. Técnicas como a análise de conteúdo e a categorização temática aparecem em mais de uma pesquisa, revelando a preocupação metodológica em organizar e interpretar os dados com densidade analítica.

Destaca-se, ainda, a presença do paradigma indiciário de Ginzburg (1989), especialmente em investigações voltadas à recuperação de experiências escolares e ao rastreamento de pistas nas fontes documentais, como em Lima (2023). Embora a história oral não figure de forma explícita na metodologia declarada de todos os trabalhos listados no quadro, sua presença é sugerida na descrição geral, sobretudo nos estudos que exploram memórias escolares.

Um dos trabalhos adota uma abordagem de trajetória biográfica, ainda que mantenha como núcleo metodológico a análise documental, apontando para a integração de técnicas em narrativas formativas. De modo geral, as metodologias utilizadas na UFPB dialogam com os fundamentos da História Cultural e da Nova História, estabelecendo pontes entre sujeitos, documentos e experiências escolares localizadas, sempre com expressivo uso de fontes digitalizadas como base empírica.

Nos estudos da UFPI, por sua vez, observa-se uma clara recorrência da análise documental em articulação com a história oral, frequentemente mobilizadas de forma combinada em pesquisas que resgatam memórias institucionais, trajetórias docentes e a constituição de práticas educativas regionais.

Essas pesquisas sinalizam também o uso de entrevistas, arquivos escolares e documentos oficiais (leis, decretos, relatórios), em diálogo com repositórios físicos e digitalizados. Técnicas como a análise de conteúdo, a

interpretação de dados empíricos e a leitura de imagens aparecem em diversas dissertações e teses.

A pesquisa bibliográfica é recorrentemente utilizada como estratégia complementar de fundamentação teórica. Em um dos trabalhos, registra-se a adoção do estudo de caso como estratégia metodológica integrada à análise da cultura escolar, destacando-se o uso de vestígios materiais e depoimentos orais para a reconstrução de experiências. De modo geral, as metodologias se inscrevem sob os pressupostos da História Cultural, com ênfase na escuta dos sujeitos e na articulação entre documentos e práticas escolares.

Enquanto o uso de tecnologias digitais na pesquisa em História da Educação ainda se limita, em grande medida, à digitalização de documentos e à organização de entrevistas, sem se configurar plenamente como um eixo de problematização autônomo, as teses e dissertações oriundas do PPGED/UFS revelam forte adesão à análise documental, voltada para a interpretação de legislações, livros didáticos, relatórios institucionais, jornais e outros registros históricos. Entre os acervos mais recorrentes destacam-se a Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), o Portal CAPES, além de documentos oficiais disponibilizados em sites governamentais (como MEC e INEP) e repositórios institucionais, a exemplo do RIUFS.

Paralelamente, a história oral é amplamente empregada como técnica de coleta e interpretação, aparecendo em entrevistas com sujeitos escolares e em narrativas de experiências educativas. Destaca-se, ainda, o uso de análises comparativas, especialmente em trabalhos que exploram a legislação educacional, os currículos e os sistemas de escrita de sinais, bem como em pesquisas voltadas à tradução de materiais didáticos.

Vale ressaltar que técnicas como a análise de imagens, a análise iconográfica, a análise de conteúdo e até mesmo a microanálise/micro-história são mencionadas, assim como o recurso a diferentes abordagens qualitativas.

Observa-se, também, que alguns trabalhos recorrem a metodologias específicas, como a escrevivência e a etnografia educacional, aplicadas à reconstrução de práticas culturais e pedagógicas de mulheres negras ou de comunidades tradicionais. A presença do paradigma indiciário de Ginzburg

(1989) igualmente se evidencia, configurando uma abordagem atenta às pistas e fragmentos que emergem dos acervos históricos.

Portanto, o conjunto metodológico da UFS caracteriza-se pela combinação entre densidade teórica, compromisso ético-político com os sujeitos da pesquisa e abertura a técnicas múltiplas. Contudo, assim como nas demais instituições, ainda se verifica a demanda de uma reflexão mais aprofundada sobre o papel das tecnologias digitais nos modos de fazer historiográfico.

Na comparação entre as três instituições, é possível identificar tanto padrões metodológicos compartilhados quanto singularidades locais. A UFPB se destaca pelo uso extensivo da análise documental e hemerográfica, associadas ao paradigma indiciário e à História Cultural, com uso majoritário de fontes digitalizadas

Enquanto a UFPI evidencia a forte presença da história oral e de uma perspectiva formativa ancorada na reconstrução de memórias e documentos escolares, com destaque para a integração entre análise documental e entrevistas, a UFS apresenta a maior diversidade metodológica, com uso expressivo de história oral, análise comparativa, etnografia, escrivência e microanálise, revelando um campo de investigação atento às experiências de grupos marginalizados e às práticas educativas insurgentes.

Em todas as instituições, observa-se a predominância de uma historiografia situada, crítica e empírica, ainda que os recursos digitais sejam acionados, em grande medida, como instrumentos de acesso e organização documental, mais do que como vetores de transformação metodológica.

Em muitos trabalhos, a digitalização de jornais, relatórios ou legislações cumpre a função de viabilizar o contato com as fontes, mas não chega a ser problematizada como dimensão constitutiva da pesquisa histórica. Essa tendência confirma o que Chartier (2014) já havia assinalado ao destacar que as mudanças nos suportes afetam não apenas as práticas de leitura, mas também a própria forma de produção do conhecimento histórico; entretanto, constata-se que a materialidade digital ainda não é plenamente explorada nesse sentido.

Do mesmo modo, Certeau (2014) recorda que escrever a história é sempre lidar com operações de seleção e exclusão, algo que, no ambiente

digital, se intensifica pela ação de algoritmos e curadorias institucionais, conforme problematizam Raffani e Vidal (2023).

Nesse cenário, o uso do digital como simples meio de acesso evidencia tanto os avanços em termos de democratização das fontes quanto as limitações no plano epistemológico. Para Ginzburg (2007), a investigação indiciária convida o foco, a atenção às marcas e rastros, o que, no ambiente digital, assume contornos mais complexos em razão da multiplicidade de registros e da efemeridade de muitos acervos online. Assim, ao mesmo tempo em que os recursos digitais facilitam o contato com documentos antes inacessíveis, introduzem novas camadas de mediação que precisam ser reconhecidas e problematizadas.

Dessa forma, a classificação dos trabalhos analisados revela não apenas o volume e a diversidade da produção acadêmica na área de História da Educação, mas também os padrões metodológicos que têm orientado essas pesquisas. A predominância da análise documental, especialmente em trabalhos que utilizam fontes digitalizadas, destaca o caráter exploratório e interpretativo das investigações. Por outro lado, a presença de trabalhos que combinam fontes digitais e digitalizadas demonstra uma flexibilidade metodológica que reflete a própria complexidade do ambiente digital.

Esse resultado encontra eco nas reflexões que Chartier (2014) e Certeau (2014) chamam atenção para a forma como os suportes materiais condicionam as práticas de leitura e escrita da história, lembrando-nos que o digital não é apenas um meio de acesso, mas uma nova materialidade que reorganiza o trabalho historiográfico.

Do mesmo modo, a emergência de fontes híbridas evidencia a tensão entre permanência e inovação, característica do momento atual das humanidades digitais. Ginzburg (2007), na crítica indiciária orienta-se ao detalhe e ao fragmento, e no ambiente digital essa postura torna-se ainda mais relevante diante da abundância de dados e da instabilidade dos repositórios.

Nesta mesma sintonia, Vidal (2020) e Raffani e Vidal (2023) ressaltam que os algoritmos e as curadorias institucionais interferem nos modos de acesso e de interpretação, impondo ao historiador o desafio de reconhecer tanto os potenciais quanto os silêncios das plataformas digitais.

Logo, as análises empreendidas nas seções anteriores ajudam a compreender que a flexibilidade metodológica identificada nos trabalhos do PPG em Educação, especificamente nas linhas de História da Educação não são apenas reflexos das condições de pesquisa, mas também um indício da transformação epistemológica em curso no campo da História da Educação.

4.3 Sobre telas, algoritmos e acervos: caminhos para um letramento digital historiográfico

A crescente presença de acervos digitais, plataformas de busca, bancos de dados online e repositórios institucionais transformou profundamente as condições de produção, acesso e circulação das fontes históricas. Nesse cenário, o historiador da educação não se depara apenas com novos suportes documentais, mas com um ambiente epistemológico reconfigurado, que implica habilidades específicas para ler, interpretar e contextualizar vestígios históricos mediados por estruturas digitais.

Ao se falar em letramento digital historiográfico, é preciso evitar uma compreensão meramente instrumental ou técnica. Não se trata apenas de saber operar ferramentas digitais, mas de compreender criticamente os modos como essas ferramentas moldam o acesso à informação, a visibilidade das fontes e os próprios gestos historiográficos. Trata-se de desenvolver uma competência técnico-crítica, que articule o domínio dos instrumentos com a capacidade de questionar os filtros, algoritmos e padrões de curadoria impostos pelas plataformas.

Lucchesi (2020) aponta que a fragmentação da memória promovida pelo digital demanda uma postura ativa e reflexiva do historiador, que passa a ser também um curador dos vestígios que acessa e utiliza. Ao lidar com acervos digitalizados ou born digital, ao pesquisador convém compreender como os dados foram organizados, selecionados, omitidos e apresentados. O acesso não é neutro, e a interface não é transparente.

Nesse contexto, Gondra (2000) oferece uma reflexão essencial sobre a "leveza dos bits", uma metáfora que ilustra a fluidez e a dinamicidade da informação digital. Para o autor, o digital não é meramente uma ferramenta de acesso, mas uma revolução epistemológica que redefine os modos de produção e interpretação do conhecimento histórico.

Gondra (2000) destaca que, no ambiente digital, a leitura se transforma em uma navegação, onde o pesquisador não segue mais uma linearidade textual, mas se desloca por redes de hipertextos, algoritmos e interfaces interativas. “A leitura digital não é linear, mas fragmentada, marcada por hiperlinks e navegabilidade, o que transforma o pesquisador em um explorador de redes informativas” (Gondra, 2000, p. 12). Esta transformação impacta diretamente o modo como o historiador se relaciona com as fontes, que deixam de ser objetos estáticos para se tornarem espaços dinâmicos de interpretação e interação.

Contudo, essa fluidez informacional não elimina a imprescindibilidade de rigor crítico. Como ressalta o autor, “a digitalização não substitui o rigor da crítica documental, mas requer novas competências para avaliar a autenticidade e a credibilidade das fontes” (Gondra, 2000, p. 14). Essa afirmação reforça que o historiador da educação, ao lidar com fontes digitais, busque desenvolver uma “consciência crítica digital”, capaz de questionar não apenas o conteúdo das fontes, mas também os algoritmos e filtros que determinam o que é acessível.

Gondra (2000) e Luchesi (2020), enfatizam sobre a ausência de neutralidade das tecnologias digitais, pois carregam em si as marcas culturais e políticas de seus contextos de produção: “As tecnologias digitais não são neutras; elas carregam em si as marcas culturais e políticas de seus contextos de produção” (Gondra, 2000, p. 15). O historiador, portanto, não é apenas um usuário de ferramentas digitais, mas um agente crítico que convém compreender os limites e possibilidades desses meios.

Já Melo Flórez (2011) reforça sobre como a História Digital desloca o historiador da biblioteca tradicional para a web 2.0, exigindo novas competências interpretativas, inclusive no que diz respeito à avaliação da autenticidade, da autoria e da estrutura hipertextual das fontes digitais. Onde ao historiador implica aprender a decifrar os metadados, os padrões de indexação e os sistemas de busca, elementos que participam da construção do sentido.

Isto posto, Werle (2000) ressalta que as tecnologias digitais transformam a prática historiográfica, ampliando as possibilidades de pesquisa, mas também impondo desafios significativos. A autora argumenta que, no ambiente digital, o pesquisador não é um usuário passivo, mas um agente que convém lidar com a natureza mutável dos documentos e com a virtualização das

relações. Destaca, ainda, que o historiador, mais do que um mero leitor de fontes, converte-se em um “navegador” em um mar de informações interconectadas, no qual procure decifrar novos códigos e interagir com uma realidade em que a materialidade dos registros tende a se dissolver em “pura informação maleável”. Esse acesso ampliado, contudo, não elimina a exigência de uma crítica documental rigorosa, uma vez que as fontes digitais, por sua maleabilidade e natureza fugaz, podem ser manipuladas, descontextualizadas e reinterpretadas.

Nota-se que para Noiret (2015), essa mesma História Digital implica uma reescrita dos códigos profissionais desse historiador, visto que as fontes digitalizadas e digitais não apenas ampliam o acesso, mas demandam novos modos de operação historiográfica. A escuta do detalhe, o olhar para o fragmento e a crítica da materialidade textual, elementos centrais nas tradições de Certeau, Ginzburg e Chartier, são convidados a serem reinscritos num novo solo metodológico. À medida que Werle (2000) também enfatiza que o ambiente digital não é neutro, ressaltando que as plataformas digitais organizam as informações com base em algoritmos, filtros e interfaces que definem o que é visível e o que é oculto, e que ao pesquisador convém desenvolver uma consciência crítica digital para avaliar não apenas o conteúdo das fontes, mas também essas mediações e como elas atuam sobre a informação e as relações humanas.

Nessa visão revela que o pesquisador não apenas consome informações, mas é continuamente influenciado pelas lógicas algorítmicas que definem o acesso e a visibilidade das fontes. Clavert e Noiret (2013) corroboram com tais pensamentos ao nos advertir ainda que os instrumentos digitais “não são assépticos” e que o uso acrítico dessas ferramentas, sobretudo em ambientes acadêmicos, pode comprometer a qualidade da interpretação histórica.

O letramento digital historiográfico (LDH), nesse sentido, demanda o reconhecimento da performatividade das plataformas, isto é, a forma como as plataformas moldam as relações entre usuário, fonte e narrativa. Essa reflexão é fundamental para a prática do LDH, onde o pesquisador é chamado a desenvolver habilidades críticas que vão além da navegação técnica.

No ambiente digital, o historiador da educação não apenas lê documentos, mas interpreta interfaces, questiona filtros de busca e avalia

algoritmos que organizam o acesso às fontes. A crítica documental, nesse contexto, não se limita ao conteúdo textual, mas se estende à arquitetura da informação, aos metadados e aos critérios de curadoria digital. Nesse sentido, a navegação digital não é uma prática passiva, mas uma prática crítica, onde o historiador é chamado a questionar continuamente o que vê, como vê e por que vê.

Tendo em vista os apontamentos de Putnam (2016) e Stiegler (2012) reforçam sobre os algoritmos de busca e personalização, ainda que invisíveis ao pesquisador, estes atuam como filtros que privilegiam determinadas fontes em detrimento de outras, afetando diretamente a construção da narrativa histórica. A ilusão de acesso total e imparcial precisa ser rompida por meio de uma postura crítica e informada.

Esse cuidado já aparece em parte da produção acadêmica identificada na RSL desta tese, onde Gomes (2007) ressalta os riscos de tomar os documentos digitais como “reproduções fiéis” do passado, sem considerar as transformações operadas pelo processo de digitalização, onde Monteiro e Abreu (2018) reforçam que o contexto histórico da produção das fontes busque sempre acompanhar sua leitura, mesmo e especialmente quando acessadas digitalmente.

Neste âmbito Tavares e Stumpf (2011) denunciam que a ausência de uma abordagem crítica pode perpetuar vieses historiográficos, naturalizando apagamentos e silenciamentos estruturais. Esse indicativo ganha força quando se considera o uso crescente de repositórios com mecanismos automatizados de classificação, como é o caso das bibliotecas digitais de teses e dissertações.

Ao tempo que Vidal (2000) oferece uma análise aprofundada sobre esses desafios em seu capítulo intitulado "Fim do Mundo do Fim", onde destaca que o descarte de documentos não é apenas uma decisão técnica, mas uma escolha política e cultural. Para Vidal (2000, p.33), “o descarte de documentos é uma escolha que define o que será lembrado e o que será esquecido na história”. Essa perspectiva revela que o processo de preservação digital não é neutro, mas está imerso em disputas de poder e em critérios culturais. Na era digital, o acesso ampliado às informações muitas vezes cria uma ilusão de permanência e completude, onde a existência de uma cópia digital é interpretada como garantia de preservação. No entanto, como adverte a autora, “o fato de um documento

estar disponível digitalmente não significa que ele estará acessível para sempre” (Vidal, 2000, p. 36).

Esse indicativo é fundamental para o historiador da educação, pois destaca que a preservação digital é um processo contínuo, que depende de políticas claras e recursos adequados. Não basta digitalizar; é necessário garantir que os documentos digitalizados sejam mantidos em condições de acesso e que estejam contextualizados de maneira adequada. “Não é suficiente digitalizar; é necessário avaliar continuamente o valor e a relevância dos documentos” (Vidal, 2000, p. 40).

Outro ponto central discutido por Vidal (2000) é o conceito de “fetichismo do digital”, onde a digitalização é vista como um fim em si mesma, ignorando a demanda de critérios críticos para a seleção e descarte de documentos. Para a autora, a preservação digital convém ser acompanhada de uma reflexão crítica sobre o que será preservado e por quê, onde “A preservação é uma prática cultural e política, que envolve decisões sobre o que será mantido e o que será eliminado” (Vidal, 2000, p. 42).

Essa visão crítica sobre o descarte documental conecta-se diretamente à prática historiográfica digital, onde o historiador não é apenas um leitor de fontes, mas um curador, um mediador entre o passado e o presente. No ambiente digital, a curadoria documental se expande para incluir não apenas a organização das fontes, mas também a avaliação de sua autenticidade, relevância e valor histórico.

Ressalta-se o pensamento de Vidal (2000) ao concluir que o historiador oriente-se a desenvolver uma postura crítica diante da memória digital, compreendendo que a digitalização não é uma solução definitiva, mas uma prática em constante transformação. A preservação digital não é apenas uma questão técnica, mas uma escolha cultural e política que define o que será lembrado e o que será esquecido. Esse entendimento é fundamental para que o historiador da educação compreenda que, ao lidar com acervos digitais, ele não está apenas navegando em informações, mas participando ativamente da construção da memória histórica.

Dessa forma, a prática historiográfica digital, não pode prescindir de uma formação que combine sensibilidade crítica, conhecimento técnico e discernimento metodológico. Essa formação recomenda-se incluir, como

defendem Clavert e Noiret (2013), Flórez (2011), Luchesi (2020), Monteiro e Abreu (2018), Nunes e Ferrara (2008), Tavares e Stumpf (2011), Vidal (2000) e Werle (2000) a articulação entre métodos tradicionais e digitais, permitindo que o historiador compreenda a diversidade dos suportes como parte de seu objeto e não como simples meios de acesso.

4.4 Mapas e dimensões para um letramento digital historiográfico

Para enriquecer e ilustrar o conceito de letramento digital historiográfico, assegurando que seja entendido em sua complexidade, este trabalho propõe uma sistematização teórica autoral, ancorada em uma base de referências acadêmicas. A formulação dessas dimensões baseia-se em uma articulação cuidadosa entre as contribuições de diversos autores reconhecidos na área, como Melo Flórez (2011), Lucchesi (2020), Chartier (1998), Cruz (2021), Fickers e Clavert (2021), Pons (2022), Putnam (2016), Stiegler (2012) e Sanmartín (2008).

Dessa forma, o letramento digital historiográfico pode compreender, assim, três dimensões interligadas: a técnica (domínio de ferramentas, formatos, repositórios); a interpretativa (capacidade de contextualização e leitura crítica das fontes); e a epistemológica (compreensão dos modos como o digital transforma a produção do conhecimento histórico). Esta sistematização do letramento digital historiográfico nestas três dimensões constitui uma proposta teórica autoral desta tese, construída a partir da articulação entre diferentes contribuições da literatura especializada.

4.4.1 Dimensão técnica-operacional

Essa dimensão é fundamentada nas reflexões de Melo Flórez (2011) e Lucchesi (2020), que destacam a transição do historiador para ambientes digitais e a necessidade de desenvolver habilidades de navegação, acesso e manipulação de plataformas e arquivos online. Estes autores enfatizam que o domínio técnico não se limita ao conhecimento superficial de ferramentas, mas abrange a capacidade de distinguir entre fontes "born digital" e digitalizadas, bem como a leitura de interfaces e o entendimento da arquitetura da informação.

Além disso, os estudos de Belmonte e Céspedes (2020) reforçam a importância de uma formação inicial que prepare o historiador para utilizar

recursos digitais de maneira crítica, evitando uma adoção automática e acrítica das tecnologias. Tal abordagem é essencial para garantir que o historiador possa operar de maneira eficaz em ambientes digitais sem perder de vista os princípios metodológicos da historiografia.

4.4.2 Dimensão interpretativa-analítica

Esta segunda dimensão, de caráter interpretativo, é inspirada nas contribuições de Chartier (1998), que enfatiza a importância da materialidade do suporte na construção do sentido do texto. Para Chartier, os textos não são apenas conteúdo, mas formas materiais que afetam a leitura e a interpretação. No contexto digital, isso significa considerar como a organização visual, a formatação e os metadados de um documento digital afetam sua compreensão.

Esse aspecto é ampliado pelas ideias de Cruz (2021), que ressalta os riscos da opacidade dos sistemas digitais e da ausência de curadoria historiográfica qualificada. Da mesma forma, Fickers e Clavert (2021) destacam a necessidade de uma "hermenêutica digital", uma abordagem crítica que permita lidar com a complexidade dos dados e interfaces digitais, reconhecendo as camadas de mediação envolvidas na construção dos sentidos.

4.4.3 Dimensão epistemológica-reflexiva

A última dimensão tem base nas provocações de Pons (2022), que questiona o "angelismo digital", isto é, a ideia de que o digital é neutro e desprovido de condicionantes. Esta dimensão também se apoia nas críticas de Putnam (2016) e Stiegler (2012), que problematizam os efeitos invisíveis da automação algorítmica e dos filtros digitais na construção do conhecimento histórico.

Complementando essa abordagem, Sanmartín (2008) aponta para as mutações epistemológicas provocadas pelo uso de novas ferramentas e suportes. Nesse sentido, a dimensão epistemológica-reflexiva envolve a capacidade de pensar historicamente o próprio meio digital como documento e como prática cultural, reconhecendo seus limites e potencialidades.

Ao reunir essas abordagens, busca-se aqui consolidar um referencial teórico que qualifique o debate sobre a atuação do historiador da educação na

era digital e fundamente a proposição do letramento digital historiográfico como competência essencial à produção de conhecimento histórico crítico e situado.

Para tornar mais clara a abrangência do conceito de letramento digital historiográfico, propõe-se a sistematização de suas principais dimensões e competências. A seguir, apresenta-se no Quadro 7 o resumo dessas dimensões em seus três eixos, possibilitando uma visualização integrada das habilidades necessárias ao historiador da educação que opera com fontes digitais.

Quadro 7 - Dimensões e competências para o letramento digital historiográfico

TÉCNICA-OPERACIONAL	<ul style="list-style-type: none"> ○ Conhecimento dos formatos digitais (PDF, XML, TEI etc.), metadados, plataformas e repositórios; ○ Domínio de mecanismos de busca avançada e filtragem de resultados; ○ Habilidade para distinguir entre fontes born digital e digitalizadas; ○ Leitura de interfaces, arquitetura da informação e mecanismos de curadoria digital. 	<p>Melo Flórez (2011), Lucchesi (2020), Belmonte e Céspedes (2020).</p>
INTERPRETATIVA-ANALÍTICA	<ul style="list-style-type: none"> ○ Capacidade de contextualizar as fontes considerando sua origem, circulação e recepção digital; ○ Leitura crítica dos critérios de seleção, exclusão, classificação e hierarquização das fontes; ○ Reconhecimento da mediação dos algoritmos e dos dispositivos técnicos na construção da narrativa. 	<p>Chartier (1998), Cruz (2021), Fickers e Clavert (2021).</p>
EPISTEMOLÓGICA-REFLEXIVA	<ul style="list-style-type: none"> ○ Compreensão dos impactos da digitalidade na constituição do saber histórico; ○ Consciência dos limites da materialidade digital (volatilidade, obsolescência, ausência de preservação); ○ Capacidade de pensar historicamente o próprio meio digital como documento e como prática cultural. 	<p>Pons (2022), Putnam (2016), Stiegler (2012), Sanmartín (2008).</p>

Fonte: Autoria própria, 2025.

Como se observa, o letramento digital historiográfico ultrapassa a simples familiaridade com ferramentas e plataformas. Estimula ao pesquisador uma postura ativa diante da materialidade digital, das lógicas algorítmicas e das interfaces de acesso às fontes. Ao dominar essas três dimensões, técnica, interpretativa e epistemológica, o historiador se torna capaz não apenas de acessar documentos digitais, mas de compreendê-los como construções mediadas, inscritas em contextos sociotécnicos específicos. Essa competência é o que permite transformar o uso das tecnologias em ato historiográfico qualificado, abrindo caminho para novas formas de escuta e produção do conhecimento histórico na era digital.

Esse conjunto de competências se orienta a ser incluído na formação inicial e continuada dos historiadores da educação, como condição para que o uso das tecnologias digitais não se limite ao acesso superficial das fontes, mas se transforme em oportunidade para análises mais profundas, éticas e conscientes das mediações envolvidas.

O conceito de letramento digital historiográfico não convém ser confundido com o domínio genérico de tecnologias ou o simples uso de dispositivos e plataformas digitais. Trata-se de um conjunto articulado de competências que qualificam a atuação do historiador diante das novas materialidades das fontes, da lógica algorítmica que estrutura os repositórios e da circulação dos dados em ambientes digitais.

Esse letramento não apenas capacita o pesquisador a acessar documentos e acervos em meio digital, mas o prepara para compreender criticamente os filtros, mediações e performatividades implicadas nesse processo. É, portanto, uma competência situada, que envolve o olhar historiográfico treinado para operar em uma ecologia digital de memória e informação.

A especificidade do letramento digital historiográfico está em sua capacidade de articular os saberes técnicos ao repertório teórico e crítico próprio da historiografia. Como ressaltam autores como Lucchesi (2020), Melo Flórez (2011) e Noiret (2015), ao historiador da era digital convém desenvolver uma postura interpretativa que vá além da mera funcionalidade tecnológica: é necessário saber ler os códigos ocultos nas interfaces, entender as lógicas de busca, e reconhecer como a arquitetura dos sistemas impacta o acesso e a visibilidade das fontes. Isso demanda formação crítica e contínua, capaz de lidar com as múltiplas camadas de mediação entre o documento e sua leitura, algo que, no ambiente digital, passa a ser marcado não apenas por filtros humanos, mas por lógicas de programação, metadados e algoritmos invisíveis.

Essa competência teórico-metodológica pode ser aplicada em diferentes momentos da prática historiográfica, especialmente no campo da História da Educação. Ao selecionar fontes em repositórios institucionais, por exemplo, o historiador alfabetizado digitalmente é capaz de questionar os critérios de indexação e reconhecer os limites da cobertura documental.

Interpretar um documento digitalizado, não se limita à sua leitura textual, mas considera sua materialidade técnica: a qualidade da digitalização, os metadados disponíveis, a ausência de contextualização, e até mesmo o apagamento de elementos não capturados pelo escâner. Mais ainda, na organização do corpus documental, esse letramento permite combinar estratégias tradicionais com ferramentas computacionais, como softwares de análise de redes, mineração de texto ou visualização de dados sem, contudo, abdicar da escuta indiciária e da criticidade historiográfica.

A incorporação do letramento digital historiográfico à prática do pesquisador oferece benefícios concretos para a operação historiográfica digital. Primeiramente, amplia as possibilidades analíticas: permite que o historiador não apenas veja o que está disponível, mas compreenda o que foi excluído, silenciado ou sobrevalorizado pelo processo técnico de disponibilização.

Em segundo lugar, reduz o risco de naturalização técnica, ou seja, de aceitar passivamente os resultados gerados por mecanismos de busca e algoritmos classificatórios. Com esse letramento, o pesquisador é capaz de interrogar os caminhos da informação e os modos de constituição do corpus documental.

Em terceiro lugar, qualifica eticamente a produção do conhecimento histórico, ao romper com a ideia de que os documentos digitais são neutros ou transparentes, e reconhecer os condicionantes de sua curadoria. Por fim, contribui para a formação de um historiador mais aberto ao diálogo interdisciplinar e mais consciente de sua atuação como sujeito da memória e da análise crítica do presente.

Ao integrar técnica, teoria e crítica, o letramento digital historiográfico posiciona-se não como um apêndice às competências do historiador da educação, mas como parte constitutiva de sua formação diante dos desafios da cultura digital. Trata-se, em última instância, de garantir que o uso das tecnologias digitais não empobreça, mas aprofunde, enriqueça e qualifique o trabalho historiográfico, ancorado na escuta, na problematização e na construção de sentidos historicamente situados.

Assim, o letramento digital historiográfico não se apresenta como uma habilidade opcional, mas como um imperativo formativo diante das transformações que atravessam os modos de produzir, acessar e interpretar

fontes na era digital. Mais do que um domínio técnico, ele constitui uma postura investigativa sensível às camadas visíveis e ocultas dos documentos digitais, aos mecanismos que os organizam e às condições que os tornam legíveis ou invisíveis. Ao equipar o historiador da educação com instrumentos para operar em meio às lógicas algorítmicas, à performatividade das plataformas e aos silêncios curatoriais, esse letramento contribui não apenas para o rigor da pesquisa, mas também para a ampliação ética e epistemológica do campo.

Por fim, serão apresentadas as considerações finais, nas quais se discutem, à luz dos referenciais teóricos que sustentam este estudo, as contribuições e os desafios do uso de fontes digitais e digitalizadas na História da Educação.

5 RASTROS QUE PERMANECEM: CONSIDERAÇÕES FINAIS

*A educação como prática da liberdade é
um jeito de ensinar que
qualquer um pode aprender
bell hooks, 2020⁵⁶*

A presente pesquisa teve como horizonte analisar a utilização de fontes digitais ou digitalizadas na produção acadêmica em História da Educação, em três Programas de Pós-Graduação em Educação da Região Nordeste, no período de 2006 a 2023. Partiu-se da hipótese que este estudo sustenta que a incorporação crescente de fontes digitais e digitalizadas transforma as práticas investigativas em História da Educação, ampliando a diversidade temática e metodológica, além de favorecer o acesso remoto e contínuo a documentos históricos. Parte-se da premissa de que a facilidade de acesso a um vasto conjunto documental online redesenharia as estratégias de pesquisa, abrindo novos horizontes para a investigação histórica da educação.

Esta tese foi construída como fruto de uma longa caminhada, em tempos em que a corrida e aceleração está em moda, seguimos repletos de desvios férteis, reencontros com velhas questões sob novas formas e escolhas metodológicas que exigiram escuta, paciência e coragem.

Cada seção, como uma parte do percurso, contribui para a composição de um olhar integral sobre o uso das fontes digitalizadas e digitais na produção acadêmica em História da Educação na Região Nordeste do Brasil. O ordenamento dos trechos que compõe esta tese é orientado, diretamente, pelos objetivos específicos estabelecidos anteriormente, e que definem o trajeto investigativo adotado: na seção 2, “Do microfilme à tela: as novas tecnologias e a pesquisa em História da Educação”, desenvolve-se a discussão teórica necessária para compreender os fundamentos da História Digital e da História da Educação; na seção 3, “Linhas que conectam: a História da Educação nos Programas de Pós-Graduação do Nordeste”, caracteriza-se o contexto institucional dos Programas de Pós-Graduação em Educação da UFPB, UFPI e UFS; na seção 4, “Travessias em escrita: as teses e dissertações dos PPGs em

⁵⁶ Ressalta-se que bell hooks opta por escrever seu nome em letras minúsculas como um posicionamento político, enfatizando o conteúdo de seu trabalho em vez de sua identidade pessoal, opta-se nesse trabalho, em respeito a suas escolhas, manter essa escolha estilística.

Educação na linha de História da Educação”, realiza-se o mapeamento e a análise empírica das teses e dissertações das três universidades selecionadas, discutindo-se como as fontes digitais e digitalizadas são nomeadas, utilizadas e problematizadas nessas produções, propondo diretrizes para a consolidação de um letramento digital historiográfico; e, por fim, na seção 5 “Rastros que permanecem: considerações finais”, trava-se um diálogo com as potencialidades e desafios identificados, apontando caminhos para a construção de uma historiografia digital atenta aos silêncios, aos algoritmos, às condições de acesso e visibilidade das fontes.

Assim, cada seção desta tese se constitui como uma marca deixada ao longo da estrada, fruto de uma jornada pessoal e acadêmica, um gesto de escrita que anseia em abrir novas trilhas. Os passos aqui narrados não se encerram com a defesa deste trabalho: são contínuos, assim como a trajetória daqueles que caminham movidos pela inquietação, pelo rigor e pelo desejo de compreender o mundo, passando pelos entremeios da História da Educação.

Ao longo desta investigação, os resultados obtidos confirmam parcialmente a hipótese: constatou-se que o uso dessas fontes tem contribuído para a democratização do acesso aos acervos, a ampliação dos objetos de estudo e o surgimento de novas abordagens metodológicas. No entanto, a análise revela que essa transformação digital, embora impactante, ainda carece da consolidação de práticas sistemáticas de letramento digital historiográfico, capazes de assegurar o rigor crítico necessário à análise das fontes em ambientes digitais.

As fontes digitais e digitalizadas vêm redesenhando o campo, promovendo uma reconfiguração das práticas de pesquisa que se manifesta na diversidade temática emergente, na flexibilidade metodológica adotada e na ampliação do acesso a acervos que antes eram de difícil acesso. Reafirma-se, assim, a tese que sustenta este trabalho: as fontes digitais e digitalizadas não são meros instrumentos neutros de acesso. Ao contrário, configuram-se como "atores epistemológicos" que redefinem o fazer historiográfico, influenciando a materialidade do texto, as práticas de leitura e interpretação, e a própria construção da memória histórica.

No percurso investigativo, os objetivos inicialmente traçados foram sendo alcançados, ainda que à custa de retomadas, reorganizações e

reposicionamentos metodológicos, marcas de uma travessia analítica em constante diálogo com os rastros deixados pelas fontes. Em um primeiro momento, tornou-se necessário demarcar a presença das novas tecnologias na pesquisa em História da Educação, destacando como a digitalização de acervos, a ampliação do acesso remoto e a utilização de repositórios digitais têm transformado os modos de produzir, difundir e legitimar o conhecimento histórico.

Nesse movimento, situou-se a História Digital como campo emergente e a História Digital da Educação como uma subárea ainda em construção, já densamente atravessada por inquietações epistemológicas, como apontam Noiret (2015), Pons (2022) e Clavert e Fickers (2021). Essa etapa permitiu reconhecer a relevância de articular a tradição da História da Educação às potencialidades abertas pelo digital, sem perder de vista os limites, os silêncios e as mediações que estruturam a circulação e a interpretação das fontes nesse novo ecossistema.

Na sequência, foram identificados os Programas de Pós-Graduação em Educação da Região Nordeste que apresentavam em suas linhas de pesquisa, explicitamente, a História da Educação, resultando na delimitação de três programas rigorosamente aderentes ao recorte temático (UFPB, UFPI e UFS). A partir deles, mapeou-se um conjunto de trinta produções (teses e dissertações) que faziam referência ao uso de fontes digitais ou digitalizadas, classificando-as por ano, instituição, tema, tipo de fonte e abordagem metodológica. Observou-se, nesse conjunto, uma concentração crescente de trabalhos no período mais recente (2017–2023), o que sugere não apenas a consolidação institucional dos programas, mas também o impacto da digitalização e do acesso remoto a acervos.

Entre as três instituições, observa-se que a UFPB se destaca pelo uso consistente de fontes híbridas e pelo recurso sistemático à Hemeroteca Digital Brasileira, com trabalhos que problematizam o “angelismo digital” e a ilusão de completude dos acervos. A UFPI, por sua vez, apresenta experiências inovadoras que vão desde a fotografia digital de documentos até o uso de aplicativos e softwares, revelando uma diversidade de estratégias para lidar com a precariedade dos arquivos físicos. Enquanto, a UFS concentra a maior parte da produção, com forte presença de fontes híbridas e metodologias variadas,

incluindo análises comparativas, história oral e etnografia, destacando-se por um caráter pioneiro e inovador na região.

Os dados revelam ainda que a análise documental permanece predominante, sobretudo em pesquisas que mobilizam jornais digitalizados, legislações e relatórios institucionais, confirmando o peso da tradição arquivística na História da Educação. Contudo, emergem, também, movimentos de inovação metodológica, expressos no uso de currículos nativos digitais (Nascimento, 2015), no emprego de softwares de transcrição (Leal, 2023) e na incorporação de plataformas de comunicação digital como o WhatsApp (Braga, 2022). Essas práticas indicam uma flexibilidade investigativa que combina fontes digitais, digitalizadas, impressas e orais, caracterizando a maior parte das pesquisas como híbridas.

Entre as potencialidades, destaca-se o papel democratizador dos repositórios digitais (Hemeroteca Digital, BDTD, Portal CAPES, RIUFS), que ampliam o alcance das investigações e viabilizam pesquisas mesmo em contextos de restrição, como ocorreu na pandemia de COVID-19. Já as dissonâncias emergem das lacunas e silêncios identificados: limitações de acesso em plataformas oficiais (INEP, CAPES), ausência de políticas arquivísticas consistentes e a dependência de iniciativas institucionais ou pessoais de digitalização, fatores que produzem desigualdades na preservação e na disponibilização de documentos.

Em síntese, três considerações gerais se sobressaem: (1) a predominância do hibridismo documental, em que impressos, digitalizados e nascidos digitais convivem como parte de uma “nova normalidade” investigativa; (2) as fontes digitais atuam como atores epistemológicos, pois não apenas fornecem acesso, mas moldam práticas de leitura, interpretação e escrita da história; (3) a incorporação dessas fontes expõe os desafios e vulnerabilidades do ambiente digital, como a incompletude, a efemeridade e os vieses da curadoria e dos algoritmos.

Por fim, emerge como necessidade central a consolidação de uma proposta de letramento digital historiográfico, em suas dimensões técnica, interpretativa e epistemológica, para assegurar que o historiador mantenha o rigor crítico diante da materialidade digital. A “virada digital” na História da Educação, embora ainda em processo, mostra-se capaz de ampliar temas,

diversificar abordagens e tornar mais acessíveis as memórias históricas, ao tempo em que impõe ao pesquisador a responsabilidade de navegar entre páginas e pixels com olhar atento e sensível.

Dessa maneira, os resultados evidenciam tanto o avanço da digitalidade como mediadora historiográfica, quanto os desafios persistentes de infraestrutura e curadoria, reafirmando que ao digital convém ser problematizado não apenas como suporte de acesso, mas como vetor de transformação epistemológica no campo da História da Educação. Esse processo revelou que as fontes híbridas, combinando materiais impressos, digitalizados, iconográficos e nascidos digitais, predominam nas teses e dissertações analisadas, confirmando, como indica Zaagsma (2013), a hibridização como nova normalidade na pesquisa histórica.

Por entre a multiplicidade de objetos abordados, a entrada de sujeitos historicamente silenciados e o uso de metodologias híbridas sinalizam uma mudança epistemológica em curso. Esse movimento, longe de ser homogêneo, indica que o campo se encontra em processo de consolidação e transição: da adoção instrumental das tecnologias digitais para uma apropriação crítica, que pressupõe do pesquisador não apenas habilidade técnica, mas também sensibilidade interpretativa e posicionamento ético.

Nesse cenário, o desafio não está apenas no acesso ampliado, mas na validação e no tratamento das fontes, de modo a preservar o rigor historiográfico. Gomes (2007, p. 19) indica que "a digitalização de documentos facilita o acesso, mas também pode trazer desafios quanto à veracidade dos dados". Monteiro e Abreu (2018, p.45) reforçam que "a digitalização oferece uma riqueza de informações, mas o contexto em que essas informações foram produzidas e utilizadas deve ser considerado para evitar leituras errôneas". Tavares e Stumpf (2011, p. 21), acrescentam que "a ausência de uma abordagem crítica pode resultar na perpetuação de vieses, o que distorce a compreensão dos acontecimentos e das dinâmicas sociais". Assim, as plataformas digitais, ao mesmo tempo em que democratizam o acesso, tensionam a prática historiográfica, exigindo que a leitura crítica acompanhe cada etapa de investigação.

Contudo, a dependência excessiva de fontes digitais pode limitar a visão histórica, excluindo métodos de coleta de dados tradicionais, como

entrevistas e documentos físicos. Para uma análise histórica mais completa, é imprescindível equilibrar o uso de fontes digitais com outras fontes, de modo a integrar diferentes perspectivas e enriquecer a compreensão dos eventos estudados.

Chartier (1998) já assinalava que cada suporte de registro condiciona práticas próprias de leitura e interpretação, sendo, portanto, necessário preservar a diversidade de fontes. Do mesmo modo, Certeau (2006) lembra que toda operação historiográfica envolve escolhas e exclusões, o que torna ainda mais urgente a integração entre fontes digitais e tradicionais. Em perspectiva mais recente, Vidal (2020) reforça que o digital pode ser compreendido como mediador historiográfico, mas não como substituto absoluto das práticas documentais consolidadas, sendo esperado do pesquisador equilibrar o uso das diferentes materialidades para ampliar a criticidade de suas análises.

Esses teóricos também ressaltam os desafios contínuos da preservação digital, marcada por riscos de alterações, desaparecimentos e obsolescência tecnológica. Menezes (2008, p. 290) observa que "as fontes digitais, embora acessíveis, estão sujeitas a alterações e desaparecimentos, o que pode comprometer a reprodutibilidade das pesquisas futuras". Assim, o avanço da digitalização é indicado caminhar acompanhado de estratégias de preservação capazes de assegurar a continuidade dos acervos e a validade dos trabalhos históricos.

Como advertem Brasil e Nascimento (2020), sem a consciência crítica corre-se o risco de naturalizar as ausências e tomar a visibilidade dos acervos como expressão da totalidade dos registros históricos. Essa constatação reforça a urgência de consolidar um letramento digital historiográfico em suas três dimensões interdependentes: a técnica-operacional, que compreende o domínio das ferramentas, repositórios, formatos e padrões de metadados; a interpretativa-analítica, que demanda a leitura contextualizada das fontes e o reconhecimento das mediações digitais; e a epistemológica-reflexiva, que implica compreender os impactos da materialidade digital sobre a produção do saber histórico e os modos de narrar o passado.

Dessa forma, a necessidade de um letramento digital historiográfico emerge como uma das principais conclusões deste estudo, por não se restringir ao domínio técnico das ferramentas digitais, além de incluir a compreensão

crítica das implicações metodológicas, éticas e epistemológicas do uso de tais fontes digitais na historiografia da educação. Trata-se, portanto, de uma recomendação de protocolo de formação mais ampla do historiador da educação, que se aproxime da figura do consumidor crítico, aquele que compreende que as fontes digitais não são neutras, mas territórios mediados, atravessados por lógicas de visibilidade, exclusão e performatividade (Raffaini e Vidal, 2023).

Para manter o rigor acadêmico, é essencial aos pesquisadores digitais utilizem uma análise questionadora. Isso implica verificar a autenticidade, contextualizar adequadamente, analisar possíveis vieses e diversificar as fontes de informação. A criticidade é fundamental para agregar a integridade aos dados e às interpretações, enriquecendo a compreensão histórica e proporcionando uma visão mais completa e precisa do passado.

A despeito das contribuições alcançadas e das importantes reflexões sobre os desafios do campo, torna-se necessário reconhecer as limitações que balizaram o escopo e possíveis vieses desta investigação. Primeiramente, o recorte geográfico concentrou-se em três universidades da Região Nordeste: a Universidade Federal da Paraíba (UFPB), a Universidade Federal do Piauí (UFPI) e a Universidade Federal de Sergipe (UFS), com programas explicitam linhas de pesquisa em História da Educação. Embora representativo, esse recorte não permite generalizações para todas as instituições da região.

Além disso, a análise se restringiu ao uso de fontes digitais e digitalizadas em teses e dissertações, deixando de fora outros tipos de registros digitais, como materiais audiovisuais ou iconográficos que poderiam emergir de novas mídias sociais, representando uma fronteira para futuras investigações.

Os resultados da análise revelam que as fontes digitais e digitalizadas não são apenas recursos que ampliam o acesso ao passado. Elas representam uma transformação nas práticas de pesquisa, desafiando os pesquisadores a desenvolverem uma postura crítica frente aos documentos digitais. No entanto, para que essas fontes sejam efetivamente utilizadas de forma rigorosa, é necessário que os pesquisadores desenvolvam um letramento digital historiográfico, que lhes permita não apenas acessar, mas também questionar e interpretar criticamente os documentos.

Ao longo desta pesquisa, explorou-se como as fontes digitais e digitalizadas têm impactado às teses e dissertações produzidas nos Programas de Pós-Graduação em Educação das universidades selecionadas (UFPB, UFPI e UFS), refletindo uma transformação significativa nas práticas de pesquisa em História da Educação. Navegando entre páginas e pixels, os pesquisadores foram convidados a explorar novos horizontes, ampliando o acesso a documentos e experimentando novas possibilidades metodológicas.

Os resultados obtidos revelam não apenas o impacto positivo das fontes digitais e digitalizadas nas pesquisas em História da Educação, mas também os desafios que acompanham essa transformação. Em um contexto marcado pela expansão das tecnologias digitais e pela democratização do acesso ao conhecimento, o uso dessas fontes representa uma oportunidade para ampliar o alcance da pesquisa histórica, permitindo que documentos antes restritos sejam explorados e reinterpretados.

Faz-se necessário destacar que os percursos analisados até aqui revelam mais do que escolhas metodológicas pontuais: eles desvelam modos distintos de caminhar entre arquivos físicos, acervos digitalizados e fontes nascidas digitais. Cada tese e dissertação construiu sua própria trilha de acesso e interpretação, expondo tanto as potencialidades quanto os silêncios e lacunas que atravessam a produção em História da Educação.

Esses resultados apontam para uma questão central: ainda que o digital amplie as possibilidades de pesquisa, seu uso não se esgota no acesso às fontes. Pelo contrário, requer novas disposições analíticas e reflexivas, capazes de problematizar a própria materialidade e os condicionantes das plataformas que mediam a escrita da história. É justamente nesse ponto de inflexão que se inscreve a necessidade de discutir o letramento digital historiográfico.

Portanto, os resultados e estudos apresentados revelam não apenas o impacto positivo das fontes digitais e digitalizadas nas pesquisas em História da Educação, mas igualmente os desafios que acompanham essa transformação. Em um contexto marcado pela expansão das tecnologias digitais e pela democratização do acesso ao conhecimento, o uso dessas fontes representa uma oportunidade para ampliar o alcance da pesquisa histórica, permitindo que documentos antes restritos sejam explorados e reinterpretados.

Diante disso, delineiam-se caminhos promissores para pesquisas futuras: expandir geograficamente o escopo do estudo, incorporando programas de outras regiões do Brasil; comparar os perfis de uso das fontes digitais em diferentes contextos formativos e institucionais; investigar o nivelamento de abordagens metodológicas digitais de letramento digital entre pesquisadores em formação e formadores, buscando compreender de que maneira os programas de pós-graduação têm (ou não) incorporado a dimensão digital em seus currículos, disciplinas e orientações; aprofundar o estudo sobre os critérios de indexação, seleção e curadoria dos acervos digitais mais utilizados, compreendendo-os como construções influentes no processo de silenciamentos e lacunas levados em consideração que precisam ser permanentemente tensionadas; e, explorar os vínculos entre materialidade, mediação tecnológica e ética historiográfica, numa abordagem que una teoria e prática, técnica e política, passado e presente.

De um modo geral, este trabalho busca contribuir para uma reflexão crítica sobre as práticas de pesquisa digital na historiografia da educação e propor caminhos para uma historiografia digital que seja ao mesmo tempo tecnicamente abrangente e questionadora. As implicações sugerem a necessidade de uma atualização contínua das práticas de formação e pesquisa, de forma que os historiadores da educação possam utilizar plenamente as potencialidades das tecnologias digitais, enquanto enfrentam seus desafios, levando em consideração todos os aspectos éticos e reflexivos, estejam estes tangíveis ou etéreos de forma ética e reflexiva.

Ao fim desta caminhada, ciente de que toda conclusão é provisória, resta afirmar que a História da Educação, em tempos digitais, não perde sua potência ou abrangência crítica. Ao contrário, ela se fortalece na reconfiguração tecnológica, pois o historiador da educação trilha apenas entre centros de informação físicos, telas e repositórios digitais, sob fronteiras fluídas como afirma Zaagma (2013). Esse trajeto, como toda produção historiográfica, requer rigor e sensibilidade. E talvez, ao final de tudo, seja possível lembrar que cada pixel ou byte acessado, cada documento ou imagem encontrados, cada silêncio ou lacuna percebidos é mais do que dado: é um sinal. E ler sinais é, afinal, o que sempre os historiadores fizeram.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do nordeste e outras artes**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2018.

ALENCAR, Ricardo dos Santos. História da Educação Musical (2015-2021): caminhos e espaços da produção intelectual. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2022.

ALVES, Josué dos Santos; MARQUES, Bruna; NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. **História da educação, tecnologias digitais e divulgação científica: construção de uma base de dados da história da educação protestante**. GT 2 – História da Educação, 2021. Disponível em: http://www.anped.org.br/sites/default/files/resources/artigos-educacao-2021/alves_historia_educacao_tecnologias_digitais.pdf. Acesso em: 29 jul. 2024.

ALVES, Josué dos Santos; NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. As tecnologias digitais e sua importância na divulgação científica: construção de uma base de dados da história da educação protestante. **Revista de Tecnologia e Multimídia na Educação Superior**, [S.l.], p. 1-13, 2018. ISSN: 2179-4901. Disponível em: <https://eventos.set.edu.br/simeduc/article/view/10780/4179>. Acesso em 10 abr. 2023.

AMORIM, Eliane Dutra. Arquivos, pesquisa e as novas tecnologias. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes. (Org.). **Arquivos, fontes e nova tecnologia: questões para a história da educação**. Campinas: Autores Associados/Bragança Paulista: Universidade São Francisco, 2000, p. 89-99.

ANDRADE, S. F. As novas tecnologias e a história da educação: a digitalização de fontes para a pesquisa. **Cadernos de História da Educação**, Uberlândia, v. 19, n. 3, p. 753 – 763, ago. 2020. Disponível em: <https://doaj.org/article/1aaf8cea946a47e7ad880816eec5ab19>. Acesso em: 29 jul. 2024.

ASHTON, Paul; KEAN, Hilda (org.). **People and their pasts: public history today**. New York: Palgrave Macmillan, 2009.

AZEVEDO, Kellyane Pessôa; PESSOA, Arlindo Oliveira; MEDEIROS NETA, Rosalba Maria Gomes de. A hemeroteca digital brasileira: fontes e possibilidades para a pesquisa em História da Educação. **Cenas Educacionais**, [S. l.], v. 2, n. Espec., p. 39–55, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/cenaseducacionais/article/view/7361>. Acesso em: 29 jul. 2024.

AZEVEDO, Kellyane Pessôa; PESSOA, Arlindo Oliveira; MEDEIROS NETA, Rosalba Maria Gomes de. A hemeroteca digital brasileira: fontes e

possibilidades para a pesquisa em história da educação. *Cenas Educacionais*, [S. l.], v. 2, n. Espec., p. 39–55, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/cenaseducacionais/article/view/7361>. Acesso em: 29 jul. 2024.

AZEVEDO, Laís Paula de Medeiros Campos; ARAÚJO, Ana Liziane da Paz; SILVA, Maria Gabriella Guimarães da; MEDEIROS NETA, Olívia Moraes de. Os repositórios digitais e a pesquisa em História da Educação. **Pesquisa e Ensino**, Barreiras, BA, v. 1, p. 1-25, 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/123456789/2613>. Acesso em: 10 abr. 2023.

BAGESTEIRO, Maria Portilho; BONETE, Wilian Júnior. Portal Clio HD: experiências na construção de um banco de dados para a preservação digital do passado. 2024. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/historiaemreflexao/article/view/17535>. Acesso em: 27 abr. 2025.

BALDEZ, Etienne; GUIMARÃES, Livia; TAVARES, Thamyris Mohara Parente de Pinho. Inventariando fontes, construindo interpretações históricas. 2023. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/17254>. Acesso em: 27 abr. 2025.

BARROS, João D'Assunção. **História digital**: a historiografia diante dos recursos e demandas de um novo tempo. São Paulo: Vozes, 2022.

BARROS, José D'Assunção. **O projeto de pesquisa em História**: da escolha do tema ao quadro teórico. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

BASTOS, Kllenne Lys Silva. Do Normal Regional às Licenciaturas Curtas: história e memória da formação de professores em Imperatriz – MA (1960-1981). Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2022.

BEZERRA, Giovani Ferreira. Nos bastidores da pesquisa histórica: proposições sobre manipulação e tratamento documental de impressos periódicos. **Cadernos de História da Educação**, Uberlândia, v. 22, p. 1-21, e172, 2023. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/che/article/view/68207>. Acesso em: 10 abr. 2023.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **Hemeroteca digital**. Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 12 fev. 2024.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **Histórico**. Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/sobre-a-bndigital/historico/>. Acesso em: 12 fev. 2024.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **Uma janela para o armazém de periódicos**: linha do tempo. Rio de Janeiro, 13 jul. 2023. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/exposicoes/uma-janela-para-o-armazem-de-periodicos/linha-do-tempo/>. Acesso em: 12 fev. 2024.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **Biblioteca Digital Nacional**. Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br>. Acesso em: 10 abr. 2023.

BICA, Alessandro Carvalho; GERVASIO, Simôni Costa Monteiro; RODRIGUES, Tobias de Medeiros. A materialidade dos acervos históricos e o trabalho de preservação digital. 2023. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate/article/view/867148>. Acesso em: 27 abr. 2025.

BORNE, Ernesto. Documento digital e preservação digital: algumas considerações conceituais. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, Brasília, v. 9, n. 2, p. 503-516, jul./dez. 2016. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/2425>. Acesso em: 10 abr. 2023.

BRASIL, Eric. pyHDB: ferramenta heurística para a Hemeroteca Digital Brasileira: utilizando técnicas de web scraping para a pesquisa em história. **História e Historiografia**, Ouro Preto, v. 15, n. 40, p. 186-217, set.-dez. 2022. DOI: <https://doi.org/10.15848/hh.v15i40.1904>. Disponível em: <https://www.historiaehistoriografia.ufop.br/index.php/hh/article/view/1904>. Acesso em: 10 abr. 2023.

BRASIL, Eric; NASCIMENTO, Leonardo Fernandes. História Digital: reflexões a partir da Hemeroteca Digital Brasileira e do uso de CAQDAS na reelaboração da pesquisa histórica. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 69, p. 216-219, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eh/a/3mJx5YpH4Ljz8FPvStLJJgk/?lang=pt>. Acesso em: 10 abr. 2023.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. História da Educação: notas em torno de uma questão de fronteiras. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 26, p. 5-13, dez. 1997.

CARVALHO, Michele Ribeiro de; SILVA, Márcia Cabral da. **Bibliotheca Infantil Quaresma e Biblioteca de Nanquinote**: coleções endereçadas às crianças brasileiras em perspectiva histórica. 2024. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/che/article/view/75068>. Acesso em: 27 abr. 2025.

CASTANHA, André Paulo; FACCHI, Jehnny Zélia Kalb. Memórias das escolas normais de Cascavel-PR: desafios à preservação. **Revista HISTEDBR Online**, Campinas, SP, v. 12, n. 45e, p. 162–180, 2012. DOI: 10.20396/rho.v12i45e.8640115. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8640115>. Acesso em: 27 abr. 2025.

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean et al. **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 295-316.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2011.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. v. 1. 22. ed. São Paulo: Vozes, 2014.

CHARTIER, R. **A história cultural**: entre práticas e representações. Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 1990.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

CHARTIER, Roger. **A cultura escrita**: entre a distinção e a apropriação. São Paulo: Ática, 1996.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília: Editora UnB, 1994.

CHARTIER, Roger. Libros y lecturas: los desafíos del mundo digital. *Revista de Estudios Sociales*, n. 64, p. 119-124, 2018. Disponível em: <https://journals.openedition.org/revestudsoc/10067>. Acesso em: 17 mar. 2023.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CLAVERT, Frédéric.; FICKERS, Andreas. On pyramids, prisms, and scalable reading. **Journal of Digital History**, Luxemburgo, 2021. Disponível em: <https://www.journalofdigitalhistory.org/en/article/jXupS3QAeNgb>. Acesso em: 17 mar. 2023.

COSTA, David Antônio da; VALENTE, Wagner Rodrigues. O repositório de conteúdo digital nas pesquisas de história da educação matemática. 2015. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/ridphe/article/view/9231>. Acesso em: 27 abr. 2025.

COSTA, Fábio Gomes. **Tecnologia, temporalidade e história digital**: interpelações ao historiador e ao professor de história. 2018. Disponível em: http://historiapublica.com.br/?page_id=520. Acesso em: 29 jul. 2024.

CRUZ MUNDET, José Ramón. El historiador y la historia en la Edad Oscura Digital. **Ayer**, Madrid, n. 109, v. 1, p. 369-384, 2018. Disponível em: <https://www.revistamarcialpons.es/revistaayer/article/view/el-historiador-y-la-historia-en-la-edad-oscura-digital/1471>. Acesso em: 17 mar. 2023.

CUNHA, Marcus Aurélio Taborda da. Do traçado manual ao registro digital: fontes históricas escolares e a historiografia da educação brasileira. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 20, n. 1, p. 20-40, 2020. DOI: 10.24109/2176-6681.rbhe.2020v20.324. Disponível em: <https://www.rbhe.com.br/article/view/324>. Acesso em: 29 jul. 2024.

DESAULNIERS, Julieta Beatriz Ramos. Impresso: do folheto ao computador. *Veritas* (Porto Alegre), [S. l.], v. 43, n. 5, p. 141–150, 1998. DOI: 10.15448/1984-6746.1998.5.35587. Disponível em:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/veritas/article/view/35587>. Acesso em: 27 abr. 2025.

FERREIRA FILHO, João Valter. História e memória da educação musical no Piauí: das primeiras iniciativas à universidade. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2009.

FLICKERS, Hans; TATARINOV, Nikolay. Digital Hermeneutics and the Historian's Craft. In: NOIRET, Serge (org.). **Handbook of Digital Public History**. Berlin: De Gruyter Oldenbourg, 2022. p. 233-248.

GERVASIO, Simôni Costa Monteiro; BICA, Alessandro Carvalho; RODRIGUES, Tobias de Medeiros. A constituição técnica e teórica do repositório digital Tatu. 2021. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/che/article/view/60378>. Acesso em: 27 abr. 2025.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GINZBURG, Carlo. **História noturna**: decifrando o sabá. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GINZBURG, Carlo. **Nenhuma ilha é uma ilha**: quatro visões da literatura inglesa. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GOMES, Ângela de Castro. História e Historiadores no Mundo Digital. **Revista Brasileira de História**, v. 27, n. 53, p. 13-30, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/3mJx5YpH4Ljz8FPvStLJJgk/?lang=pt>. Acesso em: 29 jul. 2024.

GOMES, Joelton Rezende; BERTOTTI, Mirian de Oliveira; PIMENTA, Jussara Santos. E aí curtiu? Redes sociais virtuais: memória, história e identidade dos ifianos. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/67746>. Acesso em: 27 abr. 2025.

GOMES, Victor Hugo de Lemos; VALENTE, Wagner Rodrigues. Documentos digitalizados e elaboração de conhecimentos para a história da educação matemática. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistaamazonia/article/view/10607>. Acesso em: 27 abr. 2025.

GONDRA, José Gonçalves (Org.). **Pesquisa em história da educação no Brasil**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.

GREGORIO, Janine Marques da Costa; COSTA, David Antonio da. As relações da história digital com pesquisas em História da Educação Matemática. In: **ANAIS do III Simpósio Internacional de História da Matemática**. 2018.

Disponível em: <http://exemplo.com/gregorio-costa-historia-digital.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2024.

GREGORIO, Janine Marques da Costa; COSTA, David Antônio da. O uso de repositórios digitais em pesquisas de história da educação matemática: reflexões apoiadas na curadoria digital. 2023. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/76620>. Acesso em: 27 abr. 2025.

GURGEL, Rita Diana de Freitas; NASCIMENTO, Francinaide de Lima Silva. Higiene, moral e estética. 2023. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/historia/article/view/75275>. Acesso em: 27 abr. 2025.

HOOKS, bell. **Ensinando pensamento crítico**: sabedoria prática. São Paulo: Elefante, 2020.

KUHLMANN JUNIOR, Moysés; LEONARDI, Paula. História da educação no quadro das relações sociais. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/heduc/a/NZX95wBpYXb4cW8kDxkqLZL/?lang=pt>. Acesso em: 27 abr. 2025.

LEAL, Jessica Assunção. A constituição da rede escolar municipal de Timon – Maranhão de 1943 a 1967. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2023.

LIMA, Arthur Rodrigues de. História da Educação no Piauí: as instituições escolares católicas e os sentidos da formação humana (1940-1960). 2009. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

LUCCHESI, Anita. **Digital history e Storiografia digitale**: estudo comparado sobre a escrita da história no tempo presente (2001-2011). 2014. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

LUCCHESI, Anita. Por um debate sobre História e Historiografia Digital. **Boletim Historiar**, n. 2, p. 45-57, 2014. Disponível em: https://boletimhistoriar.files.wordpress.com/2014/11/boletim-historiar_2.pdf. Acesso em: 11 set. 2023.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

LUSTOSA, Ianna Torres. **O bibliotecário na era da pós-verdade: informação, memória e poder nas redes sociais**: uma proposta de letramento informacional para o Instituto Federal do Maranhão, Campus Caxias, E-clin. Orientadora: Dra. Carla Façanha de Brito. 2020. 156 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Biblioteconomia) - Universidade Federal do Cariri. Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia, Juazeiro do Norte, CE, 2020. Disponível em: <https://ppgb.ufca.edu.br>. Acesso em: 03 jun. 2024.

MAUAD, Ana Maria. Usos do passado e história pública no Brasil: a trajetória do Laboratório de História Oral e Imagem da Universidade Federal Fluminense (1982-2017). *Historia Crítica*, n. 68, p. 27-45, 2018. Disponível em: <https://journals.openedition.org/histcrit/2087>. Acesso em: 10 abr. 2023.

MEDEIROS NETA, Olívia Morais de; DANTAS, Lidemberg Régis Santos. O ofício do historiador na Era Digital: entre os desafios e as potencialidades produzidas pelas tecnologias digitais. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, [S. l.], v. 3, n. 3, p. e335597, 2021. DOI: 10.47149/pemo.v3i3.5597. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/5597>. Acesso em: 10 abr. 2023.

MELO FLÓREZ, Jairo Antonio. Historia digital: la memoria en el archivo infinito. *Historia Crítica*, Bogotá, n. 43, p. 82-103, ene./abr. 2011. Disponível em <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0121-16172011000100006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 abr. 2023.

MENEZES, Ulpiano T. Bezerra de. História & Imagem: Cultura Visual, Educação e Multiculturalismo. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 15, n. 2, p. 273-296, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/3w8hjzN8NpN8zp8Jd6RZMRx/?lang=pt>. Acesso em: 29 jul. 2024.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (Brasil). Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). **Catálogo de teses e dissertações**. Brasília, DF, 2016. Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/info>. Acesso em: 28 nov. 2023.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (Brasil). Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). **Sistema de Informações Georreferenciadas da Capes (GeoCapes)**. Brasília, DF, 2023. Disponível em: <https://geocapes.capes.gov.br/>. Acesso em: 28 nov. 2023.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (Brasil). Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). **Guia para utilização rápida do Portal de Periódicos da CAPES**. Brasília, DF, 11 fev. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/inpe/pt-br/area-conhecimento/biblioteca/noticias-da-biblioteca/guia-para-utilizacao-rapida-do-portal-de-periodicos-da-capes-2021>. Acesso em: 18 abr. 2023.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (Brasil). Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). **PNPG**: plano nacional de pós-graduação 2024-2028. Brasília, DF, 2024. Disponível em: https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/documentos/19122023_pnpg_2024_2028.pdf. Acesso em: 28 fev. 2024.

MOHER, David et al. The PRISMA statement for reporting systematic reviews and meta-analyses of studies that evaluate healthcare interventions: explanation

and elaboration. **BMJ**, London, v. 339, b2700, 2009. Disponível em: <https://www.bmj.com/content/bmj/372/bmj.n71.full.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2024.

MONTEIRO, Charles; ABREU, Márcia (Orgs.). **História Digital: Reflexões e Experiências**. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2018.

MONTEIRO, Juliana da Silva; BRAZIL, Maria do Carmo. O estado do conhecimento de pesquisas sobre a história das instituições escolares denominadas patronatos de menores (2000-2018). 2019. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8653759>. Acesso em: 27 abr. 2025.

NEUENFELDT, Manuelli Cerolli; ISAIA, Sílvia Maria de Aguiar. Pós-graduação e pós-graduação em educação no Brasil: um breve histórico. **Revista de Educação PUC-Campinas**, Campinas, n. 24, p. 85-95, jun. 2008. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/edpuc/n24/n24a09.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2023.

NEVES, Vanusa Nascimento Sabino; MACHADO, Charliton José dos Santos. A produção científica brasileira sobre a História da Educação em circulação internacional (2008-2022). **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 26, n. 00, p. e023020, 2024. DOI: 10.20396/etd.v26i00.8670952. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8670952>. Acesso em: 27 abr. 2025.

NOIRET, Serge. História Pública Digital. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 28-51, maio 2015. Disponível em: <https://www.linctemrevista.ufrj.br/issue/view/14>. Acesso em: 29 jul. 2024.

PIRES, Raquel Lopes; AMORIM, Sara Raphaela Machado de. História digital e o ofício do historiador: modos de ser e fazer no repositório da revista *Pour L'Ère Nouvelle*. **HOLOS**, [S. l.], v. 8, p. 1-16, 2021. DOI: 10.15628/holos.2021.11773. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/11773>. Acesso em: 27 abr. 2025.

PIRES, Renata Lopes; AMORIM, Sara Raquel Monteiro. História digital e o ofício do historiador: modos de ser e fazer no repositório da revista *Pour l'ère nouvelle*. **Holos**, v. 37, n. 8, e11773, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.15628/holos.2021.11773>. Acesso em: 19 jun. 2023.

PONS, Anaclet. Historia digital: un campo en busca de identidad. *Vegueta Anuario de la Facultad de Geografía e Historia*, [S. l.], v. 22, n. 1, p. 17-37, fev. 2022. DOI: 10.51349/veg.2022.1.02.

PRADO, Andrea Colosato; DEFFANTI, Breno. Machado de Assis and the slavery in the 19th century in Brazil. What, how and why teach it? In: **INTERNATIONAL TECHNOLOGY, EDUCATION AND DEVELOPMENT CONFERENCE**, 14., 2020, Valencia, Spain. **Anais [...]**. Valencia, Spain: [s. n.], 2020. p. 5839. DOI: 10.21125/inted.2020.1575. Disponível em: <https://library.iated.org/publications/INTED2020>. Acesso em: 8 maio 2023.

RABÊLO, Thais Batista. História da profissão docente no Piauí: notícias, mensagens e discursos (1910–1946). 2021. 126 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Teresina, 2021

RAFFAINI, Patricia Tavares; VIDAL, Diana Gonçalves. E-investigação em história da educação. In: BOTO, Carlota. **Cultura digital e educação**. São Paulo: Contexto, 2023.

REIS, Amada de Cássia Campos. História e memória da educação em Oeiras-PI: de meados do século XX. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2009.

RIBEIRO, Alexandra Ferreira Martins; ALENCAR, Adriana Ferreira Martins; VIEIRA, Alboni Marisa Dudeque Pianovski. Uma análise histórica das tecnologias inseridas na educação. **Diálogo**, Canoas, n. 35, p. 21-28, ago. 2017. DOI: 10.18316/dialogo.v0i35.3500. Disponível em: <http://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Dialogo/article/view/3500>. Acesso em: 29 jul. 2024.

ROBERTSON, Stephen. The Differences between Digital History and Digital Humanities. Blog post, 23 de maio de 2014. Disponível em: <https://drstephenrobertson.com/blog-post/the-differences-between-digital-history-and-digital-humanities/>. Acesso em: 8 maio 2023.

ROCHA, Fabio Gomes; NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. Novas tecnologias aplicadas à pesquisa em História da Educação. *Cadernos de História da Educação*, v. 19, n. 3, p. 753-763, set./dez. 2020. DOI: <https://doi.org/10.14393/che-v19n3-2020-6>

ROCHA, Fábio Gomes; NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. Novas tecnologias aplicadas à pesquisa em história da educação. 2020. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/che/article/view/56841>. Acesso em: 27 abr. 2025.

RODRIGUES, Jisaline Fagundes. *Jornal O Cearense: anúncios de livros de instrução e educação (1846 a 1856)*. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2021.

RÖPKE, Camila Betina. Agenor Abreu: um mestre da cultura piauiense entre palcos, aulas de música e pesquisas. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2023.

SANTHIAGO, Ricardo. Pode-se falar de uma história pública brasileira? In: MAUAD, Ana Maria; SANTHIAGO, Ricardo; BORGES, Viviane Trindade (org.). **Que história pública queremos?** São Paulo: Letra e Voz, 2018. p. 323-330.

SANTOS, Bruna Luiz dos; GOUVÊA, Lorrana Dos Santos; OLIVEIRA, Maria Augusta Martiarena de. A pesquisa em acervos digitais: um método possível em história da educação. *Iniciação Científica CESUMAR* - jul./dez. 2022, v. 24,

n. 2, e11316. Disponível em:
<https://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/iccesumar/article/view/11316>.
Acesso em: 27 abr. 2025.

SANTOS, Daise Silva dos. Arquivos digitais: possibilidades de pesquisa no campo da história da educação. *Revista Caminhos da Educação, Teresina*, v. 3, n. 2, p. 4-19, Mai./Ago. 2021. Disponível em:
<https://periodicos.ufpi.br/index.php/cedsd/article/view/2369>. Acesso em: 27 abr. 2025.

SANTOS, Vânia Muniz dos; MIGUEL, Antonieta. Missões de pesquisa: inventariando a documentação escolar do sertão baiano. *RIDPHE_R Revista Iberoamericana do Patrimônio Histórico-Educativo, Campinas, SP*, v. 1, n. 1, p. 158–171, 2015. Disponível em:
<https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/ridphe/article/view/9235>.
Acesso em: 27 abr. 2025.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, v. 1, n. 1, p. 1–15, jul. 2009.

SAVIANI, Dermeval. **A pós-graduação em educação no Brasil: pensando o problema da orientação**. Disponível em<<https://www.fe.unicamp.br/dermeval/texto2001-3.html>>. Acesso em: 10 de jun. 2024.

SCHREIBMAN, Susan; SIEMENS, Ray; UNSWORTH, John (org.). **A Companion to Digital Humanities**. Oxford: Blackwell Publishing, 2004. Disponível em: <http://www.digitalhumanities.org/companion/>. >. Acesso em: 10 de jun. 2024.

SENA, Fabiana; SILVA, Maria A.; SILVA, Joseli Maria da. Anúncios de educação no jornal *A Gazeta da Parahyba* (1888-1890). *Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco*, v. 29, n. 2, p. 39-58, 2023. Disponível em:
<https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/topicoseducacionais/article/view/260015>. Acesso em: 27 abr. 2025.

SILVA, Fernando Rodrigo dos Santos. A investigação da trajetória de vida e profissional da professora primária e autora de gramática Adelia Ennes Bandeira. *Revista Caminhos da Educação, Teresina*, v. 1, n. 1, p.113-132, jan./abr. 2019 Disponível em:
<https://periodicos.ufpi.br/index.php/cedsd/article/view/2472>. Acesso em: 27 abr. 2025.

SILVA, Maria Aparecida da Costa. A representação dos anúncios de educação no jornal *Gazeta da Parahyba* (1888-1890). 2023. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2023.

SILVA, Mariane Vieira da. Impor, organizar, velar, cumprir e dirigir: a direção escolar no ensino primário piauiense (1910-1947). Dissertação (Mestrado em

Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2017.

SILVA, Rogério de Medeiros. O ensino secundário no Piauí em páginas de jornais (1942-1971). Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2020.

SIMÕES, Robson Fonseca. Entre fontes historiográficas e arquivos digitais: memórias dos cotidianos escolares de Rondônia no Facebook. *Revista de Educação, Ciência e Cultura, Canoas*, v. 25, n. 3, p. 47-62, nov. 2020.

Disponível em:

<https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Educacao/article/view/5825>. Acesso em: 27 abr. 2025.

SIMÕES, Robson Fonseca. Escritas de si na web: questões para o suporte digital. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica*, Salvador, v. 01, n. 03, p. 498-512, set./dez. 2016. Disponível em:

<https://revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/3001>. Acesso em: 27 abr. 2025.

SIMÕES, Robson Fonseca. Redes sociais virtuais: territórios abertos para a história da educação. *Revista Iberoamericana do Patrimônio Histórico-Educativo, Campinas (SP)*, v. 1, n. 1, p. 111-127, jul./dez. 2015 Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/ridphe/article/view/9232>. Acesso em: 27 abr. 2025.

SOARES, Maria Alda Pinto. “A Escola” em manchete: educação e sociedade codoense (1916-1920). Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2018.

SOUSA, Jalinson Rodrigues de. A escola do Estabelecimento Rural de São Pedro de Alcântara, no Piauí: implantação e funcionamento de um projeto educacional para negros libertos pela Lei do Ventre Livre (1871-1888). Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2020.

SOUZA, José Edimar de; GIACOMONI, Cristian. Análise documental como ferramenta metodológica em história da educação: um olhar para pesquisas locais. **Cadernos CERU**, São Paulo, v. 32, n. 1, p. 139-156, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/189278/174832>. Acesso em: 5 ago. 2024.

TAVARES, Raquel Glezer; STUMPF, Isabel Cristina Silva. Fontes Digitais em História: Uma Reflexão sobre os Desafios e Possibilidades. **História & Ensino**, v. 16, p. 15-29, 2011. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/view/11698>. Acesso em: 29 jul. 2024.

TRISTÃO, Isabela Nathália Nunes. “Os cabouqueiros do edifício nacional”: modelos docentes em disputa em Pernambuco (1889-1911). 2021. Dissertação

(Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2021.

VELOSO, Ana Carolina de Oliveira. **A Hemeroteca Digital Brasileira na pesquisa histórica: uma análise dos simpósios nacionais de História da APUH (2013-2019)**. 2022. Monografia (Graduação em História), Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, CE, 2022.

VIDAL, Diana Gonçalves. Fim do mundo do fim: avaliação, preservação e descarte documental. In: FARIA FILHO, Luciano M. (Org.). **Arquivos, fontes e novas tecnologias**: questões para a história da educação. Campinas: Autores Associados; Bragança Paulista: EDUSF, 2000. p. 31-44

VIDAL, Diana Gonçalves. Humanidades digitais e cultura material (escolar). **History of Education in Latin America – HistELA**, v. 5, p.1-14, 2022. Disponível em: <https://histela.saberdocampo.org/article/view/e30136>. Acesso em: 29 jul. 2024.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, v. 22, n. 44, p. 203-220, ago./dez. 2014.

WERLE, Flávia. Documentos escolares: impactos das novas tecnologias. **Cadernos de História da Educação**, v. 18, n. 2, p. 360-376, 2019. DOI: 10.14393/che-v18n2-2019-4. Disponível em: <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/che/article/view/34884>. Acesso em: 29 jul. 2024.

ZAAGSMA, Gerben. On Digital History. **Bmgn - Low Countries Historical Review**, [S.L.], v. 128, n. 4, p. 3-29, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.18352/bmgn-lchr.9344>. Acesso em: 5 ago. 2024.

ZICMAN, Renée Barata. História através da imprensa: algumas considerações metodológicas. **Revista do Programa de Pós-Graduados em História / PUCSP**, São Paulo, n. 4, p. 89-102, 1985. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12410>. Acesso em: 13 jun. 2023.

GLOSSÁRIO DE TERMOS TÉCNICOS

Algoritmos: Regras ou conjuntos de instruções computacionais que organizam resultados de busca, aplicam filtros e personalizam o acesso à informação em ambientes digitais, podendo introduzir vieses e afetar a visibilidade das fontes.

Análise Documental: Uma técnica de pesquisa qualitativa que exige uma leitura crítica e contextualizada dos textos para interpretar seus significados subjacentes e superar possíveis distorções e preconceitos. É fundamental para pesquisas que lidam com fontes digitais.

Angelismo Digital: Termo crítico que se refere à crença de que o digital é neutro e desprovido de condicionantes, ignorando os filtros algorítmicos e os critérios de visibilidade das plataformas.

Apropriação: Conceito utilizado para entender como indivíduos e grupos interagem com textos (em diversos suportes) e objetos culturais, referindo-se ao modo como as fontes são interpretadas e utilizadas, gerando sentidos novos e diferentes.

Born Digital: Designa as fontes criadas originalmente em ambiente eletrônico, como repositórios institucionais, sites, postagens em redes sociais, documentos em XML, PDF nativo ou bases de dados geradas por plataformas acadêmicas. Diferenciam-se das fontes digitalizadas por sua origem.

CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior): Agência governamental brasileira que instituiu a obrigatoriedade da submissão digital de teses e dissertações (Portaria nº 13/2006). Seu catálogo de teses e dissertações é uma plataforma crucial para a disseminação da produção acadêmica brasileira.

Corpus Documental/Empírico: O conjunto de teses e dissertações selecionadas que serve como base empírica para a análise da pesquisa.

Curador Crítico: Papel que o historiador da educação precisa assumir na era digital, compreendendo que as fontes digitais não são neutras, mas territórios mediados por lógicas de visibilidade, exclusão e performatividade.

Curadoria: Processo que envolve a organização, classificação, preservação e gestão de acervos digitais. Operar como curador implica decisões sobre o que será lembrado e o que será esquecido, e exige atenção à instabilidade técnica e efemeridade de certas plataformas.

Cultura Digital: O contexto contemporâneo no qual as tecnologias digitais permeiam os cotidianos de forma naturalizada, provocando a obsolescência de antigos suportes e práticas de registro, e reconfigurando as práticas sociais e a produção do conhecimento.

Democratização do Conhecimento/Informação: Fenômeno de ampliação do acesso a fontes e acervos históricos através da internet, reduzindo barreiras físicas e geográficas. Contudo, a tese adverte que pode ser uma "pseudo-democratização" se não acompanhada de letramento digital.

Epistemologia: O estudo sobre a natureza do conhecimento e como ele é construído, especialmente no contexto da História Digital. A tese investiga como a digitalidade e as novas tecnologias impactam e redefinem a produção do saber histórico.

Escrevivência: Metodologia de pesquisa que se baseia nas experiências e vivências do pesquisador com um espaço e comunidade escolar, integrando narrativas e práticas educativas.

Etnografia Educacional: Abordagem metodológica que se aproxima da etnografia para explorar saberes e práticas em contextos educativos, reunindo evidências documentais, iconográficas e elementos da memória coletiva.

Fontes Digitais: Categoria abrangente que a tese utiliza para incluir tanto os documentos *born digital* (criados originalmente em meio eletrônico) quanto os *digitalizados* (convertidos de suporte físico para digital).

Fontes Digitalizadas: Documentos produzidos em suporte físico (papel, microfilme etc.) que foram posteriormente convertidos para o formato digital, como jornais escaneados, livros históricos e manuscritos fotografados. Mantêm sua materialidade original transposta para outro suporte.

Hemerografia / Hemerográfico: Estudo e análise de jornais e periódicos como fontes históricas. Envolve a consulta de acervos digitais como a Hemeroteca Digital Brasileira.

Hermenêutica Digital: Abordagem crítica que lida com a complexidade dos dados e interfaces digitais, reconhecendo as camadas de mediação envolvidas na construção dos sentidos, indo além da mera coleta de fontes.

Híbrido/Hibridismo: Conceito que descreve um ambiente ou prática onde se combinam elementos tradicionais/analógicos e novos/digitais. Na pesquisa histórica, refere-se à utilização conjunta de fontes digitais, digitalizadas, impressas, iconográficas e orais.

História Cultural (Nova História Cultural): Perspectiva historiográfica que investiga as formas de produção, circulação e apropriação de textos, ideias e práticas, com foco na materialidade dos documentos e nos contextos culturais que moldam seus significados.

História Digital: Campo historiográfico caracterizado pelo uso de tecnologias digitais para pesquisar, preservar e compartilhar conhecimentos históricos. É uma abordagem metodológica que questiona e transforma os modos tradicionais de fazer história, e não apenas uma ferramenta técnica.

História Digital da Educação: Uma subárea da História Digital que se concentra no uso de fontes e tecnologias digitais na pesquisa sobre a história da educação, abordando como essas inovações reconfiguram as práticas de investigação e a produção do conhecimento no campo.

História Oral: Metodologia de pesquisa histórica que utiliza depoimentos, entrevistas e narrativas orais como fontes primárias para a reconstrução de eventos, memórias e experiências.

História Pública Digital: A convergência entre a História Pública e as tecnologias digitais, onde acadêmicos e não acadêmicos participam da construção conjunta da memória coletiva através de sites de história colaborativa, repositórios digitais abertos ao público e redes sociais.

Humanidades Digitais: Campo interdisciplinar que aplica métodos computacionais e ferramentas digitais à pesquisa nas humanidades, incluindo a organização e análise de acervos históricos e culturais.

Interface: A organização visual e funcional dos arquivos digitais e plataformas (como design gráfico, estrutura de navegação, conexões entre objetos e disposição textual) que molda a experiência investigativa e impacta diretamente as interpretações possíveis.

Letramento Digital Historiográfico (LDH): Conceito central desta tese, definido como uma **competência crítica** para o historiador da era digital, que vai além do domínio técnico de ferramentas. Abrange três dimensões interligadas: **técnica-operacional** (conhecimento de formatos, repositórios, mecanismos de busca avançada, distinção entre fontes *born digital* e digitalizadas, leitura de interfaces); **interpretativa-analítica** (capacidade de contextualizar fontes, leitura crítica dos critérios de seleção/exclusão, reconhecimento da mediação algorítmica); e **epistemológica-reflexiva** (compreensão dos impactos da digitalidade na constituição do saber histórico, consciência da volatilidade digital, e a capacidade de pensar o meio digital como documento e prática cultural).

Materialidade do Texto: A forma como o texto se apresenta para o leitor (tipografia, layout, encadernação em fontes físicas; formato dos arquivos, layout e design das páginas em fontes digitais) e como essa forma contribui para a maneira como ele é compreendido e percebido.

Metadados: Dados que descrevem outros dados, presentes nas fontes digitais, que necessitam de compreensão para a análise crítica. Incluem informações sobre a criação, formato e autoria dos documentos.

Método "Bola de Neve" (Snowball Sampling): Técnica de amostragem não probabilística que utiliza cadeias de referência (como as referências citadas por autores em artigos já encontrados) para alcançar um maior escopo de fontes ou autores relevantes, especialmente quando as buscas iniciais não retornam resultados significativos.

Método Indiciário: Abordagem teórica de Carlo Ginzburg que parte do pressuposto de que qualquer atividade humana deixa rastros (ou indícios), e a análise desses rastros, por mais insignificantes que pareçam, pode levar ao conhecimento de fenômenos mais amplos. No ambiente digital, esses rastros podem ser códigos ou metadados.

Microanálise: Uma técnica de pesquisa que envolve uma análise detalhada e minuciosa de pequenos sinais ou fragmentos, buscando revelar verdades maiores ou informações que muitas vezes passam despercebidas.

Microfilmagem: Técnica de armazenamento que garante a preservação de documentos com qualidade arquivística, sendo uma transição significativa na prática de acesso ao conhecimento histórico, anterior à digitalização plena.

Obliteração/Escurecimento Digital: Conceitos relacionados à possível perda de dados ou à inacessibilidade de informações digitais ao longo do tempo, devido à obsolescência tecnológica ou à ausência de estratégias de preservação adequadas.

Operação Historiográfica Analógica: As práticas de pesquisa histórica realizadas antes da era digital, baseadas majoritariamente em materiais impressos ou microfilmados e na presença física em arquivos.

Operação Historiográfica Digital: O gesto complexo que articula busca, seleção, interpretação e escrita na era digital, onde o historiador lida não apenas com o conteúdo da fonte, mas também com seu suporte digital, modo de acesso, fluxo e formato.

Operadores Booleanos: Termos (AND, NOT, OR) que permitem combinar, refinar e direcionar a combinação de expressões em buscas bibliográficas, devendo ser utilizados em letra maiúscula para funcionarem como operadores lógicos.

Performatividade (das plataformas): Refere-se à forma como as plataformas digitais moldam ativamente as relações entre usuário, fonte e narrativa, definindo o que é visível e o que é oculto, e influenciando a experiência investigativa.

Pixel: Qualquer dos mínimos elementos discretos que em conjunto constituem uma imagem (p. ex., numa fotografia, numa tela de tevê ou monitor).

PPGs (Programas de Pós-Graduação): Cursos de mestrado e doutorado oferecidos por Instituições de Ensino Superior (IES) no Brasil, responsáveis pela formação de pesquisadores e pela produção acadêmica, sujeitos a avaliações periódicas da CAPES.

Práticas Culturais: Conceito de Michel de Certeau que aborda as maneiras pelas quais as pessoas se apropriam do espaço e do tempo através de atividades diárias, produzindo significados e estruturas sociais que nem sempre são imediatamente visíveis.

PRISMA (Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses): Protocolo reconhecido para padronizar e sistematizar revisões sistemáticas, definindo diretrizes para seleção, inclusão e análise de estudos, garantindo rigor metodológico e transparência.

Qualitativa (Metodologia): Abordagem de pesquisa que se concentra na compreensão aprofundada de fenômenos, explorando significados, experiências e contextos, em vez de quantificar dados.

Recorte Temporal: O período de tempo específico delimitado para a realização de uma pesquisa, justificado pela relevância de eventos ou transformações ocorridas nesse intervalo.

Representação: Para Chartier, abrange as maneiras como ideias, identidades e relações sociais são expressas e percebidas através de textos, imagens e outras formas de comunicação cultural, envolvendo a criação de significados e a construção da realidade.

Revisão Sistemática da Literatura (RSL): Uma etapa metodológica da pesquisa que consiste em um levantamento bibliográfico rigoroso e sistematizado, seguindo critérios explícitos de inclusão e exclusão, para mapear e analisar a produção acadêmica sobre um tema.

TICs (Tecnologias da Informação e Comunicação): Termo que engloba o conjunto de recursos tecnológicos (computadores, internet, redes) utilizados para criar, armazenar, recuperar, transmitir e manipular informações.

Trajatória Biográfica: Abordagem de pesquisa que se concentra na reconstituição da vida e das experiências de indivíduos, utilizando diversas fontes para compreender suas interações com contextos históricos e sociais.

Truncamento: Técnica de busca bibliográfica que utiliza um asterisco (*) para ampliar o escopo semântico de um termo, incluindo variações ou inflexões da raiz da palavra (ex: "digita*" para "digitais", "digitalizadas", "digitalização").

Virada Digital: Conceito que descreve um momento de reconfiguração histórica marcado pela "explosão das barreiras espaço-temporais e locais/globais na interpretação do passado" devido à ampla adoção das tecnologias digitais.

APÊNDICES

Apêndice A - Teses e dissertações analisados do PPG em Educação da UFPB

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA (UFPB)
Tristão, Isabela Nathália Nunes (2021) [DISSERTAÇÃO]
“Os Cabouqueiros do Edifício Nacional”: modelos docentes em disputa em Pernambuco (1889 – 1911)
<p>Fontes Utilizadas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Códices da Instrução Pública (IP) e série Câmaras Municipais (CM), ambos sob a guarda do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (APEJE), incluindo documentos manuscritos. • Relatórios e regulamentos da instrução pública. • Jornais digitalizados na Hemeroteca Digital do Site da Biblioteca Nacional.
<p>Metodologias Adotadas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Paradigma Indiciário de Ginzburg como postura investigativa. • Análise de Discurso de Foucault. • Análise e transcrição das fontes. • Busca avançada na Hemeroteca Digital. • Cruzamento de fontes.
<p>Referencial Teórico:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Ginzburg (Paradigma Indiciário). • Foucault (prática discursiva, relações de poder, análise do discurso, saber-poder). • Certeau (operação historiográfica, lugar social, práticas “científicas”, escrita). • Roger Chartier (representação) • Marc Bloch (documentos não neutros) • Dentre outros utilizados para fundamentar a análise da intencionalidade e os jogos de poder nos documentos.
<p>Resumo: Esta dissertação investiga os modelos docentes em disputa em Pernambuco entre 1889 e 1911, focando em casos de denúncias e processos disciplinares contra professores públicos. A pesquisa utiliza uma combinação de fontes manuscritas e digitalizadas, como códices da Instrução Pública e jornais da Hemeroteca Digital Brasileira. Empregando o Paradigma Indiciário de Ginzburg e a Análise de Discurso de Foucault, o estudo busca desvendar os discursos governamentais sobre a “boa docência” e as condutas consideradas “desviantes”. A análise revela as complexas interações e redes de aliados que influenciavam os desfechos desses processos, destacando a natureza intencional e os jogos de poder na produção e conservação dos registros.</p>
Rodrigues, Jisaline Fagundes (2022) [DIS]
Jornal O Cearense: anúncios de livros de instrução e educação (1846 a 1856)
<p>Fontes Utilizadas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Periódicos, especialmente o jornal O Cearense, disponíveis no site da Hemeroteca da Biblioteca Nacional. • Relatórios de presidentes da província. • Leis que regulamentaram a Instrução, localizadas em mídia eletrônica (sites oficiais). • Bibliografia produzida sobre o tema, disponibilizada em bases de dados oficiais e repositórios digitais e físicos de universidades como UFC, UECE e UFPB, incluindo exemplares microfilmados.
<p>Metodologias Adotadas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Sistematização do conhecimento e organização de métodos e técnicas de estudo. • Análise de conteúdo de anúncios. • Pesquisa bibliográfica e documental. • Utilização dos conceitos de “mise en livre” e “mise en texte” de Chartier para analisar a materialidade e circulação do impresso. • Leitura exploratória e indagação crítica das fontes.
<p>Referencial Teórico:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Burke (2008): Uso da História Cultural para novos olhares e abordagens diversificadas • Carr (2002): Onde os fatos falam apenas quando o historiador os aborda • Foucault (2012): Papel do historiador além da observação da produção e significado do documento • Ginzburg (1989): Paradigma Indiciário

<ul style="list-style-type: none"> • Chartier (1994, 2014): O jornal como dispositivo da cultura letrada, e análise da materialidade do impresso e suas implicações na leitura e recepção • Le Goff (1996): Conceito de documento como "monumento" • Capelato (1988): A imprensa para "o historiador acompanhar o percurso dos homens por meio do tempo" • Luca (2008): A importância de contextualizar o jornal dentro de sua própria trajetória e influência • Bakhtin (1997): Contribui com a discussão sobre gêneros textuais e discursivos
<p>Resumo: O objetivo desta dissertação é identificar e analisar os anúncios de livros de instrução e educação publicados no jornal O Cearense entre 1846 e 1856, a fim de compreender a circulação de ideias e suas representações educacionais para a sociedade da época. As fontes incluem principalmente o jornal O Cearense (disponível digitalmente), relatórios de presidentes da província e leis da instrução. A metodologia, ancorada na História Cultural e no Paradigma Indiciário de Ginzburg, foca na análise de conteúdo dos anúncios e na materialidade do impresso (com base em Chartier). A pesquisa revela como os anúncios de livros refletiam os valores e as necessidades educacionais da sociedade cearense, influenciando a seleção de materiais para a instrução pública e atuando como veículos de difusão de projetos e ideais.</p>
<p>Silva, Maria Aparecida da Costa (2022) [DIS]</p>
<p>A representação dos anúncios de Educação no Jornal Gazeta da Parahyba (1888-1890)</p>
<p>Fontes Utilizadas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Jornal Gazeta da Parahyba (1888-1890), disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional • Imprensa escrita em formato de jornal e periódico, considerada não pedagógica • Trabalhos sobre a história da imprensa paraibana e sobre anúncios de educação
<p>Metodologias Adotadas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Articulação entre a Teoria da História e análise documental • Análise dos anúncios, com foco na leitura e categorização temática • Análise histórico-discursiva do gênero anúncio • Classificação e categorização do tema para identificar mudanças e estratégias discursivas • Comparação de anúncios para observar adaptação de ideias
<p>Referencial Teórico:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Bourdê e Martin (1983) sobre a multiplicação e inquirição das fontes. • Luca (2015) sobre a imprensa como fonte histórica e a materialidade do impresso. • Chartier (2014, 1999) sobre representações, práticas e materialidade dos textos. • Nóvoa (2002) sobre a imprensa pedagógica como fonte essencial. • Charaudeau (2007, 2010, 2005) sobre o discurso das mídias e a semiolinguística.
<p>Resumo: Este trabalho objetiva investigar e analisar a representação dos anúncios relacionados à educação no jornal Gazeta da Parahyba (1888-1890), um periódico considerado "moderno" no século XIX na Paraíba. A pesquisa fundamenta-se na História Cultural e nos conceitos de representação de Chartier, utilizando o jornal, acessado via Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, como fonte primária. A metodologia envolve a análise documental e uma leitura crítica dos anúncios, categorizando-os por temáticas como aulas públicas, abertura de escolas e venda de livros, para compreender os discursos sobre educação na Paraíba oitocentista e suas relações com o contexto político-social. O estudo visa contribuir para a história da educação paraibana, revelando os valores culturais e ideológicos veiculados e a influência da imprensa na disseminação de ideias e práticas educacionais.</p>
<p>Lima, Arthur Rodrigues de (2023) [TESE]</p>
<p>Felipe Tiago Gomes e a produção do Homem Instituição na Campanha Nacional de Escolas da Comunidade (1943-1997)</p>
<p>Fontes Utilizadas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Impressos institucionais como a Coletânea Cenecista (1994) e CNEC em Revista (1983), obtidos no Memorial Felipe Tiago Gomes • Periódicos de diversas regiões do Brasil, coletados na Hemeroteca Digital Brasileira (Diário de Notícias-RJ, Correio da Manhã-RJ, O Cruzeiro – Revista-RJ), abrangendo de 1940 a 1990

<ul style="list-style-type: none"> • Fotografias e ilustrações presentes nos impressos institucionais, periódicos e no acervo do Memorial Felipe Tiago Gomes • Discursos e entrevistas de Felipe Tiago Gomes e de outros envolvidos na CNEC
<p>Metodologias Adotadas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Pesquisa documental e bibliográfica, com ênfase no entrecruzamento das fontes. • Análise das narrativas compostas e suas possíveis interpretações. • Análise de textos coletados e categorizados por finalidade (artigos, notícias, notas, comunicados, cartas do leitor, entrevistas). • Reconstituição de itinerários para mapear o engajamento intelectual. • Análise das representações e o processo de monumentalização de Felipe Tiago Gomes. • Análise imagética, tratando a fotografia como signo.
<p>Referencial Teórico:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Sirinelli (2006, 2003) (Redes de Sociabilidade e Mediação Intelectual, intelectuais) • Chartier (2002) (Representação, papel dos impressos na produção de sentidos, suporte do texto) • Foucault (2014, 2001, 2000) (Ordem discursiva, Microfísica do poder) • Ginzburg (2002, 2014) (Paradigma Indiciário, fontes como "espelhos deformantes") • Le Goff (2013) (documentos-monumentos, História e Memória) • Luca (2011, 2008) (imprensa periódica, seleção, ordenação e estruturação da narrativa) • Kossoy (2012) (fotografia e história, contextualização da imagem) • Abreu (1996) (fabricação do imortal)
<p>Resumo:</p> <p>Esta tese analisa a produção e representação de Felipe Tiago Gomes, fundador da Campanha Nacional de Escolas da Comunidade (CNEC), como intelectual e "homem-instituição" entre 1943 e 1997. A pesquisa combina uma metodologia documental e bibliográfica, explorando impressos institucionais da CNEC, periódicos digitalizados da Hemeroteca Digital Brasileira e fotografias do Memorial Felipe Tiago Gomes. Fundamentada nos conceitos de Redes de Sociabilidade (Sirinelli), Representação (Chartier) e Paradigma Indiciário (Ginzburg), a análise busca desvendar como discursos e imagens foram estrategicamente fabricados para mitificar e legitimar a figura de Gomes e os ideais da CNEC. Os resultados indicam que a atuação política de Gomes e o uso estratégico da imprensa periódica e dos impressos institucionais foram cruciais para a produção de uma memória laudatória, alçando-o à condição de intelectual da Educação.</p>

Fonte: Autoria própria, 2025.

Nota: Elaborado conforme dados extraídos das teses e dissertações referenciadas, organizadas e sistematizadas pela pesquisadora.

Apêndice B - Teses e dissertações analisados do PPG em Educação da UFPI

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ (UFPI)
FERREIRA FILHO, JOÃO VALTER (2009) [DISSERTAÇÃO]
HISTÓRIA E MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO MUSICAL NO PIAUÍ: DAS PRIMEIRAS INICIATIVAS À UNIVERSIDADE.
<p>Fontes Utilizadas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Boletins de avaliação de alunos • Diário Oficial da União (Estatutos da EART) • Documentos da Academia de Música Lorenzo Fernandez (Ata de criação, Relatório) • Documentos da Universidade Federal do Piauí (Atos da Reitoria, Relatórios de Setores/Departamentos) • Fitas de testes auditivos • Fotografias (de professores, alunos, prédios, eventos) • Livros (ex.: "Sons de Outrora") • Memoriais e fontes orais (depoimentos escritos e entrevistas de professores e ex-alunos) • Notas de jornais (ex.: O Dia, Diário do Povo do Piauí) • Programas de recitais e eventos artísticos • Propagandas de escolas • Site da ABEM (para documentos) • Sites de periódicos e repositórios digitais (ex.: teresinapanoramica.com.br, lambe-lambe.blog.net)
<p>Metodologias Adotadas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Análise crítica dos currículos e condições institucionais (com seminários de avaliação) • Análise crítica sobre a perda ou destruição de documentos oficiais (CEPI) • Análise da expansão e das transformações do ensino de Música • Análise de identidade constituída pela Educação Musical • Análise sistemática das primeiras iniciativas de Educação Musical no Piauí • História oral (depoimentos) • Mapeamento de trajetória de professores e alunos • Pesquisa bibliográfica e documental • Pesquisa histórica (com enfoque em História da Educação Musical) • Reconstrução da memória de instituições • Reflexão sobre tópicos importantes do ensino da Arte no Brasil • Uso de fotografia como fonte para pesquisas acadêmicas, buscando representação histórico-sistemática e "autênticos monumentos documentais"
<p>Referencial Teórico:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Albuquerque (1995): Educação Musical sistemática e consistente • Azevedo (1996): Ação educacional jesuítica e linguagem artística, música e teatro • Costa (2007): Pontos que aproximam conceitualmente a fotografia e a história • Ferro (2005): Análise sobre os principais fatores de expansão dos estudos sobre História da Educação • Le Goff (2003): Documentos como monumentos • Maciel (1990): Sobre o curso de Licenciatura em Música • Magalhães (1999): Instituições escolares • Perez (1998): Fotografia como uma aliada da "nova história"
<p>Resumo:</p> <p>Esta tese de Doutorado investiga a trajetória histórica das primeiras experiências institucionais de ensino de Música no Piauí a partir da segunda metade do século XX, com destaque para a criação do Curso de Licenciatura em Música da UFPI e outras escolas. A pesquisa é baseada em uma vasta gama de fontes, incluindo memoriais, entrevistas de história oral, notas de jornais, programas de eventos, documentos institucionais da UFPI e de outras academias de música, e um rico acervo fotográfico, muitos dos quais são de natureza digitalizada ou de acervos pessoais. A metodologia aborda a reconstrução da memória institucional e pedagógica, analisando a evolução da Educação Musical no estado, desde as práticas jesuíticas coloniais até a institucionalização do ensino superior de arte. O trabalho examina criticamente as dificuldades, como a precariedade dos recursos e as interrupções de cursos, e o processo de consolidação de uma identidade para a formação de</p>

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ (UFPI)
professores de música, além de reconhecer a perda e destruição de documentos históricos de algumas instituições.
REIS, AMADA DE CÁSSIA CAMPOS (2017) [TESE]
HISTÓRIA E MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO EM OEIRAS-PI: DE MEADOS DO SÉCULO XX
<p>Fontes Utilizadas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Apontamentos transcritos no Segundo Livro de Tombo da Diocese de Oeiras (Arcebispo D. Avelar) • Apostila "Questões para o exame de admissão" (Luiz Augusto Pereira Victória) • Arquivo particular de Carlos Rubem Campos Reis (fotografias) • Documentos escritos (registros de Possidônio Nunes de Queiroz) • Fontes escritas e orais (depoimentos de quem vivenciou acontecimentos) • Fotografias (documento visual) • Leis (Federais e Estaduais) • Livro "Economia Doméstica" (Marina G. Sampaio de Sousa, 1952) • Livro "Programa de Admissão" (dois exemplares, 1968 e 1970) • Livros de ata geral de exames de admissão (do Ginásio Municipal Oeirense, 1951, 1952-1969) • Livros de registro de matrícula (com dados de identificação dos alunos) • Repositórios institucionais on-line (para o livro "Programa de Admissão")
<p>Metodologias Adotadas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Análise de vestígios da realidade, favorecendo um discurso visual contextualizado • Apreciação de conteúdos (de livros) • Busca em repositórios institucionais on-line • Coleta virtual de dados (Termo de Livre Consentimento via link:lido, assinado, escaneado e postado na plataforma) • Metodologia da História Oral • Reconstrução da história das instituições • Técnicas de pesquisa: entrevista, análise de conteúdo e análise histórica documental. • Uso da entrevista semiestruturada, em profundidade e não-diretiva para história oral. • Uso da internet (metodologia inovadoras): ferramentas virtuais para coleta de dados • Uso de fotografia como fonte em pesquisa historiográfica e análise de imagens
<p>Referencial Teórico:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Barbosa (2009) (ensino "de direito e de fato") • Barthes (1984): (fotografia como fonte) • Buffa (2002) (História das Instituições Escolares). • Burke (2005) (uso de imagens/fotografias) • Certeau (2003) (uso diversificado de fontes). • Gil (1994) (levantamento documental). • Julia (2001) (fontes raras). • Magalhães (1996, 1998, 1999) (História das Instituições Escolares). • Minayo (2003) (tratamento de dados). • Nosella e Buffa (2009) (preocupação com fontes, procedimentos e narrativas). • Richardson (1999) (análise e interpretação). • Richardson (1999), • Saviani (2006) (objetos como fonte). • Sousa (cultura escolar, fontes). • Trivínos (1990) (abordagem qualitativa).
<p>Resumo:</p> <p>Esta tese de Doutorado investiga a história e a memória da educação em Oeiras-PI a partir de meados do século XX, explorando a evolução de instituições como o Ginásio Municipal Oeirense e o ensino secundário na região. A pesquisa utiliza uma vasta gama de fontes, incluindo fotografias, livros de ata e matrícula, artigos, livros didáticos, documentos oficiais (leis, relatórios) e depoimentos orais e escritos, complementados por buscas em repositórios institucionais online. Empregando a análise de imagens e a coleta virtual de dados, o estudo busca reconstruir a trajetória educacional, revelando as dinâmicas sociais, políticas e culturais que moldaram o ensino na cidade, incluindo a instabilidade de algumas instituições e a importância de figuras emblemáticas.</p>

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ (UFPI)
SILVA, MARIANE VIEIRA DA (2017) [DISSERTAÇÃO]
IMPOR, ORGANIZAR, VELAR, CUMPRIR E DIRIGIR: A DIREÇÃO ESCOLAR NO ENSINO PRIMÁRIO PIAUIENSE (1910-1947)
<p>Fontes Utilizadas</p> <ul style="list-style-type: none"> • Arquivo Público do Piauí (para documentos oficiais e estatísticos) • Diário Oficial do Estado (para orçamento, remuneração de diretores, eventos) • Documentos datilografados (sobre D. Joanna Abranches Saraiva, 1917) • Documentos manuscritos (relatos de excursões de inspetor, sobre casas-escolas) • Fontes digitais, como o site da Biblioteca Nacional • Leis (nº 548 de 30 de março de 1910, Decreto nº 434) • Notícias de jornal (ex.: O Arrebol, Diário Oficial do Estado para divulgação de eventos, A Escola) • Sinopse Estatística do Estado do Piauí (INEP, 1942)
<p>Metodologias Adotadas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Análise da legislação e seu impacto na realidade educacional • Análise de discursos de autoridades • Análise de documentos manuscritos e impressos • Análise dos discursos veiculados na imprensa (divulgação jornalística sobre eventos) • Dados estatísticos do site do INEP. • Micro-história (análise da parte a ser compreendida como um todo em si mesma) • Uso das ferramentas tecnologia (site da Biblioteca Nacional) como aliada, mas não como substituto do manuseio das fontes primárias nos arquivos físicos. • Uso de tabelas para apresentar dados quantitativos (instituições escolares, matrículas, frequência, aprovações, número de docentes)
<p>Referencial Teórico:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Almeida Júnior (1959), Andreotti et al. (2015), Brito (1996): educação e história. • Araújo (2007): grupos escolares, políticas, novas relações entre sujeitos • Carvalho (2002): Professoras que viraram nome de rua e de escolas¹⁴⁷. • Catroga (2009): resistência à definição do particular como mero momento subsumido na totalidade evolvente, e a análise da parte como um todo em si mesma • Faria Filho (1998) e Vidal (2015, 2006): uso de tecnologias na História da Educação • Lopes (2001): grupos escolares no Piauí, prevista por lei desde 1910 • Lourenço Filho (2005): importância do INEP (criado em 1938) para pesquisas sobre a educação • Louro (2004): predominância masculina em cargos de diretores e inspetores escolares • Revel (1998): microanálise como expressão de distanciamento do modelo de uma história social "macro" • Schueler; Magaldi (2009): grupo escolar como uma instituição para uma nova era
<p>Resumo:</p> <p>Esta dissertação de Mestrado analisa a história da educação no Piauí a partir de 1910, com foco na implantação dos grupos escolares e a persistência de modelos educacionais anteriores. A pesquisa utiliza leis, documentos manuscritos (como relatórios de inspetores), Diários Oficiais e notícias de jornais, além de dados estatísticos do INEP. A metodologia se apoia na micro-história para analisar as particularidades da realidade piauiense, revelando que a introdução de modelos "modernos" como os grupos escolares não se deu de forma homogênea. O estudo também aborda a feminização do magistério, a remuneração dos diretores escolares e o papel da imprensa na ampla divulgação de eventos educacionais, demonstrando a importância das fontes não oficiais para a reconstrução histórica.</p>
SILVA, ROGÉRIO DE MEDEIROS (2017) [DISSERTAÇÃO]
O ENSINO SECUNDÁRIO NO PIAUÍ EM PÁGINAS DE JORNAIS (1942 – 1971)
<p>Fontes Utilizadas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Documentos da Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário (Ministério da Educação e Cultura) • Documentos do Arquivo Público do Estado do Piauí (Casa Anísio Brito) • Legislação decretos, leis e obras que serviram à educação no período do recorte. • Leis (Lei Orgânica do Ensino Secundário, Lei 4.244/42; LDB 4.024/61; LDB 5.692/71)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ (UFPI)
<ul style="list-style-type: none"> • Periódicos circulantes no Estado do Piauí (jornais de grande circulação, como O Dia, O Piauí, A Gazeta, O Dominical, O Estado, A Luz) • Projeto Memória do Jornalismo Piauiense (para jornais digitalizados no site http://memoriadojornalismopi.com.br e nos computadores do Arquivo Público) • Relatórios de governo (ex.: do governador do Piauí, Helvídio Nunes) • Relatórios do Conselho Estadual de Educação do Piauí
<p>Metodologias Adotadas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Análise da configuração do ensino secundário • Análise de notas de jornais selecionadas, referentes ao ensino secundário • Diálogo com autores da história da educação abordadas por outros autores • Pesquisa documental/hemerográfica • Seleção de categorias de análise a partir das notas de jornais (exames de admissão, convocações nominais de alunos, propagandas de escolas, professores destacados, situação do ensino, datas comemorativas) • Sistematização e construção de acervo material • Uso de mapas e quadros para análise e apresentação de informações
<p>Referencial Teórico:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Araújo (2012): Professores do ensino secundário do Piauí • Bardin (2016) (Análise de conteúdo). • Barros (2012): A terceira geração dos Annales • Brito (1996): Reforma na educação estadual, regulamentação da carreira do magistério, e investimento na educação • Burke (2006): Movimento Escola dos Annales • Cardoso e Vainfas (2012): Movimento dos Annales e as pesquisas historiográficas • Gil (1991): (Publicações periódicas e pesquisa documental) • Lopes (2012): Ensino secundário e as LDBs • Martins e Luca (2015): "grande imprensa", influência política, divulgação de informações • Nosela e Buffa (2012) (Categorização). • Nóvoa (1997) (fundamentação sobre história da educação e imprensa como fonte). • Nóvoa (1997, 2002): A imprensa de educação • Pinheiro Filho (1972): História do jornalismo piauiense, primeiros jornais, e volume de jornais impressos. • Queiroz (1998, 2008): História do ensino secundário no Piauí • Rocha (1999): Ganhos da comunidade piauiense com a imprensa • Silva (proposições sobre ensino secundário). • Sodré (1999): Imprensa partidária, surgimento da grande imprensa e a função dos jornalistas • Targino (2009): Período de consolidação no início do século XX
<p>Resumo:</p> <p>Esta dissertação de Mestrado analisa o ensino secundário piauiense entre 1942 e 1971, utilizando como fontes as notas publicadas em jornais da época, complementadas por documentos do Arquivo Público do Estado do Piauí e digitalizados pelo Projeto Memória do Jornalismo Piauiense. A pesquisa adota uma abordagem historiográfica inspirada na Escola dos Annales e na pesquisa documental/hemerográfica, buscando desvelar como o ensino secundário foi organizado, funcionou e se expandiu. O estudo categoriza as matérias jornalísticas por temas como exames de admissão, propagandas de escolas e o papel do corpo docente, revelando a importância da imprensa na divulgação e construção da memória histórica da educação no Piauí. O trabalho também destaca as leis educacionais (Lei Orgânica, LDBs) que pautaram o período e a relação entre o poder público e as instituições de ensino.</p>
SOARES, MARIA ALDA PINTO (2018) [DISSERTAÇÃO]
“A ESCOLA” EM MANCHETE: EDUCAÇÃO E SOCIEDADE CODOENSE (1916-1920)
<p>Fontes Utilizadas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Jornal "A Escola" (órgão do Externato Codoense, 1918-1920) • Jornais codoenses (ex.: Gazeta do Codó, O Monitor Codoense, A Lâmpada, A Primavera, Gazeta Codoense, O Jornal de Codó, O Tempo, Correio do Codó, A Comarca, O Jornal)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ (UFPI)
<ul style="list-style-type: none"> • Catálogo de jornais maranhenses do acervo da Biblioteca Pública Benedito Leite • Arquivo digital da Biblioteca Benedito Leite ("História da Instrução Pública no Maranhão", Revista de Geografia e História, 1937) • Registros de IBGE (até 1959) • Apêndices com lista de manchetes • Almanaque Laemmert Administrativo, Mercantil e Industrial (1891-1940)
<p>Metodologias Adotadas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Articulação entre a Teoria da História e análise documental • Cruzamento de fontes análises temporais • Reconstituição da gênese da história da educação codoense • Seleção de manchetes por temática (Desenvolvimento Urbano Codoense, Escolas e Circulação de Saberes) • Análise de representações visuais (fotos de personagens ilustres) e estéticas (organização do conteúdo, tamanho de imagens, tipografia) • Análise dos fatos e do contexto social, cultural, político e econômico
<p>Referencial Teórico:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Aragão (1998): O que é El Niño? (contexto de secas e enchentes) • Capelato (1988): Imprensa na história do Brasil • Carvalho (1989): A formação das almas e a busca da identidade coletiva • Chartier (1990): A imprensa como um documento "pensado, dada a ler" • Halbwachs (2003): Memória coletiva, • Hobsbawn (1984): A invenção das tradições • Julia (2001): Cultura Escolar • Le Goff (2003.): Memória presente em linguagem oral ou escrita, objetos ou lugares • Luca (2015): O jornal não é um transmissor imparcial e neutro • Machado (1999): Codó, histórias do fundo do baú; história da instrução escolar em Codó • Nóvoa (2002) e Luca (2015): imprensa educativa
<p>Resumo:</p> <p>Esta dissertação de Mestrado analisa a história da educação e sociedade codoenses entre 1916 e 1920, com foco no jornal "A Escola" (órgão do Externato Codoense). A pesquisa utiliza uma vasta coleção de jornais locais (muitos digitalizados pela Biblioteca Pública Benedito Leite), aplicando uma metodologia que busca reconstruir a gênese da educação em Codó através do cruzamento de informações. O estudo examina como a imprensa veiculava ideais de instrução, civismo e moralidade, além de retratar a vida social e os desafios urbanos da época (como enchentes). A autora critica a neutralidade das fontes jornalísticas, tratando-as como documentos construídos e enfatizando a importância de se considerar os vieses e intencionalidades na análise histórica, revelando aspectos culturais, sociais, políticos e econômicos do contexto.</p>
ALENCAR, RICARDO SANTOS (2022) [DISSERTAÇÃO]
RUMOS DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO MUSICAL (2015-2021): CAMINHOS E ESPAÇOS DA PRODUÇÃO INTELECTUAL
<p>Fontes Utilizadas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Acervos digitais de congresso (ex.: ABEM e da SBHE (Sociedade Brasileira de História da Educação)) • Anais do XXII Congresso Nacional da ABEM (2015, Natal - RN) • Depoimentos de pesquisadores (ex.: Inês Rocha, Adeodato) • Hemeroteca Nacional e Arquivo Público do Estado do Piauí (para jornais como "O Apóstolo", "Gazeta", "O Monitor", "O Artista") • Livro "Sons de Outra em reflexões atuais: história da educação e música" • Livros de hinos do século XX (Sergipe) • Produção cinematográfica (cinebiografias de pianistas brasileiras como lugar de memória) • Registros da revista TEMA (sobre a música no Estado da Guanabara) • Sites de editoras (ex.: CRV) para acesso a livros • Teses de doutorado de outros autores (ex.: María del Rosario Castañón Rodríguez)
<p>Metodologias Adotadas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Abordagem quali-quantitativa para mapeamento. • Análise na utilização e problematização das fontes. • Análise de acervos hemerográficos.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ (UFPI)
<ul style="list-style-type: none"> • Análise de artigos (formato de estado da arte), de cartas, de cinebiografias como lugar de memória, com intencionalidade histórica, de comunicações de congressos, de documentários, de livros e coletâneas, de manuais, metodologias, planos de estudo, de programas de recitais e cursos. • Estudo do estado do conhecimento para mapear ênfases temáticas e caminhos menos explorados. • Pesquisa bibliográfica e documental. • Registro de vivências de grupos com histórias pouco estudadas • Revisão de literatura e tratamento das fontes
<p>Referencial Teórico:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Aguiar (2011): Produção cinematográfica como lugar de memória • Alberti (2008): Registro de vivências de grupos com histórias pouco estudadas • Bohumil Med (2017): Cardoso e Mascarenhas (1973) (teoria musical) • Bourdieu (1983): "objetos de disputas" • Chervel (1990): disciplinas escolares para a formação humana • Delgado e Ferreira (2013): entrevistas como fontes documentais • Dubar (1997): identidade docente • Ferreira (2002): Pesquisas de levantamento e avaliação do conhecimento sobre determinado tema • Ginzburg (1989). Bloch (2001). Certeau (2002). Burke (1991): Nova História • Lemos Junior (2021): Investigação da formação de professores de música e canto orfeônico • Lopes e Galvão (2001), Catani e Faria Filho (2002): História da Educação • Nora(1993): Conceito de lugar de memória • Ferreira (2002) e Oliveira (2018): mapeamento e análise temática • Pollak (1989): Memória, esquecimento, silêncio • Queiroz (1998): As condições sociais e econômicas do Piauí • Rocha e Garcia (2016): História da Educação Musical em congressos • Rocha; Igayara-Sousa; Monti (2020): O livro "Sons de Outrora" como um registro de saberes de doutores Romanelli (2008): Suspensão das atividades da Escola Normal Pedro II • Romanowski (2006): "estado do conhecimento" • Salim (2009): Realidade de secas, epidemias e desvalorização da moeda
<p>Resumo:</p> <p>Esta dissertação de Mestrado traça os rumos da produção intelectual da História da Educação Musical no Brasil, analisando as comunicações de congressos da ABEM e SBHE, além de coletâneas e produções cinematográficas. O estudo emprega uma metodologia de estado do conhecimento, buscando mapear ênfases temáticas, lacunas e a trajetória desse campo. A pesquisa utiliza fontes diversas como anais de congressos (digitais e impressos), livros editados e depoimentos de pesquisadores, além de registros de revistas e jornais digitalizados. O trabalho adota o conceito de "lugar de memória" de Pierre Nora e a análise de representações para compreender como a história da educação musical é construída e difundida, destacando a emergência e consolidação da área, bem como as discussões sobre a formação musical em diferentes contextos históricos e políticos.</p>
BASTOS, KLENNE LYS SILVA (2022) [DISSERTAÇÃO]
DO NORMAL REGIONAL ÀS LICENCIATURAS CURTAS: HISTÓRIA E MEMÓRIA DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM IMPERATRIZ-MA (1960-1981)
<p>Fontes Utilizadas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Acervos de guarda documental • Acervos digitais (Portal da Biblioteca Pública do Maranhão, Repositório Digital da UFMA, Hemeroteca Digital Brasileira) • Ata da terceira reunião do Conselho Departamental da FEI (1974) e de resultados finais de cursos (Normal Pedagógico, Magistério) • Calendário acadêmico da UEMASUL (1979) • Documentos encontrados nos arquivos da Escola Técnica Amaral Raposo e da UEMASUL.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ (UFPI)
<ul style="list-style-type: none"> • Documentos oficiais, legislação educacional, obras de escritores locais, atas de resultados, fichas de matrículas, históricos escolares, certificados e diplomas, boletins de notas, cópias de certidões de nascimento, regimentos e resoluções de curso, grade curricular. • Entrevistas semiestruturadas e formulários utilizando as tecnologias digitais • Fotografias e figuras (presidente JK, Belém-Brasília, terminal rodoviário, alunos, certificados, placas de formandos), pertencentes a acervos públicos e particulares. • Jornais (Jornal do Maranhão, O Progresso) • Obras de escritores locais sobre a história do município. • Registros de empregados (Fundação de Ensino Superior de Imperatriz, 1977-1979) • Regulamento da Escola Normal Regional Santa Teresinha. • Resolução nº 08/81 – CONSUN (UFMA)
<p>Metodologias Adotadas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Análise de aspectos sócio-políticos e econômicos do município de Imperatriz, expansão da rede escolar primária e secundária, e cursos de formação de professores • Análise de currículos e disciplinas dos cursos de formação • Análise de dados de matrículas e formandos • Análise imagética (das fotografias). • Coleta de informações por meio de contato com pessoas (efeito “bola de neve”) para localizar arquivos • Cruzamento entre as fontes documentais e as narrativas orais. • pesquisa bibliográfica e documental. • Pesquisa histórica, ancorada à Nova História Cultural • Pesquisa qualitativa e historiográfica.
<p>Referencial Teórico:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Barros (2019) (vestígios como fontes) • Burke (1992) (História, Nova História Cultural) • Gatti Jr. e Pessanha (2005) (Instituições Escolares) • Halbwachs (1990) (História Oral e Memória) • Julia (2001) (Cultura Escolar) • Le Goff (1990, 2003) (Memória) • Meihy e Holanda (2010) (História Oral e Memória) • Nosella e Buffa (2009) (Instituições Escolares) • Souza (2001) (fotografias escolares) • Souza (2008) (Cultura Escolar) • Tanuri (2000) (Formação de Professores) • Silva (2011), Cruz (2012), Anjos (2012) (grupos escolares no Maranhão)
<p>Resumo:</p> <p>Esta dissertação de Mestrado investiga a história e a memória da formação de professores em Imperatriz - MA entre 1960 e 1981, desde o Curso Normal Regional até as Licenciaturas Curtas. A pesquisa é qualitativa e historiográfica, utilizando documentos de acervos institucionais (com acesso dificultado pela pandemia), registros de empregados, atas de conselho, resoluções universitárias, jornais locais digitalizados (como O Progresso) e fotografias, além de entrevistas aprovadas por comitê de ética. O estudo analisa os aspectos sócio-políticos e econômicos da região, a expansão da rede escolar primária e secundária, e a evolução dos cursos de formação docente, revelando a influência de políticas educacionais nacionais, a presença feminina no magistério e a interface entre o público e o privado na consolidação dessas instituições.</p>
LEAL, JESSICA ASSUNÇÃO (2023) [DISSERTAÇÃO]
A CONSTITUIÇÃO DA REDE ESCOLAR MUNICIPAL DE TIMON – MARANHÃO DE 1943 A 1967
<p>Fontes Utilizadas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Acervos digitais de bibliotecas públicas (BPBL - Biblioteca Pública Benedito Leite) • Blog "Veja Timon" (informações sobre história da cidade) • Coleção de Leis e Decretos (Maranhão, 1946, 1951, 1953) • Decretos Estaduais (ex.: nº 820 de 30-12-1943, Maranhão) • Imagens (fotos de eventos escolares, merenda escolar, Belém-Brasília, terminal rodoviário) • Jornais (ex.: Jornal Correio de Timon, Jornal A Tarde) • Mensagens legislativas governamentais

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ (UFPI)
<ul style="list-style-type: none"> • Relatos de governadores do estado do Maranhão de 1943 a 1967
<p>Metodologias Adotadas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Análise da expansão da rede escolar primária e dos grupos escolares • Análise de jornais e leis da época • Análise documental, com o cruzamento de fontes. • Apresentação de dados em tabelas (Governadores do Maranhão, Leis municipais, Rede escolar primária) • Delimitação do recorte temporal • Pesquisa bibliográfica e documental • Uso de imagens para ilustrar processos históricos (derrubada da mata para Belém-Brasília, visita de JK)
<p>Referencial Teórico:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Araújo (2005) (Oferta do ensino primário pelos estados entre 1932 e 1940) • Barbosa (2019). Cellard (2012). Schumacher; Zotti (2007) (fontes como aparato de informações construído pelos homens) • Cruz (2012) (A escola graduada e a Escola Modelo na capital) • Del Priore (2002) (A importância dos arquivos no cotidiano do historiador) • Duarte (1986) (Conceito de matrículas totais ou gerais) • Kreutz (1982): (Comando político do Maranhão entre 1956 e 1966) • Kuhn (2014) (documentos oficiais podem tentar "embelezar") • Kuhn (2014) (uso dos arquivos por historiadores) • Lima et al. (2015) (Municípios desprovidos do "modelo escolar ideal") • Magalhães (2019) (Instituições escolares, Ação pedagógica) • Minayo (2003) (tratamento de dados) • Moreira (1997) (Publicações de jornais e homenagens a figuras importantes) • Pinto (1982) (Governadores maranhenses e política clientelista) • Santos (2007) (Informações sobre a cidade de Timon, MA) • Silva (2008) (Falas de decadência, moralidade e ordem na "história do Maranhão") • Silva (2011) (A criação dos grupos escolares em duas fases no Maranhão) • Sousa (2015): A política do vitorinismo no Maranhão
<p>Resumo:</p> <p>Esta dissertação de Mestrado explora a história da educação em Timon (MA) entre as décadas de 1940 e 1960, focando na expansão da rede escolar primária e secundária e nas práticas educativas. A pesquisa utiliza fontes diversas, como decretos estaduais, relatórios governamentais e, principalmente, jornais locais (como o Jornal Correio de Timon, com acesso a acervos digitais), além de imagens e dados estatísticos. A metodologia emprega a análise documental e historiográfica para contextualizar as políticas educacionais e as transformações sociais no município, evidenciando o impacto de figuras políticas locais e estaduais e a predominância de uma política clientelista. O trabalho destaca a evolução da oferta educacional em Timon e a influência de discursos de modernização e progresso.</p>
<p>RABELO, THAIS BATISTA (2021) [DISSERTAÇÃO]</p> <p>HISTÓRIA DA PROFISSÃO DOCENTE NO PIAUÍ: NOTÍCIAS, MENSAGENS E DISCURSOS (1910-1946)</p>
<p>Fontes Utilizadas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Arquivo Público do Piauí (para documentos oficiais e jornais microfilmados) • Jornais piauienses (Correio de Oeiras, Alto Longá, O Piauí, O Momento, A Escola, Diário Oficial, Fanal, Monitor Comercial, Semana, Gente Nova) • Leis (Lei nº 565 de 22.06.1910; Lei Orgânica do Ensino Normal; Decreto-Lei n. 8.530 de 02.01.1946) • Mensagens governamentais e relatórios (relatório de 1938 do Interventor Leônidas Melo, Imprensa Oficial) • Projeto Memória do Jornalismo Piauiense (para jornais digitalizados)
<p>Metodologias Adotadas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Análise da censura e papel da imprensa na construção ideológica do Estado • Análise da imagem social e condições de trabalho da profissão docente • Análise de discurso (discurso nacionalista, discursos em eventos) e notícias jornalísticas.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ (UFPI)
<ul style="list-style-type: none"> • Análise detalhada de jornais e suas características (diretor, redator, cidade, circulação, valor) • Análise e comparação dos dados coletados com leituras sobre a história da educação. • Compilação de notícias, discursos, mensagens e relatórios em quadros • Estudo bibliográfico sobre a formação de professores. • Investigar a história da fonte utilizada (imprensa). • Investigar a profissão docente, especialmente as imagens sociais e condições de trabalho por meio de notícias, discursos e mensagens. • Pesquisa em história da imprensa piauiense • Renovação de fontes, métodos e novos sujeitos • Uso da imprensa como fonte principal. • Uso de figuras para ilustrar momentos históricos (ex.: Semana da Criança, matrícula) • Uso do jornal como fonte histórica para compreender aspectos da vida social, política ou cultural
<p>Referencial Teórico:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Barros (2004) (dimensão, abordagem, domínio). Nova História Cultural / História Cultural. • Barros (2019) (fontes como vestígios). • Chartier (2014) (materialidade do texto e a mente do editor) • Hobsbawn (1984) (invenção das tradições) • Le Goff (2003) (documento como monumento) • Luca (2015) (imprensa como fonte, olhar minucioso e crítico). • Tanuri (2000) (primeiras alternativas de preparação docente). • Villela (2000), Sousa (2015), Lopes (2008), Fischer (2005), Brito (1996), Castelo Branco (2005), Queiroz (2011), Cardoso (2010, 2003), Barros (2004, 2019), Nova História Cultural (teoria de análise).
<p>Resumo:</p> <p>Esta dissertação de Mestrado analisa o ensino no Piauí entre 1910 e 1946, com foco na história da profissão docente, nas condições de trabalho e nas representações sociais veiculadas pela imprensa. A pesquisa utiliza jornais piauienses (digitalizados pelo Projeto Memória do Jornalismo Piauiense), mensagens governamentais e leis, empregando o jornal como fonte histórica para compreender a diversidade de aspectos sociais, políticos e culturais. O trabalho investiga a formalização da Escola Normal e a Lei Orgânica do Ensino Normal, examinando o papel da imprensa na construção de identidades nacionais, na veiculação de ideologias estatais e na divulgação de eventos educacionais, além de abordar a tensão entre a abertura aos espaços públicos para mulheres e o controle social.</p>
SOUSA, JALINSON RODRIGUES DE (2020) [DISSERTAÇÃO]
A ESCOLA DO ESTABELECIMENTO RURAL DE SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA, NO PIAUÍ: IMPLANTAÇÃO E FUNCIONAMENTO DE UM PROJETO EDUCACIONAL PARA NEGROS LIBERTOS PELA LEI DO VENTRE LIVRE (1871 - 1888)
<p>Fontes Utilizadas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Anúncios de jornais (leilões, regulamentos) • Arquivo Público do Estado do Piauí (APEPI) • Documentos manuscritos (Ofícios, Relatórios, Inventários, Listas de alunos) • Hemeroteca da Biblioteca Nacional (A Imprensa – Órgão do Partido Liberal (1865-1889), O Piauhy – Órgão do Partido Conservador (1869-1873), A Opinião Conservadora – Órgão do Partido Conservador (1874-1876), Oitenta e Nove – Monitor Republicano no Piauhy (1874)) • Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) • Lei do Ventre Livre • Livro de Tombo (Dossiê de Tombamento do IPHAN) • Material bibliográfico (utilizado fichamento). • Relatórios de presidentes de província
<p>Metodologias Adotadas: °</p> <ul style="list-style-type: none"> • Abordagem qualitativa do tipo documental e exploratória • Análise da estrutura de uma instituição de ensino • Análise de documentos parcialmente ilegíveis • Cruzamento de informações e análise temporal

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ (UFPI)
<ul style="list-style-type: none"> • Escaneamento de 422 documentos através do aplicativo móvel CamScanner. • Inclusão na epistemologia da nova história • Inferência a partir de relatos de autores • Investigação bibliográfica e histórica pelas análises de documentos e matérias de jornais da época • Reconstituição da gênese da história da educação
<p>Referencial Teórico:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Bobbio, Norberto (2011): Teorias de ciências sociais • Brandão (2015): O escravo na formação social do Piauí • Chaves (2013): Sobre história e educação • Creswell (2007): Metodologia de pesquisa qualitativa e mista • Dalcin (2000): Os usos dos castigos físicos em nome da disciplinarização e da ordem nas escolas • Falci (1995): Escravos do Sertão: Demografia, Trabalho e Relações Sociais • Gomes et al. (2011): Educação para as relações étnico-raciais • Mazzotti (2012) e Gil (2002) para aspectos metodológicos e bibliográficos. • Nunes (1966): Pesquisas para a história do Piauí • Sampaio (1963): Descrição Geral do Estado do Piauí • Sampaio (1996): Para referências a autores
<p>Resumo:</p> <p>Esta dissertação de Mestrado investiga a história da educação nas Fazendas Nacionais do Piauí entre 1871 e 1888, focando no Estabelecimento Rural São Pedro de Alcântara. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa documental e exploratória, utilizando como fontes o Arquivo Público do Estado do Piauí, o IPHAN, a Hemeroteca da Biblioteca Nacional, e diversos periódicos da época. O estudo busca reconstituir o funcionamento e as propostas educacionais desse estabelecimento para escravos libertos menores de idade, revelando a precariedade do ensino e os desafios administrativos. A análise das fontes, incluindo listas de alunos e relatórios de presidentes de província, demonstra a fragilidade da instituição e a complexidade das relações sociais e políticas da época.</p>
ROPKE, CAMILA BETINA (2023) [TESE]
A TRAJETÓRIA DE MESTRE AGENOR E A CULTURA MUSICAL PIAUIENSE: PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM DO PÍFANO
<p>Fontes Utilizadas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Arquivo pessoal de Mestre Agenor • CD "Projeto Sopro de Taboca" • Dados da pesquisa: transcrições das entrevistas, materiais obtidos na imprensa online, acervo do Mestre (fotos, certificados, CDs, DVD e o Método de Pífano). • Documento da Fundação Municipal de Cultura Monsenhor Chaves • DVD Piauiensidades (obra em formato audiovisual desenvolvida por grupos de música e dança) • Entrevistas (com o Mestre Agenor e outras pessoas, focando na interação social entre entrevistado e entrevistador) • Livro e CD desenvolvidos por Renoir do Pife • Métodos musicais ("Método do Pífano" desenvolvido pelo Mestre Agenor e Renoir do Pife, método de Alencar Terra - 1945, obra de Mário Mascarenhas - 1940) • Programas do Encontro Nacional de Folguedos • Reportagens de imprensa disponibilizadas na web (Cidade Verde, Meio Norte) • Revista Cadernos de Teresina (matéria sobre inauguração do Salão Pisa na Fulô, 1987)
<p>Metodologias Adotadas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Análise de textos e materiais digitais (reportagens na web) • Análise imagética (capas de métodos musicais, DVD, fotografias de eventos) • Contato com instituições para verificar registros (Fundação Municipal de Cultura Monsenhor Chaves) Entrevistas como interação social entre entrevistado e entrevistador • Exame de documentos para definir o recorte temporal • Investigação de desencontro de informações e datas entre fontes (imprensa vs. relato oral) • Reconstituição de um "enredo" de vida através das falas selecionadas do entrevistado • Uso de fotografias para ilustrar detalhes e descrever processos e festejos

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ (UFPI)
<ul style="list-style-type: none"> • Compilação, decomposição e recomposição de dados em novas categorias
<p>Referencial Teórico:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Barros (2004) (critérios organizacionais, domínios, abordagens, dimensões). • Bohumil Med (2017), Belmira Cardoso e Mário Mascarenhas (1973) (livros de teoria musical). • Burke (1992, 2008) (História Cultural). • Ferrarotti (2014); Passaggi e Souza (2016) (entrevistas como interação social entre entrevistado e entrevistador) • Le Goff (2013) (memória e documento monumento) • Penna (2011) (método em música). • Scocuglia (2007) (História Tempo Presente, novas tecnologias).
<p>Resumo:</p> <p>Esta tese de Doutorado investiga a trajetória de vida e formação musical de Mestre Agenor, um pifaneiro piauiense, abordando seus processos de aprendizagem informal na infância, sua formação formal na UFPI e sua atuação como professor e músico. A pesquisa adota uma metodologia qualitativa baseada em entrevistas (com Mestre Agenor e outros), análise de reportagens de imprensa (disponibilizadas na web), DVD's (Piauiensidades) e fotografias do acervo pessoal, além de materiais didáticos produzidos pelo músico. O trabalho explora como as práticas musicais e pedagógicas de Mestre Agenor foram moldadas por suas vivências, suas redes de sociabilidade e o contexto cultural piauiense, destacando a importância da oralidade e das imagens para preencher as lacunas dos registros institucionais e oficiais.</p>

Fonte: Autoria própria, 2025.

Nota: Elaborado conforme dados extraídos da Plataforma Sucupira e repositórios institucionais das IES, organizados e sistematizados pela pesquisadora.

Apêndice C - Teses e dissertações analisados do PPG em Educação da UFS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE (UFS)
[2019] TESE - GOMES, RODRIGO BELFORT
AMERICANISMO E ANTIAMERICANISMO: O ENSINO DE INGLÊS NO BRASIL DE 1931 A 1951
<p>Fontes Utilizadas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Acervos digitais de bibliotecas brasileiras e estrangeiras • Anúncios e comentários de especialistas e demais comunidades nos jornais. • Jornais publicados dentro do recorte estabelecido (Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional). • Legislação relativa ao ensino de línguas, notadamente o Método Direto na década de 1930. • Livro "An English Method" • Livros destinados ao ensino de Língua Inglesa (encontrados em sebos, pesquisados em acervos digitais de bibliotecas brasileiras e estrangeiras). • Pesquisas no NUDOM (Núcleo de Documentação e Memória) e na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional • Registros de entrevistas de professores da época sobre a implantação do Método Direto
<p>Metodologias Adotadas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Análise da legislação educacional de 1931 a 1951 • Análise de jornais para reconstituir apropriações e representações do inglês no período. • Análise política e econômica do século XX que influenciaram as diretrizes educacionais. • Comparação entre as determinações do Método Direto e os livros didáticos. • Estudo do ensino de Língua Inglesa e dos métodos de ensino de línguas • Observação do impacto da interferência cultural norte-americana no ensino de Língua Inglesa no Brasil • Verificação da consonância entre livros didáticos de Língua Inglesa, preceitos do Método Direto e os decretos.
<p>Referencial Teórico:</p> <ul style="list-style-type: none"> • André Chervel (1990): (História das disciplinas escolares; importância do livro didático) • Carlo Ginzburg (2001): (Nova História Cultural) • Gramsci (2011): (Cultura, hegemonia, intelectuais) • Howatt & Widdowson (2009): (Métodos de ensino de línguas; Método Direto) • Kazumi Munakata (2016): (Livro didático como indício da cultura escolar) • Larsen-Freeman & Anderson (2011): (Métodos de ensino de línguas; Método Direto) • Peter Burke (2008): (Nova História Cultural) • Roger Chartier (1990, 2009a, 2009b): (Nova História Cultural; História da linguagem, do livro, da leitura, materialidade da cultura escolar) • Warde (2000): (História da educação, cultura escolar)
<p>Resumo:</p> <p>A tese de Rodrigo Belfort Gomes, de 2019, investiga o ensino de inglês no Brasil entre 1931 e 1951, focando nas ideologias do americanismo e antiamericanismo que permearam esse período. Utilizando a Nova História Cultural como referencial teórico, a pesquisa analisou legislações educacionais, jornais, e livros didáticos da época, além de relatos de professores. O objetivo central foi analisar a institucionalização do Método Direto para o ensino de línguas, a correspondência dos materiais didáticos com essa proposta, e como a influência cultural e econômica norte-americana impactou o campo. A pesquisa buscou compreender a implementação, sucessos e desafios desse método, sugerindo que, apesar das determinações oficiais, métodos mais tradicionais, como o da Gramática e Tradução, persistiram nas salas de aula.</p>
[2015] DISSERTAÇÃO - NASCIMENTO, MAIRA IELENA CERQUEIRA
PROGRESSÃO DA APRENDIZAGEM DO CONHECIMENTO HISTÓRICO NOS CURRÍCULOS PRESCRITOS DE SOCIAL STUDIES DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA (1995-2012)
<p>Fontes Utilizadas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Artigos acadêmicos obtidos gratuitamente de revistas digitais como "American Educator" e "DigitalTextBooks". • Currículos estaduais de "Social Studies" • Documentos públicos curriculares capturados nos endereços eletrônicos dos departamentos de educação dos 50 estados dos Estados Unidos da América. • Fontes coletadas via Internet e arquivadas em formatos eletrônicos como PDF e Word.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE (UFS)
<p>Metodologias Adotadas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Coleta dos currículos de "Social Studies" • Criação de banco de dados em planilhas do Microsoft Office Access para análise quantitativo-qualitativa. • Método quantitativo para assinalar e testar as hipóteses relacionadas à situação da História nos currículos estadunidenses • Pesquisa bibliográfica para inventariar os currículos de "Social Studies" nos EUA • Uso de análise de conteúdo com o software Microsoft Office Access para analisar os documentos curriculares.
<p>Referencial Teórico:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Apple (1993): (Currículo) • Bittencourt (2009): (Círculos concêntricos; método ativo; esvaziamento da historicidade do conhecimento histórico) • Chervel (1990): (Disciplina escolar) • Egan (1989): (Ensino de estudos sociais através de histórias e mitos; dicotomias clássicas) • Levstik e Barton (1997): (Uso de imagens e objetos históricos pelos professores) • Ravitch (1987); Crabtree (1989): (Bases para o estudo de conteúdos históricos cronológicos) • Silva (2003): (Currículo; formação de pessoas; campo acadêmico dos currículos escolares) • Ricoeur (2008): (memória; história e esquecimento)
<p>Resumo:</p> <p>A dissertação de Maíra Ielena Cerqueira Nascimento (2015) analisa a progressão da aprendizagem do conhecimento histórico nos currículos prescritos de "Social Studies" dos Estados Unidos da América entre 1995 e 2012. Alinhada à História Cultural, a pesquisa investigou documentos curriculares digitais dos 50 estados americanos, complementados por artigos acadêmicos. A metodologia incluiu pesquisa bibliográfica e quantitativa, com uso de análise de conteúdo e um banco de dados em Microsoft Access para examinar conhecimentos, habilidades e valores ensinados. O estudo busca compreender o lugar da História nos "Social Studies" e as estratégias de progressão da aprendizagem, defendendo que a história mundial frequentemente se desintegra da história nacional, gerando assimetrias na forma como os processos históricos são abordados.</p>
<p>[2017] TESE - SANTOS, ANA MÁRCIA BARBOSA</p> <p>CIVILIZAÇÃO, MODERNIDADE E EDUCAÇÃO NAS PÁGINAS DO JORNAL "A RAZÃO" (1898-1923)</p>
<p>Fontes Utilizadas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Fotografias • Jornal A Razão (exemplares de 1898 a 1923) • Livro de atas • Memórias (de estancianos que viveram no período, como Gilberto Amado, Edilberto Campos, Raymundo Souza e Luciano Libório) • Obras a respeito do tema (literatura secundária) • Pesquisas em acervos físicos e digitais: Arquivo da Biblioteca Pública Epiphânio Dórea, Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, Biblioteca Central da Universidade Federal de Sergipe, Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, Arquivo da família Gomes • Relatórios (incluindo relatórios da instrução pública)
<p>Metodologias Adotadas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Análise da estrutura do jornal, seus propósitos explícitos e as relações estabelecidas por ele em diversas áreas (filantropia, educação, artes, religião, política e comércio) • Análise das leituras realizadas e incentivadas pelo impresso para analisar representações, disputas e estratégias no campo • Análise do jornal "A Razão" como objeto e fonte principal, com recorte temporal de 1898 a 1923. • Cruzamento de fontes para a construção do conhecimento histórico • Manutenção da autenticidade das fontes, mantendo a grafia original dos textos • Uso de conceitos-chave da História Cultural
<p>Referencial Teórico:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Bourdieu (1998, 2004): (Campo; Capital; Habitus) • Burke (2008): (Nova História Cultural) • Chartier (1990, 2000, 2002, 2009): (Representação; Vínculo entre texto e materialidade; Práticas de apropriação/leitura; Relação do leitor com os livros lidos; Cultura escrita)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE (UFS)
<ul style="list-style-type: none"> • Darnton (1992) (fontes para a História da leitura) • Febvre e Bloch: (História Nova; Questionamento do paradigma tradicional da escrita da história) • Ginzburg (2012) (Mitos, emblemas, sinais; paradigma indiciário)
<p>Resumo: A tese de Ana Márcia Barbosa Santos (2017) investiga o papel do jornal "A Razão" de Estância/SE, entre 1898 e 1923, como veículo disseminador de ideias de civilização, progresso e modernidade, em especial no que tange à leitura e à instrução. Utilizando a História Cultural e conceitos de Bourdieu e Chartier, a pesquisa analisou a estrutura do jornal, seus propósitos e as relações que estabeleceu em diversas áreas (filantropia, educação, artes, política). As fontes incluíram o próprio jornal, livros de atas, memórias, fotografias, relatórios e acervos institucionais e digitais, como a Hemeroteca Digital. O estudo conclui que "A Razão" empregou diferentes estratégias na sociedade estanciana, atuando ativamente como promotor de leitura e cultura no período da República Velha.</p>
[2018] TESE - COSTA, ROSEMEIRE MARCEDO
A INSTRUÇÃO PRÉ-MILITAR COMO DISCIPLINA ESCOLAR: MARCAS DO EXÉRCITO NO ATHENEU SERGIPENSE (1909-1946)
<p>Fontes Utilizadas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Fontes bibliográficas: Dissertações e Teses e outros impressos relacionados à História da Educação • Fontes documentais: Ofícios, jornais, relatórios, regulamentos, decretos, atas, telegramas, programas de estudo, convites, listagem de alunos, relatórios de instrutores militares, boletins regimentais, leis, fotografias, e livros de registro e matrículas
<p>Metodologias Adotadas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Análise da Instrução Pré-Militar (IPM) como disciplina escolar, considerando sua legislação e programas de ensino, bem como sua relação com estudos de história e história da educação • Busca e análise de fontes documentais em diversos acervos, com destaque para o Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense (CEMAS) • Leitura crítica e decifração dos documentos, buscando compreender um universo desconhecido e complexo. • Levantamento bibliográfico, com exploração de bancos digitais de dissertações e teses • Uso de estudos e categorias de análise de outros pesquisadores para compreender os processos vividos por alunos e instrutores militares
<p>Referencial Teórico:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Alves (2014, 2016): (História da disciplina Geografia no Atheneu Sergipense) • Certeau (2011): (A invenção do cotidiano; Artes de fazer) • Chartier (1990): (História Cultural: entre práticas e representações) • Chervel (1990): (História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa) • Farias (2009): (História da disciplina Economia Doméstica no Atheneu Sergipense) • Guimarães (2012, 2016): (História da disciplina Desenho no Atheneu Sergipense; História da organização curricular da educação física no Colégio de Aplicação) • Munakata (2016): (Livro didático como portador de saberes escolares; Transcrição do que era ensinado ou deveria ser ensinado) • Nunes (1990): (Escrita da história; Desvelamento do ser; Diálogo com o pensamento próprio) • Santos (2012): (História da disciplina Educação Moral e Cívica no Atheneu Sergipense; Avaliação educacional) • Souza (2011): (História da disciplina Matemática no Atheneu Sergipense)
<p>Resumo: A pesquisa analisa as práticas de Instrução Pré-Militar (IPM) no Atheneu Sergipense entre 1909 e 1946, evidenciando o papel dos instrutores militares na formação da juventude secundarista sergipana para a defesa nacional. Fundamentada na História Cultural, mobiliza as categorias de disciplina escolar (Chervel, 1990; Felgueiras, 2010) e os aportes de Chartier (1990), Certeau (2011) e Elias (1997). As fontes incluem legislação, ofícios, jornais, relatórios, regulamentos e manuais didáticos de IPM (Gomes, 1944; Canazza, 1945), localizados no Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense (CEMAS), Biblioteca Pública Epifânio Dória, Biblioteca Central da UFS, Arquivo do 28º Batalhão de Caçadores e Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. O estudo conclui que a IPM se institucionalizou como disciplina escolar, incorporando finalidades, conteúdos e formas avaliativas que difundiam valores como disciplina, patriotismo e "espírito militar" entre os jovens.</p>

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE (UFS)
[2018] DISSERTAÇÃO - JESUS, DANILO MOTA DE UMA HISTÓRIA DA ODONTOLOGIA EM SERGIPE: DO ENSINO À ESTRUTURAÇÃO DO "CAMPO" (1925-1975)
<p>Fontes Utilizadas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Artigos, teses e dissertações de estudiosos da área, tanto impressos quanto disponíveis online • Documentos da UFS (contratos de professores, reconhecimento do curso de odontologia). • Documentos referentes ao reconhecimento do Curso de Odontologia. • Entrevistas com a primeira mulher dentista formada pela UFS e professora do Curso de Odontologia (Dra. Araci Garcez). • Entrevistas semiestruturadas com ex-alunos e ex-professores • Imagens (fotografias) levantadas no curso do estudo. • Leis, decretos, estatutos, atas, pedidos de reconhecimento de curso, atos normativos, estrutura curricular, mapas de aproveitamento de alunos do curso de odontologia; • Listas de profissionais inscritos no Conselho. • Livro "História e Memória: Universidade Federal de Sergipe (1968-2012)". • Periódicos sergipanos e jornais do período.
<p>Metodologias Adotadas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Análise crítica das fontes: processo de seleção, organização e análise obedeceu a critérios de qualidade, pertinência, cotejamento e entrelaçamento das informações. • Análise documental: De leis, decretos, estatutos, atas, pedidos de reconhecimento, atos normativos, estrutura curricular e mapas de aproveitamento de alunos. • Aplicação da História Oral com entrevistas semiestruturadas com ex-alunos e ex-professores • Consulta aos acervos: Arquivo Nacional, Biblioteca Nacional, Conselho Regional de Odontologia de Sergipe, Arquivo Central da UFS, Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, Arquivo Público do Estado de Sergipe, Arquivo do Judiciário de Sergipe, Biblioteca Epifânio Dória, Museu Histórico de São Cristóvão em Sergipe, Instituto Histórico e Geográfico da Bahia, Arquivo Público do Estado da Bahia • Levantamento bibliográfico: Incluindo bancos de teses e dissertações em plataformas digitais • Manutenção de linguagem original dos documentos mantida nas citações para fidelidade. • Uso de imagens (fotografias) para compreender o contexto histórico da época • Uso do método ou paradigma indiciário
<p>Referencial Teórico: Elias: (Processo civilizador). Bourdieu (2001, 2002, 2003, 2004, 2016): (Campo; Capital). Burke (2004, 2008): (História cultural) Elias (2011): (Processo civilizador) Figueiredo (1989, 1913, 1991): (História Política de Sergipe) • François(2008): (História Oral: relação historiador-sujeito, novas documentações). • Le Goff (2003): (Memória e documento)</p>
<p>Resumo: A dissertação de Danilo Mota de Jesus (2018) investiga a história da odontologia em Sergipe, focando no ensino e na estruturação do "campo" profissional entre 1925 e 1975. A pesquisa, alinhada à História da Educação e História Cultural, utiliza fontes documentais (impressas e digitalizadas), entrevistas (História Oral) e imagens, dialogando com os conceitos de Norbert Elias (processo civilizador) e Pierre Bourdieu (campo e capital). O estudo busca compreender a formação do campo odontológico e do curso de Odontologia na UFS, destacando a falta de produção historiográfica sobre o tema em Sergipe. A tese analisa as instituições envolvidas, a evolução da profissão e a contribuição de figuras como a Dra. Araci Garcez. O autor, sendo cirurgião-dentista, foi motivado pela ausência de estudos sobre a história de sua própria profissão no estado.</p>
[2009] DISSERTAÇÃO - LIMA, FERNANDA MARIA VIEIRA ANDRADE CONTRIBUIÇÕES DE DOM LUCIANO JOSÉ CABRAL DUARTE AO ENSINO SUPERIOR SERGIPANO (1950-1968)
<p>Fontes Utilizadas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Atas, cadernetas institucionais • Correspondências pessoais e formais • Depoimentos e entrevistas

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE (UFS)
<ul style="list-style-type: none"> • Documentos pertencentes a arquivos públicos (Arquivo Geral da Universidade Federal de Sergipe, Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, Arquivo Público do Estado de Sergipe) e particulares (arquivo do Instituto Dom Luciano Duarte, IDLD) • Fontes biográficas, bibliográficas, iconográficas, conferências, artigos eletrônicos • Livros, revistas, jornais, • Vídeos e fotografias
<p>Metodologias Adotadas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Análise das fontes: autenticidade, análise correta, seleção dos fatos individuais relevantes • Crítica das fontes • Investigação histórica • Investigar a fonte, problematizando, aprovando e contestando possíveis vestígios • Levantamento biográfico conciso do sujeito pesquisado • Seleção das fontes a partir da definição do objeto de estudo • Uso do paradigma indiciário
<p>Referencial Teórico:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Bacellar (2005) ("Uso e mau uso dos arquivos") • Chartier (A História Cultural) • Ginzburg (2003) (Paradigma indiciário) • Grespan (2005) ("Considerações sobre o método") • Nunes; Carvalho (Historiografia da Educação e Fontes)
<p>Resumo:</p> <p>A dissertação de Fernanda Maria Vieira Andrade Lima (2009) teve como objetivo analisar as contribuições de Dom Luciano José Cabral Duarte ao ensino superior em Sergipe, especificamente sua atuação na Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (FAFI) e na Universidade Federal de Sergipe (UFS), no período de 1950 a 1968. Fundamentada na História da Educação e na História Cultural, a pesquisa utilizou uma vasta gama de fontes, incluindo documentos de arquivos públicos e particulares, entrevistas, artigos eletrônicos, jornais e fotografias. O estudo busca preencher uma lacuna na historiografia do ensino superior sergipano, compreendendo o papel de Dom Luciano José Cabral Duarte nesse processo.</p>
[2020] TESE - PAIXÃO, ROBERTO CARLOS BASTOS DA
A TRAJETÓRIA DE EUZÉBIO VANÉRIO NA INSTRUÇÃO BRASILEIRA (1784-1852)
<p>Fontes Utilizadas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Artigos publicados em periódicos especializados, jornais, dissertações e teses e arquivos. • Catálogos/guias de fontes temáticas (Arquivo Geral do Judiciário). • Documentos de arquivos e outros órgãos públicos (Arquivo Público do Estado de Sergipe, Arquivo do Judiciário de Sergipe, Biblioteca Epifânio Dória, Museu Histórico de São Cristóvão em Sergipe, Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e Instituto Histórico e Geográfico da Bahia, Arquivo Público do Estado da Bahia) • Documentos diversos (livros, documentos, jornais da época, impressos e manuscritos de Euzébio Vanério; dissertações, teses e publicações em periódicos especializados disponíveis online, material coletado via Arquivo Nacional e Biblioteca Nacional). • Documentos diversos, dentre eles leis, decretos, portarias sobre o Sistema de Instrução brasileira • Fontes digitais, em sites os mais diversos.
<p>Metodologias Adotadas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Análise Crítica das Fontes: processo de seleção, organização e análise das fontes e documentos • Levantamento bibliográfico e documental: Consulta em diversos arquivos e órgãos públicos (impressos/online) • Revisão Historiográfica: Revisitou a historiografia para fazer novos questionamentos das fontes • Uso da História Oral: entrevistas semiestruturadas com ex-alunos e ex-professores • Uso da Micro-história e Microanálise • Uso de imagens (fotografias) como evidência da cultura material do passado. • Uso do Paradigma Indiciário
<p>Referencial Teórico:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Blake (1899): (Dicionário Bibliographico Brasileiro)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE (UFS)
<ul style="list-style-type: none"> • Brandão (1999): (Renovação na abordagem da história da educação brasileira) • Dória (1948): (História da Educação na Bahia) • Ginzburg (2002, 2012): (Paradigma Indiciário) • Jesus (2018): (História da Educação na Bahia) • Le Goff (2003): (Biografias; cuidado e critério na construção biográfica; estudo das estruturas pelas vias documentais) • Levi (2014): (Investigação histórica como investigação policial) • Nunes (1984): (História da Educação em Sergipe) • Siqueira (2006): (História da Educação em Sergipe) • Thompson (1981): (Interpretação de documentos históricos)
<p>Resumo:</p> <p>A tese de Roberto Carlos Bastos da Paixão (2020) investiga a trajetória de Euzébio Vanério (1784-1852), um professor e intelectual, no contexto da instrução brasileira. O trabalho se concentra em sua participação na introdução do ensino do inglês e na difusão do Método Lancaesteriano de Ensino entre 1784 e 1852. Baseada na História Cultural e utilizando a metodologia indiciária e da micro-história, a pesquisa analisou documentos primários (leis, decretos, periódicos, manuscritos) e secundários (teses, dissertações), tanto impressos quanto digitalizados, de acervos como o Arquivo Nacional e a Biblioteca Nacional, complementada por entrevistas e fontes iconográficas. O estudo explora a atuação de Vanério nas províncias de Sergipe e Bahia, seu legado como educador e tradutor, e a influência de suas ações no cenário pedagógico do Brasil Imperial, preenchendo uma lacuna na historiografia da educação sobre essa figura.</p>
<p>[2020] TESE - REBOUÇAS, LARISSA SILVA</p>
<p>A ESCRITA DE SINAIS NO BRASIL: CONSTITUIÇÃO HISTÓRICA DOS SISTEMAS DE SINAIS UTILIZADOS</p>
<p>Fontes Utilizadas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Anais de eventos nacionais e internacionais relacionados à educação de surdos, literatura surda, arte surda, escrita de sinais e cultura surda • Artigos e papers amplamente difundidos na comunidade científica e entre profissionais e entidades de interesse • Documentos e dados obtidos junto à FENEIS (Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos). • Fontes digitais (websites e blogs): SignWriting: http://www.signwriting.org/brazil/, ELiS (Sistema Brasileiro de Escrita das Línguas de Sinais): http://ELiSLibras.wix.com/home#, Blog da pesquisadora Adriana Stella Cardoso Lessa de Oliveira sobre o SEL: http://sel-Libras.blogspot.com/, VisoGrafia: https://www.visografia.com/ • Livros, teses, dissertações, cartilhas, revistas e outros registros que retratam a história da escrita de sinais. • Teses e dissertações sobre a escrita de sinais publicadas no Brasil entre 1997 e 2019
<p>Metodologias Adotadas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Análise baseada em registros bibliográficos de pessoas que contribuem ativamente. • Correlação entre os sistemas de escrita de sinais pesquisados e os procedimentos metodológicos empregados. Obtenção de dados em eventos e grupos de discussão. • Destaque a conteúdos e publicações de autores de referência. • Levantamento de teses e dissertações (Capes). • Levantamento e revisão bibliográfica • Organização de dados em planilhas (Excel). • Participação em eventos: Obtenção de dados e informações pela frequência a eventos nacionais e internacionais relacionados à temática da surdez e escrita de sinais. • Registro de contribuições, discussões e fóruns (WhatsApp).
<p>Referencial Teórico:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Aguiar e Chaibue (2015) (primeiro registro de notação). • Barbosa (2017) (levantamento universidades). • Barreto e Barreto (2015) (uso do SignWriting). • Barros (1997, 2008, 2015) (ELiS). • Benassi (2017) (VisoGrafia).

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE (UFS)
<ul style="list-style-type: none"> • Foucault (1998) (Microfísica do poder). • Lessa-de-Oliveira (2011, 2012) (SEL). • Nascimento (2018) (ensino do SW no IPAESE). • Penha (2018) (metodologias, cultura surda). • Quadros (2014) (importância da oferta de disciplinas de escrita de sinais). • Saussure (1987, 2006)(Linguística Geral). • Stumof (2005, 2007, 2009) (Linguagem de sinais) • Vygotsky (1991, 1993, 1998) (Teoria Sócio-Histórica, Mediação Cultural)
<p>Resumo: A tese de Larissa Silva Rebouças (2020) investiga a constituição histórica dos sistemas de escrita de sinais no Brasil, traçando um panorama desde suas origens até os sistemas atuais. O estudo, fundamentado na História Cultural e na Educação, com base em teóricos como Vygotsky, Herbart, Chartier e Valerie Sutton, analisa as propostas de escrita para as línguas de sinais, com foco nos sistemas SignWriting (SW), ELiS, SEL e VisoGrafia. A pesquisa demonstra que o SignWriting é o sistema mais amplamente utilizado em produções acadêmicas e literárias no Brasil e no mundo. O trabalho busca inserir a temática da escrita de sinais na História da Educação e servir como ponto de partida para futuras investigações na área de estudos para surdos. A autora, uma mulher surda e pesquisadora, busca defender a implantação do SignWriting nas escolas para promover a autonomia das crianças surdas na produção textual.</p>
[2021] DISSERTAÇÃO - CRUZ, CRISLAINE SANTANA
“CARIDADE SEM LIMITES, CIÊNCIA SEM PRIVILEGIOS”: O ENSINO UNIVERSAL DE JACOTOT POR BENOÎT MURE NO BRASIL (1840-1848)
<p>Fontes Utilizadas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Fotografias de Jean-Joseph Jacotot e de Benoît Jules Mure • Periódicos: "A Reforma", "O Imparcial", "A Homeopatia no Brasil", "O Propagador", "O Socialista", localizados no site da Biblioteca Nacional. • Teses e dissertações da CAPES por trabalhos sobre o Método do Ensino Universal no Brasil • Trabalhos que fazem referência à obra "O mestre ignorante" de Jacques Rancière, entre outros estudos relacionados ao Ensino Universal e a Benoît Mure
<p>Metodologias Adotadas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Análise de dados DOS textos selecionados sobre o Ensino Universal e Benoît Mure • Análise do projeto individual e coletivo • Análise dos documentos e textos recuperados • Levantamento bibliográfico • Pesquisa documental em periódicos
<p>Referencial Teórico:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Barros (2011) (Nova História Cultural) • Faria Filho (2011) (História da Educação) • Hobsbawn (1981) (Revolução francesa) • Nascimento (2012) (Historiografia Educacional Brasileira). • Toniatti (2015) (Presença e atuação do método de Jacotot no Brasil do século XIX)
<p>Resumo: A dissertação de Crislaine Santana Cruz (2018) aborda a história do Ensino Universal no Brasil entre 1840 e 1848, com foco na figura de Benoît Jules Mure como seu principal divulgador. A pesquisa busca compreender como as ideias de Jean-Joseph Jacotot circularam no país e sua conexão com a Homeopatia. O estudo analisa as bases filosófico-educacionais e os desafios que o Ensino Universal enfrentou para se institucionalizar no Brasil, tanto em escolas quanto em aulas particulares. Utilizando pesquisa bibliográfica e documental (principalmente jornais e revistas não pedagógicas do período), a autora argumenta que Mure não apenas divulgou o método, mas também o adaptou, incorporando suas visões sobre civilização e a necessidade de uma educação nacional, inclusive na defesa de uma universidade pública. A tese destaca a importância de futuras investigações sobre a história do Ensino Universal no contexto educacional brasileiro.</p>

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE (UFS)
[2019] TESE - SOUZA JÚNIOR, CARLOS MENEZES DE
HISTÓRIA E MEMÓRIA: LICENCIATURA EM HISTÓRIA A DISTÂNCIA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE (2005-2014)
<p>Fontes Utilizadas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Narrativas orais dos sujeitos envolvidos (egressos, gestores e professores tutores) • Leis, relatórios, resoluções, projetos pedagógicos do curso, convênios • Documentos coletados no Centro de Educação a Distância (CESAD) e em sites oficiais • Dissertações e Teses da CAPES, da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e da Biblioteca da UFS • Trabalhos realizados em Sergipe depositados na Biblioteca Virtual da UFS • Produção dos professores do Departamento de Educação da UFS sobre Ead • Textos impressos e digitais • Objetos virtuais de aprendizagem • Recursos mencionados pelos egressos (apostilas, textos no AVA, ferramentas AVA, vídeos temáticos, bancos de dados) • Projeto pedagógico do curso a distância de História da UFS (CESAD, 2006) • Documentos norteadores do Programa UAB (Referenciais, BRASIL, 2007) • Artigos da Revista Edapeci da UFS (especialmente para estudos sobre Ead)
<p>Metodologias Adotadas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Análise da utilização de recursos didáticos. • Análise de Dados, de valores, discursos e práticas pedagógicas construídas com e entre os sujeitos envolvidos. • Análise do projeto pedagógico. • Análise dos aspectos metodológicos do Programa UAB. • Análise dos impactos da formação na vida acadêmica, pessoal e profissional dos egressos • Análise dos instrumentos de avaliação. • Análise e correlação dos dados. • Confronto sistemáticos entre materiais e inferências, para análises baseadas em diferentes dimensões teóricas • Pressupostos da história oral como técnica (recolher narrativas, entrevistas agendadas, transcritas e processadas). • Revisão e análise da literatura. • Transcrição, processamento e sistematização das entrevistas.
<p>Referencial Teórico:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Brasil (2007). Referenciais e Autonomia do Programa UAB (aspectos metodológicos, comunicacionais, pedagógicos) • Freire (1981, 1987, 2000, 2001, 2011): (Pedagogia, educação) • Gonzalez (2005): (Sedução pedagógica adequada no processo educativo do professor tutor) • Meihy e Holanda (2011); Meihy e Ribeiro (2011): (História oral, narrativa como documento, transcrição e sistematização de narrativas) • Meihy e Ribeiro (2011) (transcrição de entrevistas) • Nora (1984): (Memória como fonte histórica, em evolução, lembrança e esquecimento, vulnerabilidade a manipulações) • Santos (2007): (Avaliação formativa, professor como mediador do conhecimento, não apenas corretor) • Souza (2007): (Recurso didático, material de apoio ao ensino-aprendizagem) • Vaidergorn (2003) (modelo de universidades)
<p>Resumo</p> <p>A tese de Carlos Menezes de Souza Júnior (2019) historiciza a licenciatura em História na modalidade de Educação a Distância (Ead) da UFS, desde sua criação em 2005 até a formatura das primeiras turmas em 2014. O estudo, baseado em narrativas orais de egressos, gestores e professores tutores, além de documentos e sites oficiais, focou nos valores, discursos e práticas pedagógicas do curso. A pesquisa defende que, apesar dos desafios iniciais, o curso preparou bem seus licenciados, impactando positivamente suas vidas pessoais e profissionais. O trabalho também ressalta a escassez de pesquisas sobre a licenciatura em História na Ead na UFS, evidenciando o caráter inédito da investigação.</p>

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE (UFS)
[2022] TESE - BRAGA, ELINALDO MENEZES
“A MÚSICA DO COMEÇO DO MUNDO”: CAMINHOS E PRÁTICAS EDUCATIVAS EXPERIENCIADAS NO CONTEXTO DAS BANDAS CABAÇAIS DE SÃO JOSÉ DE PIRANHAS - PARAÍBA
<p>Fontes Utilizadas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Diário de caminhadas. • Dissertação de mestrado do próprio autor. • Documentos oficiais: Apresentados ao Comitê de Ética do Centro de Formação de Professores da UFCG. • Documentos provenientes dos repositórios das universidades brasileiras focados em Bandas Cabaçais • Escritas acadêmicas publicadas e disponibilizadas na rede mundial de computadores. • Escritas anteriormente produzidas pelo pesquisador ("experivivenciador"). • Fontes Documentais e Arquivísticas: • Mensagens de WhatsApp e ligações telefônicas: Utilizadas para comunicação com os pifeiros e mestres durante a elaboração da "escrevivência". • Narrativas dos pifeiros: Centrais para o estudo das práticas educacionais. • Pesquisa no Google e contato por e-mail para obter cópia de uma dissertação não disponível em PDF • Registros fotográficos e em vídeos. • Transcrições de entrevistas: Com os mestres e membros das bandas.
<p>Metodologias Adotadas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Abordagem baseada no método nomeada como "Estudo de Experivivências: uma transgressão metodológica". • Apoio nas análises das narrativas dos pifeiros das cinco Bandas Cabaçais de São José de Piranhas • Análise dos dados extraídos das "experivivências educativas" • Base na Perspectiva Decolonial e Prática (o que ele "viu, ouviu, sentiu e praticou") com os "teóricos cabaçais" (os próprios membros das bandas). • Ferramentas e Observação: uso de "um olhar sensível para o cotidiano, para os gestos, as expressões, as reações, para os registros fotográficos e em vídeos".
<p>Referencial Teórico:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Ayala e Ayala (1987, 2000); Candau (2007, 2020) (currículo, cultura e ancestralidade) • Certeau (2008) (Práticas do cotidiano) • Freire (1989, 1991, 2020^a, 2020b, 2021) (Pedagogia do oprimido) • hooks (2021) (Ensinar a transgredir) • Inacio (2015a, 2015b) (Narrativa oral) • Larrosa (2019, 2020) (Pedagogia descolonizadora) • Leite (2019), Lyra (2008), Magalhães (2010), Mendes (2012, 2021) (História Bandas de Pifanos) • Libâneo (2010) (Pedagogia aplicada) • Pinto (2019) (Musicalidade e ensino) • Simas (2018, 2019, 2020) e Simas e Rufino (2018, 2020): (Educação e descolonização)
<p>Resumo:</p> <p>A tese de Elinaldo Menezes Braga (2022) investiga as práticas educativas informais e tradicionais das Bandas Cabaçais de São José de Piranhas, Paraíba. Adotando uma metodologia de "experivivências", que busca ir além dos modelos científicos rígidos, o trabalho baseia-se nas narrativas dos pifeiros, registros visuais e documentos para compreender como os saberes são transmitidos e aprendidos nesse contexto cultural. A pesquisa visa a ressaltar a importância da tradição cabaçal, promover o diálogo entre a educação formal e a oral, e estimular reflexões sobre políticas públicas que valorizem essas manifestações culturais.</p>
[2023] TESE - SÃO JOSÉ, ELISSON SOUZA DE
AS REFORMAS POMBALINAS DA INSTRUÇÃO PÚBLICA E AS ORDENS RELIGIOSAS: O CASO DE SERGIPE DEL REY
<p>Fontes Utilizadas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Boletim do Asilo Santo Antônio - Estância-SE- 1914. • Documentações do período colonial.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE (UFS)
<ul style="list-style-type: none"> • Documentos dos acervos da Biblioteca Pública Ehipânio Dórea, Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe • Fotografias relacionadas a temática recuperadas em buscas • Jornal A Razão • Leis, manuscritos e demais documentos da época • Livros, teses, artigos do assunto. • Sites (www.bibliotecas.ufs.br, http://www.bn.br, www.periodicos.capes.gov.br, www.apps.crl.edu/brazilprovincial, http://www.dominiopublico.gov.br, http://pt.wikipedia.org/wiki/Júlio César Machado, http://pt.wikipedia.org/wiki/Emílio Castelar, http://pt.wikipedia.org/wiki/JúlioVerne) • Teses e dissertações de estudiosos da área.
<p>Metodologias Adotadas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Análise documental, baseada nas informações encontradas nos documentos, para construir argumentos. • Busca em sites sobre os sujeitos investigados • Busca no catálogo de teses e dissertações da CAPES. • Dar mais importância às fontes primárias para evitar equívocos ou problemas de interpretação. • Investigação por meio de fontes primárias e secundárias.
<p>Referencial Teórico:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Boto (2010, 2011) História da Educação – séc. XVIII) • Chartier (1990) (construção de sentido, práticas de significado do mundo, rompimento com a ideia de sentido intrínseco dos textos) • Durkheim (2010) (Educação e sociologia) • Thompson (1981) (como ver e interpretar um documento histórico) • Franco e Rita (2003, 2006), Nunes (1996, 2013) (História da Educação e o Pombalismo) • Ludke e André (Pesquisa em Educação) • Nascimento (2003), Nunes (1996, 2008) (História da Educação em Sergipe) • Oliveira (2006, 2010a, 2010b, 2015, 2022) (Literatura, Ensino de línguas, Pombalismo)
<p>Resumo</p> <p>A tese de Elisson Souza de São José (2023) investiga a relação entre as reformas educacionais do Marquês de Pombal e as ordens religiosas católicas em Portugal e, especificamente, em Sergipe Del Rey. O trabalho analisa como a historiografia tem abordado esse período de conflitos e colaborações entre Pombal e ordens como jesuítas, oratorianos, franciscanos, carmelitas e beneditinos, e suas repercussões na educação brasileira e sergipana. A pesquisa destaca o descontentamento de Pombal com o ensino jesuítico e a subsequente tentativa de substituí-los por professores régios. Em Sergipe Del Rey, o estudo aponta para a falta de interesse das autoridades em enviar professores qualificados, o que levou ao não cumprimento das reformas pombalinas na região. A metodologia empregada é a da história cultural, baseada na análise de diversas fontes, tanto primárias quanto secundárias, em formatos físico e digital.</p>
<p>[2022] DISSERTAÇÃO - SANTOS, ALFREDO BEZERRA</p> <p>EDUCAÇÃO, ENSINO E LITERATURA: A TRAJETÓRIA DA PROFESSORA MARIA DA CONCEIÇÃO OURO REIS NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE (1973-1991)</p>
<p>Fontes Utilizadas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Audiovisual (entrevistas do banco de histórias) • Documentação e Memória do Colégio de Aplicação, o Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Colégio de Aplicação (Cemdap) • Documentos de acervos digitais e acervos pessoais diversos • Documentos provenientes do acervo pessoal da professora (Conceição Ouro): projetos, regimento, relatórios, livro de registros, relação do corpo docente e das disciplinas, histórico do colégio, dossiês de estudantes • Entrevistas do "Banco de Histórias do Colégio de Aplicação: Identidade e pertencimento nas memórias de estudantes e professores" • Jornal A Tarde (1980-1990), "Jornal Estudantil Genesis" e Jornal Letras Sergipanas. • Levantamento documental realizado no acervo do Centro de Pesquisa, • Livro de atas, livros didáticos, jornais,

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE (UFS)
<ul style="list-style-type: none"> • Relatos orais coletados em entrevistas com ex-alunos da professora, ex-colegas professores e colegas de publicação.
<p>Metodologias Adotadas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Análise do projeto Laboratório de Criação Literária • Análise documental (aplicada aos registros de imprensa) • Elaboração e entrevistas com ex-alunos, ex-colegas professores e colegas de publicação • Estudo da prática docente. • Identificar as representações em torno dos anúncios referentes à educação na imprensa • Levantamentos no Cemdap • Pesquisa documental em acervos digitais e pessoais • Pesquisa qualitativa
<p>Referencial Teórico:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Bolívar (2002) (estudos sobre a profissão docente) • Bourdieu (1983) (campo, campo literário) • Ferrarotti (2014) (método biográfico). • Ferreira e Amado (Usos & abusos da História Oral). • Ferreira Jr. (História da Educação Brasileira). • Finger (2014) (estudos biográficos, método). • Freitas (2015) (imprensa). • Gonsalves (2012) e Santos (2015) (metodologia, pesquisa documental). • Nóvoa; Finger (O método (auto)biográfico e a formação). • Nunes (Ginásio de Aplicação). • Nunes; Carvalho (Historiografia da educação e fontes). • Oliveira (Intelectuais). • Passeggi, Souza, Vicentini (2011) (estudos biográficos, formação docente). • Reis (2016) (trajetória). • Santos (2015) (pesquisa documental)
<p>Resumo:</p> <p>A dissertação de Alfredo Bezerra dos Santos (2022) compreende a trajetória da professora Maria da Conceição Ouro Reis (1973-1991) e sua relação entre a produção literária e o magistério no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe (UFS). A pesquisa investiga a hipótese de que as atividades didáticas da professora no Colégio de Aplicação foram caracterizadas pelo uso da literatura como recurso para estimular a criação e as práticas de escrita dos estudantes. O estudo, ancorado na História Cultural e utilizando uma metodologia qualitativa com pesquisa documental e história oral, analisou sua formação, produção literária e projetos desenvolvidos. Os resultados confirmam que a professora Conceição Ouro, ao atuar em um colégio de aplicação, promoveu experiências práticas de escrita e literatura, contribuindo para a formação autoral dos alunos e cumprindo o papel pedagógico de tais instituições.</p>
<p>[2023] DISSERTAÇÃO - VIEIRA, PAULO MATEUS SILVA</p>
<p>PRESERVAÇÃO, SENTIDOS E USOS DA MEMÓRIA E HISTÓRIA, O PATRIMÔNIO HISTÓRICO-ESCOLAR EM CENA NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UFS (2000-2022)</p>
<p>Fontes Utilizadas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Documentação e Memória do Colégio de Aplicação da UFS (Cemdap): documentação textual, documentos iconográficos, material bibliográfico, objetos tridimensionais e documentação audiovisual (entrevistas do banco de histórias). • Documentação salvaguardada no Centro de Pesquisa, Centros de memória. correspondências, ofícios, requerimentos, atas, inventários, testamentos, processos, registros paroquiais, periódicos. • Documentos dos projetos de organização e preservação do acervo. • Entrevistas do "Banco de Histórias". • Livros (com aspectos históricos da instituição). • Panfletos, bandeiras, pronunciamentos, cartazes, programas de governo e pesquisas eleitorais • Sites históricos e de alguns colégios de aplicação e/ou redes sociais (Facebook, Instagram e YouTube) • Trabalhos acadêmicos (teses e dissertações sobre a história dos colégios) de: Banco de Teses e Dissertações (BDTD). Repositório Institucional da UFS (RIUFS).
<p>Metodologias Adotadas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Análise das atividades pedagógicas realizadas com o acervo

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE (UFS)
<ul style="list-style-type: none"> • Análise das pesquisas que utilizaram a documentação e gêneros documentais presentes do Cemdap • Análise das práticas preservacionistas e como os trabalhos abordam a preservação • Averiguação da veracidade das fontes. • Busca em Acervos Digitais e Físicos • Classificação das ações em preservação ou difusão. • Cruzamento de informações de fontes. • Levantamento, análise documental e mapeamento das produções acadêmicas.
<p>Referencial Teórico:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Almeida (2011) (fontes digitais e digitalizadas, dissociação suporte físico/conteúdo) • Andrade (2022) (fontes diversas) • Cabral (2023) (organização de arquivo escolar, inventário) • Cabral e Almeida (2022) (instituições-memória) • Cavalcanti (2017) (ambiente virtual como fonte para pesquisa histórica) • Certeau (2011, 2014) (práticas culturais, operação historiográfica, escrita da história) • Chartier (2002, 2011) (materialidade do texto, práticas de apropriação, atos de leitura) • Conceição (2016, 2022) (material bibliográfico, produção de pesquisas, banco de histórias) • Conceição (2016, 2022) (preservação de acervo documental e fontes para pesquisas) • Ginzburg (2012) (paradigma indiciário, método de análise científica, vestígios, indícios) • Mogarro (2005) (acervos e pesquisa) • Raffaini e Vidal (2023) (transformação digital, compreender condições de disponibilização e algoritmos) • Ramos (2021) (materialidade escolar, patrimônio histórico-educativo) • Souza (2013) (preservação) • Vidal (2022) (rigor metodológico em pesquisas digitais, materialidade da tela, algoritmos como dispositivos de sentido, crítica historiográfica no digital, evitar falsa neutralidade do digital). • Zaagsma (2013) (ambiente híbrido do historiador, engajamento crítico com ferramentas digitais, História Digital como reconfiguração da prática historiográfica)
<p>Resumo:</p> <p>A dissertação de Paulo Mateus Silva Vieira (2023) investiga as ações de preservação e difusão da memória institucional e do patrimônio histórico-escolar nos colégios de aplicação das universidades federais do Brasil, com foco no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe (CODAP/UFS) e seu Centro de Pesquisa, Documentação e Memória (Cemdap). O estudo busca analisar como essas instituições estão salvaguardando suas histórias e como os acervos são utilizados para pesquisa, ensino e extensão. Utilizando uma abordagem qualitativa com análise documental, a pesquisa fez um extenso levantamento em acervos físicos e digitais, incluindo teses e dissertações. Os resultados indicam que, embora existam ações de preservação e difusão, há uma necessidade contínua de fortalecer a associação dessas práticas com a noção de patrimônio histórico-escolar e de conscientizar sobre o potencial dos documentos escolares como fontes para a História da Educação.</p>

Fonte: Autoria própria, 2025.

Nota: Elaborado conforme dados extraídos da Plataforma Sucupira e repositórios institucionais das IES, organizados e sistematizados pela pesquisadora.

APÊNDICE D – TESES E DISSERTAÇÕES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DOS PPGS EM EDUCAÇÃO (UFPB, UFPI, UFS)

Este apêndice apresenta a sistematização dos dados extraídos de teses e dissertações defendidas nos Programas de Pós-Graduação em Educação das universidades federais da Paraíba (UFPB), do Piauí (UFPI) e de Sergipe (UFS). O objetivo da coleta foi mapear e organizar a produção acadêmica vinculada à História da Educação, com ênfase nas temáticas investigadas, abordagens metodológicas, recortes históricos e tipos de fontes utilizadas nas pesquisas.

A coleta dos dados foi realizada principalmente por meio da **Plataforma Sucupira**. Contudo, devido às limitações da plataforma, principalmente disponibilizar os trabalhos completos apenas a partir do ano de 2013, fornecendo anteriormente apenas as referências básicas, recorreu-se também aos **repositórios institucionais das universidades** quando os textos completos não estavam disponíveis na Sucupira. Saliencia-se que alguns trabalhos não foram localizados, completos em nenhum dos meios aqui sinalizando, ficando apenas as indicações básicas diagnosticadas na Plataforma Sucupira.

Cada trabalho selecionado foi destacado em negrito e organizados os seguintes campos: AUTOR, TÍTULO, ORIENTADOR, ANO DE DEFESA, FONTES UTILIZADAS e PALAVRAS-CHAVE. A leitura sistemática dos resumos foi fundamental para a extração dessas informações e para a classificação das fontes. As **fontes** utilizadas nas pesquisas foram agrupadas em cinco categorias, conforme indicado nos resumos e/ou metodologias dos trabalhos: (1) FONTES IMPRESSAS: documentos físicos como jornais, livros didáticos, cadernos, atas, cartas e registros manuscritos; (2) FONTES ORAIS: relatos, entrevistas, memórias e outras formas de oralidade registrada; (3) FONTES ICONOGRÁFICAS: fotografias, vídeos, mapas, ilustrações, elementos arquitetônicos e imagens em geral; (4) FONTES DIGITAIS: conteúdos originalmente produzidos em meio digital, como websites, plataformas educacionais, sistemas e formulários eletrônicos; (5) FONTES DIGITALIZADAS: documentos originalmente impressos que foram convertidos para o formato digital, geralmente por escaneamento.

Esta classificação visa explicitar os suportes empíricos mobilizados nas dissertações e teses, favorecendo a análise sobre os modos de fazer historiográfico e os recursos documentais privilegiados no campo da História da Educação nas regiões analisadas. Eventuais lacunas

nos campos informativos refletem a ausência dessas informações nos documentos originais ou não localização do trabalho. Os dados foram registrados tal como constam nas fontes primárias consultadas, respeitando sua integridade e fidelidade.

UFPI – UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ

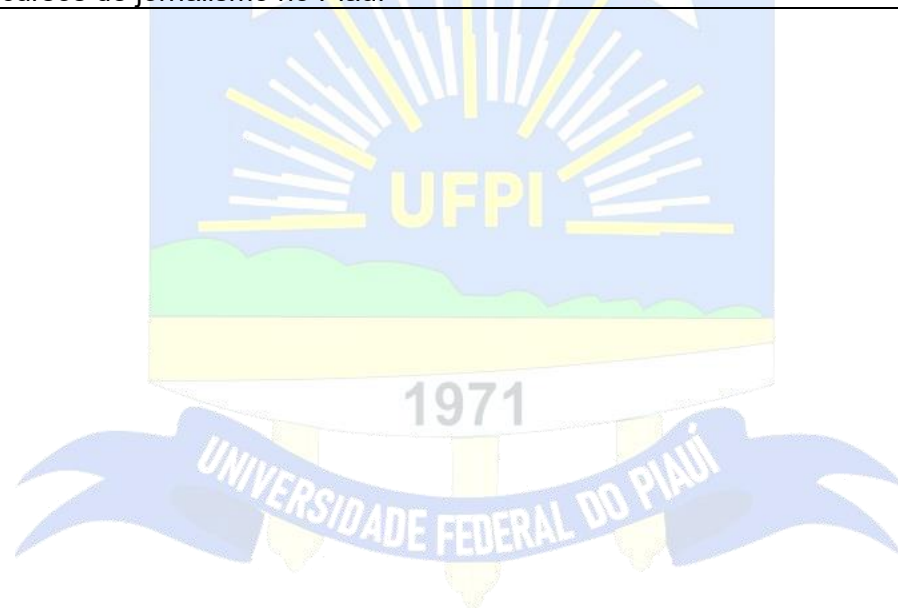
TESES (UFPI)

AUTOR	TÍTULO	ANO	FONTES	PALAVRAS-CHAVE
1 Ana Maria Gomes de Sousa Martins	A formação de professores primários no Piauí (1947–1961): entre as apropriações e mudanças decorrentes da Lei Orgânica do Ensino Normal	2016	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	Formação docente. Ensino Normal. História da Educação.
2 Rozenilda Maria de Castro Silva	A prática educativa na Companhia de Aprendizes Marinheiros do Piauí 1874 a 1915	2017	FONTES IMPRESSAS	História da Educação. Companhia de Aprendizes Marinheiros. Prática educativa. Piauí.
3 Ariosto Moura da Silva	Educação social e escolar, além da luta pela terra: o Quilombo de Sítio Velho, Piauí	2017	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	Educação Quilombola. História da Educação. Educação e território.
4 Maria do Socorro Pereira de Sousa Andrade	A geografia nos Grupos Escolares no Piauí: currículo, prática educativa e cultura escolar (1927–1961)	2019	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	História da Educação. Cultura escolar. Ensino de Geografia.
5 Samara Maria Viana da Silva Lacerda	A prática pedagógica dos professores da educação profissional da Escola Técnica Federal do Piauí (1967–1999)	2021	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	Educação Profissional. História da Educação. Prática pedagógica. Formação docente.
6 Camila Betina Ropke	Agenor Abreu: um mestre da cultura piauiense entre palcos, aulas de música e pesquisas	2023	FONTES ORAIS FONTES ICONOGRÁFICAS FONTES DIGITAIS ⁵⁷	História Cultural, História da Educação Musical, Cultura Piauiense, Entrevistas Narrativas, Mestre Agenor Abreu.
7 Teresinha de Jesus Araújo Magalhães Nogueira	Instituições confessionais em Corrente (PI): história e memória: práticas educativas e formação de professores	2014	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	História da Educação. Instituições confessionais. Formação docente.
8 Rosângela Pereira de Sousa	Trajetórias formativas de professoras alfabetizadoras: memórias de leitura e práticas pedagógicas	2014	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	Formação de professores. Memória. Práticas leitoras. Práticas pedagógicas.
9 Cristiane Feitosa Pinheiro	Entre o giz e a viola: práticas educativas do mestre-escola Miguel Guarani, no Vale do Guaribas/PI (1938–1971)	2017	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	História da Educação Rural. Práticas educativas. Educação popular.
10 Amada de Cássia Campos Reis	O ensino secundário ginasial no Piauí republicano: revelando a cultura escolar do Ginásio Municipal Oeirense (1952–1969)	2017	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS FONTES DIGITAIS ⁵⁸	História da Educação. Instituição escolar. Cultura escolar. Ensino secundário. Curso ginasial.

⁵⁷ As informações obtidas nas entrevistas foram analisadas em conjunto com outros documentos, são eles: o CDs Canto Guabes, Candeeiro do Folclore, Projeto Sopro de Taboca; o DVD Piauiensidades; um método para o ensino de pífano, fotos dos arquivos pessoais de Mestre Agenor, fotos registradas pela pesquisadora e **reportagens de imprensa disponibilizada na web.**

⁵⁸ Faz-se uso dos procedimentos metodológicos da pesquisa bibliográfica, documental e da história oral, empregando uma abordagem qualitativa no tratamento de fontes variadas localizadas nas bibliotecas e arquivos públicos e nos depoimentos dos ex-alunos e ex-professores do GMO, obtidos através de entrevistas e por meio de **ferramentas virtuais on-line.**

	AUTOR	TÍTULO	ANO	FONTES	PALAVRAS-CHAVE
11	Anneht Cardoso Basílio da Silva	Histórias de vida, formação profissional e identidade de enfermeiras professoras	2019	FONTES IMPRESSAS FONTES ICONOGRÁFICAS FONTES ORAIS	História da Enfermagem. Formação docente. Identidade profissional.
12	Vilma da Silva Mesquita Oliveira	Jogos, brincadeiras e recreação: história e memória de práticas lúdicas no ensino primário no Piauí (1932–1961)	2019	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	História da Educação. Ensino primário. Práticas lúdicas.
13	Magnaldo de Sá Cardoso	Entre trajetórias e vidas de professores: história do Centro de Tecnologia da UFPI (1975–2007)	2020	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	História da Educação. Formação docente. Memória. UFPI.
14	José Marcelo Costa dos Santos	Ser e tornar-se professor/a nas travessias de Ilha Grande do Piauí (1960–1996): memórias em correntezas poéticas	2020	FONTES IMPRESSAS FONTES ICONOGRÁFICAS FONTES ORAIS	História da Educação. Memória docente. Formação ribeirinha. Cultura popular.
15	Maria Dalva Fontenele Cerqueira	Disciplina, apuro e elegância: a cultura escolar no curso ginásial do Ginásio São Luiz Gonzaga (1939–1971)	2021	FONTES IMPRESSAS FONTES ICONOGRÁFICAS FONTES ORAIS	Cultura escolar. Ensino ginásial. História da Educação. Piauí.
16	Mayara Sousa Ferreira	Bloco, caneta e diploma na mão: história dos cursos de jornalismo no Piauí	2022	FONTES ORAIS FONTES IMPRESSAS	cursos de jornalismo; formação docente; história da educação; práticas educativas; Piauí.



DISSERTAÇÕES (UFPI)

	AUTOR	TÍTULO	ANO	FONTES	PALAVRAS-CHAVE
1	Samara Mendes Araújo Silva	À luz dos valores religiosos: escolas confessionais católicas e a escolarização das mulheres piauienses (1906 – 1973)	2007	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	história da educação. educação feminina. instituição escolar confessional.
2	Welbert Feitosa Pinheiro	De Tamboril a Isaías Coelho: a educação dos mestres-escola ao grupo escolar (1935 A 1970)	2007	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	Sociedade piauiense. Processo educacional. Isaías Coelho. Mestres-escola. Casa-escola. Salão-escola. Grupo escolar.
3	Odaléia Alves Da Costa	A produção de uma disciplina escolar e os escritos em torno dela: os estudos sociais do Maranhão	2008	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	Livro didático. Disciplina escolar. Estudos Sociais do Maranhão.
4	Ana Maria Gomes de Sousa Martins	Os discursos sobre a educação no Piauí: reflexos dos ideais da Escola Nova – 1920 a 1947	2009	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	Educação, Escola Nova, Elite intelectual.
5	Benedita Severiana de Sousa	As escolas do Programa de Expansão e Melhoria do Ensino (PREMEN) em Teresina 1982 a 2000	2009	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	Memória. Ensino. Profissionalizante. PREMEN. Professores.
6	João Batista da Silva	A trajetória das escolas da Campanha Nacional de Escolas da Comunidade - CNEC no Piauí: 1952-1997	2010	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	Educação. História. Piauí. Educação Comunitária. Memória.
7	José Carlos de Sousa	A história da educação física como disciplina escolar no Piauí: de 1939 a 1975	2010	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	História da Educação Física, Educação Física Escolar. Formação de Professores.
8	Gilberto Escórcio Duarte Filho	Porta-vozes da conquista da riqueza: o ensino Comercial e a escola União Caixeiral de Parnaíba (1918 -1950)	2010	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	História. Educação. União Caixeiral. Parnaíba.
9	Maria do Perpétuo Socorro Castelo Branco Santana	A constituição da rede escolar e a prática das professoras primárias na zona rural do Piauí nos anos de 1940-1970	2011	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	Educação Rural. Ensino Primário. Professoras Primárias.
10	Roldão Ribeiro Barbosa	Da Faculdade de Formação de Professores ao Centro de Estudos Superiores: uma história da	2011	FONTES IMPRESSAS	História da Educação. Formação de professor. Ensino superior.

AUTOR	TÍTULO	ANO	FONTES	PALAVRAS-CHAVE
	instalação e consolidação do ensino superior em Caxias			
11 Romildo de Castro Araújo	A constituição do corpo docente do ensino secundário no Piauí (1942-1982)	2012	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	História da Educação. Ensino Secundário. Professores.
12 Elizânia Sousa Nascimento	Desbravando inteligências para o desenvolvimento: o Projeto Bandeirante e a expansão do ensino secundário no Maranhão (1968-1973)	2013	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	História. Memória. Ensino Secundário. Cultura Escolar.
13 Maria do Socorro Meireles Rodrigues	Do ensino normal ao pedagógico: história e memória das instituições escolares de formação de professores em Parnaíba (1927-1982)	2013	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	História da Educação. Ensino Normal. Instituições Escolares. Parnaíba.
14 Cristiano de Assis Silva	A constituição da rede escolar de Timon - MA: do Grupo escolar ao Ginásio Bandeirante (1942-1971)	2014	FONTES IMPRESSAS	Educação-História- Maranhão. Educação- História-Timon (MA). História da Educação.
15 Suely Barbosa de Moura	O Colégio São José e a formação das professoras normalistas em Caxias – Maranhão: formando para a igreja, para a pátria e o lar (1949 – 1972)	2014	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	Escola Normal. História da educação. Ensino Confessional.
16 Cleidiane de Carvalho Pereira	O ensino primário noturno nas reformas educacionais no Piauí (1871-1933)	2016	FONTES IMPRESSAS	Ensino Primário Noturno. História da Educação. Reformas Educacionais no Piauí.
17 Mariane Vieira da Silva	Impor, organizar, velar, cumprir e dirigir: a direção escolar no ensino primário piauiense (1910-1947)	2017	FONTES IMPRESSAS FONTES DIGITAIS ⁵⁹	História da Educação; Direção escolar; Instituições escolares; Piauí
18 Juliana Brondani da Costa	Ginásio Parnaibano: história e memória (1927-1959)	2017	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	História, memória, Ginásio Parnaibano, ensino secundário.
19 Enayde Fernandes Silva	As políticas públicas para o ensino primário no meio rural piauiense (1964-1983)	2018	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	Piauí. Rural. Políticas Públicas. Ensino Primário.

⁵⁹ A metodologia empregada para a realização do mesmo contou com pesquisas de documentos impressos e manuscritos – leis, decretos e relatórios de inspeção – e fontes hemerográficas no Arquivo Público do Piauí, site da Biblioteca Nacional e no site da Câmara dos Deputados.

	AUTOR	TÍTULO	ANO	FONTES	PALAVRAS-CHAVE
20	Higo Carlos Meneses de Sousa	Um ginásio para mocidade picoense: Cultura escolar de uma instituição de ensino secundário (1950-1971)	2019	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	Ginásio Picoense; Cultura escolar; Instituição Educativa.
21	Kilenne Lys Silva Bastos	Do normal regional às licenciaturas curtas: história e memória da formação de professores em Imperatriz, MA (1960-1981)	2021	FONTES IMPRESSAS FONTES DIGITAIS ⁶⁰	Curso Normal; Formação de Professores; História da Educação
22	Jéssica Assunção Leal	Constituição da rede escolar municipal de Timon (Maranhão): de 1943 a 1967.	2023	FONTES DIGITAIS FONTES IMPRESSAS ⁶¹	História da Educação. Timon. Educação. Município.
23	Francisca Verônica Pontes Vasconcelos	Educação, gênero e religião: um estudo sobre a formação de professoras no Curso Normal do Patronato Sousa Carvalho em Ipu-Ceará (1951-1985).	2023	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	História da educação, educação feminina, instituição confessional católica, Escola Normal, Ipu-CE.
24	Antonio Maureni Vaz Verçosa de Melo	Os alicerces da educação superior no Piauí: uma avaliação das experiências das faculdades de Direito e Católica de Filosofia (1930 – 1970)	2006	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	História. Educação. Direito. Filosofia. Ensino Superior. Avaliação
25	Camila Oliveira Neves	A expansão da escolarização primária pública piauiense (1900-1946)	2017	FONTES IMPRESSAS	Expansão. Ensino Primário. Piauí.
26	Raimundo Nonato de Sousa Neto	Entre salas, livros e jardins: produção intelectual e trajetória da professora Conceição Carvalho na Universidade Federal do Piauí (1974-1995)	2019	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	História das intelectuais, Gestão do ensino superior, Redes de sociabilidades
27	Juniel Pereira da Silva	Casa de Sons - Escola de Música de Teresina (1981–1991): sujeitos e práticas educativas entre salas e palcos	2020	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	História da educação musical. História das instituições escolares. Escola de música de Teresina.

⁶⁰ Como fontes, utilizamos: documentos oficiais, legislação educacional, obras de escritores locais, atas de resultados finais, fichas de matrículas, históricos escolares, certificados e diplomas, boletins de notas, cópias de certidões de nascimento, regimentos e resoluções de curso, grade curricular, bem como fotografias pertencentes a acervos públicos e particulares, entrevistas semiestruturadas e **formulários utilizando as tecnologias digitais** como forma de acesso aos participantes da pesquisa.

⁶¹ Foram consultados documentos como, decretos, leis, projetos de lei, censos, anuários, atas, jornais disponibilizados **no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, do portal do Planalto do Governo Federal e do Senado Federal, no Acervo Digital da Biblioteca Benedito Leite**, além do Arquivo da Câmara de Vereadores de Timon, do Arquivo Público de Teresina e do Arquivo Público do Maranhão.”

AUTOR	TÍTULO	ANO	FONTES	PALAVRAS-CHAVE	
28	Paulo Henrique Sousa Dantas	Circulação dos saberes Jazzísticos em Teresina: viagens de formação, eventos culturais e produções fonográficas (1992-2002).	2021	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	História da Educação. Educação Musical. História da Educação Musical. Circulação de Saberes. Jazz. Teresina
29	Ricardo dos Santos Alencar	História da Educação Musical (2015 – 2021): caminhos e espaços da produção intelectual.	2022	FONTES DIGITAIS ⁶²	História da Educação Musical. Produção intelectual. História oral.
30	Erica Oliveira Paixão	Licenciatura em Música da Universidade Federal do Piauí – UFPI (2009-2015): criação, implementação e reconhecimento	2022	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	História da educação Musical, Licenciatura em Música; Universidade Federal do Piauí
31	Fátima Letícia da Silva Gomes	Processo de escolarização dos surdos no Piauí: história e memória da Escola de Educação Especial Prof. ^a Consuelo Pinheiro (1970 -1996)	2019	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	História da educação. Instituição escolar. Educação de surdo.
32	Rogério de Medeiros Silva	O ensino secundário no Piauí em páginas de jornais (1942 – 1971)	2020	FONTES IMPRESSAS FONTES DIGITAIS ⁶³	História da educação. Ensino secundário. Imprensa piauiense
33	Thais Batista Rabêlo	Profissão Docente no Piauí: notícias, mensagens e discursos (1910- 1946).	2021	FONTES IMPRESSAS FONTES DIGITAIS ⁶⁴	História da Educação; profissão docente; imprensa
34	Juliana Assunção Oliveira	“As luzes do saber”: cultura escolar do Ginásio José Narciso da Rocha Filho (1961-1971).	2022	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	Ginásio Piriapiense. Cultura Escolar. Cultura Material E
35	Danila da Silva Nascimento Gomes	Grupo Escolar Coelho Rodrigues: um estudo histórico sobre a cultura escolar primária na cidade de Picos/PI (1954-1971).	2022	FONTES IMPRESSAS	Cultura escolar. Ensino Primário. Grupo Escola

⁶² Neste sentido, os dados foram obtidos por meio de revisão de literatura dos **arquivos digitais da Associação Brasileira de Educação Musical – ABEM e da Sociedade Brasileira de História da Educação – SBHE**, por meio dos livros “Ecos e Memórias: histórias de ensinamentos, aprendizagens e músicas” (2019) e “Sons de Outrora em reflexões atuais: história da educação e música” (2020), como também, considera o dossiê “Polifonias em saberes: música, educação e história” (2021), da revista Caminhos da Educação: diálogos, culturas e diversidades.

⁶³ A pesquisa parte de estudo bibliográfico e hemerográfico/documental, por meio de notas de jornais coletadas no Arquivo Público do Piauí, Casa Anísio Brito e no **sítio eletrônico do Projeto Memória do Jornalismo Piauiense**, nos seguintes noticiosos: Gazeta, A Luz, O Dia, O Dominical, o Estado, Renascimento, O Piauí e O Cálamo.

⁶⁴ Para a realização do estudo, foram utilizadas fontes hemerográficas (notícias e discursos jornalísticos) e mensagens governamentais, encontradas nos seguintes jornais: “Correio de Oeiras”, “Semana”, “Diário do Piahy”, “Litericultura”, “Alto Longá”, “O Nordeste”, “O Piahy”, “A Luz”, “Diário Oficial”, “O momento”, “Monitor Comercial”, “O Fanal”, “A Escola”, “Vanguarda” e “Gente Nova”, dispostos no **Acervo Virtual do Jornalismo Piauiense** e no Arquivo Público do Piauí — Casa Anísio Brito.

AUTOR	TÍTULO	ANO	FONTES	PALAVRAS-CHAVE
36 Luzifrank Junior de Sousa	Formando profissionais para o município modelo: cultura escolar do Colégio Comercial de Picos – PI	2023	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	Ensino Comercial; Cultura Escolar; Instituição Escolar.
37 Hellen Silva Carneiro Ferreira	Representações da educação em páginas de jornais maranhenses (1942-1946)⁶⁵	2023	FONTES DIGITALIZADAS⁶⁶	educação; imprensa; Reforma Capanema; Jornais; Maranhão
38 Teresinha de Jesus Araújo Magalhães Nogueira	Educação superior no extremo sul piauiense (1986 - 2005): história e memória	2006	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	Educação Superior. Interiorização. História. Memória.
39 Amada de Cássia Campos Reis	História e memória da educação em Oeiras - Piauí	2006	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	Educação. História. Memória. Oeiras.
40 Maria Inêz Bandeira de Vasconcelos	Liceu Piauiense (1845-1970): desvendando aspectos de sua história e memória	2007	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	Educação. História. Memória. Liceu Piauiense.
41 Cristiane Feitosa Pinheiro	História e memória da escola normal oficial de Picos (1967-1987)	2007	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	Educação, Escola Normal Oficial de Picos, memória, normalistas, cotidiano, cultura escolar, constituição do sujeito.
42 Zélia Maria Carvalho e Silva	História e memória da educação infantil em Teresina: Piauí (1968 – 1996)	2008	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	Educação Infantil. História. Memória. História da Educação no Piauí. Teresina.
43 João Valter Ferreira Filho	História e memória da Educação Musical no Piauí: das primeiras iniciativas à universidade	2009	FONTES IMPRESSAS FONTES DIGITALIZADAS⁶⁷	Educação. História e Memória. Educação Musical no Piauí.

⁶⁵ **Trabalho completo indisponível**, tanto no Repositório da UFPI, quanto na Base de Teses e Dissertações da Capes, consulta e dados extraídos do Resumo das dissertações por ano do repositório disponibilizado no site do PPGED/UFPI.

⁶⁶ Buscamos Relatórios com Leis e Decretos, entre os anos de 1942-1946, que serviram como corpus documental da política educacional maranhense; e as notícias contidas nos jornais Boletim Informativo da Convenção Batista Maranhense (1943), Jornal do Comércio (1944), Jornal A Tarde (1946), Jornal O Irapuru (1946) e Jornal Alvorada (1946) impressos **disponíveis na plataforma digital da Biblioteca Pública Benedito Leite**.

⁶⁷ Somadas às fontes bibliográficas, encontram-se também fontes documentais e iconográficas, localizadas em diversos acervos públicos e particulares, além de depoimentos orais, coletados por meio de entrevistas semi-estruturadas e depoimentos escritos, sob a forma de questionários e memoriais. A pesquisa também empreende um trabalho de **digitalização dos vários documentos oficiais, hemerográficos e iconográficos** constantes nos arquivos do DMA, do CCE e nos diversos acervos particulares visitados, assim como de planos de curso, atas de reuniões, relatórios, panfletos, cartazes etc., relacionados à Educação Musical ao longo da História do Piauí.

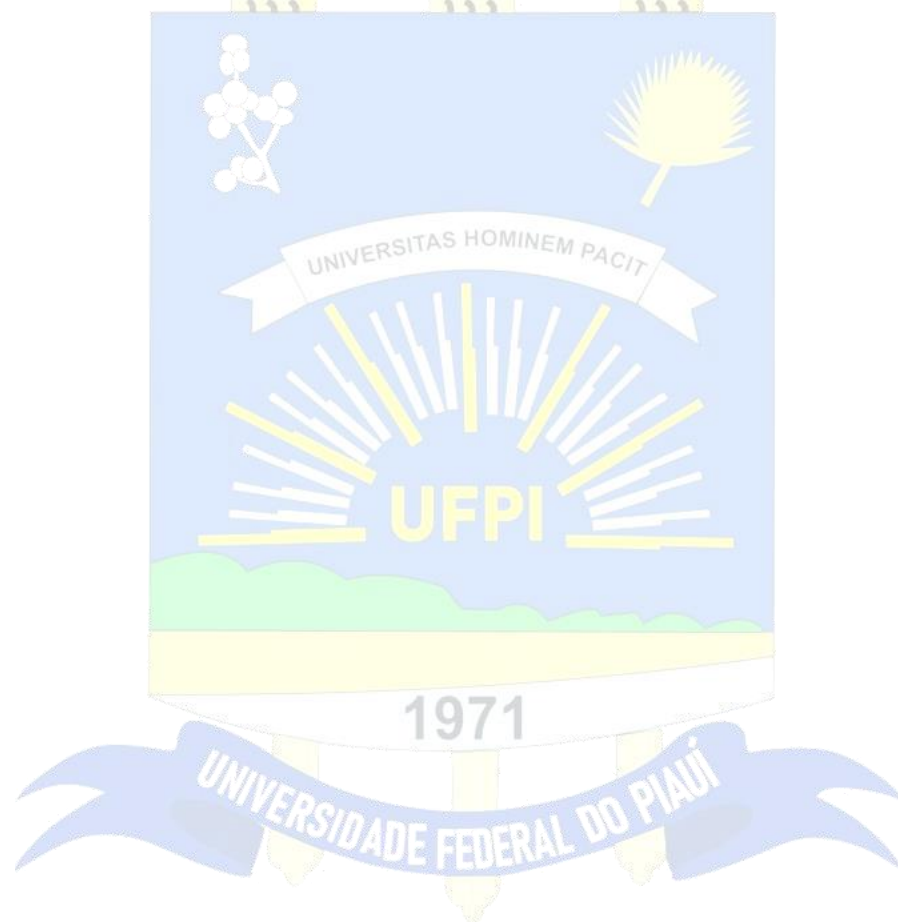
	AUTOR	TÍTULO	ANO	FONTES	PALAVRAS-CHAVE
44	Anneth Cardoso Basílio da Silva	O ensino de enfermagem no Piauí: história e memória	2009	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	Educação. Enfermagem. História. Memória.
45	Francisca das Chagas Lopes Campos	Campus Ministro Reis Velloso (UFPI): história e memória	2010	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	Universidade. CMRV. Ensino Superior.
46	Rosa Maria Borges de Queiroz Rosado	Educação Especial no Piauí – 1968 a 1998: reflexões sobre sua história e memória	2010	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	Educação especial. História. Memória.
47	Samara Maria Viana da Silva	Um olhar sobre si: História e Memória da Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação na UFPI	2011	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	História. Memória. Implantação. Mestrado em Educação. Pós-Graduação.
48	Maria do Rosário de Fátima Vieira da Silva	Mulher afrodescendente na docência superior em Parnaíba: memórias da trajetória de vida e ascensão social	2012	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	Mulher Afrodescendente. Raça. Gênero. Docência Superior. Educação.
49	Edilene Lima da Silva	Educação feminina no ensino secundário piauiense: da escolarização à profissionalização (1960-1982)	2012	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	História da Educação. Gênero. Mulheres. Escolarização. Profissionalização.
50	Maria do Amparo Holanda da Silva	História e Memória das Primeiras Instituições Escolares de José de Freitas – PI (1928 – 1971)	2012	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	História da Educação. Instituições escolares. Memórias. Cotidiano Escolar.
51	Idelcelina Barros Ximenes	História e memória do ensino jurídico no Piauí: a Faculdade de Direito – FADI (1931 a 1970)	2013	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	Ensino Jurídico. Memória. História do Direito. Piauí
52	Vilma da Silva Mesquita Oliveira	Os jogos e brincadeiras na educação primária de Teresina: História e Memória (1930-1961)	2014	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	Jogos e Brincadeiras. Educação Primária. História - Teresina. Memória.
53	Francisco Gomes Vilanova	Memórias de professoras piauienses: itinerários escolares e experiências docentes (1940-1970)	2014	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	Memórias de Professores. Itinerários Escolares. Experiências Docentes. Cotidiano escolar.
54	Rejania Rebelo Lustosa	História e memória do Projeto Minerva em Teresina: a educação nas ondas do rádio (1971-1982)	2014	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	Educação de Jovens e Adultos. Projeto Minerva. Rádio. Teresina- Piauí.
55	Maria Solange Rocha da Silva	História e memória do cotidiano escolar: lembranças literárias de escola (1867 – 1920)	2015	FONTES IMPRESSAS	História. Memória. Literatura. Escola. Educação.

	AUTOR	TÍTULO	ANO	FONTES	PALAVRAS-CHAVE
56	Amanda Ribeiro da Silva	Entre versos e violas: história e memória do Projeto Cordel nas escolas (1990-2007)	2016	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	Educação. História. Memória. Literatura de cordel.
57	Vilmara da Silva	O ensino primário piauiense nos anos de 1930 a 1940: o currículo como fonte de renovação da instituição pública”	2016	FONTES IMPRESSAS	Fontes documentais; Ensino primário; Currículo.
58	José Marcelo Costa dos Santos	Entre letras e cantos: Educação, História e Memória cultural de ilha grande o Piauí na literatura griô de Zé Santana	2017	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	Cultura; Educação; Ilha Grande do Piauí; História; Zé Santana.
59	Marta Susany Moura Carvalho	A educação piauiense nas fontes literárias: do professor leigo ao professor normalista (1910 a 1930)	2018	FONTES IMPRESSAS	História da Educação. Memória. Literatura. Normalistas. Professor Leigo.
60	Maria Alda Pinto Soares	“A Escola” em manchete: educação e sociedade codoense (1916 - 1920)	2018	FONTES IMPRESSAS E FONTES DIGITALIZADAS⁶⁸	História da Educação; Imprensa Escolar; Fontes Hemerográficas; Codó - MA.
61	Elisângela Maria Silva	Grupo Escolar Padre Delfino (1958-2016) – história e memória	2018	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	História da educação. Memória. Instituição escolar. Grupo escolar. Timon.
62	Jalinson Rodrigues de Sousa	A escola do estabelecimento rural de São Pedro de Alcântara, no Piauí: implantação e funcionamento de um projeto educacional para negros libertos pela Lei do Ventre Livre (1871 – 1888)	2020	FONTES IMPRESSAS FONTES DIGITALIZADAS⁶⁹	Educação. História. Negros. Piauí.
63	Jennyane Vasconcelos Ramos de Moura Rufino	A Educação Extraescolar do Movimento Escoteiro do Piauí (1930- 2020): História e Memória”	2021	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	Educação. Movimento Escoteiro. Cultura educacional escoteira. História e Memória.
64	Raylana Scarlett Veloso Santos	A trajetória histórica da Campanha Nacional de Escolas da Comunidade (Cnec) no Piauí: 1943 – 2020	2021	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	História da Educação; Campanha Nacional de Escolas da Comunidade; Piauí; Instituições Escolares

⁶⁸ “[...] utilizando-se de fontes documentais os jornais: “A Escola”, “Correio do Codó”, “O Monitor Codoense”, “Diário do Maranhão”, “O Jornal”, **dispostos no acervo digital e obras raras da Biblioteca Pública Benedito Leite e na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional**, bem como arquivos do Instituto Histórico Geográfico do Codó, da Academia Maranhense de Letras, do Instituto Histórico Geográfico do Maranhão, fontes hemerográficas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e de arquivos pessoais cedidos à pesquisa.”

⁶⁹ As fontes de pesquisas foram: Arquivo Público do Estado do Piauí, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, **hemeroteca da Biblioteca Nacional**.

	AUTOR	TÍTULO	ANO	FONTES	PALAVRAS-CHAVE
65	Jamylle Torres Viana Vieira de Alencar Leite Lima	As práticas educativas das Escolas Dominicais das Igrejas Presbiterianas de Teresina (1936-2019).	2022	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	História da Educação, Nova História Cultural, Igreja Presbiteriana do Brasil, Escola Dominical, Práticas Educativas
66	Francisco Alex da Silva Matos	História e memória do Grupo Escolar Urbano Santos - Timon, Maranhão, 1942 a 2024.	2023	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	História das instituições escolares, grupos escolares, Grupo Escolar Urbano Santos, Timon



TESES (UFPB)

	AUTOR	TÍTULO	ANO	FONTES	PALAVRAS-CHAVE
1	Maria de Fátima Vieira Cartaxo	Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher de Cajazeiras: espaço educativo de empoderamento e/ou submissão	2011	-	-
2	Jussara Natalia Moreira Belens	Sob a torre de marfim: a Escola Técnica Redentorista, um lugar de memórias, estratégias e práticas de gênero – Campina Grande – PB	2013	FONTES IMPRESSAS FONTES ICONOGRÁFICAS FONTES ORAIS	ETER. Poder disciplinar. Gênero. Ensino Profissionalizante. Estratégia. Prática.
3	Francymara Antonino Nunes de Assis	Práticas educativas no Cariri paraibano: histórias e memórias da educadora Estelita Antonino de Souza (1947-1991)	2014	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	Educação Católica; Educadora; Práticas Educativas; Cultura Escolar.
4	Daniella de Souza Barbosa	Zilma Gurgel Cavalcante e a criação da Universidade Sem Fronteiras no Brasil (1943 - 1998)	2014	USO DE FONTES IMPRESSAS	Zilma Gurgel Cavalcante. Universidade Sem Fronteiras. História da Educação.
5	Alessandra Giuliani Pimenta	(Des)caminhos da pós-graduação brasileira: o produtivismo acadêmico e seus efeitos nos professores pesquisadores	2014	USO DE FONTES IMPRESSAS	Produtivismo Acadêmico. Pós-Graduação. Professores Pesquisadores. Analítica Foucaultiana.
6	Jose Gledison Rocha Pinheiro	O Diário de Dalila: poética, testemunho e tragédia na formação escola novista do indivíduo moderno (1933-1934)	2015	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	Diário. Formação. Aluno. Modernidade. Escola Nova.
7	Cristiane de Souza de Menezes	Colégio Estadual de Olinda: a educação secundária no município de Olinda/PE (1960-1984)	2015	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	História das Instituições Escolares; Educação Secundária; Ensino Normal; História Oral.
8	Larissa Meira de Vasconcelos	Homens em reclame! Educação e masculinidades em anúncios publicados durante o estado novo (1937-1945)	2018	USO DE FONTES IMPRESSAS	Masculinidades. Pedagogia Cultural. Estado Novo. Revista Careta.
9	Iolanda de Sousa Barreto	A guardiã: um retrato histórico e (auto)biográfico de Maria Fernandes de Queiroga (Irmã Ana Osf) – 1949 a 2019	2019	FONTES IMPRESSAS FONTES ICONOGRÁFICAS FONTES ORAIS	Práxis educativa; Grupos-referência; (Auto)biografia

	AUTOR	TÍTULO	ANO	FONTES	PALAVRAS-CHAVE
10	Rosicleide Henrique da silva	Golpe civil-militar: apoio de estudantes, mulheres e imprensa	2019	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	Memória de Estudantes; Mulheres; Imprensa; Golpe civil-militar; Revolução de 64; Paraíba.
11	Ajanayr Michelly Sobral Santana	Atuação do centro estudantil campinense: movimento estudantil, projetos educacionais e culturais políticas em campina grande (1945-1964).	2020	FONTES IMPRESSAS FONTES ICONOGRÁFICAS FONTES ORAIS	Centro Estudantil Campinense; Movimento estudantil; Prensa; Memória
12	Enoque Bernardo santos	A trajetória profissional e a prática docente de Nini Paes de Araújo em Itabaiana/PB (1945-1988)	2021	FONTES IMPRESSAS FONTES ICONOGRÁFICAS FONTES ORAIS	Prática docente; Formação Católica; Escola novismo; Biografia; Nini Paes de Araújo
13	Raquel do Nascimento Sabino	O professor Afonso Pereira da Silva e a expansão da educação na Paraíba (1954- 1974)	2021	FONTES IMPRESSAS FONTES ICONOGRÁFICAS	Intelectual; Educação; Professor Afonso Pereira da Silva; História da Educação
14	Thayana Priscila Domingos da Silva	Escola de aplicação da paraíba: representação da cultura escolar primária (1935-1946)	2022	FONTES IMPRESSAS FONTES ICONOGRÁFICAS	Escola de Aplicação; Ensino Primário; Instituição Escolar; Cultura Escolar; Campo de Experimentação.
15	Maria Luciene Ferreira Lima	Gênese da educação profissional feminina no Ceará: o Colégio de Economia Doméstica Rural no município de Iguatu (1955 – 1983)	2023	FONTES IMPRESSAS	Educação Feminina; Instituição Escolar; Ensino Agrícola; Economia Doméstica; História da Educação
16	Thais Jussara de Oliveira Guedes Isidro	Nena Garcez: pioneirismo e missão educacional (1898 a 1937)	2023	FONTES IMPRESSAS FONTES ICONOGRÁFICAS	Biografia. História de Vida; Umbelina Garcez; Mamanguape-PB.
17	Danielle Ventura de Lima Pinheiro	Colégio Lourdinias na Capital Paraibana: um Modelo Educacional para um público feminino pessoense (1939-1999)	2018	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	Colégio Lourdinias; História da educação; Educação católica
18	Helcia Macedo de Carvalho Diniz e Silva	Representação de Professor em As Aventuras de Telêmaco: Material de Instrução no Lycêo Parahybano (1836-1853)	2019	FONTES IMPRESSAS	Livro de leitura; Romance de educação; Material de instrução; Brasil Império
19	Jorilene Barros da Silva Gomes	“A Graça de Deus Cumpre Associar a Elaboração do Homem”: Projeto de Educação Familiar da União dos Moços Católicos	2020	FONTES IMPRESSAS	Igreja Católica; Moços Católicos; Educação; Família.

AUTOR	TÍTULO	ANO	FONTES	PALAVRAS-CHAVE
	no jornal A Imprensa (1931-1942)			
20 Arthur Rodrigues de Lima	Felipe Tiago Gomes e a produção do Homem Instituição na Campanha Nacional de Escolas da Comunidade (1943-1997)	2023	FONTES IMPRESSAS FONTES DIGITALIZADAS ⁷⁰	Felipe Tiago Gomes; História dos intelectuais; Representação.
21 Pamella Tamires Avelino de Sousa	Normalistas Campinenses: o Projeto Curricular da Escola Normal Estadual de Campina Grande-PB (1960 - 1971)	2023	FONTES IMPRESSAS FONTES ICONOGRÁFICAS	Escola Normal; Jornal; Currículo; Formação de Professoras; Normalistas; Representação.
22 Nilvanda Dantas Brandão	Trajétoria Intelectual de José Américo de Almeida: contribuições para o pensamento social brasileiro	2012	FONTES IMPRESSAS	Trajétoria intelectual Pensamento Social Brasileiro Democracia Miscigenação Campo e Habitus
23 Mariza Silva de Araujo	Contribuições do intelectual e educador Manoel Dantas para a instrução pública no Rio Grande do Norte (1889 a 1923)	2016	FONTES IMPRESSAS	Manoel Dantas; Diretor de Instrução Pública; rede de sociabilidades.
24 Maira Lewtchuk Espindola	As experiências dos intelectuais no processo de escolarização primária na Parahyba (1824-1922)	2017	FONTES IMPRESSAS	Professores de primeiras letras; Educação; Profissão docente; Intelectuais; Nação
25 Ramon de Alcantara Aleixo	A construção do “Novo Nordeste” no concerto do ensino superior: intelectuais, política e educação na URNe.	2018	FONTES IMPRESSAS	Ensino Superior. Desenvolvimento regional. URNe. Intelectuais
26 Ingrid Karla Cruz Biserra	“Conselhos e instruções a ti, professor”: a imprensa pedagógica da Paraíba como lugar de atuação e formação docente em torno das ideias renovadoras (1919-1942)	2019	FONTES IMPRESSAS	Professores; Intelectuais; Ideias renovadoras; Imprensa pedagógica
27 Amanda Sousa Galvncio	Defesa a trajetória intelectual de Eudésia Vieira no século XX: educação, feminismos e história pátria (1921-1955).	2019	FONTES IMPRESSAS	Mulheres intelectuais; Eudésia Vieira Educação.; Feminismos.; História Pátria.

⁷⁰ São analisados documentos e impressos institucionais, como a Coletânea Cenecista, publicada em 1994 e CNEC em Revista, de 1983, e periódicos captados na Hemeroteca Digital Brasileira

AUTOR	TÍTULO	ANO	FONTES	PALAVRAS-CHAVE
28	Pavula Maria Sales Nascimento A voz do outro: classificação, governo e infância anormal escolar nos discursos médico-pedagógicos (1900-1920)	2020	FONTES IMPRESSAS	1. Infância anormal;2. Governamentalidade;3. Governo;4. Educação.
29	Andressa Barbosa de Farias Leandro A grande obra educadora”: a Associação de Escoteiros do Alecrim / Natal-RN (1919-1967)	2020	FONTES IMPRESSAS	Associação de Escoteiros do Alecrim; Intelectual; Professor Luiz Soares.
30	Daniela Medeiros da Silva Na trama do Arquivo: a trajetória de Edvaldo de Sousa do Ó (1929 – 1993)	2021	FONTES IMPRESSAS FONTES ICONOGRÁFICAS	Educação Superior; Campina Grande (PB);Sociabilidades; Microclima Intelectual; Edvaldo de Souza do Ó; Trajetória Intelectual
31	Suenya do Nascimento Costa Aulas noturnas e ensino prisional: iniciativas de uma educação popular na Parahyba do Norte (1870-1889)	2022	FONTES IMPRESSAS	Aulas Noturnas; História da Educação; Trabalho; Educação Popular; Prisões; Império
32	Cleofas Lima Alves de Freitas Junior Educar e Civilizar o Brasil na obra do médico missionário João Gomes da Rocha: um intelectual da educação protestante (1924-1957)	2023	FONTE NÃO INFORMADA	Civilização Protestante; Intelectual Protestante; História da Educação; Protestante
33	Rogério de Araujo Lima Narrando para Não Esquecer: histórias e memórias da Educação Pública Superior do Seridó Norte-Rio-Grandense – NAC-CERES/UFRN (1973-1985)	2019	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS FONTES ICONOGRÁFICAS	Ditadura Militar e Universidades; Campi Universitários; NACCERES/UFRN; Histórias e Memórias.
34	Ana Danielly Leite Batista Pessoa Memórias da disciplina Estudo de Problemas Brasileiros (EPB) no currículo das Universidades Paraibanas: lembrando para não esquecer (1969-1993)	2022	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS FONTES ICONOGRÁFICAS	Estudo dos Problemas Brasileiros; Ditadura Civil-Militar; Representações; História e Memória; Doutrinação e Domesticação
35	Auristela Rodrigues dos Santos Relendo O Mobral: narrativas, memórias e representações nas páginas de jornais (1967-1985)	2022	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS FONTES ICONOGRÁFICAS	MOBRAL; Educação de Adultos; Notícias de Jornais; Ditadura civil-militar; Pedagogia Tecnista
36	Maria das Graças da Cruz Barbosa Dom José Maria Pires e a Educação: a prática educativa da palavra e da não-violência em tempos ditatoriais	2023	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	Dom José Maria Pires; Pedagogia; Educação; Ditadura; Palavra; Não-Violência

AUTOR	TÍTULO	ANO	FONTES	PALAVRAS-CHAVE
37	Thaisy Lanny de Albuquerque Escola de Agronomia do Nordeste (EAN): memórias e representações do Ensino Superior Agrícola na Paraíba (1964-1985) (1936-1968)	2023	FUNTE NÃO INFORMADA	História da Educação; Ensino Superior Agrícola; Práticas Educacionais; História Oral; Memória.



DISSERTAÇÕES (UFPB)

	AUTOR	TÍTULO	ANO	FONTES	PALAVRAS-CHAVE
1	Serpa, Lúcia Gomes	Teatro e conscientização: um olhar sobre o movimento "Bailei na Curva" (1983-1985) ⁷¹	2006	-	-
2	Roseana Cavalcanti da Cunha	Entre o horror, a indignação e o enfrentamento: a concepção dos educadores acerca das violência sexual infanto-juvenil. ⁷²	2007	-	-
3	Favianni da Silva	A Eva do século XX: Analice Caldas e outros educadores - 1891/1945. ⁷³	2007	-	-
4	Cristiane Souza de Menezes	As masculinidades na escola: histórias e memórias da escolarização de alunos da Educação de Jovens e Adultos da rede municipal de João Pessoa.	2008	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	Masculinidade; Educação de Jovens e Adultos; História oral
5	Daniella de Souza Barbosa Suassuna	Teresa Aquino: histórias e memórias do debate educacional da gerontologia na Paraíba (1991-2005)	2009	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	História da educação; Gerontologia; Teresa Aquino
6	Francymara Antonino Nunes de Assis	Inclusão educacional de crianças com deficiência no município de João Pessoa: as representações sociais das mães (1996-2006)	2009	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	Educação especial; Educação Inclusiva; Representações sociais
7	Tatiana de Medeiros Santos	Magistério em declínio: histórias e memórias de ex-alunas do Magistério do Colégio Nossa Senhora das Neves (1970)	2009	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	História oral; Memória; Cotidiano; Magistério; Colégio Nossa Senhora das Neves
8	Ana Lúcia de Sousa	Sexualidade humana e preconceito: do silêncio ao controle das condutas sexuais ⁷⁴	2010	-	-

⁷¹ Trabalho completo indisponível, tanto no Repositório da UFPB, quanto na Base de Teses e Dissertações da Capes, consulta e dados extraídos do Resumo das dissertações por ano do repositório disponibilizado no site do PPGED/UFPB.

⁷² Trabalho completo indisponível.

⁷³ Trabalho completo indisponível.

⁷⁴ Trabalho completo indisponível.

AUTOR	TÍTULO	ANO	FONTES	PALAVRAS-CHAVE	
9	Maria de Fátima Vieira Cartaxo	Delegacia especializada de atendimento à mulher de Cajazeiras: espaço educativo de empoderamento e/ou submissão ⁷⁵	2011	-	-
10	Haquel Myriam de Lima Costa	Prática docente em João Pessoa: histórias e memórias da educadora Ana Maria Meira Leal	2012	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	Educação, Educadoras, práticas, História Oral e Memória.
11	Jacqueline Duarte Dantas	Consciência corporal e gênero: uma experiência com narrativas de alun@s	2012	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	Consciência corporal; Gênero; Narrativas.
12	Maria Lucia da Silva Nunes	Memórias e práticas educacionais da educadora Argentina Pereira Gomes: o seu legado no cenário educativo da Paraíba (1916- 1962)	2012	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	Educação; Educadora; Memórias; Escola Nova
13	Maria Lucia da Silva Nunes	Memórias da educadora Olivina Olivia Carneiro da Cunha: práticas educativas e envolvimento político e social na Paraíba (1886-1977)	2012	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	Olivina Olívia Carneiro da Cunha; Educação; Mulher; Memórias
14	Larissa Meira de Vasconcelos	Esculpindo corpos e formando hábitos: uma análise histórico-educacional das construções de gênero na imprensa paraibana (1913-1932)	2015	USO DE FONTES IMPRESSAS	Discurso. Imprensa escrita. Educadora.
15	Thayana Priscila Domingos da Silva	Memórias de alfabetizadoras do programa Brasil alfabetizado (2003-2010)	2016	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	Memória; Alfabetizadoras; História Oral; Educação de Jovens e Adultos.
16	Raquel do Nascimento Sabino	Reminiscências da professora Clemilde Torres Pereira da Silva: sua contribuição as instituições-memória da Paraíba (1942- 2013)	2016	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	Clemilde Pereira; Reminiscência; Memória; História Oral; Instituições-memória
17	Luis Augusto de Mendonca Ribeiro	O educacional no discurso político: história e memória do movimento estudantil da UFPB (1964-1969)	2017	FUNTE NÃO INFORMADA	Movimento estudantil. História cultural. Memória. UFPB
18	Bruna Gomes de Oliveira Dornelas	Maria José Mamede Galvão: Memórias e Formação de Uma Educadora	2018	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS FONTES ICONOGRÁFICAS	Educação. Educadoras. escritas. Memórias. Maria José Mamede Galvão

⁷⁵ Trabalho completo indisponível.

AUTOR	TÍTULO	ANO	FONTES	PALAVRAS-CHAVE
19 Romualdo da Silva Sales	A diferença vai à escola: problematizando as articulações discursivas e epistemológicas sobre os marcadores sociais da diferença no espaço educacional	2019	FONTE NÃO INFORMADA	Gênero; Sexualidades; Raça; Escola; Discursos; Controle; Marcadores Sociais da Diferença
20 Julyana Jessyka Gonçalves Casimiro Lima	“Mais que uma escola, valores para a vida”: Colégio Nossa Senhora Auxiliadora e a educação de mulheres (1957-1958)	2022	FONTES IMPRESSAS	Educação feminina; Igreja Católica; Sociedade
21 Gabriel Alves do Nascimento	A educação moral na formação da infância e adolescência desvalida moderna: o caso de Pindobal na Paraíba do século XX (1930-1960)	2022	FONTES IMPRESSAS FONTES ICONOGRÁFICAS	Infância; Educação Moral; Escola Profissional Presidente João Pessoa; Pindobal.
22 Maria Daniela Angelo Ramos	O ensino de gramática na Paraíba em lições da língua materna (1906)	2014	FONTES IMPRESSAS	Gramática. Livro didático. República
23 Camila Almeida de Araujo	Ofertam-se serviços: anúncios de professores no Jornal O Publicador (1864-1885), na província da Paraíba	2015	FONTES IMPRESSAS	Jornal. Anúncios. Professores. Império.
24 Kalyne Barbosa Arruda	Os Anúncios no Jornal A União (1904-1937): a Propagação da Modernidade Pedagógica na Paraíba	2015	FONTES IMPRESSAS	Anúncios. Educação. Modernidade pedagógica.
25 Maria Gessica Romão da Silva	Correspondências de Professores: representações e práticas docentes nos Jornais da Paraíba Imperial (1864-1889)	2015	FONTES IMPRESSAS	Correspondências. Jornais. Professores. Império.
26 Jessica Luana Fernandes	Valdilene Verônica de Albuquerque Lobo: memórias de uma educadora (1978-2008)	2017	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	Valdilene Lobo; Memória; Educação; Engajamento político
27 Renata Cristina da Silva	Indícios do feminino nas cartas nos jornais da Paraíba no Século XIX (1850 a 1886)	2018	FONTES IMPRESSAS	Cartas nos jornais; Mulheres; Século XIX; Instrução Pública
28 Regina Brito Mota dos Santos	Saberes destinados à formação de professores em Alagoas: o Compêndio de Pedagogia Prática (1886) de Joaquim José de Araújo	2019	FONTES IMPRESSAS	Compêndios de Pedagogia; Formação de professores; Compêndio de Pedagogia Prática

AUTOR	TÍTULO	ANO	FONTES	PALAVRAS-CHAVE
29 Isabela Nathalia Nunes Tristao	“Os Cabouqueiros do Edifício Nacional”: modelos docentes em disputa em Pernambuco (1889 – 1911)	2021	FONTES DIGITALIZADAS FONTES IMPRESSAS ⁷⁶	História da Educação; Modelo de Professor; Pernambuco; Século XIX; Século XX
30 Jisaline Fagundes Rodrigues	Jornal O Cearense: anúncios de livros de instrução e educação (1846 a 1856)	2021	FONTES DIGITAIS FONTES DIGITALIZADAS FONTES IMPRESSAS ⁷⁷	século XIX, jornal; anúncios; livros de instrução; educação.
31 Maria Aparecida da Costa Silva	A representação dos anúncios de Educação no Jornal Gazeta da Parahyba (1888-1890)	2023	FONTES DIGITALIZADAS FONTES IMPRESSAS ⁷⁸	Anúncios; Educação; Imprensa
32 Simone Vieira Batista	A trajetória intelectual de Silvino Olavo: uma análise histórica, cultural e educacional	2011	FONTES IMPRESSAS	Intelectual; Habitus; Educação
33 Maira Lewtchuk Espindola	Primeira República, intelectuais e educação: entre a utopia e o (des)encantamento de Castro Pinto (1886-1915)	2012	FONTES IMPRESSAS	Professores de primeiras letras. Educação. Profissão docente. Intelectuais. Nação.
34 Amanda Sousa Galvincto	Atuação educacional de Carlos Dias Fernandes na Parahyba do Norte (1913-1925): jornalismo, literatura e conferências.	2013	FONTES IMPRESSAS	Carlos D. Fernandes. Intelectuais. Educação. Jornalismo. Conferências.
35 Dalva Regina Araujo de Almeida	Um projeto reformista no Brasil do Oitocentos: a questão educacional na agenda política de Joaquim Nabuco (1879-1888)	2013	FONTES IMPRESSAS	Intelectuais. Joaquim Nabuco. Reformas sociais. Educação brasileira
36 Adelco Sebastiao da Silva	José Baptista de Mello e o “novo” pensamento pedagógico (1931-1942)	2015	FONTES IMPRESSAS	Intelectual. José Baptista de Mello. História da Educação. Escola Nova.
37 Suenya do Nascimento Costa	As ideias educacionais e políticas de Silvino Elvídio Carneiro da Cunha na província da Parahyba do Norte (1874 – 1876)	2017	FONTES IMPRESSAS	História da Educação; História Intelectual; História Política; Parahyba do Norte; Carneiro da Cunha
38 Rayssa Anizio Costa Vieira	Contribuições educacionais e jurídicas de Alcides Bezerra: itinerário e rede de sociabilidade (1907-1938)	2020	FONTES IMPRESSAS	Intelectuais; Educação; Direito; Civilidade; Progresso.

⁷⁶ Utiliza como fontes os códigos da Instrução Pública (IP), a série Câmaras Municipais (CM), os relatórios e os regulamentos da instrução pública – todos sob a guarda do Arquivo Público Jordão Emereciano (APEJE) -, e os jornais digitalizados na Hemeroteca Digital do Site da Biblioteca Nacional.

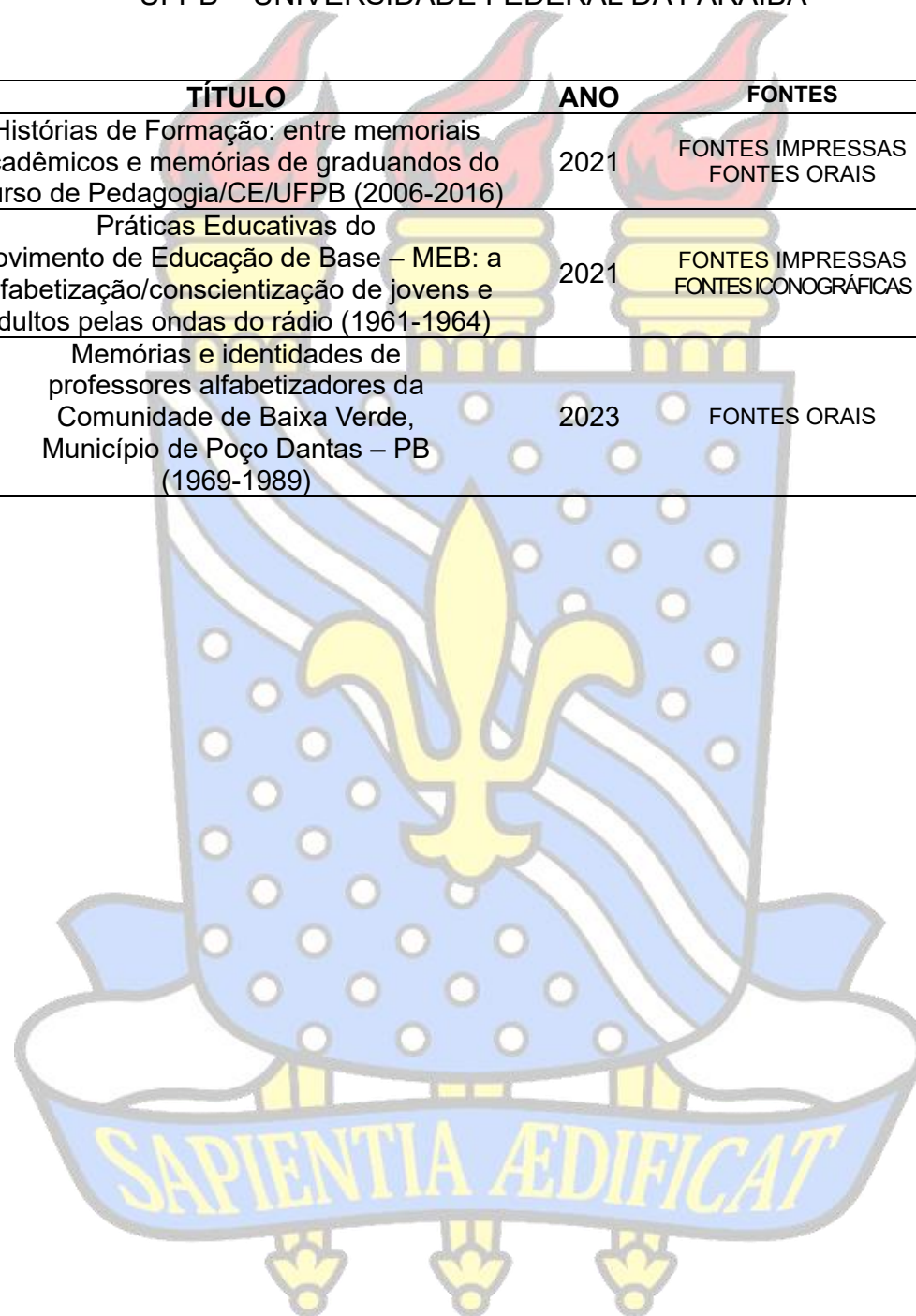
⁷⁷ A pesquisa articulou diferentes fontes: 1) periódicos com destaque para o jornal O Cearense, disponíveis no site da Biblioteca Nacional; 2) relatórios de presidentes da província; 3) leis que regulamentaram a Instrução, estas localizados em mídia eletrônica (sites oficiais); e 4) bibliografia produzida sobre o tema, disponibilizada em bases de dados oficiais.

⁷⁸ A pesquisa também tomou como base as fontes primárias disponíveis no site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

AUTOR	TÍTULO	ANO	FONTES	PALAVRAS-CHAVE
39 Luziel Augusto da Silva	Memórias da docência: o percurso formativo da professora Maria Salete Van Der Poel na Educação Popular (1960-1970)	2022	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	memória; docência; Salete Van Der Poel, Educação Popular
40 Janaina Aguiar da Silva	A educação como raiz: a trajetória de vida sindical de Valdirene Maria dos Santos Rosas (2011-2020)	2022	FONTES IMPRESSAS FONTES ICONOGRÁFICAS FONTES ORAIS	Valdirene Maria dos Santos Rosas; Práticas Educativas; Educação Popular; Educação Formal
41 Maria Das Graças da Cruz Barbosa	História e memórias de vida professoral: Maria do Carmo de Miranda nas configurações do Magistério (1960-1988)	2014	FONTES ORAIS	História de vida professoral; Configurações do magistério; História oral.
42 Fernanda de Paula Gomides	Representações de Cidadania nos livros didáticos de Educação Moral e Cívica durante o Regime Militar Brasileiro (1964-1985)	2015	FONTES IMPRESSAS	Cidadania; Representações; Regime Militar; Livro Didático.
43 Sylvania Da Silva Santos	Do bullying ao cyberbullying: história e memórias escolares (1993- 2011) ⁷⁹	2015	FONTE NÃO INFORMADA	Bullying-Cyberbullying. História. Memórias. Tempo Presente. História oral.
44 Joao Batista Barbosa da Silva	As Representações do Dia do Professor no Jornal A Uniao durante o Regime Civil Militar Brasileiro (1964-1985)	2016	FONTES IMPRESSAS	Dia do Professor; Legislação educacional; Jornal A União; Regime Civil Militar
45 Juliana Augusta Dionisio de Lima	História de vida professoral de Mário Moacyr Porto: a cultura jurídica em favor dos direitos humanos (1950 – 1969)	2016	FONTE NÃO INFORMADA	História da educação; História de vida; Profissão docente; Memórias
46 Lidiane Nayara Nascimento dos Santos Toscano	Movimento de Educação de Base - MEB no Estado da Paraíba: vestígios de uma experiência educacional (1966-1971)	2017	FONTES IMPRESSAS	História da Educação; Educação de Jovens e Adultos; Vestígios do Movimento de Educação de Base; Estado da Paraíba
47 Auristela Rodrigues dos Santos	Reforma de Ensino de 2º Grau na Conjuntura Histórica da Ditadura Civil-Militar (1964-1985): um estudo sobre as representações discursivas da Lei Nº 5692/71	2018	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	Reforma de Ensino de 2º grau; Ditadura Civil-Militar; Terminalidade; Tecnicismo; História, Memórias e representações
48 Rossana Farias Queiroz Ferrer	História do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da UFPB: fontes documentais e memórias de professores (1984-1996)	2020	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	História; Memória; Reestruturação curricular; Curso de Pedagogia

⁷⁹ Inserido nas análises devido ao título: “Do bullying ao **cyberbullying**: história e memórias escolares (1993- 2011)” por conter informações que indicam o uso na pesquisa de fontes digitais, apesar de no resumo não existir dados sobre as fontes utilizadas no trabalho.

	AUTOR	TÍTULO	ANO	FONTES	PALAVRAS-CHAVE
49	Felipe Cavalcanti Ivo	Histórias de Formação: entre memoriais acadêmicos e memórias de graduandos do Curso de Pedagogia/CE/UFPB (2006-2016)	2021	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	Formação Docente; Curso de Pedagogia; História do Tempo Presente; Representações; Memórias
50	Kilma Cristeane Ferreira Guedes	Práticas Educativas do Movimento de Educação de Base – MEB: a alfabetização/conscientização de jovens e adultos pelas ondas do rádio (1961-1964)	2021	FONTES IMPRESSAS FONTES ICONOGRÁFICAS	História da Educação; MEB; Práticas educativas; Memória; Representações
51	Ana Luiza Nunes Bezerra	Memórias e identidades de professores alfabetizadores da Comunidade de Baixa Verde, Município de Poço Dantas – PB (1969-1989)	2023	FONTES ORAIS	Memória; Identidade; Professores alfabetizadores; Profissão docente



UFS – UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

TESES (UFS)

	AUTOR	TÍTULO	ANO	FONTES	PALAVRAS-CHAVE
1	Simone Silveira Amorim	Configuração do trabalho docente e a instrução primária em Sergipe no século XIX (1827-1880)	2012	FONTES IMPRESSAS	Configuração. Trabalho docente. Instrução primária. Sergipe. Século XIX
2	Marcia Terezinha Jeronimo Oliveira Cruz	Ritos, símbolos e práticas formativas: a faculdade de direito de Sergipe e sua cultura acadêmica (1950 – 1968)	2014	FONTES ORAIS FONTES IMPRESSAS	Cultura Acadêmica. Faculdade de Direito de Sergipe. Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra. Rituais Acadêmicos. Tradições Acadêmicas na formação jurídica.
3	Maria Jose Dantas	Escrever-Te-Ei... Tu também me escreverás? a escrita epistolar católica como prática docente: um olhar sobre Chiara Lubich e suas estratégias de formação	2014	FONTES IMPRESSAS	Cartas de Chiara Lubich. Collegamento. Escrita epistolar católica. História da Educação católica. Prática docente de Chiara Lubich.
4	Milena Cristina Aragão Ribeiro de Souza	Representações docentes sobre os castigos escolares	2015	FONTES ORAIS FONTES IMPRESSAS	Castigos Escolares. Habitus. História da Educação. Representações docentes.
5	Sonia Pinto de Albuquerque Melo	Por uma pedagogia de fotonovelas: instruir e (in) formar leitoras do IERB durante os anos 60 e 70 do século XX	2015	FONTES ORAIS FONTES IMPRESSAS	História da Educação Feminina. História do impresso. Leituras não canônicas. Pedagogia de Fotonovelas. Revista Capricho.
6	Maria do Socorro Lima	Propostas de educação na produção intelectual de Carvalho Neto (1926 – 1948): formação e ética do advogado, educação prisional, exercício do magistério e educação para o trabalho	2016	FONTES ORAIS FONTES IMPRESSAS	Carvalho Neto; Cultura Jurídica. História da Educação. Intelectuais da Educação. Propostas de Educação.
7	Nayara Alves de Oliveira	A inserção de acadêmicos e licenciados do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Sergipe no campo educacional sergipano (1968-1978)	2017	FONTES IMPRESSAS	Curso de Pedagogia. Licenciados. História da Educação. Sergipe. Trajetórias docentes.
8	Katia Regina Lopes Costa	O governo da infância marginalizada: discursos e práticas acerca do “menor delinquente” em Sergipe (1927-1942)	2017	FONTES IMPRESSAS	Código de Menores Mello Mattos; Educação; Infância; Menor delinquente; Sergipe
9	Rosimeri Ferraz Sabino	A configuração da profissão de secretário em Sergipe: educação, atuação e organização da área (1975 – 2010)	2017	FONTE NÃO INFORMADA	Educação profissional; Ensino Comercial; História Cultural; História da Educação; Secretariado

UFS – UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

AUTOR	TÍTULO	ANO	FONTES	PALAVRAS-CHAVE
10 Alessandro Araujo Mendes	Práticas educativas e institucionalização de crianças e adolescentes em Sergipe: permanências e transformações (1974-1991)	2018	FONTES ORAIS FONTES IMPRESSAS	Educação. Institucionalização. Menor. Práticas educativas. Socialização.
11 Josineide Siqueira de Santana	Pedagogia do convento: oportunidades e limites da formação religiosa feminina	2018	FONTES ORAIS FONTES IMPRESSAS	Educação Feminina. História da Educação. Irmãs da Imaculada Conceição da Mãe de Deus. Sergipe.
12 Fabio Alves dos Santos	Elite letrada e ofício docente em Sergipe no século XIX	2013	FONTES IMPRESSAS	Profissão Docente, Elite Letrada, Prosopografia, Ensino Secundário, História da Educação, Sergipe
13 Joao Paulo Gama Oliveira	Caminhos cruzados: itinerários de pioneiros professores do ensino superior em Sergipe (1915-1954)	2015	FONTES ORAIS FONTES IMPRESSAS FONTES ICONOGRÁFICAS	Faculdade de Filosofia. História da profissão docente. História do Ensino Superior. Intelectuais. Itinerários.
14 Simone Paixao Rodrigues	Com a palavra, os alunos: associativismo discente no Grêmio Literário Clodomir Silva (1934-1956)	2015	FONTES IMPRESSAS	Associativismo Discente; Atheneu Sergipense; Grêmio Literário Clodomir Silva; História da Educação; Jornais Estudantis.
15 Suely Cristina Silva Souza	"Habilitado" ou "Inhabilitado": Os concursos para professores do Ensino Secundário em Sergipe (1875-1947)	2016	FONTES IMPRESSAS	Atheneu Sergipense. Concursos. Ensino Secundário. Relação de Poder. Professores.
16 Ana Marcia Barbosa dos Santos Santana	Civilização, modernidade e educação nas páginas do jornal A Razão (1898-1923)	2017	FONTES DIGITALIZADAS, FONTES IMPRESSAS FONTES ICONOGRÁFICAS⁸⁰	Civilização. Educação.
17 Rosemeire Marcedo Costa	A instrução pré-militar como disciplina escolar: marcas do Exército no Atheneu Sergipense (1909-1946)	2018	FONTES DIGITAIS FONTES IMPRESSAS⁸¹	Atheneu Sergipense. História da Educação. Disciplina Escolar. Instrução Pré-Militar.

⁸⁰ A pesquisa foi realizada em diversos arquivos e bibliotecas, como o arquivo da Biblioteca Pública Epiphânio Dórea, o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, a Biblioteca Central da Universidade Federal de Sergipe, a **Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional**, além do arquivo da família Gomes.

⁸¹ A pesquisa está assentada em levantamento bibliográfico, explorando o **Banco Digital de Dissertações e Teses**, seguindo da busca de fontes documentais em ofícios, jornais, relatórios, regulamentos, decretos, atas e outros impressos, fundamentais para compreensão do que representa a temática para o campo da História da Educação.

UFS – UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

	AUTOR	TÍTULO	ANO	FONTES	PALAVRAS-CHAVE
18	Simone Silva da Fonseca	Os saberes matemáticos nas instituições de ensino profissionalizante de Sergipe (1909 -1971)	2020	FONTES IMPRESSAS	História da Educação de Sergipe. História das Instituições Escolares. Instituições de Ensino Profissionalizante. Saberes Matemáticos.
19	Ana Maria Garcia Moura	O manual do professor do livro didático de história no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD/2014): a configuração de um modelo	2017	FONTES IMPRESSAS	Livro didático, Manual do professor, Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), História do ensino de história.
20	Analice Alves Marinho Santos	Teoria e ensino de história na Espanha: as prescrições de Ignacio Ramón Miró y Manent (1855-1889)	2018	FONTES IMPRESSAS	Ciência; Ensino de história. Espanha. História. Método histórico.
21	Jose Genivaldo Martires	Do capelo ao fardão: a inserção de professoras na Academia Sergipana De Letras no século XX	2020	FONTES IMPRESSAS FONTES ICONOGRÁFICAS FONTES ORAIS	Academia Sergipana de Letras. História da Educação. Intelectuais. Professoras. Trajetória.
22	Marluce de Souza Lopes	Interfaces de uma antropóloga: as práticas de leitura e escrita de Beatriz Góis Dantas (1941-2013)	2020	FONTES IMPRESSAS FONTES ICONOGRÁFICAS FONTES ORAIS	Beatriz Góis Dantas. Escritas ordinárias. Intelectuais. Leitura. Práticas de leitura e escrita.
23	Aristela Arestides Lima	“Aprender a fazer e fazer para aprender”: configurações do modelo escola-fazenda no ensino profissional agrícola (1967-1986)	2021	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	Colégio Agrícola Benjamin Constant. Ensino profissional agrícola. Escola-fazenda. Coordenação Nacional de Ensino Agropecuário.
24	Laisa Dias Santos	Propostas educacionais nos discursos de intelectuais da geração 1870: ideias para um brasil moderno (1870-1889)	2021	FONTES IMPRESSAS	Escritos educacionais. Geração 1870. História da Educação. Instrução moderna. Intelectuais
25	Risia Rodrigues Silva Monteiro	Os saberes e fazeres de Aglaé D’ávila Fontes: Uma educadora e mediadora cultural sergipana (1955-2005)	2021	FONTES IMPRESSAS FONTES ICONOGRÁFICAS FONTES ORAIS	Aglaé d’Ávila Fontes. Arte-Educação. Centro de Criatividade. Intelectual mediadora cultural. Trajetória de vida
26	Sayonara do Espírito Santo Almeida	Cartografia estudantil no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe (1969-1981)	2021	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe. Dossiês de estudantes. Escrita escolar. Perfil Discente. Patrimônio histórico educativo.
27	Anne Emilie Souza de Almeida Cabral	Organização do arquivo escolar do colégio aplicação da UFS: preservação do patrimônio	2023	FONTES IMPRESSAS	Arquivo escolar. Centro de Memória. Colégio de Aplicação. História da Educação. Inventário. Patrimônio histórico educacional.

UFS – UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

AUTOR	TÍTULO	ANO	FONTES	PALAVRAS-CHAVE
	histórico educacional e potencialidades para a escrita da história da educação			
28	Rozilene Lopes de Sousa Trajetórias de formação e prática docente nas memórias de professoras leigas do Sertão paraibano (1970 - 1980)	2023	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	História da Educação. Formação e Prática Docente. Professoras Leigas. Sertão Paraibano.
29	Vera Maria dos Santos A mulher de posses e a instrução elementar na capitania de Sergipe del Rey nos anos setecentos	2011	FONTES IMPRESSAS	História da educação Instrução elementar Órfão menor Mulher de posse
30	Anselmo Guimaraes História dos Livros Didáticos de Espanhol publicados no Brasil (1919-1961)'	2018	FONTES IMPRESSAS	Livro Didático de Espanhol. Professor-autor. Instrução Pública. Língua Espanhola.
31	Luiz Fernando Cajueiro dos Santos O gênero biográfico no ensino das Artes Visuais: a vida e a pintura de José de Dome (1955 – 1981)	2018	FONTES IMPRESSAS FONTES ICONOGRÁFICAS FONTES ORAIS	Artes visuais. Educação. Gênero biográfico. José de Dome. Leitura imagética.
32	Patrícia de Sousa Nunes Silva Médicos por formação, docentes em ação: o perfil profissional e a formação do campo médico em Sergipe (1966-1973)'	2018	FONTES ORAIS FONTES IMPRESSAS	Faculdade de Medicina de Sergipe. Intelectuais. Perfil biográfico. Prosopografia.
33	Jose Lim Santana Luzes para civilizar: a Escola Pública Primária em Nossa Senhora das Dores (SE), no Século XIX	2020	FONTES ORAIS FONTES IMPRESSAS	Educação. Escola pública primária. Nossa Senhora das Dores.
34	Ricardo Costa dos Santos Ecos de um Brasil Francofono: a Língua Francesa no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe (1960 - 2013)'	2020	FONTES ORAIS FONTES IMPRESSAS	Colégio de Aplicação. Disciplina Escolar. Língua Francesa. Universidade Federal de Sergipe.
35	Sonia Maria de Azevedo Viana Noites pioneiras da educação superior em Sergipe: memórias dos professores fundadores do curso de Pedagogia na Faculdade Pio Décimo (1976-1980).	2020	FONTES ORAIS FONTES IMPRESSAS	Faculdade Pio Décimo. Curso de Pedagogia Noturno. Formação e Atuação Docente. Narrativas Orais e Memórias de Docentes
36	Danilo Mota de Jesus Do consultório para as aulas da Universidade Federal de Sergipe: trajetórias de professores-alunos do curso de Odontologia (1972-1979)	2022	FONTES ORAIS FONTES IMPRESSAS	Dentista docente. Departamento de Odontologia. Intelectuais. Universidade Federal de Sergipe.
37	Elizabete Farias Lima Silva O curso de Enfermagem da UFS e a trajetória histórica das práticas do cuidado: da criação do Departamento de Saúde	2022	FONTES IMPRESSAS FONTES ICONOGRÁFICAS FONTES ORAIS	Educação. História da Enfermagem. Universidade Federal de Sergipe.

UFS – UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

AUTOR	TÍTULO	ANO	FONTES	PALAVRAS-CHAVE
	Pública a consolidação do campo em Sergipe (1931 –1979)'		FONTES DIGITAIS⁸²	
38 Danielle Virginie Santos Guimaraes Marinho	A estudante nos guia para a “Guerra dos Cinco Dias”: vestibulares da UFS entre 1970-1980'	2023	FONTES IMPRESSAS FONTES ICONOGRÁFICAS FONTES ORAIS	História do Ensino Superior. Jenner Augusto. Universidade Federal de Sergipe. Vestibular.
39 Wenia Mendonca Silva	Nas páginas da revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe (1998-2019): disputas institucionais, memória histórica e práticas da escrita de um campo'	2023	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	Educação Superior. Historiografia Educacional. Produção Científica. Revista Acadêmica. Universidade Federal de Sergipe.
40 Elaine Maria Santos	Entre a tradição e a inovação: professores e compêndios de inglês do século XIX	2017	FONTES IMPRESSAS	Compêndios; Ensino de Línguas; História da Educação; Língua Inglesa
41 Ana Lucia Simoes Borges Fonseca	A imposição do inglês como política linguística: na contramão do plurilinguismo	2018	FONTES IMPRESSAS	Ensino de Línguas. História da Educação. Língua Inglesa. Políticas Linguísticas.
42 Thadeu Vinicius Souza Teles	O inglês como língua dos negócios: o caso da instrução comercial luso-brasileira (1759-1902)	2019	FONTES IMPRESSAS	Ensino de línguas; Língua inglesa; Instrução comercial; História da Educação.
43 Hermeson Alves de Menezes	O Colégio Pedro II e o ensino de história no Império brasileiro (1837-1888)	2020	FONTES IMPRESSAS	História da Educação. Ensino de História. Colégio Pedro II. Brasil Império.
44 Waldinei Santos Silva	História das ideias pedagógicas no BRASIL Império: o ensino de línguas estrangeiras entre 1823 e 1890	2022	FONTES IMPRESSAS	Ensino de Línguas. História da Educação. Ideias Pedagógicas. Instrução Pública.
45 Jose Augusto Batista dos Santos	O Marquês de Pombal e os ingleses: a contribuição de Thomas Mun (1571-1641)	2023	FONTES IMPRESSAS	História da Educação, Marquês de Pombal, Inglaterra, Instrução Pública. Thomas Mun.

⁸² Esta investigação está fundamentada nos pressupostos da História da Educação e da História Cultural e utiliza fontes biográficas, bibliográficas, iconográficas, entrevistas, conferências, **artigos eletrônicos**, documentos pertencentes a arquivos públicos e particulares, correspondências, informações, além de jornais e revistas para aprofundamento do objeto em análise, idealizando uma análise que possa contribuir para futuros estudos sobre a História da Educação

UFS – UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

	AUTOR	TÍTULO	ANO	FONTES	PALAVRAS-CHAVE
46	Rodrigo Belfort Gomes	Americanismo e antiamericanismo: o ensino de inglês no Brasil de 1931 a 1951	2019	FONTES DIGITALIZADAS ⁸³	Americanismo, Antiamericanismo, Língua Inglesa, Livro didático, Método Direto.
47	Larissa Silva Rebouças	A escrita de sinais no Brasil: constituição histórica dos sistemas de sinais utilizados	2020	FONTES IMPRESSAS FONTES DIGITAIS ⁸⁴	educação de surdos, escritas de sinais, história da educação, SignWriting
48	Roberto Carlos Bastos da Paixão	A trajetória de Euzébio Vanério na instrução brasileira (1784 - 1852)	2020	FONTES DIGITALIZADAS FONTES IMPRESSAS ⁸⁵	Ensino de Línguas. Euzébio Vanério. História da Educação. Instrução brasileira. Ensino mútuo.
49	Elisson Souza de Sao Jose	As reformas pombalinas da instrução pública e as ordens religiosas: o caso de Sergipe Del Rey	2023	FONTES DIGITALIZADAS FONTES IMPRESSAS FONTES DIGITAIS ⁸⁶	História da Educação; Sergipe Del Rey; Marquês de Pombal; Ordens Religiosas; Reformas Pombalinas.
50	Rosemeire dos Santos Amaral	Mercedes Dantas e os discursos sobre a viagem pedagógica aos estados do norte/ Brasil (1930)		FONTES IMPRESSAS	Discursos. Mercedes Dantas. Renovação do Ensino. Viagem pedagógica.
51	Carlos Menezes De Souza Junior	História e memória: licenciatura em história a distância na Universidade Federal de Sergipe (2005-2014)	2019	FONTES DIGITAIS[1] ⁸⁷ FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	Ead. Formação. História. Memória. UAB.
52	Fatima Bezerra Negromonte	Manoel Bomfim e a educação: interfaces discursivas entre a pedagogia e a psicologia	2019	FONTES IMPRESSAS	Educação. Interfaces Discursivas. Manoel Bomfim. Pedagogia. Psicologia.
53	Joao Rogerio Menezes De Santana	História e memória de gestores: políticas públicas de inserção das tecnologias digitais	2019	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	Estado. TDIC. Política Pública de Educação. Discurso. Gestores

⁸³ Para este estudo, foram feitas pesquisas no NUDOM e na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, bem como **em acervos digitais de bibliotecas brasileiras e estrangeiras**, no que se refere a livros destinados ao ensino de Língua Inglesa, publicados no recorte entre 1931 e 1951. Também foram analisados jornais **disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional**, que datam desse período.

⁸⁴ Após a definição dos caminhos metodológicos, exibe-se um panorama histórico acerca das diferentes propostas de escrita para as línguas de sinais e, em seguida, delimita-se, para fins de análise, os **sistemas SignWriting, ELiS, SEL e VisoGrafia**.

⁸⁵ O conjunto metodológico apoia-se na consulta de bibliografia especializada e documentação, a exemplo da **acessada no Arquivo Nacional e na Biblioteca Nacional**, e, ainda, na concepção do método ou paradigma indiciário.

⁸⁶ Apoiados no suporte teórico da história cultural, valer-nos-emos da historiografia sobre o período e demais fontes documentais, legislativas, literárias e epistolares, bem como de compêndios e periódicos publicados **tanto de forma física como digital**.

⁸⁷ "Além das fontes orais foram utilizadas leis, relatórios, resoluções, projetos pedagógicos do curso, convênios, dentre outros documentos coletados no Centro de Educação a Distância (CESAD) e em **sites oficiais**."

UFS – UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

AUTOR	TÍTULO	ANO	FONTES	PALAVRAS-CHAVE	
	da informação e comunicação na educação básica em Sergipe (2000-2015)				
54	Leyla Menezes De Santana	Como “me tornei” educadora popular: trajetórias de alfabetizadoras de pessoas adultas	2020	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	Educadoras populares. Entre-encontro. Pastoral da Criança. Pertencimento comunitário. Educação Popular.
55	Sandra Mara Vieira Oliveira	Memórias e narrativas: o percurso de escolarização e formação de professores(as) e alunos(as) dos anos finais da educação básica	2021	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	Educação. Humanização. Memória Social. Escola. Professor. Aluno.
56	Elinaldo Menezes Braga	“A música do começo do mundo”: caminhos e práticas educativas experivenciadas no contexto das Bandas Cabaçais de São José de Piranhas - Paraíba	2022	FONTES DIGITAIS ⁸⁸ FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	Bandas Cabaçais; pifeiros; práticas educativas; educação popular.
57	Sandra Santos De Jesus	Sentidos e significados do esquecimento do outro desde um giro decolonial e da filosofia da libertação em comunidades camponesas de Cristinápolis - Sergipe - Brasil	2022	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	Escolas do Campo Fechadas. Educação do Campo. Decolonialidade.
58	Andreia Teixeira Dos Santos	Quem falou que eu ando só?: práticas educativas e saberes constituídos na auto-organização de mulheres negras de Sergipe, Rejane Maria.	2023	FONTES IMPRESSAS FONTES ICONOGRÁFICAS	Educação. Movimento de mulheres negras. Feminismo Negro. Saberes emancipatórios. Pedagogia Feminista Negra.
59	Dagmar Braga De Oliveira	Ensino de ciências no currículo do Piauí (2020): legados coloniais e possíveis brechas decoloniais (interculturais críticas)	2023	FONTES IMPRESSAS	Educação. Currículo do Piauí. Ensino de Ciências. Interculturalidade.
60	Elis Regina Nunes Mota Araujo	O cotidiano da infância e das práticas educativas da educação do campo: categorias em construção na história da educação	2016	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	Infância; História Social da Infância; Educação do Campo; Comunidades Tradicionais
61	Crislaine Santana Cruz	Caridade sem limites. Ciência sem privilégios”: o ensino universal de Jacotot por Benoit mure no Brasil (1840-1848)	2018	FONTES IMPRESSAS	Ensino Universal. Benoît Jules Mure. Jean-Joseph Jacotot. Homeopatia. Socialismo Utópico.

⁸⁸ “Também recorri às produções acadêmicas disponibilizadas nos repositórios das universidades brasileiras, às mensagens de WhatsApp trocadas com pifeiros e ligações telefônicas para os mestres em questão, durante o processo de elaboração da escrivência.”

UFS – UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

	AUTOR	TÍTULO	ANO	FONTES	PALAVRAS-CHAVE
62	Elis Santos Correia	O fechamento das escolas do campo em Sergipe: territórios em disputa (2007-2015)	2018	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	Campo. Educação do campo. Fechamento de escolas do campo.
63	Amanda de Matos Pereira	Método histórico no ensino da historiografia inglesa (1894-1906)	2019	FONTES IMPRESSAS	Método Histórico. Teoria da História. Didática da História. Historiografia Inglesa.
64	Nivia Maria De Vasconcellos Couto Dorea	Percurso histórico dos cursos de pós-graduação stricto sensu da Universidade Federal de Sergipe: lugar de formação para o magistério superior?	2019	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	História da pós-graduação. Formação docente. Magistério superior. Pós-graduação stricto sensu.
65	GenelUCA Cruz Santana	Programa escola ativa: análise histórica sobre a política pública voltada para as classes multisseriadas nas escolas do campo de Sergipe	2022	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	Programa Escola Ativa; classe multisseriadas; educação do campo; políticas públicas; movimentos sociais.
66	Viviane Mota De Gois	O ensino noturno em Sergipe: a oferta da educação como política de democratização para os estudantes trabalhadores do Colégio Djenal (1998-2021)	2022	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	Colégio Estadual Djenal Tavares de Queiroz. Ensino Noturno. Política Pública de Democratização.



FLUENDO CRESCIT

DISSERTAÇÕES (UFS)

	AUTOR	TÍTULO	ANO	FONTES	PALAVRAS-CHAVE
1	Gláriston dos Santos Lima	A Cultura Material Escolar: desvelando a formatação da Instrução das primeiras letras na província de Sergipe (1834-1858)	2007	FONTES IMPRESSAS E FONTES ICONOGRÁFICAS	Materiais Escolares Instrução de Primeiras Letras Século XIX História da Educação
2	Maria de Lourdes Porfírio Ramos Trindade dos Anjos	A Presença Missionária Norte-Americana no Educandário Americano Batista	2006	FONTES IMPRESSAS FONTES ICONOGRÁFICAS FONTES ORAIS	Cultura escolar. História da educação. Educação protestante. Práticas pedagógicas. Missionárias norte-americanas
3	Simone Silveira Amorim	A Trajetória de Alfredo Montes (1848-1906): representações da configuração do trabalho docente no ensino secundário em Sergipe	2006	--- ⁸⁹	---
4	Nadja Santos Bonifácio	Acolher, evangelizar e educar: contribuição do Oratório Festivo São João Bosco para a educação feminina em Aracaju (1914-1952)	2011	FONTES IMPRESSAS FONTES ICONOGRÁFICAS FONTES ORAIS	Educação religiosa. Educação feminina. Infância pobre. Aracaju (SE)
5	Fernanda Maria Vieira de Andrade Lima	Contribuições de Dom Luciano José Cabral Duarte ao Ensino Superior Sergipano' (1950-1968)	2009	FONTES ORAIS FONTES IMPRESSAS FONTES DIGITAIS⁹⁰	Dom Luciano José. Cabral Duarte. Ensino superior. Universidade Sergipe
6	France Robertson Pereira da Silva	Educação e preceitos da fé: o colégio do Salvador (Aracaju 1935-1959)	2016	FONTES IMPRESSAS FONTES ICONOGRÁFICAS FONTES ORAIS	Colégio do Salvador; Cultura Escolar; História da Educação; Memórias
7	Josineide Siqueira de Santana	Entre bordados, cadernos e orações: a educação de meninas e as práticas educativas no Orfanato de São Cristóvão e na Escola da Imaculada Conceição (1922-1969)	2011	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	História da educação. Orfanato. Educação feminina. Cultura escolar São Cristóvão
8	Jose Paulo de Andrade	Escola Técnica de Comércio de Itabaiana: a formação de profissionais contabilistas (1967-1978)	2014	FONTES IMPRESSAS FONTES ICONOGRÁFICAS FONTES ORAIS	Cultura Escolar. Ensino Profissional. Ensino Técnico Comercial. Itabaiana

⁸⁹ Trabalho completo indisponível, tanto no Repositório da UFS, quanto na Base de Teses e Dissertações da Capes, consulta e dados extraídos da pesquisa realizada na Base da Capes com a informação: "Trabalho anterior à Plataforma Sucupira"

⁹⁰ Esta investigação está fundamentada nos pressupostos da História da Educação e da História Cultural e utiliza fontes biográficas, bibliográficas, iconográficas, entrevistas, conferências, artigos eletrônicos, documentos pertencentes a arquivos públicos e particulares, correspondências, informações, além de jornais e revistas para aprofundamento do objeto em análise, idealizando uma análise que possa contribuir para futuros estudos sobre a História da Educação.

UFS – UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

	AUTOR	TÍTULO	ANO	FONTES	PALAVRAS-CHAVE
9	Silvânia Santana Costa	Espaços construídos, posições ocupadas: história docente de José Calasans Brandão da Silva em Sergipe	2011	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	História da educação. Intelectual. Memória. José Calasans Brandão da Silva. Sergipe
10	Maria Carolina Barcellos	Iara Vieira (1949-2003): trajetória poética e docente	2016	FONTES ORAIS FONTES IMPRESSAS	Educação. Iara Vieira. Literatura. Pesquisa Biográfica. Profissão Docente.
11	Carmen Regina de Carvalho Pimentel	Instruir e educar: práticas de formação no Colégio Jackson de Figueiredo (1938-1980)	2014	FONTES IMPRESSAS FONTES ICONOGRÁFICAS FONTES ORAIS	Colégio Jackson de Figueiredo. Cultura Escolar. História da Educação
12	Marlaine Lopes de Almeida	Leyda Régis: reminiscências de formação intelectual e atuação profissional em Sergipe	2009	FONTES IMPRESSAS FONTES ICONOGRÁFICAS	Leyda Régis: reminiscências de formação intelectual e atuação profissional em Sergipe
13	Simone Silvestre Santos Freitas	Monsenhor Soares e a educação em Propriá (1949-1960)	2014	FONTES IMPRESSAS	Ginásio Diocesano de Propriá. Monsenhor José Curvelo Soares. Práticas Educacionais. Propriá.
14	Nivalda Menezes Santos	O celibato pedagógico feminino em Sergipe nas três primeiras décadas do Século XX: uma análise a partir da trajetória de Leonor Telles de Menezes"	2006	FONTES IMPRESSAS FONTES ICONOGRÁFICAS FONTES ORAIS	Leonor Telles de Menezes; Celibato pedagógico feminino; Trajetória; Sergipe; Representações; História da profissão docente
15	Patricia Matos Souza Nunes	O processo educacional do cego em Aracaju (1950-1970)	2013	FONTES ORAIS FONTES IMPRESSAS	Aracaju. Educação do Cego. História da Educação. História da Educação Especial.
16	Marluce de Souza Lopes	Práticas de Leitura: lembranças de família e histórias de vida	2016	FONTES ORAIS FONTES IMPRESSAS	Leitura. Livro. Memórias. Práticas de Leitura.
17	Suzana Mary de Andrade Nunes	Professor, uma profissão professada: o homem no exercício do magistério (1975 - 2005).	2008	FONTES ORAIS FONTES IMPRESSAS	História da Educação. Profissão Docente. História de vida.
18	Sônia Pinto de Albuquerque Melo,	Representações das Práticas de Leitura de Normalistas do Instituto de Educação Rui Barbosa Durante as Décadas de 60 e 70 do Século XX	2009	FONTES ORAIS E IMPRESSAS	História Cultural – História da Leitura – Formação docente
19	Maria do Socorro Lima	República, política e direito: representações do trabalho docente e a trajetória de Carvalho Neto (1918-1921)	2008	FONTES IMPRESSAS	História da educação. Abordagem biográfica. Trabalho docente. Práticas culturais. Sergipe.
20	Maria José Dantas	Revista Cidade Nova e as propostas de educação	2008	FONTES IMPRESSAS	Impressos. Educação. Historiografia educacional. Revista Cidade Nova História cultural

UFS – UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

	AUTOR	TÍTULO	ANO	FONTES	PALAVRAS-CHAVE
21	Waldinei Santos Silva	“Written in black and white” o ensino de língua inglesa no Atheneu Sergipense (1870 – 1877)	2017	FONTES IMPRESSAS	Atheneu Sergipense; Ensino Secundário; História das Disciplinas Escolares; Língua Inglesa.
22	Maria Edna Santos	A congregação do Atheneu Sergipense (1871-1875)	2016	FONTES IMPRESSAS	Atheneu Sergipense; Congregação; Ensino Secundário; Intelectuais; Sergipe.
23	Jirlan Costa Fontes	A disciplina história da civilização no Atheneu Sergipense entre os anos de 1938-1943	2020	FONTES IMPRESSAS	Atheneu Sergipense; Disciplina Escolar; História da Civilização; História da Educação; História do Ensino de História.
24	André Luis Conceição Alves	A geografia e uma história: a disciplina de geografia no Atheneu Sergipense entre os anos de 1870 e 1908	2014	FONTES IMPRESSAS	Atheneu Sergipense. Disciplina Escolar. Ensino Secundário. Geografia.
25	Wenia Mendonca Silva	A pedagogia musical do Canto Orfeônico e a sua configuração como disciplina escolar no Atheneu Sergipense (1931-1956)	2019	FONTES IMPRESSAS	Atheneu Sergipense. Canto Orfeônico. Ensino Secundário. História das Disciplinas Escolares.
26	Adriana Menezes de Santana	Apresentais os fatos, ensinais a efetuar o mundo: as cartas de Parker em Sergipe (1912-1953)	2015	FONTES IMPRESSAS	Cartas de Parker. Disciplinas Escolares. Ensino de Aritmética. Ensino Primário. Sergipe.
27	Myrian Soares de Moraes Cavalcante	Brincando e sendo feliz: a Pedagogia Hospitalar como proposta humanizadora no tratamento de crianças hospitalizadas.	2013	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	Pedagogia Hospitalar; Humanização; Criança; Brincar; Atividades pedagógicas.
28	João Paulo Gama Oliveira	Disciplinas, docentes e conteúdos: itinerários da história na Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (1951-1962)	2011	FONTES IMPRESSAS	Curso de História – Faculdade de Filosofia – História das Disciplinas – Ensino de História – Professor de História.
29	Danielle Virginie Santos Guimarães	Do ponto à forma: a disciplina desenho no Atheneu Sergipense (1905-1930)	2012	FONTES IMPRESSAS	Desenho. Atheneu Sergipense. História das Disciplinas Escolares. Professores de Desenho. Legislação Educacional.
30	Marcos Antonio Do Monte Santos	Dos lentes aos compêndios: o ensino da disciplina história no Atheneu Sergipense entre os anos de 1875-1890	2018	FONTES IMPRESSAS	Atheneu Sergipense. Cadeira de História. Compêndios de História. Ensino Secundário.
31	Sayonara do Espírito Santo Almeida	Economia Doméstica: uma disciplina escolar no secundário ginasial sergipano do Atheneu Sergipense (1944-1954)	2017	FONTES IMPRESSAS	Atheneu Sergipense. Economia Doméstica. Educação Feminina. História das Disciplinas Escolares.
32	Carla Daniela Kohn	Ludoterapia: uma estratégia da pedagogia hospitalar na Ala Pediátrica do Hospital	2010	FONTE NÃO INFORMADA	Pedagogia Hospitalar, Ludoterapia; Pedagogo.

UFS – UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

AUTOR	TÍTULO	ANO	FONTES	PALAVRAS-CHAVE	
	Universitário da Universidade Federal de Sergipe				
33	Valdevania Freitas dos Santos Vidal	O Necydalus: um jornal estudantil do Atheneu Sergipense (1909-1911)	2009	FONTES IMPRESSAS	Impressos; Educação; História Cultural; Jornal O Necydalus e Atheneu Sergipense.
34	Cibele de Souza Rodrigues	O Porvir, jornal literário e recreativo: propriedade de uma associação de estudantes do Atheneu Sergipense (1874)	2016	FONTES IMPRESSAS	Associativismo Estudantil; Atheneu Sergipense; Cultura Escolar; Jornal Estudantil; O Porvir
35	Sayonara Rodrigues do Nascimento Santana	Por entre as memórias de uma instituição: o arquivo e as práticas administrativas do Atheneu Sergipense (1870-1926)	2012	FONTES IMPRESSAS	Atheneu Sergipense. Arquivo escolar. Práticas administrativas. Memória. História.
36	Simone Paixão Rodrigues	Por uma educação católica: um estudo sobre a disciplina religião no Ginásio Santa Teresinha (1947-1968)	2008	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	Disciplina Escolar; Ensino Religioso; Ginásio Santa Teresinha; Educação Confessional; Igreja Católica.
37	Andrea Maria dos Santos Matos	Prova Brasil: concepções dos professores sobre a avaliação do rendimento escolar e o ensino de matemática no município de Aracaju (SE)	2012	FONTES DIGITAIS⁹¹ FONTES IMPRESSAS	Prova Brasil. Avaliação. Professores de Matemática. Ensino de matemática.
38	Ana Márcia Barbosa dos Santos	Sob a lente do discurso: aspectos do ensino de retórica e poética no Atheneu Sergipense (1874-1891)	2010	FONTES IMPRESSAS	História das Disciplinas Escolares. História da Educação. Retórica e Poética. Ensino Secundário. Atheneu Sergipense.
39	Fabiana Cristina Oliveira Silva de Oliveira	Uma disciplina, uma história: cálculo na licenciatura em Matemática da Universidade Federal de Sergipe (1972-1990)	2009	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	Cálculo, História das Disciplinas, Licenciatura em Matemática, História do Ensino de Matemática.
40	Suely Cristina Silva Souza	Uma história da disciplina matemática no Atheneu Sergipense durante a ação da reforma Francisco Campos (1938-1943)	2011	FONTES IMPRESSAS	História das Disciplinas; Reforma Francisco Campos; Matemática; Atheneu Sergipense.

⁹¹ Para tanto, fez-se necessário compreender a história do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) até a institucionalização da Prova Brasil (sendo ambas avaliações oficiais do MEC), a organização e estrutura da Prova Brasil de matemática, seus descritores, habilidades e competências, algumas questões dos modelos da prova de matemática **disponibilizados na página do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP)** para as duas séries avaliadas e seu foco na resolução de problemas.

UFS – UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

	AUTOR	TÍTULO	ANO	FONTES	PALAVRAS-CHAVE
41	Victor Wladimir Cerqueira Nascimento	Arqueologia como pedagogia da história em Michel Foucault	2016	FONTES IMPRESSAS	Antropologia; Arqueologia; Historiografia; Michel Foucault; Pedagogia da História.
42	Aaron Sena Cerqueira reis	Ensino de história no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro: as ideias de Agostinho Marques Perdigão Malheiro Filho (1850) e Américo Brasiliense de Almeida e Mello (1876)	2013	FONTES IMPRESSAS	Ensino de História. Escrita Didática. Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Usos Escolares da História
43	Monica Porto Apenburg Trindade	O Estado Novo nas coleções do PNLD 2015: um estudo sobre livros didáticos de história	2017	FONTES IMPRESSAS	Educação. Estado Novo. Livro Didático. PNLD.
44	Max Wills de Almeida Azevedo	O lugar da história nos manuais brasileiros destinados à formação de professores de estudos sociais (1960/1980)	2014	FONTES IMPRESSAS	Estudos Sociais, formação de professor, História, manuais, Brasil, Estados Unidos.
45	Analice Alves Marinho Santos	O olhar do outro sobre si mesmo: as representações de américa nos manuais de formação de professores no Brasil e na Argentina (1900/1913).	2013	FONTES IMPRESSAS	Ensino de História. Formação de Professores. História da América. Manual Didático. Representação.
46	Maira Ielena Cerqueira Nascimento	Progressão da aprendizagem do conhecimento histórico nos currículos prescritos de social studies dos Estados Unidos da América (1995-2012)	2015	FONTE DIGITAL ⁹²	História; Currículos; Disciplina escolar; Ciências sociais; Educação; Estados Unidos da América; Ensino de história; Estudos Sociais.
47	Marcia Barbosa Silva	Representação de homossexuais nos livros didáticos de história para os anos finais do ensino fundamental, distribuídos pelo	2013	FONTES IMPRESSAS	Ensino de História. Livro Didático. Homossexual. Políticas Públicas.

⁹² Empregando os conceitos de —disciplina escolarll de André Chervel, — currículoll de Tomaz Tadeu da Silva e Michael Apple, e os instrumentos da análise de conteúdo com uso do software Microsoft Office Access, **o trabalho analisa uma série de documentos públicos capturados nos endereços eletrônicos de departamentos de educação dos 50 estados da aludida nação**, os quais indicam o que deve ser ensinado em termos de conhecimentos, habilidades e valore

UFS – UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

AUTOR	TÍTULO	ANO	FONTES	PALAVRAS-CHAVE
	Programa Nacional do Livro Didático – PNLD (2005-2011)			
48	Diego Leonardo Santana Silva Sobre o negacionismo no ciberespaço: a “enciclopédia alternativa” Metapedia e sua proposta de educação histórica	2017	FONTE DIGITAL ⁹³	Educação. História. Metapedia. Negacionismo
49	Juselice Alves Araujo De Alencar A formação da dama higiênica. a educação feminina em teses médicas da faculdade de medicina da Bahia na segunda metade do século XIX (1851-1898)	2021	FONTES IMPRESSAS	Educação da mulher. Faculdade de Medicina da Bahia. Higiene. História da Educação. Teses médicas.
50	Maria de Lourdes Martins da Silva Educação revestida de hábito: Colégio Nossa Senhora Da Piedade de Lagarto - SE (1947 – 1964)	2017	FONTES ORAIS	Colégio Nossa Senhora da Piedade. Congregação das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora do Bom Conselho. Educação Católica. Educação feminina. Cultura escolar
51	Alfredo Bezerra dos Santos Educação, ensino e literatura: a trajetória da professora Maria Da Conceição Ouro Reis no Colégio De Aplicação Da Universidade Federal de Sergipe (1973-1991)	2022	FONTES DIGITAIS ⁹⁴ , FONTES IMPRESSAS, FONTES ICONOGRÁFICAS FONTES ORAIS	Conceição Ouro Reis. Colégio de Aplicação. História da Educação. Literatura. Trajetória docente.
52	Walna Patricia De Oliveira Andrade Histórias e memórias de práticas educacionais relacionadas às pessoas com autismo em Sergipe (1962-1993)	2019	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	Autismo. Instituições Educativas. Memórias. Práticas Educacionais. Sergipe.
53	Joelza De Oliveira Santos Memórias de estudantes egressos do ginásio de aplicação da faculdade católica de filosofia de Sergipe (1960-1968)	2019	FONTES IMPRESSAS FONTES ICONOGRÁFICAS FONTES ORAIS	Cultura Escolar. Ginásio de Aplicação. História da Educação. Memórias. Pertencimento.
54	Renilfran Cardoso De Souza Mestra na essência da palavra”: trajetória docente de Ofenísia Soares Freire (1941 - 1966)	2016	FONTES IMPRESSAS FONTES ICONOGRÁFICAS FONTES ORAIS	Atheneu Sergipense. Docente. Militante. Ofenísia Soares Freire. Trajetória.
55	Risia Rodrigues Silva Monteiro Nazaré Carvalho e a circulação de práticas educativas na tv sergipana (1971-1979)	2016	FONTES IMPRESSAS FONTES ICONOGRÁFICAS FONTES ORAIS	Educação; Nazaré Carvalho; Programação Infantojuvenil; Sergipe; Televisão

⁹³ Este trabalho analisa o portal **Metapedia** (www.metapedia.org), uma iniciativa de grupos de extrema-direita e sua proposta de ser uma Enciclopédia Alternativa. Metapedia é uma enciclopédia eletrônica que adota o sistema Wiki e tem como objetivo ser um suporte eletrônico.

⁹⁴ As fontes eleitas são livro de atas, livros didáticos, jornais, o acervo pessoal da professora e sua produção literária e pedagógica, entre outras. O levantamento documental foi realizado no acervo do Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Colégio de Aplicação (Cemdap), **acervos digitais** e acervos pessoais

UFS – UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

AUTOR	TÍTULO	ANO	FONTES	PALAVRAS-CHAVE
56 Paulo Mateus Silva Vieira	Preservação, sentidos e usos da memória e história. O patrimônio histórico-escolar em cena no Colégio de Aplicação da UFS (2000-2022)	2023	FONTES DIGITAIS ⁹⁵ FONTES IMPRESSAS, FONTES ICONOGRÁFICAS FONTES ORAIS	Centro de Memória. Colégio de Aplicação. História da Educação. Patrimônio histórico-escolar. Preservação documental.
57 José Anderso Nascimento	A contribuição da Maçonaria para a prática educativa em Aracaju (1970-1980)	2010	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	Maçonaria; Educação; Ensino profissionalizante; História cultural; História da educação.
58 Alessandra Barbosa Bispo	A educação da infância pobre em Sergipe: a Cidade de Menores Getúlio Vargas (1942-1974)	2007	FONTES NÃO INFORMADA	História da infância pobre; Menores abandonados; Delinquentes; História da educação.
59 Claudileuza Oliveira da Conceição	A Escola de Química de Sergipe: o processo de formação de um campo profissional (1948-1967)	2010	FONTES IMPRESSAS FONTES ICONOGRÁFICAS FONTES ORAIS	Sergipe; Escola; Ensino de química; Campo científico; Legitimação; Sergipe.
60 Nayara Alves de Oliveira	A Faculdade de Educação da Universidade Federal de Sergipe (1967-1971): origens e contribuições.	2011	FONTES IMPRESSAS	História da educação; Ensino superior; Faculdade de educação; Universidade Federal de Sergipe.
61 Joaquim Tavares da Conceição	A pedagogia de internar: uma abordagem das práticas culturais do Internato da Escola Agrotécnica Federal de São Cristóvão - SE (1934-1967)	2007	⁹⁶	-
62 Samuel Barros de Medeiros Albuquerque	A Preceptora: representações em amar, verbo intransitivo de Mário de Andrade	2007	⁹⁷	-
63 Marco Arlindo Amorim Melo Nery	A regeneração da infância pobre sergipana no início do século XX: o patronato agrícola de Sergipe e suas práticas educativas	2006	FONTES IMPRESSAS	Educação - Sergipe; História da educação; Patronato agrícola de Sergipe

⁹⁵ “[...] identificar **as ações disponíveis nos espaços digitais** que tratam da memória institucional e sua relação com a preservação e/ou difusão do patrimônio histórico-escolar em colégios de aplicação”; e “O ponto de partida foi o levantamento de todos os colégios de aplicação existentes nas universidades federais brasileiras e de trabalhos acadêmicos relacionados com a história e/ou a preservação do patrimônio histórico-escolar, nessas instituições, seguida do levantamento, **em espaços ou acervos digitais**, por fontes referentes às possíveis ações de preservação e/ou difusão da memória institucional e do patrimônio histórico-escolar em colégios de aplicação, buscando evidenciar um panorama dessa questão nos estabelecimentos escolares citados”.

⁹⁶ Trabalho completo indisponível, tanto no Repositório da UFS, quanto na Base de Teses e Dissertações da Capes.

⁹⁷ Trabalho completo indisponível, tanto no Repositório da UFS, quanto na Base de Teses e Dissertações da Capes.

UFS – UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

	AUTOR	TÍTULO	ANO	FONTES	PALAVRAS-CHAVE
64	Valéria Alves Melo	As filhas da Imaculada Conceição: um estudo sobre educação católica (1915 - 1970)	2008	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	Escola; Educação feminina; Religião; Cultura escolar; Moralidade; Disciplinamento; Ensino católico.
65	Cristiane Vitória de Souza	As Leituras Pedagógicas de Sílvio Romero	2006	FONTES IMPRESSAS	História da Educação-História da Leitura- Sílvio Romero
66	Léo Antonio Perrucho Mittaraquis	As ordens religiosas e as práticas educativas em Sergipe del Rey: uma ausência pedagógica.	2010	FONTE NÃO INFORMADA	Cristianismo; Ausência; Catequese; Pedagogia; Ordens religiosas; Sergipe colonial.
67	Jussara Maria Viana Silveira	Da medicina ao magistério: Aspectos da trajetória de João Cardoso Nascimento Júnior	2008	FONTES IMPRESSAS	Abordagem biográfica; Educação; João Cardoso Nascimento Júnior; Medicina; Magistério.
68	Ana Luiza Santos	Educação na imprensa católica: as representações do jornal A Defesa sobre a formação da juventude (1961-1969)	2006	FONTES IMPRESSAS	Jornal A Defesa; Educação; Representação; Juventude; Diocese de Propriá.
69	Meirevandra Soares Figueirôa	Matéria livre... espírito livre para pensar: um estudo das práticas abolicionistas em prol da instrução e educação de ingênuos na capital da província sergipana (1881-1884)	2007	FONTES IMPRESSAS	Abolicionistas; Século XIX; Ingênuos; Educação; Instrução; Impressos.
70	Élia Barbosa de	Nas trilhas da co-educação e do ensino misto em Sergipe (1842-1889)	2007	⁹⁸	-
71	Ricardo Nascimento Abreu	Os Oficiais do Exército Brasileiro e a Formação da Elite Intelectual Sergipana no Século XIX (1822-1890)	2008	FONTES IMPRESSAS	Civilização; Educação; Intelectuais; Militares; Sergipe.
72	Evelyn de Almeida Orlando	Por uma civilização cristã: a coleção Monsenhor Álvaro Negromonte e a pedagogia do catecismo (1937-1965)	2008	FONTES IMPRESSAS	Impressos; Catecismos; Igreja católica; Álvaro Negromonte; História da educação.
73	Maria Lúcia Marques Cruz e Silva	Revista Litteraria do Gabinete de Leitura de Maroim (1890-1891): subsídios para a história dos impressos em Sergipe	2006	FONTES IMPRESSAS	Revista Litteraria; Gabinete de Leitura de Maruim; História da educação; História dos impressos; Ideias liberais.
74	Jeremias Romão de Brito	Violência doméstica e educação em Aracaju no século XIX (1855-1889)	2008	FONTES IMPRESSAS	Violência doméstica; Educação; Processo civilizador; Vítima; Império Colônia.

⁹⁸ Trabalho completo indisponível, tanto no Repositório da UFS, quanto na Base de Teses e Dissertações da Capes.

UFS – UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

	AUTOR	TÍTULO	ANO	FONTES	PALAVRAS-CHAVE
75	Andreia Bispo dos Santos	Arquivo Central da Universidade Federal de Sergipe: um “Guardião” para a História da Educação (1998–2016)	2019	FONTES IMPRESSAS, FONTES ICONOGRÁFICAS FONTES ORAIS	Arquivo Central da UFS. Documentos. Memória. Universidade Federal de Sergipe.
76	Alessandra Figueredo Moreira	Dos trilhos do trem ao jornal “correio da pedra”: uma viagem ao início do processo educativo no percurso da estrada de Ferro Paulo Afonso – Piranhas (AL) A Jatobá (PE) - (1879-1930)	2023	FONTES IMPRESSAS E FONTES ICONOGRÁFICAS	escolas na Estrada de Ferro Paulo Afonso; educação no sertão; instrução pública.
77	Ane Rose de Jesus Santos Maciel	Entre fatos e relatos: as trajetórias de Carmelita Pinto Fontes e Rosália Bispo Dos Santos na educação sergipana (1960-1991)	2016	FONTES IMPRESSAS, FONTES ICONOGRÁFICAS FONTES ORAIS	Carmelita Pinto Fontes; Educação; Ginásio de Aplicação; Rosália Bispo dos Santos; Trajetória
78	Anna Karla de Melo e Silva	Felte Bezerra: um quartel de atividades lítero-científicas	2014	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	Felte Bezerra. Biografia. Memória. História. Ensino Superior em Sergipe.
79	Patricia Francisca de Matos Santos	José Aloísio de Campos: trajetória e representações sobre o seu reitorado na Universidade Federal de Sergipe (1976 -1980)	2014	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	Aloísio de Campos. História da Educação. Intelectual. Trajetória Universidade Federal de Sergipe.
80	Gilvan Vitor dos Santos	O círculo operário católico em Sergipe: práticas educativas e organização da cultura operária (1935-1969).	2011	FONTES IMPRESSAS E FONTES ICONOGRÁFICAS	Círculo operário. Igreja católica. Formação operária
81	Salim Silva Souza	O curso de Biblioteconomia e Documentação da Universidade Federal de Sergipe (2008-2017): criação, implantação e funcionamento	2019	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	Curso de Biblioteconomia e Documentação. História Cultural. Memória. Universidade Federal de Sergipe.
82	Luana Silva Boamorte de Matos	Patrimônio Cultural e Educação: um estudo das representações sobre educação patrimonial desenvolvidas em Aracaju, SE (1985 – 1991)	2013	FONTES IMPRESSAS FONTES ICONOGRÁFICAS FONTES ORAIS	Cartilha João Santeiro. Educação patrimonial. Patrimônio cultural. Projeto Viver Aracaju. Representa
83	Adriana de Andrade Santos	Por força das circunstâncias”: Maria Thétis Nunes na direção do Colégio Estadual de Sergipe (1951-1955)	2021	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	Administração Escolar. Colégio Estadual de Sergipe. Intelectuais. Maria Thétis Nunes.
84	Danilo Mota de Jesus	Uma história da odontologia em Sergipe: do ensino à estruturação do “campo”	2018	FONTES IMPRESSAS FONTES ICONOGRÁFICAS FONTES ORAIS	Ensino Odontológico. Faculdade Annibal Freire. História da Educação. Odontologia sergipana. Sociedade Odontológica de Sergipe

UFS – UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

AUTOR	TÍTULO (1925 – 1975)	ANO	FONTES FONTES DIGITALIZADAS ⁹⁹	PALAVRAS-CHAVE	
85	Kátia de Araújo Carmo	Uma história do curso de Ciências Biológicas na Universidade Federal de Sergipe: para quê? o quê? para quem? como? (1969-1983).	2011	FONTES IMPRESSAS, FONTES ICONOGRÁFICAS FONTES ORAIS	Campo. Currículo. Curso de ciências biológicas. História do ensino superior Identidade
86	Rosemeire Siqueira de Santana	Vinde a mim os pequeninos: história da educação de crianças desamparadas na Instituição Educativa Espírita (1947-1992)	2016	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	Casa do Pequenino; Cultura Escolar; Educação Espírita; História da Educação; Infância Pobre
87	Giselle Macedo Barboza	A gramática de Reis Lobato e o ensino da língua portuguesa no Brasil (1770- 1830)	2011	FONTES IMPRESSAS	Reformas pombalinas; Ensino de línguas; Língua portuguesa; Gramática histórica; História da educação
88	Mariângela Dias Santos	A instituição do ensino de Primeiras Letras no Brasil (1757-1827)	2011	FONTES IMPRESSAS	Escolarização; História da educação; Saberes elementares; Legislação educacional; Reformas pombalinas
89	Cristiane Tavares Fonseca de Moraes Nunes	A Universidade de Coimbra e a Reforma Pombalina de 1772	2013	FONTES IMPRESSAS	Políticas Educacionais; Ensino Superior; Reformas Pombalinas; História da Educação; Universidade de Coimbra
90	Elisson Souza de São Jose	As armas e as letras inglesas: a instrução militar e o ensino de inglês na corte do Rio de Janeiro (1810-1832)	2015	FONTES IMPRESSAS	Ensino de línguas; História da educação; Instrução militar Língua Inglesa; Eduardo Thomaz Colville
91	Júlia Duarte Santiago Nunes	As primeiras cadeiras de francês do Império brasileiro: primórdios de uma disciplina escolar (1831-1837)	2018	FONTES IMPRESSAS	Disciplina escolar. Ensino de Línguas. História da educação. Império. Língua Francesa.
92	Luana Ines Alves Santos	Da (des)obrigatoriedade do ensino de línguas no Brasil: o caso do inglês (1961-1971)	2019	FONTES IMPRESSAS	Currículo. Ensino de Línguas. História da Educação. Língua Inglesa.
93	Sara Rogéria Santos Barbosa	O ensino de língua latina e a institucionalização da profissão docente no Brasil (1759-1771)	2012	FONTES IMPRESSAS	Língua latina - Estudo e ensino; Ensino; Professores - Formação
94	Matheus Luamm Santos Formiga Bispo	O Marquês de Pombal e a construção do Ensino de Primeiras Letras (1757-1772)	2021	FONTES IMPRESSAS	História da educação; Instrução elementar; Marquês de Pombal; Reformas pombalinas.

⁹⁹ No desenvolvimento da pesquisa fizemos uso de fontes documentais impressas e digitalizadas, além das fontes escritas também nos apoiamos nas bases da história oral, por meio de entrevistas semiestruturadas, ainda analisamos algumas imagens que foram sendo levantadas no curso do estudo.

UFS – UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

	AUTOR	TÍTULO	ANO	FONTES	PALAVRAS-CHAVE
95	Jose Augusto Batista dos Santos	Os Estados Unidos como nação-modelo no Brasil Oitocentista: o caso da instrução pública (1832-1888)	2016	FONTES IMPRESSAS	Americanismo; Antiamericanismo. Estados Unidos. Identidade Nacional. História da Educação.
96	Anselmo Guimaraes.	Panaméricas utópicas: a institucionalização do ensino de espanhol no Brasil (1870-1961)	2014	FONTES IMPRESSAS	Ensino de espanhol. Disciplinas escolares. Instrução pública. História da educação.
97	Emmerly Karoline Nascimento Dantas Leite	Pombalismo e antipombalismo na historiografia da educação brasileira	2021	FONTES IMPRESSAS	Antipombalismo; pombalismo; história da educação; marquês de Pombal
98	Vitoria Nascimento da Cruz	Representações das Reformas Pombalinas em The Prime Minister An Historical Romance, de William Kingston	2023	FONTES IMPRESSAS	História da Educação, Marquês de Pombal, Reformas pombalinas, Romance Histórico, Literatura.
99	Álvaro César Pereira de Souza	Sob as Luzes das Reformas Pombalinas da Instrução Pública: a produção dicionarística Luso-brasileira (1757-1827)	2011	FONTES IMPRESSAS	Ensino de línguas; Escolarização; Dicionários; História da educação; Reformas pombalinas
100	Roberto Carlos Bastos da Paixao	Um Brasil de várias línguas: professores, tradutores da praça e intérpretes da nação (1808-1828)	2015	FONTES IMPRESSAS	Institucionalização. Professor. Tradutor. Intérprete. Inglês.
101	Vania Batista De Souza	Carvalho Déda e o jornal "A Semana": visibilidade da educação (1946-1969)	2016	FONTES IMPRESSAS	Jornal "A Semana"; José de Carvalho Déda. Impresso. Educação.
102	Juliana Santos Fontes	Classes de aperfeiçoamento: ensaio da escola ativa no ensino primário em Sergipe (1932-1933)	2018	FONTES IMPRESSAS	Centros de Interesse. Classe de Aperfeiçoamento. Escolas Isoladas. Grupos Escolares. Método Ativo Intuitivo Analítico
103	Elizabeth De Lacerda Rios	Discursos sobre a educação do corpo feminino na imprensa sergipana no início do século XX	2015	FONTES IMPRESSAS	Corpo Feminino. Educação. Imprensa Sergipana. Correio de Aracaju.
104	Marcio Jose Fidelis Neri	História da implantação da educação superior a distância na UNIT (2000) e na UFS (2006): narrativas dos gestores	2014	FONTES IMPRESSAS FONTES ICONOGRÁFICAS FONTES ORAIS	Educação a Distância. História. Universidades Tiradentes. Universidade Federal de Sergipe. Narrativas orais. Gestores.
105	Miriam Ferreira De Matos	Representações sobre a cultura escolar no romance Doidinho (1933), de José Lins do Rego Cavalcanti (1901-1957)	2017	FONTES IMPRESSAS	Cultura escolar. Internato. José Lins do Rego. Literatura brasileira. Romance Doidinho.

UFS – UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

AUTOR	TÍTULO	ANO	FONTES	PALAVRAS-CHAVE
106 Elizabeth De Souza Oliveira	A formação do homem republicano em cousas brasileiras (1890 – 1896)	2021	FONTES IMPRESSAS	Escolas primárias. Livro de leitura. Colonialidade. Primeira República. Romão Puiggari.
107 Jose Valter Castro	A memória narrada por jovens do ensino médio na significação do patrimônio cultural	2017	USO DE FONTES ORAIS	Ensino de História. Memória. Narrativas. Patrimônio cultural. Saberes escolares. Sensibilidade histórica.
108 Lais Gois De Araujo	A prática educativa da Mandiocada nas comunidades quilombolas Tabuleiro Dos Negros e Sapé - Alagoas	2019	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	Conhecimentos Tradicionais. Práticas Educativas. Educação Quilombola. Colonialidade x Decolonialidade.
109 Sandra Santos De Jesus	Currículo e identidade: um estudo de caso na Escola Agrícola Ministra Leonor Barreto Franco em Cristinápolis/SE	2017	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	Currículo. Educação do Campo. Ensino Agrícola. Identidade.
110 Anderson Silva Santos	Currículos praticados em uma Universidade Pública de Penedo/AL: identidades quilombolas em questão	2023	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	Currículo; Educação Quilombola, Ensino Superior.
111 Aline Da Conceição Miguel De Menezes	Educação integral no campo: um estudo de caso no povoado Carrilho em Itabaiana - SE	2015	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	Educação do Campo. Educação Integral. Programa Mais Educação.
112 Lindiane De Santana	Embelecando a Educação: saberes griôs no povoado Calunga em Moita Bonita – Sergipe	2020	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	Educação musical; Tradição oral; Educação; Saberes; Tradição oral.
113 Crislane Dias Santana	Ensino de história e pertencimentos nacionais: narrativas de alguns jovens sergipanos sobre o Brasil	2019	FONTES IMPRESSAS	Ensino de História. Didática da História. Pertencimentos nacionais. Narrativas.
114 Tathiana Santos Soares	História e cultura dos povos indígenas na formação de professores em pedagogia na universidade federal de Sergipe	2018	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	Currículo de Pedagogia; Curso de Licenciatura em Pedagogia; Educação Básica; História e Cultura dos Povos Indígena; Formação de Professores.
115 Taysa Kawanny Ferreira Santos	Memórias narradas na educação escolar indígena dos Kariri - Xocó/AL	2018	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	Memórias; História; Narrativas; Educação Escolar Indígena; Interculturalidade.
116 Jose Douglas Alves Dos Santos	O uso pedagógico de filmes no contexto escolar e a experiência formativa possibilitada aos discentes	2016	USO DE FONTES ORAIS	Educação; Cinema; Ensino de História; Experiência Estética; Processo Formativo; Aprendizagem

UFS – UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

AUTOR	TÍTULO	ANO	FONTES	PALAVRAS-CHAVE
117 Guilherme Henrique Da Silva	Professor, você faz as unhas? Das experiências escolares às políticas curriculares no ensino de história.	2022	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	Educação; Ensino de História; Emancipação; Outro; Currículo.
118 Dercio Cardoso Reis	Segunda guerra, pracinhas e impressos: um estudo sobre o jornal O Cruzeiro do Sul (1945)	2019	USO DE FONTES IMPRESSAS	Segunda Guerra Mundial, FEB, O Cruzeiro do Sul.
119 Genelucá Cruz Santana	Programa escola ativa: análise histórica sobre a política pública voltada para as classes multisseriadas nas escolas do campo de Sergipe	2022	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	Programa Escola Ativa; classe multisseriadas; educação do campo; políticas públicas; movimentos sociais.
120 Viviane Mota de Gois	O ensino noturno em Sergipe: a oferta da educação como política de democratização para os estudantes trabalhadores do Colégio Djenal (1998-2021)	2022	FONTES IMPRESSAS	Colégio Estadual Djenal Tavares de Queiroz. Ensino Noturno. Política Pública de Democratização.
121 Nivia Maria de Vasconcellos Couto Dorea	Percurso histórico dos cursos de Pós-Graduação Stricto Sensu da Universidade Federal de Sergipe: lugar de formação para o magistério superior?	2019	FONTES IMPRESSAS	História da pós-graduação. Formação docente. Magistério superior. Pós-graduação stricto sensu.
122 Amanda de Matos Pereira	Método histórico no ensino da historiografia inglesa (1894-906)	2019	FONTES IMPRESSAS	Método Histórico. Teoria da História. Didática da História. Historiografia Inglesa.
123 Elis Regina Nunes Mota Araujo	O cotidiano da infância e das práticas educativas da educação do campo: categorias em construção na História da Educação	2016	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS FONTES ICONOGRÁFICAS	Infância; História Social da Infância; Educação do Campo; Comunidades Tradicionais
124 Maria Jose Torres Lima	A oferta de ensino através dos anúncios de jornais sergipanos: a educação doméstica na casa do mestre e da família (1880-1930)	2018	FONTES IMPRESSAS	Educação doméstica; Sociedade; Ensino; Modernização
125 Crislaine Santana Cruz	“Caridade sem limites. Ciência sem privilégios”: o ensino universal de Jacotot Por Benoît Mure no Brasil (1840-1848)	2018	FONTES DIGITALIZADAS ¹⁰⁰	Ensino Universal. Benoît Jules Mure. Jean-Joseph Jacotot. Homeopatia. Socialismo Utopico.
126 Elis Santos Correia	O fechamento das escolas do campo em Sergipe: territórios em disputa (2007-2015)	2018	FONTES IMPRESSAS FONTES ORAIS	Campo. Educação do campo. Fechamento de escolas do campo.

¹⁰⁰ As fontes aqui trabalhadas foram encontradas nos arquivos online da Biblioteca Nacional do Brasil.